

EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA

---

# A COMPLEXIDADE DA PRÁTICA MEDIÚNICA

---



Waldehir Bezerra de Almeida

A COMPLEXIDADE DA  
**PRÁTICA MEDIÚNICA**

2ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA

WALDEHIR BEZERRA DE ALMEIDA

A COMPLEXIDADE DA  
**PRÁTICA MEDIÚNICA**

2ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA



*Copyright* © 2014 by  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

2ª edição – 1ª impressão – 12/2014

ISBN 978-85-8485-005-1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB  
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)  
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil  
www.febeditora.com.br  
editorial@febnet.org.br  
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB  
Gerência comercial – Rio de Janeiro  
Tel.: (21) 3570 8973 comercialrio@febnet.org.br  
Gerência comercial – São Paulo  
Tel.: (11) 2372 7033/ comercialsp@febnet.org.br  
Livraria – Brasília  
Tel.: (61) 2101 6161/ falelivraria@febnet.org.br

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

---

A447c Almeida, Waldehir Bezerra de, 1937–  
A complexidade da prática mediúnica / Waldehir Bezerra de Almeida. –  
2. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2014.  
377 p.; 23 cm  
  
ISBN 978-85-8485-005-1  
  
1. Mediunidade. 2. Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira.  
II. Título.

CDD 133.9  
CDU 133.7  
CDE 30.03.00

---

# Sumário

## INTRODUÇÃO

Primeira parte

## DAS CAVERNAS À SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS – SPEE

Capítulo 1

### HORIZONTES CULTURAIS E MEDIUNIDADE

1.1 Horizonte tribal

1.2 Horizonte agrícola

1.3 Horizonte civilizado

1.4 Horizonte profético

1.5 Horizonte espiritual

Capítulo 2

### A MEDIUNIDADE DENTRO DAS CAVERNAS

2.1 O homo erectus, médium de efeitos físicos

2.2 O homem de Neanderthal e o zelo pelos mortos

2.3 O homem de Cro-Magnon e a crença na vida futura

2.4 O xamanismo

Capítulo 3

### A MEDIUNIDADE FORA DAS CAVERNAS

3.1 A mediunidade como dom dos deuses

3.2 A mediunidade estatizada da Índia

3.3 A mediunidade sacerdotal do antigo Egito

3.3.1 O livro dos mortos

3.4 O culto aos mortos na antiguidade clássica

3.5 Os oráculos greco-romanos

3.6 O furor dos deuses da Mesopotâmia

3.7 A medicina dos babilônios e a crença na atuação dos espíritos

3.8 Os druidas celtas

Capítulo 4

A MEDIUNIDADE NA BÍBLIA

4.1 Fenômenos mediúnicos no Antigo Testamento

4.1.1 Materialização com voz direta (I Samuel, 28:11, 12 e 15)

4.1.2 Levitação (II Reis, 6:5 e 6)

4.1.3 Transporte (Ezequiel, 3:14)

4.1.4 Premonição (Isaías, 7:14 a16)

4.1.5 Vidência (Daniel, 8:15)

4.1.6 Escrita direta (Daniel, 5)

4.2 Fenômenos mediúnicos no Novo Testamento

4.2.1 Materialização ou aparição (Marcos, 16:9 a 11)

4.2.2 Xenoglossia (Atos dos apóstolos, 2:1 a 4)

4.2.3 Mediunidade de cura (Atos dos apóstolos, 3)

4.2.4 Vidência

Capítulo 5

A NOITE DE MIL ANOS E A MEDIUNIDADE NA IGREJA

5.1 São Francisco de Assis (1182–1226)

5.2 Santo Antônio de Pádua (1195–1232)

5.3 Santa Brígida (1302–1373)

5.4 Santa Catarina de Siena (1347–1380)

Capítulo 6

A MEDIUNIDADE NOS ALBORES DA MODERNIDADE

6.1 São Pedro de Alcântara (1499–1562)

6.2 Santa Teresa d'Ávila (1515–1582)

6.3 Pio V (1504–1572)

6.4 São João da Cruz (1542–1591)

6.5 São Vicente de Paulo (1581–1660)

Capítulo 7

MOVIMENTOS RENOVADORES E A MEDIUNIDADE

7.1 São João Batista Maria Vianney — Cura d'Ars (1786–1859)

7.2 Abraham Lincoln (1809–1865)

7.3 Harriet Beecher Stowe (1811–1896)

7.4 Rainha Vitória (1819–1901)

Capítulo 8

A MEDIUNIDADE NO BRASIL

Capítulo 9

A MEDIUNIDADE COM ALLAN KARDEC NA SPEE

9.1 A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – SPEE

9.2 O livro dos médiuns

9.2.1 Mediunidade de efeitos físicos

9.2.2 Mediunidade de efeitos intelectuais

Considerações finais

Segunda parte

FUNDAMENTOS

Capítulo 1

O PERISPÍRITO Agente da comunicação mediúnica

1.1 Conceito

1.2 Funções do perispírito

1.3 Propriedades do perispírito

1.3.1 Assimilação

1.3.2 Irradiação

1.3.3 Plasticidade

1.3.4 Densidade

1.3.5 Penetrabilidade

1.3.6 Sensibilidade

1.3.7 Expansibilidade

1.3.8 Visibilidade

1.3.9 Tangibilidade

1.3.10 Absorvência

1.3.11 Elasticidade

Considerações finais

Capítulo 2

## FULCROS ENERGÉTICOS DA COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

2.1 A mente

2.2 O pensamento

2.3 Centros vitais

2.3.1 Centro coronário

2.3.2 Centro frontal

2.3.3 Centro laríngeo

2.3.4 Centro cardíaco

2.3.5 Centro esplênico

2.3.6 Centro gástrico

2.3.7 Centro genésico

2.4 Aura nossa de cada instante

Capítulo 3

## RECURSOS ESSENCIAIS PARA O INTERCÂMBIO MEDIÚNICO

3.1 A oração

## 3.2 Objetividade da oração

### 3.2.1 Oração para o começo da reunião

### 3.2.2 Oração para o fim da reunião

### 3.2.3 Oração a ser feita pelo médium

## 3.3 Concentração

## 3.4 Sintonia

### Considerações finais

## Capítulo 4

### O INCONSCIENTE

#### 4.1 O inconsciente filosófico

#### 4.2 O inconsciente científico

#### 4.3 Topografia da mente

### Considerações finais

## Capítulo 5

### ANIMISMO

#### 5.1 Como tudo começou

#### 5.2 Um termo para cada coisa

#### 5.3 O animismo se concilia com a mediunidade

#### 5.4 Kardec e o animismo

#### 5.5 O inconsciente e o animismo

### Considerações finais

## Capítulo 6

### A COMPLEXIDADE DA COMUNICAÇÃO

#### 6.1 A comunicação humana

#### 6.2 A palavra e a ideia

#### 6.3 Ruídos na comunicação humana

#### 6.4 Pensamento e palavra

6.5 Comunicação humana versus comunicação mediúnica

6.6 Chiados na comunicação mediúnica

6.6.1 Interferência

6.6.2 Sintonia mediúnica

6.6.3 Vibrações compensadas

Capítulo 7

A DIMENSÃO DA INFLUÊNCIA

Capítulo 8

QUEM É MÉDIUM?

8.1 Os médiuns da atualidade

8.1.1 Médiun psicofônico

8.1.2 Médiun psicógrafo

8.1.3 Médiun sensitivo ou impressionável

8.1.4 Médiun vidente

8.1.5 Médiun audiente

8.1.6 Médiun de efeitos físicos

8.1.7 Médiun curador

8.2 Sonambulismo

8.2.1 Características do médiun sonambólico

8.3 O ato mediúnico

8.4 O médiun ausente

Considerações finais

Terceira parte

A COMPLEXIDADE DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Capítulo 1

TRANSE MEDIÚNICO

1.1 Conceito

- 1.2 Graus do transe
  - 1.2.1 Transe superficial
  - 1.2.2 Transe parcial
  - 1.2.3 Transe profundo
- 1.3 Formas de transe mediúnico
  - 1.3.1 Transe passivo
  - 1.3.2 Transe ativo
- 1.4 Indução ao transe mediúnico
- 1.5 Condições psíquicas do médium em transe
- 1.6 Saída do transe mediúnico

Considerações finais

Capítulo 2

DA PSICOGRAFIA

- 2.1 Conceito
  - 2.1.1 Médium mecânico
  - 2.1.2 Médium semimecânico
  - 2.1.3 Médium intuitivo
- 2.2 As dificuldades do lado de cá para o exercício da psicografia
  - 2.2.1 Testemunhos do reverendo Owen
  - 2.2.2 Embaraços de um médium mecânico
  - 2.2.3 Confissões de um padre psicógrafo
- 2.3 As dificuldades do lado de lá para o exercício da psicografia
  - 2.3.1 Ações dos Espíritos na prática da psicografia
  - 2.3.2 Os cuidados do Espírito Lady Nona com a médium Rosemary
  - 2.3.3 Diálogo com o Espírito de uma surda encarnada

Capítulo 3

DA VIDÊNCIA E DA AUDIÊNCIA

3.1 Vidência ou clarividência?

3.2 Vidência e êxtase

3.3 Vidência e animismo

3.4 Vidência e histeria

3.5 Da audiência

3.6 Audiência e esquizofrenia

3.7 Audiência e obsessão

Capítulo 4

O COMPLEXO MEDIÚNICO YVONNE PEREIRA

4.1 As primeiras experiências

4.2 De como foi escrito Memórias de um suicida

4.3 Receituário mediúnico

4.4 Um transe a ser estudado

Considerações finais

Capítulo 5

DOS EFEITOS FÍSICOS E SUAS RAZÕES

5.1 EusApia Palladino

5.2 Anna Prado

5.3 Carmine Mirabelli

Capítulo 6

DA REUNIÃO MEDIÚNICA

6.1 Natureza da reunião mediúnica

6.2 Importância da reunião mediúnica

6.3 Visão sistêmica da reunião de desobsessão

6.4 Essencialidade do diálogo na desobsessão

6.5 Condições ideais para a reunião mediúnica

Capítulo 7

## DA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO MEDIÚNICA

### 7.1 O que é bom senso?

Palavras finais

Referências

*Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos com que muitos topam na prática do Espiritismo se originam da ignorância dos princípios desta ciência [...] A prática espírita é difícil, apresentando escolhos que somente um estudo sério e completo pode prevenir.*<sup>1</sup>

*A operação da mensagem não é nada simples, embora os trabalhadores encarnados não tenham consciência de seu mecanismo intrínseco, assim como as crianças, em se fartando no ambiente doméstico, não conhecem o custo da vida ao sacrifício dos pais.*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. “Introdução”, 2013.

<sup>2</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Cap. 1, 2013.

# INTRODUÇÃO

Coube ao químico francês Antoine Laurent Lavoisier (1743–1794) o papel de enunciar o princípio da conservação da matéria: *nunca se cria nem se elimina matéria; apenas é possível transformá-la de uma forma em outra.*

O leitor ou a leitora concluirá, junto com Lavoisier, após a leitura deste livro, que apenas transformamos matéria intelectual, já constante em diversos livros, dando-lhe outra forma. Não podemos negar que fizemos paráfrases, ou seja, apresentamos conceitos, ideias e informações de fatos em formato diferente. Desenvolvemos esforços para fazermos síntese de preciosos detalhes esparsos em diversas obras e os confrontamos, transformando-os em novas e sugestivas conclusões. Admito seja tarefa quase impossível ser totalmente original ao escrever sobre a mediunidade, depois que o ínclito codificador legou à humanidade *O livro dos médiuns e Espíritos de escol*, comprometidos com a Terceira Revelação, deram continuidade aos seus ensinamentos basilares. Portanto o enunciado de Lavoisier — popularmente conhecido como *no mundo nada se cria e nada se perde, tudo se transforma* — é perfeitamente aplicável aqui.

Por que, então, diante dessa desafiadora realidade, encorajamo-nos a escrever este livro, quando existem tantos outros, cujos autores consagrados por sua habilidade e conhecimento, já esmiuçaram, examinaram e esquadrinharam a mediunidade? Respondemos: Sempre há espaço para escrever e falar de coisas que ainda não entendemos com segurança... E nessa certeza fazemos coro com a senhora Yvonne do Amaral Pereira:

Acreditamos sinceramente que a mediunidade, nas suas profundidades e verdadeiras potencialidades, ainda é desconhecida dos estudiosos espíritas. O próprio médium não compreenderá, não

obstante sofrer suas influências e ser acionado ao seu influxo, até mesmo no desdobramento da vida prática. Basta ser, a mediunidade, o resultado de um jogo transcendente de sensações e percepções, uma indução de forças intelectivas sobre outras forças intelectivas e também perceptivas, para compreendermos que se trata de uma faculdade profunda, complexa, vertiginosa, em suas possibilidades singulares.<sup>3</sup>

A redundância tem sido uma técnica usada pelos Espíritos superiores no processo da comunicação conosco quando abordam, em livros e mensagens, de infinitas maneiras, a *caridade*, o *perdão*, a *humildade*, o *amor ao próximo* e outras virtudes cristãs ensinadas pelo Rabi da Galileia, até que aprendamos a praticá-las e não somente conhecê-las. Com o estudo da mediunidade, dá-se o mesmo: conhecemos o fenômeno pelos sentidos que nos colocam em relação com o mundo material, mas nem todos desenvolvemos a percepção e os sentidos extrassensoriais para compreendê-la com segurança e praticá-la com a dignidade que lhe é própria. Foram essas as razões que nos encorajaram a escrever este livro, mesmo sabendo que é redundante. Estudar mediunidade nunca é demais, pois compreender bem o fenômeno mediúnicos sem o simplismo do raciocínio acomodado não é empresa fácil.

O objeto deste livro é o estudo da evolução do conceito de mediunidade apreendido pelo homem ao longo do tempo e da complexidade de sua prática, com base nos ensinamentos do Espiritismo e tem, como objetivo, chamar a atenção dos que a praticam para que a estudem com a constância e a seriedade que ela exige, levando em conta as leis que a regem, para melhor ser aproveitada na Seara de Jesus. A metodologia adotada foi a de buscar, nas fontes alinhadas com o Espiritismo codificado por Allan Kardec, aquelas informações que comprovam as dificuldades apresentadas, tanto do *lado de lá* como do *lado de cá*, para a consumação do intercâmbio mediúnico.

Nossa esperança é que nosso esforço incentive o(a) leitor(a) a consultar algumas das obras referenciadas, aprofundando-se no conhecimento de tão vasto e meritório assunto. Nele buscamos realçar as dificuldades existentes nas modalidades mais comuns da interlocução entre nós, encarnados, e os habitantes do mundo invisível, sem a pretensão de que esta leitura venha substituir o contato permanente que você deverá manter com as obras básicas do Espiritismo, em especial com *O livro dos médiuns*, fonte de consulta primária, até então não superada nesse aspecto.

Agora vamos nos entender sobre o termo *complexidade* inserido no título desta obra. Ele não tem o significado de *confuso, intrincado, complicado*, mas sim de algo que abrange ou encerra muitos elementos ou partes; que é observável sob diferentes aspectos ou ângulos. E é exatamente o que acontece com o fenômeno mediúnico. Este nada tem de confuso, complicado, ininteligível... Nós é que ainda não apreendemos seu mecanismo em sua plenitude. A prática mediúnica encerra um conjunto de fenômenos realizados pelos Espíritos em parceria com os encarnados, denominados médiuns e, por essa razão, os fenômenos se tornam complexos, não muito fáceis de serem executados, pois são regidos por regras ainda não completamente conhecidas e dominadas pelo homem, sendo *resultado de um jogo transcendente de sensações e percepções* entre dois mundos de vibrações bastante diferenciadas em seu teor e grandeza. A mediunidade também pode ser tida como uma ciência complexa pela multiplicidade dos fenômenos que apresenta, não se submetendo às regras da ciência materialista, mas, sim, à condição de cada médium e aos Espíritos.

[...] a mediunidade não implica tão só o intercâmbio com entidades desencarnadas, mas também um *complexo de fatos e acontecimentos ainda não devidamente estudados e classificados*. O nosso Espírito — não devemos esquecê-lo — é um repositório de forças incomensuráveis; possuímos em nossa organização espiritual *poderes*

*múltiplos e ainda longe nos encontramos de avaliá-los na sua profundidade*<sup>4</sup> (grifo nosso).

Portanto, muitas são as sutilezas, encontradas na fenomenologia mediúnica, que estão a desafiar os observadores e os estudiosos sinceros.

Este livro é perfectível, portanto incompleto, porque seu autor também o é. Os leitores encontrarão hiatos de informações e de análises. Em alguns momentos, acreditem, o hiato acontece por falta de conhecimento do autor sobre tal ou qual assunto, mas, de outras vezes, foi escolha economicamente correta, pois o acervo de informações é muito grande e se fez necessário eleger este ou aquele dado ou aspecto do fenômeno, para não tornarmos a obra volumosa demais.

Em sua primeira parte, enfocamos o fato de que a comunicação entre os *ditos mortos* com os *ditos vivos* é um fenômeno natural e contraditório, e que ocorre desde que o homem implantou-se na crosta planetária. Fazemos uma caminhada rápida na esteira da História, pontuando alguns momentos e destacando algumas personalidades que servirão de exemplo da manifestação mediúnica em suas várias modalidades e locais. Buscaremos demonstrar que a mediunidade, em busca de sua identidade, teve que enfrentar a rudeza, a superstição, os interesses mesquinhos, as estratificações culturais e o orgulho dos homens, cuja maioria sempre agiu no sentido de obscurecê-la ou negar-lhe a natureza divina e seu papel de propulsora do progresso de nosso orbe.

Na segunda parte estudamos conceitos imprescindíveis ao acervo intelectual daquele que estuda e pratica a mediunidade, para melhor entendê-la e obter resultados mais seguros e eficazes. Admitir que devemos estudar sempre é exercício de humildade extremamente necessário no tocante à prática mediúnica, devendo a prudência nortear a conduta daqueles que dirigem tão complexa atividade. Mas como ter prudência sem se conhecer o caminho a ser percorrido, suas armadilhas e seus desvios? Assim, para se praticar a Doutrina Espírita, forçoso é conhecer seus

postulados, da mesma forma que a prática da mediunidade exige o saber de seus fundamentos.

Finalmente, na última parte, catalogamos uma série de casos e de ensinamentos que nos ajudam a identificar as dificuldades que o intercâmbio mediúnico oferece. Esperamos, dessa forma, sensibilizar os leitores a se munirem de conhecimento e de informações suficientes para não se deixarem enganar por qualquer Espírito ou se iludirem com os resultados do intercâmbio mediúnico sem a devida e criteriosa avaliação com uso do bom senso. Nada pode ser mais temerário do que a aceitação passiva de mensagens mediúnicas, por mais respeitáveis que pareçam ser os médiuns e os Espíritos comunicantes. Aventurar-se no complexo campo da fenomenologia espírita sem observância da metodologia recomendada por Kardec, especialmente em *O livro dos médiuns*, é atitude incompatível com o perfil do espírita interessado na verdade.

Os estudiosos e praticantes sinceros do Espiritismo têm o indeclinável compromisso com a preservação do valiosíssimo patrimônio de que são depositários: a consoladora doutrina do Espírito da Verdade, codificada por Allan Kardec. É em razão disso que o codificador nos alerta: “Se não quisermos ser vítimas de Espíritos levianos, é preciso saber julgá-los; para isso dispomos de um critério infalível: o bom senso e a razão”.<sup>5</sup>

No final da obra, estaremos conversando com o leitor sobre “bom senso” e sobre as recomendações do codificador. E é oportuno lembrar, para conforto daquele que está sempre vigilante na participação e no acompanhamento das práticas mediúnicas, que ele foi alvo da antipatia de muitos médiuns cujas produções não passavam pelo seu apurado crivo, pois *observar, comparar e julgar* foi sua regra áurea no trato com os Espíritos. Arrimemo-nos, pois, no aconselhamento do Espírito Erasto: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”.<sup>6</sup>

Aos médiuns alertamos que não se considerem invulneráveis às investidas do mundo espiritual inferior, pois que a realidade do homem terreno não sugere qualquer laivo de superioridade moral. E, como sabemos, a única autoridade que os Espíritos inferiores respeitam é a de cunho moral. Nossos títulos e diplomas mundanos, que aqui nos podem dar notoriedade e poder, para nada servem no trato com nossos irmãos desencarnados. Não bastarão o estudo e o conhecimento das práticas mediúnicas, mas, acima de tudo, a vivência dos postulados da Doutrina Consoladora, que liberta as consciências e abre clarinadas de luz na imensa floresta de nossa ignorância, indicando-nos o caminho da libertação. A humildade é virtude que nasce da reflexão madura, fruto não só do conhecimento, mas, antes de tudo, do autoconhecimento. Sem humildade, médiuns ou não, seremos facilmente vitimados pelo assédio dos irmãos desencarnados de baixo padrão evolutivo.

Certamente, foi cuidando disso que o apóstolo Tiago (1:14) nos alertou para o fato de que “cada um é tentado, quando atraído e enganado pela sua própria imperfeição moral”.

Dito isso, somente nos resta desejar bom aproveitamento da leitura.

---

3 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Devassando o invisível*. “Sutilezas da mediunidade”, 2012.

4 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Recordações da mediunidade*. “Reminiscências de vidas passadas”, 2013.

5 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, fev. 1859. “Escolhos dos médiuns”, 2009.

6 Id., *O livro dos médiuns*. It. 230, 2013.

# PRIMEIRA PARTE

## DAS CAVERNAS À SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS – SPEE

Misturada à magia vulgar, a mediunidade é de todos os tempos no mundo. Confundida entre os totens e manitus, nas raças primitivas, alteia--se, gradativamente, e surge, suntuosa e complexa, nos templos iniciáticos dos povos antigos, ou rebaixada e desordenada, entre os magos da praça pública.<sup>7</sup>

Nos períodos mais primitivos da cultura ética da humanidade, a mediunidade exerceu preponderante influência, porquanto através dos sensitivos, nominados como feiticeiros, magos, adivinhos e mais tarde oráculos, píttons, taumaturgos, todos médiuns, contribuindo decisivamente na formação do clã, da tribo ou da comunidade em desenvolvimento, revelando preciosas lições que fomentavam o crescimento do grupo social, impulsionando-o na direção do progresso.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 25, 2013.

<sup>8</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas*. Cap. 18, “Mediunidade”, 2011.

# CAPÍTULO 1

## HORIZONTES CULTURAIS E MEDIUNIDADE

O filósofo e jornalista espírita Herculano Pires<sup>9</sup> oferece uma teoria antropológica interessante sobre o surgimento da mediunidade e sua evolução, levando em conta os horizontes culturais alcançados pelo ser humano em cada etapa de seu desenvolvimento. A teoria merece ser lembrada aqui, não só porque ela nos dá uma visão de conjunto da fenomenologia mediúnica ao longo do tempo, mas, também, com o propósito de convidar o leitor ou a leitora para o estudo da obra em referência, extremamente valiosa para quem busca se informar e entender o Espiritismo e sua importância para melhor compreender o progresso espiritual do ser humano.

## 1.1 HORIZONTE TRIBAL

Neste estágio predomina o mediunismo primitivo, ou a mediunidade na sua expressão natural. Surge nesse horizonte o totemismo — crença baseada no culto a um animal, vegetal ou qualquer objeto tido como ancestral ou símbolo da tribo ou clã, admitindo-se que uma força misteriosa impregna ou imanta tais objetos ou coisas, podendo atuar sobre as criaturas humanas. Essas forças eram conhecidas pelos nomes polinésios de mana ou orenda. Diz o mestre Herculano que:

Mana ou Orenda não é uma força imaginária, mas uma força real, concreta, positiva, que se afirma através de ampla fenomenologia, verificada entre as tribos primitivas, nas mais diversas regiões do mundo. Essa força primitiva corresponde ao ectoplasma de Richet, a força ou substância mediúnica das experiências metapsíquicas, cuja ação foi estudada cientificamente por Crawford, professor de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda.<sup>10</sup>

Segundo outros autores, *mana* poderia ser uma pessoa, um objeto ou acontecimentos insólitos, destinados tanto para o bem quanto para o mal. Um misto de dinâmico e demoníaco, como potência invisível. O mana não está fixo em um objeto determinado, mas os Espíritos o possuem e podem comunicá-lo. Diz-se, ainda, que o ato da criação só foi possível pelo mana da divindade. Tudo o que é eficaz possui mana. É uma força real que provém dos seres superiores. Deus é a fonte originária do mana, que se concentra de forma especial no homem.

## 1.2 HORIZONTE AGRÍCOLA

Informa Herculano Pires que esse período se caracteriza pelo desenvolvimento do animismo, ou seja, expressão religiosa do homem primitivo que se caracteriza pela adoração de Espíritos que residiam em árvores, montanhas, poços e fontes sagradas, ou mesmo pedras de forma especial.<sup>11</sup> Tem lugar, também, nesse horizonte, o culto aos ancestrais, admitindo-se que eles estivessem presentes na vida comum de todos. O cultivo da terra e a domesticação dos animais favoreceram o surgimento do sedentarismo e de uma vida social efetiva. Tal fato contribuiu para o aumento demográfico e o desenvolvimento mental do homem. Nessas primeiras formas sedentárias de vida social, o animismo tribal desenvolve-se racionalmente, favorecendo a concepção fetichista que, mais tarde, dá origem à mitologia. A conclusão do autor quanto à mitologia encontra respaldo na questão nº 521 de *O livro dos espíritos*, quando Allan Kardec pergunta se podem certos Espíritos auxiliar o progresso das artes, protegendo os que a elas se dedicam. E eles respondem:

Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Que queres, porém, que façam com os que julgam ser o que não são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam.

E o codificador complementa:

Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais. As Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. *Também modernamente, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores, sob várias designações (grifo nosso).*

### 1.3 HORIZONTE CIVILIZADO

Nesta fase do desenvolvimento humano, surge o mediunismo oracular nos grandes impérios da Antiguidade, as chamadas civilizações orientais. “Oráculo” é um termo impreciso, historicamente falando, pois poderia ser a sede ou o culto de alguma divindade especial, o templo a ele dedicado, a divindade que se supunha fazer as profecias ou mesmo os sacerdotes ou profetas (médiuns). Destacam-se nesse horizonte os grandes santuários ou templos, sendo os mais famosos oráculos da Antiguidade: o de Apolo, em Delfos; o de Amon, na Líbia; de Diana, em Colchis; de Esculápio, em Roma; de Hércules, em Atenas; e de Vênus, em Pafos. Em todos eles, sem dúvida, manifestava-se estuante a mediunidade, pela qual os Espíritos eram consultados sobre diversos assuntos, desde o mais sério ao mais pueril.<sup>12</sup>

## 1.4 HORIZONTE PROFÉTICO

Destaca-se nesse horizonte o mediunismo bíblico por excelência. Nele o profeta apresenta-se como indivíduo social, mediúnico e espiritual. Porque faça uso pleno de sua liberdade, surgem excessos e abusos no intercâmbio com as entidades espirituais, caracterizando o indivíduo greco-romano e o profeta hebraico. Entre os hebreus, o mediunismo toma proporções consideráveis, tendo a *Bíblia* como a fonte mais segura que nós conhecemos de práticas mediúnicas na Antiguidade. O denominado povo eleito de Deus fez a sua história sob a influência decisiva dos Espíritos, denominados, então, de anjos, sendo supervisionados por Iavé, sem dúvida um Espírito de hierarquia superior.

## 1.5 HORIZONTE ESPIRITUAL

Impera, então, a mediunidade positiva. É nesse estágio que se observa uma transcendência humana. A mediunidade torna-se um fato de observação e de estudo de todos os que se interessarem pelo problema. Anota o autor que, na Idade Média, o fenômeno mediúnicos de possessão é sempre tomado como manifestação demoníaca ou sagrada, embora saibamos que se tratava de Espíritos inferiores ou de esclarecidos desejosos de se manifestar e entabular conversação com os circunstantes. O homem, não tendo atingido o horizonte espiritual, não podia conceber que o Espírito comunicante era da sua mesma natureza. Kardec explica, em *A gênese*, por que o Espiritismo só poderia surgir em meados do século XIX, depois de longa fermentação dos princípios cristãos da Idade Média e do desenvolvimento das ciências na Renascença. Escreveu:

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar apenas pelas leis da matéria.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> Nota do autor: José Herculano Pires nasceu na cidade de Avaré (SP), em 1914, e desencarnou nessa capital em 1979. Autor de 81 livros, entre ensaios e romances, de Filosofia, História, Psicologia, Pedagogia, Parapsicologia e Espiritismo, vários em parceria com Chico Xavier, sendo a maioria inteiramente dedicada ao estudo e à divulgação da Doutrina Espírita. Destacou-se como um dos mais ativos e consistentes continuadores do Espiritismo no Brasil, traduzindo os escritos de Allan Kardec e escrevendo tanto estudos filosóficos quanto obras literárias inspirados na Doutrina Espírita. A maior característica do conjunto de suas obras é a luta por demonstrar a consistência do pensamento espírita e por defender a valorização dos aspectos crítico e investigativo da

proposta sistematizada por Allan Kardec. Em seus ensaios nota-se a preocupação em combater interpretações e traduções deturpadas das obras de Allan Kardec, inclusive aquelas que surgiram no seio do Movimento Espírita Brasileiro ao longo do século XX. Por essa razão, o emérito professor Herculano Pires foi considerado pelos seus contemporâneos como “O Zelador da Doutrina Espírita” e também denominado pelo Espírito Emmanuel, o mentor de Chico Xavier, como “O metro que melhor mediu Kardec”.

10 PIRES, J. Herculano. *Mediunidade*. Cap. 2, 1964.

11 SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *As religiões ontem e hoje*. “Animismo”, 1982.

12 SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. “Oráculo”, 1983.

13 KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 1, it. 18, 2013.

## CAPÍTULO 2

### A MEDIUNIDADE DENTRO DAS CAVERNAS

Sem prejuízo da proposta do emérito estudioso do Espiritismo Herculano Pires, na qual ele adota uma abordagem antropológica para explicar a evolução da mediunidade em seu livro *O espírito e o tempo*, optamos pelo método histórico-cronológico para o mesmo objeto, na esperança de que essa abordagem seja de mais fácil assimilação pela maioria dos que adquirirem este livro. Nada obstante, recomendamos a leitura da obra referenciada por ser *sui generis* e complementar ao nosso esboço sobre a saga da mediunidade que ora apresentamos.

De merecida citação também é o trabalho do escritor Licurgo Soares de Lacerda Filho, intitulado *A mediunidade na história humana*, em cinco volumes, que valoriza os aspectos sociais, econômicos, políticos e religiosos da História, acompanhando a evolução da mediunidade no contexto sociopolítico-econômico. Sua leitura acrescentará algo mais ao que apresentamos aqui. Livros como *As mulheres médiuns*, de Carlos Bernardo Loureiro; *Kardec, irmãs Fox e outros*, de Jorge Rizzini; *Anna Prado: a mulher que falava com os mortos*, de Samuel Nunes Magalhães; *A mediunidade dos santos*, de Clóvis Tavares; *Mediunidade e sobrevivência*, de Alan Gauld; além das obras consideradas clássicas escritas por Aksakof, Lombroso, Flammarion, Delanne, Denis, Zêus Wantuil e outros, aos quais pedimos desculpas por não citá-los, são de leitura obrigatória para quem deseja ter uma perspectiva histórica da saga da mediunidade em nosso planeta.

## 2.1 O HOMO ERECTUS, MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

*Homo erectus* é uma espécie extinta de hominídeo que viveu entre 1,8 milhões de anos e 500 mil anos atrás, quando predominava em várias partes do globo a chamada era glacial, também conhecida como Pleistoceno. Nossos ancestrais hominídeos moravam em cavernas, produziam e usavam ferramentas como o machado de mão. Foram, provavelmente, os primeiros a usar o fogo e sabe-se, pelos fósseis encontrados, que migraram do continente africano para diversas regiões do planeta. Sua alimentação era de vegetais, frutas, folhas, raízes e animais. O mais antigo “documento” que atesta a utilização do fogo data, aproximadamente, de 600 mil anos.

O homem pré-histórico já se comportava como um ser dotado de inteligência e de imaginação. Quanto à atividade do inconsciente — sonhos, fantasias, visões, fabulações etc. —, presume-se que ela não se distinguia, a não ser pela sua identidade e amplitude, daquela que se encontra entre os nossos contemporâneos. 14

Admite-se que o *Homo erectus* vivenciou experiências mediúnicas intensas de ectoplasma, nas quais se evidenciavam efeitos físicos promovidos, geralmente, por Espíritos ainda ligados às sensações materiais. À mediunidade de efeitos físicos se somaram as percepções dos fenômenos de efeitos inteligentes, como desdobramento, os sonhos mediúnicos em que ele entrava em contato com amigos e parentes que viviam no mundo dos Espíritos, e também com Espíritos protetores do seu grupo, que lhes inspiravam, sem dúvida, como suprir suas necessidades básicas. 15

## 2.2 O HOMEM DE NEANDERTHAL E O ZELO PELOS MORTOS

A História oficial registra que o período denominado Paleolítico, ou Idade da Pedra, é o segundo mais primitivo estágio da evolução humana. Esse período é dividido em duas fases: *Paleolítico inferior* e *Paleolítico superior*. Durante a primeira fase (500.000 a 30.000 a. C.), o homem morava em cavernas, era bastante rude e vivia da caça e da pesca, usando como armas as mãos, os dentes e pedaços de rocha. Formavam eles uma população nômade e, por essa razão, não havia uma constelação familiar e, conseqüentemente, seus membros não se organizavam em grupos sociais. A comunicação se fazia por meio de um vocabulário bastante limitado, mas favoreceu, mesmo assim, a transmissão de sua cultura material, sugerindo-nos, esse fato, a existência de raciocínio e de pensamento contínuo naquele nosso antepassado. O protótipo humano desse período é o *Homem de Neandertal*, assim chamado pelo fato de seus fósseis terem sido encontrados no Vale de Neander, na Alemanha, em 1856.

Entre todos os costumes dos neandertais, aquele que maior curiosidade despertou nos pesquisadores foi, sem dúvida alguma, o fato de eles terem sido os primeiros a enterrar seus mortos. As escavações arqueológicas confirmam que o neandertalense tinha preocupações com seus defuntos, enterrando-os com seus adereços e ferramentas, levando-nos a inferir que acreditasse numa vida após a morte do corpo físico. Sobre o neandertalense, relata o eminente historiador inglês Burns:

Maior significação pode ser emprestada à prática neanderthalense de dispensar cuidados aos defuntos, enterrando-os em sepultura rasa junto com utensílios e outros objetos de valor. Isso indica, *talvez*, o desenvolver-se de um sentimento religioso, ou pelo menos a crença em alguma espécie de sobrevivência depois da morte (grifo nosso).<sup>16</sup>

O emérito historiador utiliza o termo *talvez* para, quem sabe, não se comprometer com afirmação de conhecimento que não fazia parte do seu

credo... No entanto, os Espíritos nos dão a segurança que o respeitável historiador britânico não possuía, em relação ao sentimento religioso e à crença na vida além da morte física, informando-nos sobre o intercâmbio mediúnico já praticado entre eles:

[...] no seio das *raças primigênicas*, em seus remotíssimos agrupamentos, o culto dos mortos atinge proporções espantosas. Inúmeras eram as tribos que se entregavam às *invocações dos traspassados*, por meio de encantamentos e de cerimônias de magia<sup>17</sup> (grifo nosso).

Relata Campos<sup>18</sup> que na caverna de Shanidar, ao norte do Iraque, foi encontrado um esqueleto em posição fetal juntamente com plantas da região e chegou-se à conclusão que o indivíduo havia sido enterrado com diversas variedades de flores, colocadas cuidadosamente junto do corpo, inferindo-se que o costume humano de colocar flores no túmulo do morto já era praticado há 50 mil anos e que devemos essa prática aos neandertalenses.

Eliade, notável historiador das religiões, admite que:

*A fortiori*, a crença na imortalidade é confirmada pelas sepulturas; de outra forma não se compreenderia o trabalho empregado para enterrar os corpos. Essa imortalidade poderia ser exclusivamente “espiritual”, isto é, concebida pela aparição dos mortos nos sonhos. Mas pode-se também interpretar certas sepulturas como uma precaução contra o eventual retorno do morto; nesses casos, os cadáveres eram dobrados e talvez amarrados. Por outro lado, nada impede que a posição curvada do morto, longe de denunciar o medo de “cadáveres vivos” (medo atestado em alguns povos), signifique, ao contrário, a esperança de um “renascimento”; conhecem-se, com efeito, vários casos de inumação intencional em posição fetal.<sup>19</sup>

## 2.3 O HOMEM DE CRO-MAGNON E A CRENÇA NA VIDA FUTURA

A segunda e última fase da Idade da Pedra é calculada entre 30 mil a 10 mil anos antes de Cristo. Durante os últimos 25 mil anos desse período, desenvolveu-se um tipo humano que foi apelidado de *Homem de Cro-Magnon*, pois seu fóssil foi encontrado na caverna de mesmo nome, em Dordogne, na França. Sua superioridade mental é considerável em relação ao homem de Neanderthal. Vestia-se com peles de animais costuradas, sendo-lhe creditada, portanto, a invenção da agulha de costurar! Adornava-se e cozinhava, pois já conhecia o fogo, e vivia em grupos seminômades. O homem desse período avançou consideravelmente no entendimento da vida além da vida. Acompanhemos, mais uma vez, o testemunho abalizado do citado historiador inglês:

[...] existem provas suficientes de que o homem de Cro-Magnon tinha ideias muito evoluídas sobre um mundo de forças invisíveis. Dispensava mais cuidados aos corpos dos defuntos do que o homem de Neanderthal, pintando os cadáveres, cruzando-lhes os braços sobre o peito e depositando, nas sepulturas, pingentes, colares e armas e instrumentos ricamente lavrados. Formulou um complicado sistema de *magia simpática*,<sup>20</sup> destinado a aumentar a sua provisão de alimentos. Baseia-se a magia simpática no princípio de que, se imitarmos um resultado desejado, produziremos automaticamente esse resultado.<sup>21</sup>

Aprenderam a cultivar o solo e nele se fixaram, surgindo a família e a divisão social gerada pela riqueza de algumas tribos e pela intelectualidade de outras, sobressaindo-se a classe dos artistas, que se destacam na pintura rupestre. É ainda Burns quem nos ensina:

A suprema realização do homem de Cro-Magnon foi a sua arte — realização tão original e resplandecente que deveria ser incluída entre

as Sete Maravilhas do Mundo. Nada ilustra tão bem como esse fato o grande abismo cavado entre a cultura do Paleolítico Superior e tudo quanto a precedeu. [...] Tanto a escultura como a pintura, o entalhe e a gravação se acham representados.<sup>22</sup>

Obedecendo ao progresso mental e usando mais disciplinadamente o pensamento, o homem pré-histórico consolidou o processo de troca de informações com o mundo espiritual por meios intuitivos, materializando-se o intercâmbio pela arte dos desenhos primitivos e pelos ideogramas lapidados nas paredes das grutas em lugares de difícil acesso e impróprios para a atuação de qualquer artista em condições físicas e psíquicas normais.

Sabe-se que o artista Cro-Magnon era considerado um mágico com a missão de promover o êxito do caçador. Acreditavam seus companheiros que a sobrevivência da comunidade dependia de sua competência; por isso, enquanto os demais saíam para a caça, ele se isolava e pintava os animais a serem caçados, representando-os já flechados ou lancetados, nas paredes da caverna (pinturas rupestres).

O curioso é que seus melhores desenhos e pinturas foram feitos nas paredes e nos tetos dos locais mais escuros das cavernas. A luz natural era inacessível àqueles ambientes e o resultado da produção artística era admirável, possuída de contornos delicados, com jogo de luz e sombra, dando a sensação de profundidade. É razoável admitir que o artista mágico — para não dizer médium — estivesse em transe. Reforça a nossa tese o pesquisador das práticas religiosas:<sup>23</sup>

Como as pinturas se encontram bastante longe da entrada [das cavernas], os exploradores são unânimes em considerar *as grutas uma espécie de santuário*. Por outro lado, muitas dessas cavernas eram inabitáveis, e as dificuldades de acesso reforçam o seu *caráter numinoso*<sup>24</sup> (o primeiro grifo é nosso; o segundo, do autor).

Não será exagero admitir que o artista das cavernas estivesse em *transe mediúnico* no momento de seu trabalho, sendo conduzido por

entidades espirituais, o que lhe facilitava o uso de rústicos instrumentos em ambiente inóspito. Expressava-se o médium-pintor usando a força da mente no ritual da *simpatia* para alcançar o que desejava, criando formas-pensamento para auxiliar seus parceiros na caça. Tais práticas são indícios inquestionáveis da familiaridade do homem de Cro-Magnon com as virtudes da mediunidade e com o intercâmbio com entidades espirituais, responsáveis pelo seu progresso anímico, físico, social e econômico. Quanto ao transe e ao intercâmbio mediúnicos praticado pelo homem das cavernas, é, ainda, Eliade que muito contribui para nossa tese, ao falar de suas conclusões a respeito:

[...] o êxtase de tipo xamânico<sup>25</sup> parece atestado no Paleolítico. Isso implica, por outro lado, a crença numa “alma” capaz de abandonar o corpo e de viajar livremente no mundo e, por outro lado, a convicção de que, numa tal viagem, a alma pode encontrar certos seres sobre-humanos e pedir-lhes ajuda ou bênção. O êxtase xamânico implica, além disso, a possibilidade de “possuir”, isto é, de penetrar nos corpos dos humanos, e também de “ser possuído” pela alma de um morto [...].<sup>26</sup>

A história e a literatura espírita nos levam a crer que os antropóides das cavernas sofreram as influências espirituais, formando os pródromos das raças futuras e que, também, as entidades espirituais os auxiliaram em sua melhoria física. Reforça essa conclusão o Espírito André Luiz, ensinando que a criatura humana, quando se iniciou na produção do pensamento contínuo, teve o sonho como mola propulsora da mediunidade, porque, durante os momentos de desprendimento do corpo físico, ela entrava em contato com entidades espirituais, cujos ensinamentos lhe serviam para ampliar a sua visão de mundo.<sup>27</sup> À medida que os nossos ancestrais conquistavam conhecimento e sabedoria e aprimoravam suas auras — antecâmara que se presta a recepcionar as entidades espirituais que nos rodeiam —, colocavam-se eles, de forma inconsciente, em comunhão com os desencarnados afins, recebendo-lhes as intuições e inspirações para

o aprimoramento das atividades concernentes às suas necessidades primárias, treinando-lhes o raciocínio e o uso correto do livre-arbítrio.

Diante do que acabamos de estudar, podemos concluir que na Pré-História despontou a atividade mediúnica como instrumento fundamental destinado ao intercâmbio entre encarnados e desencarnados, de forma a promover o progresso daquela parcela da humanidade nos segmentos material, moral e espiritual. Foi a mediunidade incipiente dos primitivos homens das cavernas que gerou a crença na imortalidade e os elementos básicos da magia e da religião. Dos médiuns primitivos nasceram *xamãs*, pajés, feiticeiros e sacerdotes de todos os cultos conhecidos ou já desaparecidos.

## 2.4 O XAMANISMO

Merece um espaço só seu esse personagem que encontramos no meio dos mais primitivos povos estudados pela Antropologia e ciências religiosas: o xamã, espécie de feiticeiro, de mágico, mas, na verdade, antes de tudo, um médium extático, que absorve conhecimentos nas viagens espirituais que realiza e usa seus poderes entre seu povo, essencialmente no alívio de seus males.

Como intermediários entre o mundo dos espíritos e o povo, afirmam [os xamãs] manter contato direto com espíritos, sejam eles de pessoas vivas, ou de plantas, animais e outros elementos do meio ambiente, com os “espíritos-mestres” (espíritos, por exemplo, de rios e montanhas) ou ainda os “fantasmas” dos mortos.<sup>28</sup>

Na origem do xamanismo, está a crença radical na perenidade da alma. Para o crente dessa religião, todos os seus antepassados, ainda que impalpáveis, continuam vivendo num mundo à parte. Segundo os praticantes do xamanismo, qualquer um entra em contato com o seu antepassado, servindo-se do xamã ou, diretamente, pelo toque de um tambor, que provoca um estado de insensibilidade extática. O xamanismo vem da mais remota antiguidade, pois vigorou entre sumérios, acádios assírios e babilônios, já sendo praticado, indubitavelmente, entre seus antepassados, os homens das cavernas.

Eliade relata um fato muito interessante que fortalece a proposta do xamanismo nas cavernas, como uma das formas de se praticar a mediunidade. Diz ele:

Ao se descobrir a famosa pintura na caverna de Lascaux, onde se vê um bisão ferido, apontando os chifres para um homem aparentemente morto, deitado no chão e, sua arma, espécie de chuço munido de gancho, está apoiada contra o ventre do animal; perto do homem (cuja cabeça termina num bico), vê-se um pássaro empoleirado numa

vara comprida. A cena tem sido geralmente interpretada como a ilustração de um “acidente de caça”. Porém, em 1950, Horst Kirchner propôs ver nela uma sessão xamânica: o homem não estaria morto, mas em transe diante do bisão sacrificado, enquanto a sua alma viajaria no além. O pássaro sobre a vara, motivo específico ao xamanismo siberiano, seria o seu espírito protetor. Segundo Kirchner, a “sessão” era realizada a fim de que o xamã se dirigisse, em êxtase, para perto dos deuses e lhes pedisse a bênção, isto é, o sucesso da caçada.<sup>29</sup>

Essas informações reforçam, consideravelmente, a tese sustentada pelos Espíritos superiores de que a mediunidade é de todos os tempos e lugares. Mesmo sendo praticada de forma espontânea e indisciplinada, colocou-se, mesmo assim, pela Misericórdia do Criador, a serviço do progresso do homem e como meio para haurir recursos do plano maior no alívio às suas dores.

---

<sup>14</sup> ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Cap. 1 (tomo I), 1978.

<sup>15</sup> ARGOLLO, Djalma. *A trajetória evolutiva do ser*. Cap. 1, “A primeira revolução mediúnica”, 2000.

<sup>16</sup> BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. Cap. 1, 1954.

<sup>17</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Cap. 15, “O culto dos mortos”, 2013.

<sup>18</sup> CAMPOS, Pedro de. *Colônia Capella: a outra face de Adão*. Cap. 18, 2005.

<sup>19</sup> ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Cap. 1, It. 3, 1978.

<sup>20</sup> Nota do autor: Crença pela qual se podem obter determinados resultados materiais e mesmo psicológicos realizando procedimentos que representem aquilo que se deseja alcançar como, por exemplo, desenhando, recitando fórmulas, produzindo bonecos etc.

- 21 BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. Cap. 1, It. 2, 1954.
- 22 Id. Ibid.
- 23 ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. 1978.
- 24 Nota do autor: Influenciado, inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade, segundo o dicionário Houaiss. Rudolf Otto (1869–1927), teólogo e filósofo alemão, define numinoso como “sentimento único vivido na experiência religiosa, a experiência do sagrado [...]”, conforme registra o dicionarista Aurélio.
- 25 Nota do autor: Xamanismo é a prática de evocações e exorcismo. Reúne um misto de teologismo, ritualismo e feitiçaria, sendo praticado por populações inteiras da Ásia Central. No Tibete, aparece mesclado de budismo inferior, e o próprio lamaísmo pode ser considerado uma das suas formas. Na origem do xamanismo, está a crença radical na perenidade da alma (SCHLESINGER; PORTO, 1982).
- 26 ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Cap. 1, It. 7, 1978.
- 27 XAVIER, Francisco Cândido. *Evolução em dois mundos*. Cap. 17, 2013.
- 28 HINNELLS, John R. *Dicionário das religiões*. 1995.
- 29 ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Cap. 1, It. 5, 1978.

# CAPÍTULO 3

## A MEDIUNIDADE FORA DAS CAVERNAS

### 3.1 A MEDIUNIDADE COMO DOM DOS DEUSES

A partir da invenção da escrita, por volta de 4.000 a. C, tem início a Idade Antiga, que vai até o ano 476 da Era Cristã, com o fim do Império Romano, ocasionado pela invasão dos povos bárbaros. Na fase que permeia o fim da Pré-História e o início da História, constata-se um considerável avanço intelectual, moral e material, em obediência à inexorável lei do progresso. Em plena Antiguidade, os homens oriundos da Pré-História ampliaram sua visão de mundo, tornaram-se mais hábeis e inteligentes, sentindo a necessidade de se organizarem em grupos. Uns se aprimoraram no amanho da terra e no pastoreio de animais domésticos; outros se dedicaram às práticas artesanais, construindo artefatos e ferramentas; muitos se voltaram para as guerras, vivendo de saques. De nômade passaram a seminômades e depois a sedentários. Os homens fixados na terra por tempo indeterminado favoreceram o surgimento do grupo familiar, pois a permanência de homens e mulheres juntos criou laços de afetividade e a procriação foi tida como de responsabilidade dos dois. A nação, grupo de indivíduos estabelecidos num território e ligados por laços históricos, culturais, econômicos e linguísticos, cresce e surgem nela os estratos sociais, destacando-se uns pela riqueza acumulada em razão do trabalho ou dos saques de guerras, e outros, pelas virtudes do conhecimento e cultivo das artes. Destacam-se no meio social os detentores de faculdades extrassensoriais, ou seja, os médiuns, sendo, naturalmente, desconhecidas a

natureza daquela faculdade, suas leis e finalidades. Entre os extrassensoriais estavam os *artistas, curandeiros, adivinhos, feiticeiros* etc., tidos como pessoas especiais, com dons divinos. Com relação ao artista, o Espírito Emmanuel afirma que:

O artista verdadeiro é sempre o médium das belezas eternas, e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o Infinito e abrindo, em todos os caminhos, a ânsia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, de sabedoria, de paz e de amor. [...] O artista, de um modo geral, vive quase sempre mais na esfera espiritual que propriamente no plano terrestre. Seu psiquismo é sempre a resultante do seu mundo íntimo, cheio de recordações infinitas das existências passadas, ou das visões sublimes que conseguiu apreender nos círculos de vida espiritual, antes da sua reencarnação no mundo. 30

Consultando-se a história das religiões, sabe-se que, entre aquelas pessoas tidas como privilegiadas pelos deuses, muitas faziam revelações, previam o futuro e praticavam curas; por isso as denominações acima. O feiticeiro reunia, muitas vezes, as funções de sacerdote e as de médico, pois a natureza misteriosa das doenças fazia supor a existência de causas sobrenaturais. A suposição não era nenhuma crença sem fundamento: sabemos que muitas enfermidades se manifestam no corpo físico bem depois de estarem fixadas no perispírito, em razão da mente doentia ou de ações obsessivas do Espírito vingativo sobre sua vítima. O *doutor feiticeiro* desafiava o “demônio” com gritos, gestos e máscaras na tentativa de vencê-lo por intimidação... Sabemos, hoje, que todos os realizadores de feitos ditos “extraordinários” eram, nada mais, nada menos que *médiuns*, conforme nominou-os Allan Kardec em *O livro dos médiuns*. São as pessoas diferenciadas pela alta sensibilidade psíquica que, quando em transe, permitem a conexão entre os dois planos da vida, passando a interpretar, segundo seu entendimento, o que os Espíritos lhes inspiram,

promovendo-se, dessa forma, o intercâmbio mediúnico. Por ser a mediunidade mal-entendida por aqueles grupos sociais primitivos, consideravam-na como sendo um dom divino, uma concessão dos deuses a um dos seus filhos, tornando-o um ser especial. Em razão dessa concepção distorcida da mediunidade ocorrem, ainda hoje, muitas comunicações de Espíritos sem que se questione se o *Espírito é de Deus* (I João 4:1), sendo seus ensinamentos aceitos e divulgados sem uma avaliação criteriosa embasada no bom senso, porque se admite que o médium seja uma pessoa infalível pela faculdade que possui.

### 3.2 A MEDIUNIDADE ESTATIZADA DA ÍNDIA

Na Índia, berço de todas as religiões da humanidade, as revelações de Brahma deram origem ao Hinduísmo, principal religião da maioria dos hindus. O Hinduísmo se caracteriza pelo reconhecimento da autoridade dos Vedas, conjunto de livros datado de aproximadamente 1.500 a. C. Com relação a essa antiguidade, o Espírito Emmanuel, referindo-se aos Espíritos degredados do sistema de Capela, diz que aqueles que se agruparam às margens do Ganges e formaram as organizações hindus são de origem anterior à própria civilização egípcia e que antecederam de muito os agrupamentos israelitas, de onde sairiam mais tarde personalidades notáveis, como Abraão e Moisés.

Os textos literários, sobre os quais se fundamenta o conjunto das concepções hinduístas, foram compostos em época muito antiga e transmitidos pela tradição oral durante um período inacreditavelmente longo antes de serem escritos, compondo o livro *Veda*, palavra sânscrita que significa, em particular, “*conhecimento sagrado*”.<sup>31</sup>

Sobre o caráter religioso dos indianos daquela época, informa-nos o Espírito Emmanuel que

na Índia, identificamos o culto da sabedoria. Instrutores eminentes aí ensinam que a bondade deve ser a raiz de nossas relações com os semelhantes, que as nossas virtudes e vícios são as forças que nos seguirão além do túmulo, propagando-se abençoadas lições de aperfeiçoamento moral e compreensão humana; entretanto, o espírito das castas aí sufocou os santuários, impedindo a desejável extensão dos benefícios espirituais aos círculos dos povos.<sup>32</sup>

Os sacerdotes faziam mistério sobre as práticas mediúnicas que realizavam, não estendendo ao povo os benefícios espirituais que delas advinham. Entre os brâmanes, a prática da evocação dos mortos era a base

de suas liturgias nos templos, pois sabiam que o homem não era apenas o corpo. Era no sacrifício do fogo que se resumia todo o culto védico. E nos Vedas lemos, sobre a certeza da presença dos Espíritos em suas práticas místicas:

Enquanto se cumpre o sacrifício, [...] os Assouras ou espíritos superiores, e os *Pitris* ou almas dos antepassados cercam os assistentes e se associam às suas preces.<sup>33</sup>

A noção de alma e de sua sobrevivência existe desde os mais antigos textos, sob uma forma muito embrionária, desenvolvendo-se somente a partir do upanixade — texto filosófico produzido entre os séculos VIII e IV a. C., que trata da relação entre Atman<sup>34</sup> e Brama.<sup>35</sup> Essa noção primitiva está ligada ao problema da morte, já que a sobrevivência da alma é admitida como natural, abrindo-se três vias aos defuntos: unirem-se às águas e às plantas; viverem em paz num reino dirigido por Iama, o primeiro morto, ou ainda, viverem entre si, à parte de tudo e de todos. Para os indianos da época dos faraós a alma sobrevivia à morte do corpo físico e conservava sua individualidade até o seu retorno à carne. A evocação dos mortos somente poderia ser feita pelos brâmanes — sacerdotes que oficiavam os sacrifícios do Veda — dos diversos graus ou pelos faquires. Enquanto todos esses conhecimentos eram propriedades dessas classes privilegiadas, o povo somente recebia as meias-verdades das revelações espirituais, favorecendo o surgimento de superstições que o historiador Aymard registrou em suas pesquisas:

[...] Às práticas religiosas acrescentam-se as práticas mágicas [...] esta magia concerne a todos os atos importantes da vida, à construção da casa, à escolha da esposa, ao domínio do amor conjugal, à abundância e saúde do gado, ao êxito do jogo, no comércio, à vitória na luta etc. [...] A adivinhação é amplamente praticada, lançando mão do sonho, dos sinais astrológicos, dos que se podem distinguir no

curso do sacrifício (direção da fumaça do fogo, movimento da vítima sacrificada).<sup>36</sup>

Ensina-nos Allan Kardec que uma ideia só é supersticiosa quando falsa; cessa de o ser desde que passe a ser uma verdade reconhecida. Mas essa verdade não foi repassada pelos sacerdotes brâmanes ao povo, simples e ávido de crer nas forças espirituais que sempre existiram. Apesar disso, tais sacerdotes, iniciados nas práticas espíritas, preparavam alguns indivíduos que eram chamados *faquires* (médiuns) para a obtenção dos mais notáveis fenômenos mediúnicos, tais como a levitação, o estado sonambúlico até o nível de êxtase, a insensibilidade hipnótica à dor, entre outros, além do treino para a evocação dos *Pitris* (Espíritos). Sobre esses faquires, informa Gibier que, quando indagados sobre como realizavam os fenômenos de levitação, transporte de objetos, materialização de mortos, curas e outros, respondiam:

Os Espíritos, dizem eles, que são almas de nossos antepassados (*Pitris*), servem-se de nós como de um instrumento; emprestamos-lhes o nosso fluido natural para combiná-los com o seu, e, por esta mistura, constitui-se um corpo fluídico, com cujo auxílio eles operam sobre a matéria conforme vistes.<sup>37</sup>

Podemos concluir nossos comentários sobre a mediunidade estatizada na Índia com a sabedoria de Emmanuel.

E o que é de admirar-se é que nenhum povo da Terra tem mais conhecimentos, acerca da reencarnação, do que o hindu, ciente dessa verdade sagrada desde os primórdios da sua organização neste mundo. [...] Nos bastidores da civilização, somos compelidos a reconhecer que a Índia foi a matriz de todas as filosofias e religiões da humanidade, inclusive do materialismo, que nasceu na escola dos *charvakas*.<sup>38</sup>

### 3.3 A MEDIUNIDADE SACERDOTAL DO ANTIGO EGITO

Os antigos egípcios tinham constante preocupação a respeito da vida depois da morte corporal; a sua vida era um incessante esforço para bem morrer. Não era suficiente que o morto sobrevivesse; necessário era que fosse feliz no outro mundo.

*Desde os tempos pré-históricos* colocavam-se, na tumba, alimentos e adornos, colares de pérolas, objetos de “toilette” esculpidos em marfim. Põem-se figurinhas esculpidas em relevo: mulheres vestidas ou nuas servindo de concubinas, escravos; *uchebti*, isto é, fiadores que servem de substitutos do morto, se alguma divindade severa dele exigir duros trabalhos<sup>39</sup> (grifo nosso).

Como vimos afirmando, já entre os nossos ancestrais das cavernas, a certeza da imortalidade era comum e, conseqüentemente, a comunicação entre os desencarnados se davam por força da convivência entre os dois mundos, tal como sempre foi.

Os egípcios conheciam as ciências psíquicas e o destino das almas no mundo invisível. Em todas essas coisas, naturalmente, só os altos iniciados possuíam conhecimentos claros; o povo, em geral, contentava-se com lendas, símbolos e, principalmente, com pomposas festas. Por isso, no estudo do sistema religioso dos antigos egípcios, temos de distinguir entre a religião do povo e a dos sacerdotes, tal como na Índia. Os sacerdotes egípcios eram monoteístas, adoravam um só Deus, do qual tinham ideias espiritualistas, mas revelavam tal verdade somente aos iniciados, aptos para compreendê-la. Lê-se nos livros sagrados dos antigos egípcios: “As nossas mãos não podem tocá-lo. Tudo que existe está em seu seio”. Mas o povo era induzido ao politeísmo, porque — conforme acreditavam os sacerdotes — ele seria incapaz de compreender a verdade, embora lhe fosse ensinado que o Sol era a manifestação de Deus. Encontra-se escrito em um dos papiros

que “Deus se esconde na pupila do astro-rei e irradia por seu olho luminoso”.

O *alto sacerdócio* era espiritualista e compreendia que as divindades adoradas pelo povo ignorante apenas representavam as forças naturais. Para ocupar o lugar do alto sacerdócio, porém, era necessário ser iniciado nos Mistérios, o que exigia provas rigorosas e estudos prolongados por muitos anos. Só os iniciados nos primeiros graus e os sacerdotes simples sacrificavam aos deuses. Os que haviam passado por todos os graus de iniciação faziam parte do corpo sacerdotal científico; viviam plenamente para a ciência e tratavam dos assuntos mais importantes para a vida espiritual e material dos egípcios. Os iniciados não podiam nunca e a ninguém revelavam os conhecimentos adquiridos nos Mistérios; as descobertas filosóficas e científicas ficavam nos santuários; o povo recebia apenas os resultados práticos, porque, na opinião dos sacerdotes, não possuía inteligência suficiente para compreender os ensinamentos iniciáticos. Os antigos egípcios acreditavam na imortalidade da alma, nas recompensas e castigos numa outra vida, e na reencarnação [...] Conheciam as ciências psíquicas, o destino das almas no mundo invisível, e a comunicação entre os encarnados e os desencarnados. [...]; o povo em geral, contentava-se com lendas, símbolos e, principalmente, com as pomposas festas.<sup>40</sup>

Os historiadores estão de acordo em atribuir aos sacerdotes do antigo Egito poderes que pareciam sobrenaturais e misteriosos. Os magos dos faraós realizavam os mesmos prodígios que são referidos na *Bíblia*, os quais foram praticados por Moisés, que no Egito se iniciou convivendo com os magos e absorvendo-lhes os conhecimentos. Em razão dos poderes mediúnicos que eram misturados maliciosamente com práticas mágicas e de prestidigitação, os sacerdotes do antigo Egito eram considerados pessoas sobrenaturais. O conhecimento científico deles ultrapassava, em alguns aspectos, a ciência atual, pois conheciam o magnetismo, o sonambulismo,

curavam pelo sono induzido, usavam a clarividência com fins terapêuticos e eram célebres pelas práticas de curas hipnóticas. Não obstante usarem a mediunidade um tanto distanciada dos valores éticos que hoje conhecemos, diz o mentor de Chico Xavier:

Dentre os Espíritos degredados na Terra, os que constituíram a civilização egípcia foram os que mais se destacavam na prática do bem e no culto da verdade. [...] Um único desejo os animava, que era trabalhar devotadamente para regressar, um dia, aos seus penates resplandecentes. Uma saudade torturante do céu foi a base de todas as suas organizações religiosas. Em nenhuma civilização da Terra o culto da morte foi tão altamente desenvolvido. 41

### 3.3.1 O livro dos mortos

Cabe aqui um destaque a uma obra magnífica que por si só revela o quanto os egípcios tinham contato permanente com o mundo espiritual, acreditavam na lei de causa e efeito e, conseqüentemente, no julgamento dos seus atos na vida material após a desencarnação. O texto foi descoberto quatro anos após a campanha do Egito da França, levada a efeito por Napoleão Bonaparte, entre 1798 a 1801. Trata-se do *Papyrus Cadet*, feito durante a dinastia de Ptolomeu. Esse achado foi traduzido pelo egiptólogo Karl Richard Lepsius, ficando conhecido pelo nome de *O livro dos mortos*. É uma coletânea de vários hinos, orações e invocações que os egípcios escreviam nas paredes dos túmulos, esquifes e estelas, papilos e amuletos funerários, com o fito de assegurar o bem-estar de seus mortos no mundo do Além. Nele há ensinamentos destinados a encaminhar a alma em sua vida póstuma e como se preparar para a ascensão espiritual pelas iniciações.

Challaye<sup>42</sup> destaca algumas confissões negativas que o morto deve pronunciar diante do tribunal de Osíris, deixando, de forma irrefutável, que os ensinamentos do Governador do nosso planeta sempre foram aos homens revelados, mesmo antes de sua vinda à Terra na personalidade de Jesus. Senão, vejamos:

Não fiz, perfidamente, mal a qualquer homem.

Não tornei meus próximos infelizes.

Não cometi vilanias na morada da verdade.

Não tive convivência com o mal.

Não cometi mal algum.

Não fiz, como patrão, alguém trabalhar além da sua tarefa.

Não houve, por minha causa, nem medrosos, nem pobres, nem sofrendores, nem infelizes.

Jamais fiz o que os deuses detestam.

Não consenti que o senhor maltratasse o escravo.

Não fiz alguém passar fome.

Não causei lágrimas.

Não matei.

Não ordenei a morte à traição.

Não menti a nenhum homem.

Não pilhei as provisões dos templos.

Não diminuí as substâncias consagradas aos deuses.

Não furtei os pães nem as faixas das múmias.

Não forniquei.

Não cometi atos vergonhosos com sacerdotes do meu distrito religioso.

Não encareci os fornecimentos, nem os diminuí.

Não exerci pressão sobre os pesos da balança.

Não fraudei nem mesmo o peso da balança.

Não tirei o leite da boca dos lactentes.

Não roubei animais das pastagens.

Não engaiolei as aves dos deuses.

Não pesquei peixe putrefato.

Não recusei a aceitar a água na época das enchentes.

Não desviei água de um canal.

Não apaguei a chama (dos templos) na sua hora.

Não fraudei as oferendas dos deuses.

Não repeli os animais de propriedade divina.

Não opus obstáculo a um deus em fuga.

Sou puro, puro, puro.

Depois da confissão, o morto colocava seu coração em uma balança, tendo a verdade por contrapeso. O deus Toth registra o resultado. A alma que mentiu é supliciada. A alma que disse a verdade é “justificada” e entra para o mundo dos bem-aventurados.

Não se pode esquecer, ao ler essas confissões, que, à época em que foram escritas, os israelitas viviam no Egito e, por essa razão, não devemos nos espantar de as mesmas ideias, e até mesmo as mesmas palavras serem encontradas no Decálogo que Moisés ensinou ao seu povo, dizendo-se mensageiro de Jeová.

### 3.4 O CULTO AOS MORTOS NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

De acordo com as mais antigas crenças dos povos primitivos das penínsulas gregas e itálicas, as almas dos mortos não iam para um mundo diferente do nosso: continuavam junto dos homens, vivendo sobre a terra ou debaixo dela. A expressão, até hoje adotada por alguns na hora do sepultamento — *que a terra lhe seja leve* — era a certeza de que a criatura continuava sobre o solo, conservando a sensação de bem-estar ou de sofrimento, conforme tivesse sido o seu modo de viver e seu serviço prestado à humanidade e aos deuses.<sup>43</sup> A certeza de que o morto continuava entre nós, com as mesmas necessidades dos vivos, se confirmava pela colocação de vestidos, vasos, armas e outros objetos junto ao cadáver, pois deles dependeriam para continuar a vida. Confirma-se, assim, a crença na convivência dos Espíritos com os encarnados. O sepultamento, com todas as suas honras, era sagrado para gregos e romanos daquela época, costume que se mantém até os dias de hoje. Sem o sepultamento digno e sem as oferendas, o Espírito se tornava perverso e atormentava os vivos, assustando-os com aparições e provocando-lhes doenças. Nada mais patente do que a certeza da influência dos desencarnados sobre os encarnados, conforme viria comprovar cientificamente Allan Kardec.

Conta-se que o imperador romano Caio César Calígula, ao ser assassinado de forma cruenta, teve seu corpo semicremado numa pira improvisada e recoberto ligeiramente com relva, não sendo digno de um sepultamento à moda tradicional. Em razão disso, afirma eminente historiador romano, os guardas do jardim de sua residência eram perseguidos pelo fantasma do infeliz, e muitos que ali frequentavam foram assustados com suas aparições, até que a casa fosse devorada por um incêndio. Somente depois de exumado pelas suas irmãs e sepultado devidamente é que a alma penada do terrível imperador se acalmou.<sup>44</sup>

Informa respeitável historiador dos povos clássicos, Coulanges,<sup>45</sup> que as mais antigas gerações dos gregos e romanos, muito antes que aparecessem os filósofos, já acreditavam em uma segunda existência depois da atual. Encaravam a morte não como dissolução do ser, mas como simples mudança de vida. Acreditavam que eles vivessem numa espaçosa região subterrânea, longe dos seus corpos, penando ou gozando, de acordo com a conduta que tiveram como homem ou mulher durante a vida. O culto aos mortos, o respeito e a convivência deles com seus antepassados eram muito comuns, naturais e necessários ao seu desenvolvimento e à manutenção dos princípios morais, éticos, políticos e econômicos. A construção social e jurídica da cidade antiga dos gregos e romanos foi fundamentada numa crença religiosa de amor e respeito aos mortos. Difícil não afirmar que aquela convivência não promovesse a influência dos Espíritos em seus pensamentos, conforme nos assegura a resposta do Espírito à questão nº 459 de *O livro dos espíritos*:

P. – Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?

R. – Muito mais do que imaginais, pois frequentemente são eles que vos dirigem.

No caso dos greco-romanos, com mais razão essa influência se dava, em virtude da sintonia que proporcionavam, considerando os mortos como criaturas sagradas, tratando-os respeitosamente como bons, santos e bem-aventurados.

Concluindo, recordemos que o filósofo grego, Sócrates, era constantemente orientado pelo seu guia espiritual. Ele afirmava que desde a infância era seguido por um ser — que ele denominava de *Daimon* — quase divino, cuja voz o interpelava sobre essa ou aquela ação, orientando, muitas vezes o que deveria fazer e falar. Ele e seu discípulo Platão foram considerados por Allan Kardec os precursores do Espiritismo, pois muitos de seus ensinamentos assemelham-se bastante aos ditados pelos Espíritos ao codificador.

### 3.5 OS ORÁCULOS GRECO-ROMANOS

O dicionário do professor Aurélio Buarque de Holanda define *oráculo* como sendo: a) resposta de um deus a quem o consultava; b) divindade que responde a consultas e orienta o crente; c) palavra, sentença ou decisão inspirada, infalível, ou que tem grande autoridade e, finalmente, d) pessoa cuja palavra ou conselho tem muito peso ou inspira absoluta confiança. Aqui, a acepção que adotamos para o termo *oráculo* é aquela pessoa que serve de intermediário entre o mundo material e o espiritual, ou seja, o médium, que inspira confiança pelo dom que possui.

Na Grécia e em Roma, a crença nas evocações dos mortos era geral. Templos famosos, também denominados de oráculos, possuíam os chamados “pítons” ou as “pitonisas”, encarregados de profetizar evocando os deuses (Espíritos) para trazerem respostas às questões propostas. Às vezes o consulente queria, ele próprio, ver ou falar com a “sombra” (Espírito) desejada e conseguia-se colocá-lo em comunicação com o ser ao qual interrogava. Os oráculos eram também conhecidos, como já dissemos, pelos nomes de sibilas, magos adivinhos etc.

O mais famoso oráculo da antiguidade grega ficava no santuário de Apolo, em Delfos, localizado nas encostas do monte Parnaso, no golfo de Corinto. Nos séculos VII e VI a. C., chefes de Estado, legisladores e chefes militares iam àquele templo consultar o oráculo para tomar decisões importantíssimas referentes à política, à economia do Estado, às guerras a serem empreendidas e às questões de amor... A prática no intercâmbio entre os homens e os “deuses” era muito forte, mas a faculdade mediúnica como instrumento divino dado ao homem para ajudar no progresso não era assim reconhecida, sendo, portanto, maculada pelos médiuns e seus usufrutuários.

Os romanos também tiveram os seus oráculos famosos, chamados *arúspices*, que interpretavam as vontades dos “deuses” pelo exame das vísceras de animais sacrificados ou pelos fenômenos da natureza, como

raios, trovões e eclipses. A expansão do Cristianismo pôs fim à atividade dos oráculos.

### 3.6 O FUROR DOS DEUSES DA MESOPOTÂMIA

Mesopotâmia — nome grego que significa “*entre rios*” — era o nome dado ao antigo país situado na Ásia entre os rios Tigre e Eufrates, hoje o Iraque. Sua origem data de 7.000 a 5.500 a. C. Os povos que viveram nessa região foram os *sumérios*, os *abilônios* e os *assírios*. Os habitantes da Mesopotâmia eram politeístas, ou seja, acreditavam na existência de vários deuses. Na concepção destes povos, os deuses poderiam praticar coisas boas ou ruins com os seres humanos. Esses deuses representavam os elementos da natureza: água, ar, fogo e terra. Marduque era o deus protetor da cidade da Babilônia, durante o reinado de Hamurabi, o qual ficou famoso pela instituição de um código que recebeu o seu nome: Código de Hamurabi.

A religião dos babilônios tira suas características, bem como origem, da dos sumerianos. Isoladas, as tumbas de Ur atestam, por volta do ano 3.000, uma crença na sobrevivência integral no âmago do túmulo, dotado de provisões, joias e utensílios. [...] O babilônio teme os deuses e pede-lhes uma vida longa e feliz; um terror constante curva-o diante dos demônios e gênios que podem ser malfeitores; a noção de pecado é pouco difundida e a verdadeira piedade consiste em apaziguar os deuses, oferecendo-lhes sacrifícios, por vezes constringendo-os magicamente.<sup>46</sup>

Sem muito esforço, podemos deduzir que era significativa a submissão daquele povo à influência espiritual, chegando a fazer oferendas para comprar-lhes as benesses, prática que ainda hoje encontramos em rituais de origem africana, bem-aceitas no Brasil. Sabemos que os *deuses*, *demônios*, *heróis* e *gênios* dos babilônios nada mais eram que os Espíritos de seus contemporâneos, que se mantinham reféns das sensações materiais e, por isso, traficavam com os humanos que insistiam no conluio para dos desencarnados se aproveitarem. A certeza na sobrevivência da alma levou a que construíssem templos em formato de pirâmides (zigurates), onde as

almas consideradas deuses habitavam e podiam ser consultadas. Informamos o historiador Petit:

O povo jamais penetra o templo, e as relações com o deus apenas podem ter lugar mediante a intervenção dos sacerdotes [médiuns], o que confere a esta religião um aspecto hierático pouco favorável à piedade pessoal ou ao misticismo do fiel.<sup>47</sup>

Observamos mais uma vez que, na pré-história da mediunidade, segundo Kardec, o possuidor dessa faculdade era considerado detentor de um dom divino, adquirindo, nessa condição, poderes políticos, religiosos e sociais extraordinários.

Os mesopotâmios, mais especificamente os sumérios, merecem aqui um destaque especial pela inestimável contribuição que deram à humanidade com a invenção da escrita cuneiforme, por volta de 4.000 a. C., significando, em nosso entendimento, que a influência espiritual superior também teve oportunidade de se fazer presente. As invenções que beneficiam a humanidade, promovendo-lhe o progresso, tem sempre sua origem no mundo espiritual superior.

### 3.7 A MEDICINA DOS BABILÔNIOS E A CRENÇA NA ATUAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Os primitivos babilônios eram muito supersticiosos, como todos os demais povos da sua época. Acreditavam que hordas de Espíritos malévolos se escondiam na escuridão e cruzavam os ares, espalhando em seu caminho o terror e a destruição, para os quais a única defesa eram os sacrifícios e os sortilégios mágicos. Se o antigo povo babilônio não inventou a feitiçaria, foi ao menos o primeiro a lhe dar um lugar de grande importância, a ponto do desenvolvimento da demonologia e da bruxaria terem exigido leis que prescreviam a pena de morte contra seus praticantes. Há provas de ter sido muito temido o poder dos feiticeiros, ou seja, médiuns conluiados com os Espíritos trevosos.

A crença na atuação de uma força espiritual maligna, na origem das doenças, era fundamento básico na medicina dos babilônios.

Embora muitas vezes se valesse de recursos farmacológicos, o *médico sacerdote* babilônio nunca omitia o ingrediente místico do medicamento. O paciente não poderia pensar, portanto, que estivesse sendo curado pelas propriedades medicinais das ervas e das outras substâncias empregadas no preparo dos remédios. O remédio era apenas um agente do poder divino, que só o sacerdote podia aplicar na cura do mal.<sup>48</sup>

Diante disso, pode-se concluir que os babilônios alimentavam a concepção religiosa de que as enfermidades expressavam o castigo da divindade, ideia que muitos séculos depois vai ser acatada oficialmente pelos cristãos na Idade Média, para explicar as epidemias e a moléstias incuráveis. Os babilônios praticavam o augúrio — prognóstico feito pelos áugures (sacerdote que tirava presságios do canto e do voo das aves; agoureiro) —, para saber de qual moléstia se tratava e a qual entidade espiritual se deveria fazer tal ou qual sacrifício. Os médicos sacerdotes

eram médiuns, pouco ou nada sabendo das suas faculdades que, de alguma forma, contribuíram para aliviar os sofredores e alimentaram a certeza da presença de forças espirituais em suas vidas.

### 3.8 OS DRUIDAS CELTAS

Os celtas habitavam a [Gália](#) (*Gallia*, em [latim](#)), isto é, o território que hoje corresponde, aproximadamente, à [França](#), à [Bélgica](#) e à [Itália](#) na região Norte. Os gauleses (celtas) dividiam-se em diversas [tribos](#) ou [povos](#), por vezes federados, cada um com cultura e tradições originais. Os celtas foram um dos grandes povos da Europa, nos anos 600 a 50 a. C. Desde a Pré-História, vinham se espalhando por grande parte do velho continente ocidental, bem como pelo Leste e Oeste da Anatólia (atual Turquia), chegando até a Espanha e Grã-Bretanha. O imperador romano Caio Júlio César conquistou seus territórios para Roma em 52 a. C., quando os celtas estavam empenhados em uma unificação nacional. Porque as regiões onde viviam os celtas foram chamadas de Gálias, esse povo passou a ser conhecido como gauleses.

Os celtas possuíam grupos fechados de sacerdotes especializados em comunicações com o Além, chamados de *druidas e druidesas*: pessoas encarregadas das tarefas jurídicas, filosóficas e de aconselhamento dentro da sociedade [celta](#). Temos informações de que

os druidas comunicavam-se com o mundo invisível; mil testemunhas atestam. Nos recintos de pedra evocavam os mortos. As druidesas e os bardos proferiam oráculos. Vários autores referem que Vercingetórix<sup>49</sup> entretinha-se debaixo das ramagens sombrias dos bosques, com as almas dos heróis mortos em serviço da pátria. Antes de sublevar a Gália contra César, foi para a ilha de Sein, antiga residência das druidesas, e aí, ao esfuziar dos raios, apareceu-lhe um Gênio que predisse sua derrota e seu martírio.<sup>50</sup>

A escolha dos futuros sacerdotes era feita entre a classe aristocrática e, desde criança, o candidato já se submetia à rigorosa disciplina e intenso aprendizado junto aos druidas mais velhos. A sabedoria druídica já admitia a reencarnação, a inexistência de penas eternas, o livre-arbítrio, a

imortalidade da alma, a lei de causa e efeito e as esferas espirituais. André Moreil informa-nos que Hippolyte Léon Denizard Rivail adotou o pseudônimo de Allan Kardec por saber, por meio do seu Espírito protetor Z(éfiro), ter sido um sacerdote druida em uma existência anterior. 51

---

30 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Q. 161 e 165, 2013.

31 HINNELLS, John R. *Dicionário das religiões*. 1995.

32 XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Cap. 12, 2012.

33 GRANJA, Pedro. *Afinal, quem somos*. Cap. 1, 1982.

34 Nota do autor: Alma que tudo penetra e envolve e por largo tempo passa por inúmeras transformações. A Atman individual está aprisionada na matéria para se aperfeiçoar. (SCHLESINGER; PORTO, 1982).

35 Nota do autor: É o Espírito único que existe por si, pai e senhor de todas as criaturas. De sua substância brotaram as águas da vida (SCHLESINGER; PORTO, 1982).

36 AYMARD, A.; AUBOYER, J. *História geral das civilizações*. Cap. 2 (tomo 1), It. 5, 1965.

37 GIBIER, Paul. *O espiritismo: faquirismo ocidental*. Cap. 6, 2002.

38 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Cap. 5, 2013.

39 CHALLAYE, Félicien. *Pequena história das grandes religiões*. Cap. 3, 1962.

40 LORENZ, F. V. *A voz do antigo Egito*. Cap. 10, 2008.

41 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Cap. 4, 2013.

42 CHALLAYE, Félicien. *Pequena história das grandes religiões*. Cap. 3, 1962.

43 COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Cap. 1, 1961.

44 SUETÔNIO, *As vidas dos doze céсарes*. Cap. 1, “Caio César Calígula”, 1962.

45 COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. 1961.

46 PETIT, Paul. *História antiga*. Cap. 2, 1964.

47 Id. *Ibid*.

48 CIVITA, Roberto. *Medicina e saúde: história de medicina*. Cap. “A

medicina assírio-babilônica”, 1969.

49 Nota do autor: Chefe militar gaulês que, no início do ano 58 a. C., sublevou seus compatriotas contra a dominação romana, imposta por Caio Júlio César. Após diversas batalhas contra o poderio de César, Vercingetórix foi vencido e decapitado. É considerado um dos maiores heróis da história do povo gaulês.

50 DENIS, Léon. *Depois da morte*. Primeira parte, cap. 5, 2013.

51 MOREIL, André. *Vida e obra de Allan Kardec*. Cap. 3, 1986.

## CAPÍTULO 4

### A MEDIUNIDADE NA BÍBLIA

A *Bíblia* é, sem sombra de dúvidas, a fonte mais segura e abundante de relatos significativos para a história da humanidade, em que o fenômeno mediúnicos esteve sempre presente. A saga do povo israelita teve início com a saída de Abraão e toda sua tribo da cidade de Ur, na Mesopotâmia, em busca da *Terra Prometida*, sob a orientação de um Espírito denominado Javé, considerado por Abraão como sendo o próprio Deus único, criador de todas as coisas e todo poderoso. As grandes decisões dos patriarcas, dos juizes e dos reis do povo hebreu foram, na maioria das vezes, amparadas no aconselhamento dos profetas, médiuns inspirados por Javé.

Nada obstante os relatos da crença na continuidade da vida após a morte do corpo físico e os registros dos intercâmbios mediúnicos descritos na *Bíblia*, alguns estratos da religião católica e de outras denominadas cristãs insistem em negar os fatos lapidados naquele documento tão importante para a humanidade. Aqueles fenômenos foram estudados criteriosamente por Allan Kardec e outros estudiosos espíritas ou não. Temos, por exemplo, a afirmação de um eminente estudioso das religiões que, conduzido apenas pelo afã da pesquisa científica, assegura:

Os israelitas, nos tempos primitivos, partilhavam as crenças da humanidade sobre a sobrevivência dos mortos. Os mortos vivem num outro mundo, o Cheôl, *continuam a interessar-se pela sorte de seus descendentes*. Em Rama, local da sepultura de Raquel, Jeremias

ouve: “... uma queixa funérea, choros amargos: É Raquel que chora seus filhos. E recusa ser consolada (grifo nosso) (Jeremias, 31:15).<sup>52</sup>

Segundo Isaías, quando o rei da Babilônia desce para os mortos, estes o acolhem com palavras sarcásticas: “Que fizestes de tua magnificência, agora que o verme te cobre?” (Isaías, 14:9 e seguintes).

Dentro desse contexto, os mortos adquirem um poder e uma sabedoria sobre-humana, tornam-se espíritos: *eloim*. É esta a palavra empregada pela pitonisa consultada por Saul.<sup>53</sup>

Relacionaremos alguns fenômenos mediúnicos insertos nos Antigo e Novo Testamentos. Os textos apresentados foram colhidos da *Bíblia de Jerusalém*, Edições Paulinas, 1987.

## 4.1 FENÔMENOS MEDIÚNICOS NO ANTIGO TESTAMENTO

### 4.1.1 Materialização com voz direta (I Samuel, 28:11, 12 e 15)

*Relato:* Saul, em vésperas de uma batalha, consulta célebre pitonisa da época, desejando se aconselhar com a alma de Samuel, comandante dos exércitos de Israel, já sepultado em Ramatha, sua pátria natal. Ao solicitar à pitonisa o ansiado contato com o falecido, travou-se o seguinte diálogo:

Pitonisa:

— A quem chamarei para ti?

Saul:

— Chama Samuel.

Então a mulher viu Samuel e, soltando um grito medonho, disse:

— Por que me enganaste? Tu és Saul!

Saul:

— Não temas! Mas o que vêes?

Pitonisa:

— Vejo um espectro que sobe da terra.

Saul:

— Qual a sua aparência?

Pitonisa:

— É um velho que está subindo; veste um manto.

Então Saul viu que era Samuel e, inclinando-se com o rosto no chão prostrou-se.

Samuel (o Espírito materializado):

— Por que perturbas o meu descanso chamando-me? [...].

O leitor interessado poderá saber a continuação do diálogo entre o rei Saul e o Espírito.

Outro fenômeno de mesma natureza é narrado por um homem íntegro e reto chamado Jó:

— Ouvi furtivamente uma revelação, meu ouvido apenas captou seu murmúrio: numa visão noturna de pesadelo, quando a letargia cai sobre o homem, um terror apoderou-se de mim e um tremor, um frêmito sacudiu meus ossos. Um sopro roçou-me o rosto e provocou arrepio por todo o corpo. Estava parado — mas não vi seu rosto —, qual fantasma diante dos meus olhos, um silêncio... Depois ouvi uma voz: [...].

O leitor curioso poderá ler em *Jó*, 4:12 a 16 o que o Espírito materializado disse a ele. Por sinal um texto muito interessante.

Não há como negar que ambos os casos comprovam o fenômeno da materialização do Espírito com voz direta.

#### 4.1.2 Levitação (II Reis, 6:5 e 6)

*Relato:* Um lenhador estava cortando uma viga quando o machado soltou-se do cabo e caiu na água, e ele então gritou:

— Ai, meu senhor!

E um homem de Deus ali apareceu e indagou:

— Onde caiu?

E ele mostrou o lugar. Então Eliseu cortou um pedaço de madeira, jogou-o naquele lugar e o machado veio à tona. Disse então:

— Apanha-o. — E o homem estendeu a mão e o pegou.

Nesse caso a levitação se comprova de modo indiscutível e espetacular, quando o ferro do machado emergiu à superfície do rio.

### 4.1.3 Transporte (Ezequiel, 3:14)

*Relato:* O profeta assim diz:

— O espírito ergueu-me e me levou; eu fui, mas amargurado, com o espírito em fogo, enquanto a mão de *Iahweh* pesava sobre mim.

É ainda Ezequiel que nos brinda com mais um caso de transporte em 8:2 e 3:

— Olhei, e eis alguma coisa que tinha a aparência de um homem [...]. Ele estendeu o que parecia ser a forma de mão e me segurou por um tufo de cabelo. O espírito me levantou entre o céu e a terra e me trouxe a Jerusalém, em uma visão de Deus [...].

#### 4.1.4 Premonição (Isaías, 7:14 a16)

*Relato:* Isaías, profeta de primeira grandeza e clarividente incomum prevê, quase mil anos antes, a vinda de Jesus com as minúcias que, mais tarde, serviriam para identificar o tipo sublime do Mestre:

— Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel [Deus conosco]. Ele se alimentará de coalhada e de mel até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem. Com efeito, antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, por cujos dois reis tu te apavoras, ficará reduzida a um ermo.

#### 4.1.5 Vidência (Daniel, 8:15)

*Relato:*

Enquanto contemplava esta visão, eu, Daniel, procurava o seu significado. Foi quando, de pé diante de mim, vi uma como aparência de homem. Eu ouvi a voz humana sobre o Ulai [nome do rio onde se deu o fenômeno] gritando e dizendo: Gabriel, explica a este a visão! Ele dirigiu-se para o lugar. À sua chegada, fui tomado de terror e caí com a face por terra. Então ele me disse: filho, fica sabendo que a visão se refere ao tempo do Fim.

O mesmo Daniel em 10:5 afirma:

Levantei os olhos para observar e vi um homem revestido de linho, com os rins cingidos de ouro puro, seu corpo tinha a aparência do crisólito, e seu rosto o aspecto do relâmpago e seus olhos como lâmpadas de fogo [...]. *Somente eu, Daniel, vi esta aparição; os homens que estavam comigo não viam a visão [...]* (grifo nosso).

O destaque é importante, pois caracteriza o fenômeno como de vidência verdadeiramente, não podendo ser confundido com uma materialização, quando todos os presentes veriam o referido homem.

#### 4.1.6 Escrita direta (Daniel, 5)

*Relato:* Lá encontramos a comprovação do fenômeno da escrita direta por ocasião de banquete oferecido pelo rei Balthazar (filho de Nabucodonosor), ao qual compareceram mais de mil pessoas da corte. Bebiam e louvavam os deuses, quando

De repente, apareceram dedos de mão humana que se puseram a escrever, por detrás do lampadário, sobre o estuque da parede do palácio real, e o rei viu a palma da mão que escrevia. Então o rei mudou de cor, seus pensamentos se turbaram, as juntas dos seus membros se relaxaram e seus joelhos se puseram a bater um contra o outro.

O relato continua e o leitor poderá saber o que foi escrito pela mão materializada e as consequências daquele inusitado acontecimento.

O mais importante fenômeno de *escrita direta*, tanto para os hebreus como para toda a humanidade, foi o recebimento dos Dez Mandamentos — o Decálogo — pelo profeta de primeira grandeza Moisés, detentor de magníficas faculdades mediúnicas, no Monte Sinai. Não se pode negar que aquele documento foi resultado de um fenômeno mediúnico, tendo como médium o profeta Moisés, afirmação que se pode constatar em *Deuteronômio*, capítulo 5, e *Êxodo*, capítulos 20 e 34. Em resumo, sabe-se que o profeta foi chamado por Javé a subir o Monte Sinai. Após conversar com ele em cima do monte, Javé o presenteou com duas tábuas de pedra, *escritas pelo dedo de Deus* e não por Moisés, vale a pena frisar. Hoje se pode assegurar que as pedras foram grafadas pelo processo da escrita direta, fenômeno conhecido, também, pelo nome de pneumatografia.

Para o leitor se inteirar sobre a escrita direta, remeto-o à leitura da *Revista Espírita* do mês de agosto de 1859, publicada pela FEB, às páginas 309 a 316, contendo artigo escrito por Allan Kardec sob o título *Pneumatografia ou escrita direta*; e ao capítulo XII de *O livro dos médiuns*.

## 4.2 FENÔMENOS MEDIÚNICOS NO NOVO TESTAMENTO

A culminância dos fatos mediúnicos encontrados no Antigo Testamento se dá com a atuação de Jesus, o Médiu de Deus, cujos relatos constam dos quatro evangelhos, dos atos dos apóstolos e das epístolas apostólicas.

#### 4.2.1 Materialização ou aparição (Marcos, 16:9 a 11)

*Relato:*

Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele [Jesus] apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam. Eles, ouvindo que ele estava vivo e que fora visto por ela, não creram.

Outro fenômeno dessa natureza encontramos no evangelho de Lucas, 24:36 a 39. Relata o autor que os 11 Apóstolos estavam reunidos, falando sobre a volta do Mestre após o seu sepultamento, existindo entre eles os que ainda duvidavam por não ter informações muito seguras sobre o inusitado fato, quando Jesus se apresentou no meio deles: “A paz esteja convosco!”. Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um Espírito. Mas ele disse:

Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho.

Nos dois casos acima, Jesus se apresentou aos seus Apóstolos tal como as aparições estudadas por William Crookes (*Fatos espíritas*) e por Rafael Américo Ranieri (*Materializações luminosas*), nas quais o Espírito materializado pode ser tocado, apalpado, sentindo-se o calor de sua pele, dando a nítida impressão de que se trata ali de um corpo de carne e osso.

#### 4.2.2 Xenoglossia (Atos dos apóstolos, 2:1 a 4)

*Relato:* o povo judeu comemorava o resultado da colheita do trigo com uma grande festa realizada cinquenta dias após a Páscoa. Daí o nome *Pentecostes*, que significa “quinquagésimo dia”. Conta o apóstolo Lucas que

tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousavam sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem.

O texto bíblico esclarece, mais abaixo, que estavam presentes naquele momento, entre os judeus, vários povos que falavam línguas distintas, tais como os medos, elamitas, frígios, egípcios, líbios, romanos, cretenses, árabes e muito mais.

O fenômeno é perfeitamente esclarecido à luz da mediunidade xenoglóssica, ou seja, o médium tem potencial para falar num idioma que não é o seu. O assunto foi amplamente estudado pelo professor italiano Ernesto Bozzano, cuja obra *Xenoglossia* foi publicada pela FEB.

### 4.2.3 Mediunidade de cura (Atos dos apóstolos, 3)

*Relato:* Os apóstolos Pedro e João iam em direção ao Templo de Jerusalém quando observaram um homem sendo carregado, e ficam sabendo que era um aleijado de nascença. Este solicita que lhes deem uma esmola.

Pedro, porém, fitando nele os olhos, junto com João, disse-lhe: “Olha para nós!” Ele os olhava atentamente, esperando receber deles alguma coisa. Mas Pedro lhe disse: “Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, põe-te a caminhar!”. E tomando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante seus pés e calcanhares se firmaram; de um salto pôs-se em pé e começou a andar.

Allan Kardec, ao falar dos médiuns curadores no item 175 de *O livro dos médiuns*, afirma que certas pessoas têm o poder de curar “pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação”. Foi exatamente o que vimos acontecer com o aleijado de nascença, sendo curado apenas pelo olhar do apóstolo Pedro.

Lendo o romance biográfico *Paulo e Estêvão*, psicografado pelo saudoso médium Chico Xavier, sob a inspiração do Espírito Emmanuel, o leitor encontrará o convertido de Damasco realizando curas nas várias cidades por onde passava pregando a Boa-Nova.

#### 4.2.4 Vidência

*Relato:* em *A gênese*, capítulo XV, Kardec se detém na análise criteriosa dos denominados *milagres de Jesus* e os vê como manifestação do poder mediúnico que o Mestre dos mestres possuía. Alguns exemplos:

a) próximo a Jerusalém viu que numa determinada aldeia estava lá uma jumenta amarrada à sua espera. Enviou, então, dois de seus discípulos para que a trouxessem até ele para que, montando-a, fizesse sua entrada triunfante em Jerusalém. E assim foi (Mateus, 21:1 a 7).

b) estava o Mestre no Horto a orar, quando se levanta e alerta seus apóstolos de que sua hora era chegada, pois Judas se aproximava para lhe dar o beijo traiçoeiro e ordenar sua prisão, sendo Jesus levado pelos soldados de César (Mateus, 26:46 a 50).

c) Jesus acabara de pregar para os circunstantes às margens do lago de Genesaré, em cima de um barco de Pedro. Finda a pregação, pede o pregador ao Apóstolo que avance para o mar e lance suas redes. Simão Pedro disse-lhe que já havia tentado e nada conseguira, mas se o Mestre assim queria... A rede foi lançada e uma grande quantidade de peixes veio nela. Jesus, com sua vidência, identificara o cardume a ser pescado. O fato ficou registrado como sendo uma pesca milagrosa (Lucas, 5:1 a 7).

Nada mais atual a respeito do hábito dos primeiros cristãos em praticar a mediunidade do que o que lemos na *Primeira epístola aos coríntios*, capítulo 12, redigida pelo Apóstolo dos Gentios, demonstrando sua preocupação em levar entendimentos aos membros daquela igreja a respeito da diversidade das mediunidades. O Espírito Emmanuel, no livro *Seara dos médiuns*, psicografado por Chico Xavier, presenteia-nos com uma belíssima paráfrase — intitulada *Faculdades mediúnicas* — da epístola de Paulo:

“Há diversidade de dons espirituais, mas a Espiritualidade é a mesma.

Há diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor que a todos administra.

Há diversidade de operações para o bem; todavia, é a mesma Lei de Deus que tudo opera em todos.

A manifestação espiritual, porém, é distribuída a cada um para o que for útil.

Assim é que a um, pelo espírito, é dada a palavra da sabedoria divina, e a outro, pelo mesmo espírito, a palavra da ciência humana.

A outro é confiado o serviço da fé e a outro o dom de curar.

A outro é concedida a produção de fenômenos, a outro a profecia, a outro a faculdade de discernir os Espíritos, a outro a variedade das línguas e ainda a outro a interpretação dessas mesmas línguas.

No entanto, o mesmo poder espiritual realiza todas essas coisas, repartindo os seus recursos particularmente a cada um, como julgue necessário.”

Quem analise despreocupadamente o texto acima, decerto julgará estar lendo moderno autor espírita, definindo o problema da mediunidade; contudo, as afirmações que transcrevemos saíram do punho do apóstolo Paulo, há dezenove séculos, e constam no capítulo 12 de sua primeira carta aos coríntios.

Como é fácil de ver, a consonância entre o Espiritismo e o Cristianismo ressalta, perfeita, em cada estudo correto que se efetue, compreendendo-se na mensagem de Allan Kardec a chave de elucidações mais amplas dos ensinamentos de Jesus e dos seus continuadores.

Cada médium é mobilizado na obra do bem, conforme as possibilidades de que dispõe.

Esse orienta, outro esclarece; esse fala, outro escreve; esse ora, outro alivia.

Em mediunidade, portanto, não te dê à preocupação de admirar ou provocar admiração.

Procuremos, acima de tudo, em favor de nós mesmos, o privilégio de aprender e o lugar de servir.

Para não cansar o(a) leitor(a), encerraremos nossa pesquisa de fenômenos mediúnicos na *Bíblia*, indicando mais alguns momentos em que a mediunidade se manifestou estuante no Novo Testamento:

a) Filipe, na Samaria, retira Espíritos sofrendores de pobres obsessos, os quais vampirizavam (Atos, 8:7);

b) Saulo de Tarso desenvolve a vidência e vê o próprio Cristo, às portas de Damasco, e lhe recolhe as instruções (Atos, 9:3 a 7);

c) Jesus procura Ananias, médium vidente residente em Damasco, e pede-lhe socorro para Saulo (Atos, 9:10 e 11);

d) Na Antioquia um médium de nome Agabo incorpora um Espírito benfeitor que realiza importante premonição. (Atos, 11:27 a 29);

e) Ainda na Antioquia, vários instrumentos medianímicos aglutinados favorecem a produção da voz direta, consignando expressiva incumbência a Saulo e Barnabé. (Atos, 13:1 a 4);

f) Em Trôade, o Apóstolo da Gentilidade recebe a visita de um varão, em Espírito, a pedir-lhe concurso fraterno em Macedônia (Atos, 16:9 e 10).

A *Bíblia* está à espera de quem mais se interesse em estudá-la sem preconceitos e encontrar registrados os fatos que atestam o intercâmbio mediúnico, em especial nas páginas do Novo Testamento, sendo de grande importância para o espírita conhecê-lo. Por oportuno, lembramos o que diz o codificador na Introdução de *O evangelho segundo o espiritismo*:

Todo o mundo admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; mas muitos o fazem por confiança, baseados no que ouviram dizer ou sobre a fé em algumas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo

e menos ainda são os que a compreendem e sabem deduzir as suas consequências.

---

52 CHALLAYE, Félicien. *Pequena história das grandes religiões*. Cap. 9, 1962.

53 I SAMUEL, 13; ISAÍAS, 8:19.

## CAPÍTULO 5

### A NOITE DE MIL ANOS E A MEDIUNIDADE NA IGREJA

Alguns historiadores estigmatizaram a Idade Média como sendo uma *noite de mil anos* porque, dizem eles, naquele período houve pouquíssimo progresso intelectual, científico e artístico. Admitem que a ignorância se hospedava em todos os segmentos da sociedade de então e na grande maioria das atividades. A filosofia, a ciência e as artes foram monopolizadas pela Igreja, instalando essa uma teocracia mista com reis e imperadores, tendo ela poderes acima dos mandantes políticos. Ao povo pregava que os mandatários sentavam-se no trono pela vontade de Deus e que deviam, por essa razão, serem obedecidos cegamente. É o obscurantismo grassando entre os povos medievais. Contudo, um registro interessante é que, durante a Idade Média, a Igreja e seus profitentes se aprofundaram no estudo da *Bíblia*. Nessa fase da História, fora da Igreja, dos conventos e das ordens religiosas, poucos sabiam ler e escrever, significando que a grande multidão “lia” a *Bíblia* segundo a “leitura” que fazia a Igreja. Para que somente “os representantes de Deus na Terra” pudessem interpretar a *Bíblia*, a sua leitura pelo povo foi cassada pelo bispo de Roma, Gregório VII, em 1080. Depois o Papa Inocêncio III (1161–1216) vai seguir-lhe o exemplo e universalizar a proibição, alegando que tal prática era perigosa para os *simples e incultos*. O Evangelho ensina exatamente o oposto: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos” (Mateus, 11:25).

Os chefes da instituição que representava Jesus na Terra não se habituavam à pobreza e à simplicidade apostólica; pregavam os ensinamentos do Messias, mas não os viviam. Em verdade, trabalhavam para manter o povo simples na ignorância, promovendo, por isso, uma longa estagnação no processo evolutivo, estabelecendo o obscurantismo político e religioso, com exceção de poucos. A Filosofia passa a se denominar Teologia, a Ciência somente será aceita se tiver o aval dos teólogos, e os artistas se destacam na pintura e na escultura, oferecendo aos crentes a visão que tinham das cenas bíblicas, contribuindo com as pregações católicas. Embora a Igreja trabalhasse para impedir a manifestação e divulgação da mediunidade, esta se insurgia entre seus próprios membros, conforme assegura Emmanuel:

Espíritos heroicos e missionários, cuja maioria não se incorporou aos nomes da galeria histórica terrestre, exerceram a função de novos sacerdotes da ideia sagrada do Cristianismo, conservando-lhe o fogo divino para as futuras gerações do planeta. Subordinados, embora, à disciplina da Igreja Romana, eles ouviam no ádito do coração, a palavra eterna e suave do divino Jardineiro e sabiam, por isso, que a sua missão era a da renúncia, do sacrifício e da humildade. <sup>54</sup>

Do renomado pesquisador espírita e sempre lembrado Clóvis Tavares (1915–1984), que estudou os fenômenos psíquicos ocorridos na vida dos santos, os quais foram publicados no seu livro póstumo *Mediunidade dos santos*, editado pelo Instituto de Difusão Espírita (IDE), colhemos algumas informações sobre os fenômenos mediúnicos acontecidos no âmbito da Igreja, durante a noite de mil anos, e as oferecemos ao nosso leitor ou leitora, para que tenham uma noção da caminhada dessa faculdade extraordinária, que não tem nenhum preconceito, alcançando todos os credos, raças, sexos e idade, sem restrições às condições morais de quem é por ela escolhido. Vejamos:

## 5.1 SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1182–1226)

Era costume de Francisco orar numa capela abandonada dedicada a São Damiano. Certa feita suplicava conhecer qual a vontade de Deus sobre sua pessoa, quando ouve uma voz: “Não vês que a minha Igreja está a desabar? Vai, pois, e restaura-a para mim”. E por três vezes se repete o amargurado apelo. Foi, então, pela audiência que o jovem Francisco foi chamado ao apostolado, sendo canonizado pela Igreja como São Francisco de Assis pelos milagres realizados, porquanto é assim que a Igreja denomina os fenômenos mediúnicos devidamente estudados e esclarecidos por Allan Kardec.

## 5.2 SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA (1195–1232)

Afirmam os biógrafos que

No momento em que morreu, Antônio de Pádua apareceu em visão ao abade Gallo, em Vercelli. Saudou-o cortesmente e lhe disse: “Caro Abade, deixei o burrico em Pádua e agora vou para minha pátria”.

Mais tarde o abade recebeu a notícia da morte de Pádua. Esse é um caso de aparição no momento da desencarnação, profusamente estudado por Ernesto Bozzano em seu livro *A crise da morte*, editado pela FEB. O referido biógrafo, em seu livro *História de Santo Antônio*, observou que entidades devotadas ao mal se materializavam nas imediações de um convento. “Era um bando de malfeitores a devastar a seara de um dos principais amigos do convento”. E sob influência superior expulsava os Espíritos perturbadores do monastério com exortações austeras e pregava a eles o amor. A vidência e a materialização se conjugavam nesse fato.

### 5.3 SANTA BRÍGIDA (1302–1373)

Profetizando para o povo da Suécia, Brígida foi chamada de “correio a serviço de um grande Senhor”, porque transmitia ao povo palavras proféticas que ouvia das elevadas esferas espirituais. A servidora da Ordem Franciscana anunciou catástrofes para a sua pátria que se cumpriram. Brígida era arrebatada em êxtase quando orava e seu secretário Petrus Olai escrevia os ditados transcendentais ou mediúnicos. Seu biógrafo relata que ela, com a vidência apurada, viu à sua frente, transmitindo-lhe orientações e palavras de conforto, os Espíritos de João Evangelista, de São Lourenço, de São Francisco de Assis e tantos outros. Para a Igreja, tais entidades somente podem se tornar visíveis aos olhos de santos, não querendo reconhecer que são eles detentores da valorosa faculdade mediúnica para servir a humanidade. Diz mais o seu biógrafo que certa vez, quando Brígida estava orando na igreja do mosteiro, viu que ela se alçou no ar, carregada por forças invisíveis... Era a levitação tão bem estudada por Allan Kardec com as mesas dançantes.

## 5.4 SANTA CATARINA DE SIENA (1347–1380)

Joseph Husslein informa que, já aos 6 anos de idade, Catarina tinha manifestações visuais; que nas suas visões surgiram, além do divino Mestre, sua mãe Maria, os apóstolos Pedro e Paulo e, também, Maria Madalena. Catarina também ouvia o cântico dos bem-aventurados no Céu. Tais fenômenos fazem-nos lembrar dos médiuns Francisco Cândido Xavier, Yvonne do Amaral Pereira, José Raul Teixeira, Divaldo Pereira Franco e tantos outros que em nosso Brasil, se católicos, seriam considerados pessoas agraciadas com dons divinos especiais.

Na Idade Média, refugiando-se do anátema à mediunidade, somente em sociedades ultrassecretas os médiuns se reuniam para ouvir os Espíritos. Nesse período da História, milhares de vidas foram ceifadas sob a acusação de feitiçaria, de evocação dos mortos e de malignidade. Não obstante o testemunho da jovem Joana d’Arc (1412–1431), guiando o povo francês para se libertar do jugo político inglês, sob orientação de *suas vozes*, deixando clara a possibilidade da comunicação entre os *vivos* e os *mortos*, foi, por isso mesmo, condenada à fogueira da Inquisição. E a mediunidade continuou sendo mal compreendida, não estudada e perseguida; considerada uma chaga demoníaca, uma doença mental até a segunda metade do século XIX.

---

54 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Cap. 17, 2013.

## CAPÍTULO 6

### A MEDIUNIDADE NOS ALBORES DA MODERNIDADE

O progresso é força inelutável. Pode ser retardado, mas não estancado. A evolução intelectual durante a Idade Média andou vagarosamente, tal como um rio em planície, que vai, pacientemente, dando voltas, contornando os obstáculos ao seu curso, preferindo os declives que lhe permitam a construção de um leito, respeitando sempre a lei da gravidade, visando apenas ao objetivo maior: o oceano. O Espírito imortal, ao longo da sua caminhada progressiva, submete-se à sua condição mental para alcançar o oceano da sabedoria e navegar tranquilamente em direção à sua felicidade. Mas, felizmente, a história de nossas vidas não é construída somente por nós encarnados. Um número bem maior de seres espirituais nos acompanha e empenha-se incansavelmente pelo nosso avanço no leito da evolução intelectual. Confirmando a tese, informa o Espírito Emmanuel:

Em todo o século VI, de conformidade com as deliberações efetuadas no plano invisível, aparecem grandes vultos de sabedoria e bondade, contrastando a vaidade orgulhosa dos bispos católicos, que, em vez de herdarem os tesouros de humildade e amor do Crucificado, reclamaram para si a vida suntuosa, as honrarias e prerrogativas dos imperadores. Os chefes eclesiásticos, guindados à mais alta preponderância política, não se lembravam da pobreza e da simplicidade apostólicas, nem das palavras do Messias, que afirmara não ser o seu reino ainda deste mundo. 55

É na Idade Moderna que a faculdade mediúnica vai adquirir um pouco mais de aceitação por parte de alguns missionários, ainda membros da Igreja, que passaram a averiguá-la e estudá-la com mais atenção, embora ainda não a compreendendo satisfatoriamente. Foi o caso do padre Alonzo de Benavides (1578-1635), que estudou, sem preconceitos, o fenômeno da bicorporeidade e de vidência em Maria de Jesus de Agreda, nascida na cidade de Castela — Espanha —, em 1602, e que realizou trabalho excepcional como missionária no Novo México. Repasso o que diz Benavides sobre ela:

Certo dia, tendo-a o Senhor arrebatado em êxtase, no momento em que orava insistentemente pela salvação daquelas almas [gente do Novo México], Maria de Agreda sentiu-se de repente transportada para uma região longínqua e desconhecida, sem saber como. Achou-se, então, num ambiente que não o de Castela e experimentou os raios de sol mais ardentes que de costume. Homens de uma raça que jamais tinha encontrado estavam diante dela, e Deus lhe ordenava que satisfizesse seus caridosos desejos e pregasse a lei e a fé santa àquele povo.<sup>56</sup>

Mesmo diante do esforço da Espiritualidade maior no sentido de colocar dentro da Igreja médiuns seguros e responsáveis para demonstrar que a mediunidade é instrumento programado para o serviço do amor e do esclarecimento da criatura humana, e não virtude graciosa dos santos, não despertaram para essa realidade de forma plena, pois o peso da carne e o espesso arcabouço cultural fizeram com que esquecessem o que aprenderam e prometeram aos seus tutores antes de sua reencarnação. O abade Dégenettes nos dá um exemplo dessa dificuldade quando confessa:

Quando eu estava na Terra, trabalhava de corpo e alma para reconduzir os homens a Deus, mas tinha apenas uma ideia muito fraca da importância desta grande lei, pela qual todos os homens chegarão ao progresso. *A matéria impõe graves entraves, e nossos instintos muitas vezes paralisam os esforços de nossa inteligência.*

Quando, pois, de minha audição, eu não sabia bem em que pensar; mas vendo que a voz continuava a fazer-se ouvir, *conclui por um milagre*. Apesar disso, considerava-me como um verdadeiro instrumento, e tudo quanto obtive por esta intercessão me confirmava essa ideia. Pois bem! *De fato eu tinha sido um instrumento; mas não havia milagre; eu era um dos homens designados para trazer uma das primeiras pedras à doutrina, fornecendo a prova das comunicações espirituais*<sup>57</sup> (grifo nosso).

Mas, mesmo sufocadas pelo mito dos “dons divinos”, desde a Antiguidade, e pela interdição da Igreja à mediunidade, várias almas comprometidas com o Cristo deixaram suas pegadas na estrada da história do Espiritismo. Citamos algumas.

## 6.1 SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA (1499–1562)

Foi o grande amigo espiritual de Santa Teresa d'Ávila. Esta confessa que o via em espírito e que ele a consolava mais do que quando na vida corpórea, quando com ele convivia. Pedro era dotado de uma mediunidade rara. Conta seu biógrafo, frei Estefânio Piat, que certa vez o convento estava em chamas e ele investiu contra o fogo e o ordenou que cedesse e assim aconteceu. Afirmo que ele “Agarra com as mãos as traves em brasa e salva da destruição a capela de Nossa Senhora do Rosário, de onde já se pensava em retirar o Santíssimo Sacramento”.<sup>58</sup> Conta ainda o mesmo biógrafo que, sob a vista de testemunhas confiáveis, ele foi visto, quando em meditação, levitando em grande altura, que parecia elevar-se aos céus.

## 6.2 SANTA TERESA D'ÁVILA (1515–1582)

A primeira doutora da literatura religiosa na Espanha permanecia em transe sonambúlicos e estados catalépticos, enquanto seu espírito viajava pelos planos espirituais, recolhendo e trazendo informações superiores com que sustentou moralmente suas irmãs da Ordem das Carmelitas Descalças, por ela fundada, e a si mesma, a fim de superar as condições morais da época e estabelecer nobres e austeras linhas do dever cristão. Diz o seu biógrafo que:

Por meio de Teresa, a Igreja aprendeu uma vez mais que o Cristo era uma realidade viva, esse Cristo que os discípulos viram na estrada de Emaús, que Saulo de Tarso encontrara no caminho de Damasco [...].<sup>59</sup>

Mas o codificador faz ressalvas quanto às visões e narrativas dos extáticos, alertando que podem, de certa forma, ficarem condicionados às suas crenças e culturas ao descreverem o que veem e o que ouvem. Escreveu Kardec:

Santa Teresa é desse número. De acordo com a narrativa da santa, haveria cidades no Inferno: ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela longa e estreita como essas que existem em velhas cidades; percorreu-a horrorizada, caminhando sobre terreno lodoso e fétido, no qual pululavam monstruosos répteis. Foi, porém, detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela; abrigou-se num nicho da muralha, sem saber explicar a ocorrência. Era, diz ela, o lugar que lhe destinavam se abusasse, em vida, das graças concedidas por Deus em sua cela de Ávila.<sup>60</sup>

Na verdade, visitava ela as regiões espirituais umbralinas e descrevia, ao retornar ao corpo, como era o inferno segundo a concepção aprendida na Igreja.

### 6.3 PIO V ([1504](#)–[1572](#))

Enxergou psiquicamente a vitória dos seus exércitos, em Corinto, na célebre batalha de Lepanto,<sup>61</sup> que impedia o avanço dos turcos no Mediterrâneo, a 7 de setembro de 1571, apesar de encontrar-se em Roma. Kardec esclarece esse fenômeno em *O livro dos médiuns*, item 184, da seguinte forma:

O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as conseqüências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos.

## 6.4 SÃO JOÃO DA CRUZ (1542–1591)

Tal como Teresa, nasceu na Espanha, na província de Ávila. Logo cedo, ficou desiludido com o relaxamento da vida monástica em que viviam os conventos carmelitas. Decepcionado, tenta passar para a Ordem dos Cartuxos, ordem muito austera, na qual poderia viver a severidade da vida religiosa à qual se sentia chamado. Em setembro de 1567, encontra-se com Santa Teresa, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. O jovem de apenas 25 anos de idade aceitou o desafio. Trocou o nome para João da Cruz. Dizia ele que a contemplação não é um fim em si mesmo, mas deve conduzir ao amor e à união com Deus e, por último, deve levar à experiência dessa união à qual tudo se ordena. “Não há trabalho melhor” — confessava —, “nem mais necessário que o amor”, Santa Teresa d’Ávila considerava ele “uma das almas mais puras que Deus tem em sua Igreja”.

## 6.5 SÃO VICENTE DE PAULO (1581–1660)

Dotado de vidência, ao celebrar missa pelos mortos divisava quem precisava mesmo de suas orações. Tinha visões de Espíritos iluminados, tal como Chico Xavier, que via e conversava com Espíritos de elevada condição.

Pelos exemplos até aqui apresentados, podemos concluir que a Espiritualidade maior buscou a Igreja para nela introduzir Espíritos de escol por meio dos quais se manifestassem as virtudes ensinadas por Jesus em sua peregrinação pela Terra e esquecidas por aqueles que se diziam seus representantes. Era a Igreja que detinha os tesouros da ciência e da filosofia; dentro dela se encontravam os homens mais cultos daquele período, e os alicerces do Espiritismo necessitavam dessa cultura. Kardec<sup>62</sup> já reconhecia essa verdade, declarando que o Espiritismo se implantava por toda parte, principalmente nas classes cultas.

A mediunidade, em busca de sua identificação, contou com muitos trabalhadores fiéis ao Senhor. Presos, no entanto, aos seus arcabouços culturais, os resultados por eles manifestados foram sempre submetidos à visão de mundo de cada um deles e daqueles que interpretavam suas produções mediúnicas. Nada, no entanto, fora do contexto da realidade humana. Resta esperar que o Espírito evolua mentalmente e se esclareça para melhor compreender as coisas de Deus.

---

<sup>55</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Cap. 17, 2013.

<sup>56</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Nov. 1860, “Maria de Agreda — Fenômeno de bicorporeidade”, 2009.

<sup>57</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, ago. 1865, “Abade Dégenettes, médium”, 2009.

<sup>58</sup> TAVARES, Clovis. *Mediunidade dos santos*. Cap. 6, 1988.

<sup>59</sup> FULOP-MILLER, René. *Os santos que abalaram o mundo*. Cap. “Santa Tereza – a santa do êxtase”, 2011.

60 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Primeira parte, cap. 4, it 12, 2013.

61 Nota do autor: Conflito naval travado entre uma esquadra da Liga Santa, formada pela República de Veneza, Reino de Espanha, Cavaleiros de Malta e Estados pontifícios, sob o comando de João da Áustria, terminando por vencer o Império Otomano em 1571, ao largo de Lepanto, na Grécia, significando o fim da expansão do Islamismo no Mediterrâneo.

62 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. “Conclusão”, it. V, 2013.

## CAPÍTULO 7

### MOVIMENTOS RENOVADORES E A MEDIUNIDADE

*Nos albores do século XV, quando a idade medieval estava prestes a extinguir-se, grandes assembleias espirituais se reúnem nas proximidades do planeta, orientando os movimentos renovadores que, em virtude das determinações do Cristo, deveriam encaminhar o mundo para uma nova era. Todo esse esforço de regeneração efetuava-se sob o seu olhar misericordioso e compassivo, derramando sua luz em todos os corações. Mensageiros devotados reencarnam no orbe, para desempenho de missões carinhosas e redentoras.*<sup>63</sup>

Nesses movimentos, a França se destaca, tendo entre seus pensadores mais importantes figuras como Voltaire, Montesquieu, Diderot e Jean-Jacques Rousseau. Outros expoentes do movimento foram Kant, na Alemanha; David Hume, na Escócia; Cesare Beccaria, na Itália; Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, nas colônias britânicas. Todos eles divulgaram pensamentos novos, desafiando seus contemporâneos à reflexão das razões da vida e de suas manifestações. Ensaio de humanidade surge no chamado *despotismo ilustrado ou esclarecido*, em que os tiranos admitem certos direitos aos seus governados, encontrando-se entre eles *Catarina II*, da Rússia (1729–1796), que é chamada às pressas para ver o seu sócia fantasma, uma entidade materializada que se demorava em seu trono, sendo cercado pela guarda do Palácio. O “fantasma” alvejado por dois tiros de fuzil pelos seus guardiões desfez-se sem deixar sinal de sua

presença. O fato levou a rainha a profundas reflexões. Não se tem dúvida que sua mediunidade influía consideravelmente em sua postura diante dos seus súditos.

O chamado *Século das Luzes* não poderia ter nome tão apropriado, se considerarmos que a influência espiritual encontrava ressonância em algumas mentes que atuaram no declínio da centralização de poder da Igreja e no crescimento do secularismo atual, quando a mediunidade se espraiava com menos dificuldade, embora não sendo identificada como tal. Segundo afirmamos acima, o centro do Iluminismo foi a França, tendo como palco os *salões* e culminando com a publicação da grande *Encyclopédie* (1751–1772), editada por Denis Diderot (1713–1784), com a contribuição de dezenas de filósofos, estando entre eles Voltaire (1694–1778) e Montesquieu (1689–1755), e muito outros líderes intelectuais. Naqueles mesmos *salões* teria lugar o fenômeno das mesas girantes, que dá origem ao Espiritismo codificado por Allan Kardec.

Cabe aqui reservar um espaço para Emmanuel Swedenborg (1688–1772), um dos homens mais eminentes do *Século das Luzes* segundo Kardec:

[...] por mais refutável que seja (sua obra sobre o mundo dos Espíritos), nem por isso deixará de ser um dos homens mais eminentes do seu século. [...] Destacou-se em todas as ciências, especialmente na Teologia, na Mecânica, na Física e na Metalurgia. Sua prudência, sabedoria, modéstia e simplicidade lhe valeram a alta reputação de que ainda hoje desfruta.<sup>64</sup>

Foi quem primeiro estudou com metodologia os fenômenos mediúnicos, após o afloramento de sua mediunidade em Londres. Estando plenamente afinado com a teologia bíblica, suas obras estão embasadas nos simbolismos judaicos e católicos. Entre elas, a mais conhecida é *O céu e o inferno*, que não deve ser confundida com o monumental livro de Allan Kardec. Maiores informações sobre Swedenborg o leitor ou a leitora encontrará na citada revista. Cabe-nos aqui lhe fazer justiça pelo empenho

em desvendar o mundo espiritual que, infelizmente teve sua visão obnubilada pelo forte animismo. Lamenta o codificador:

Ele cometeu um equívoco dificilmente perdoável, não obstante sua experiência das coisas do mundo oculto: *o de aceitar cegamente tudo quanto lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão* (grifo nosso).<sup>65</sup>

Na galeria daqueles que são testemunhos da peregrinação da mediunidade até aquele que a estudaria, a compreenderia e a colocaria em seu verdadeiro pedestal, cabem mais alguns:

## 7.1 SÃO JOÃO BATISTA MARIA VIANNEY — CURA D'ARS (1786–1859)

Era ouvido por mais de 20 mil pessoas, anualmente, que o procuravam a fim de encontrar a paz ao escutar sua palavra. Era um daqueles missionários que vinham tanger as nuvens do obscurantismo medieval — que ainda teimavam em permanecer nos céus da nova era —, iluminando as mentes dos simples e humildes de coração. Extraordinário vidente, colocava sempre sua faculdade a serviço do bem. No capítulo VIII de *O evangelho segundo o espiritismo*, item 20, o leitor se encantará com uma mensagem do Espírito Cura d'Ars.

## 7.2 ABRAHAM LINCOLN (1809–1865)

Ex-presidente dos Estados Unidos da América, realizava sessões mediúnicas na Casa Branca. Ele mesmo era dotado de faculdade mediúnica, chegando ao ponto de antever a sua morte, ocorrida no dia 15 de abril de 1865.

### 7.3 HARRIET BEECHER STOWE (1811–1896)

Psicografou o conhecido livro *A cabana do pai Tomás*. Disse ela: “Este livro não foi escrito por mim. Não fiz outra coisa senão tomar nota do que me diziam”. O livro tem como tema a busca da liberdade por aqueles que não a possuíam, os escravos. Era, sem dúvida, a Espiritualidade maior vindo em socorro de todos nós pela mediunidade de Harriet.

## 7.4 RAINHA VITÓRIA (1819–1901)

A soberana que mais tempo permaneceu no poder inglês. Durante trinta anos, manteve diálogos com o falecido esposo Alberto, por meio do médium John Brown. As grandes decisões do seu governo tiveram a participação direta do Espírito de seu marido.

---

63 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Cap. 20, 2013.

64 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Nov. 1859. “Swedenborg”, 2009.

65 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Nov. 1859. “Swedenborg”, 2009.

## CAPÍTULO 8

### A MEDIUNIDADE NO BRASIL

A mediunidade no Brasil já estava presente e estuante entre os nossos silvícolas, quando chegaram aqui os colonizadores portugueses. Informações deixadas por aventureiros e pesquisadores do período colonial relatam que a maioria das tribos do Brasil, quando do seu descobrimento, acreditava na existência da vida além-túmulo, na reencarnação e rendia culto às almas dos mortos e às divindades. “A partir da ideia entre eles da recompensa e da punição de cada um segundo os seus atos, podemos concluir, por dedução, que eles acreditavam em uma vida após a morte”.<sup>66</sup>

Acreditavam, também, na existência do princípio do mal na personalidade de *Anhangá*, e no princípio do bem, identificado como *Tupã*. Essas informações nos levam a deduzir que a interlocução entre os índios e seus antepassados era fato consumado. Algumas entidades espirituais do convívio deles marcaram o inconsciente coletivo e se incorporaram à cultura popular brasileira, estando entre elas o *Boitatá*, o *Caipora*, o *Curupira*, o *Jurupari* e a *Iara*.

Hans Staden, pesquisador alemão que fora aprisionado pelos tupinambás no litoral fluminense, em 1554, ao retornar para o seu país, escreveu um livro sobre o Novo Mundo. Ele faz relatos interessantes sobre os hábitos dos indígenas brasileiros. Escolhemos dele uma afirmação que nos certifica do constante contato dos silvícolas brasileiros com as entidades do mundo invisível:

Acreditam na imortalidade da alma e são afligidos por um espírito maligno a que chamam “Kaagere”, que lhes surge sob a forma de quadrúpede, ou ave, ou qualquer estranha figura. Credo na imortalidade da alma, no trovão e nos espíritos malignos que os atormentam, tenho que uma semente de religião brotaria neles, não obstante as trevas em que vivem.<sup>67</sup>

Em cada uma das comunidades indígenas, havia um personagem muito importante que era o “pajé”, um verdadeiro médium que invocava os nativos desencarnados. Mas a mediunidade não era privilégio somente deles, pois outros ameríndios demonstravam, pelos seus comportamentos, ter aquela faculdade.

Entre as tribos primitivas, foram registrados vários movimentos messiânicos em que um determinado índio era o líder e sempre se dizia enviado por Deus, por Maria ou sendo a reencarnação de heróis tribais. A proposta era sempre a de combater os estrangeiros e o Cristianismo. Era a manifestação mediúcnica de baixa vibração naqueles líderes. E não nos parece muito difícil explicar esse fato à luz do Espiritismo: os índios escravizados e assassinados pelos “brancos”, desencarnando em péssimas condições emocionais, mantinham-se revoltados contra os que lhe fizeram mal em nome de Jesus, impondo-lhes as crenças católicas. Os padres, com raras exceções, eram considerados inimigos mortais dos índios, por não lhes respeitarem as tradições.

Em 1779, foi um índio criado nas missões franciscanas entre os guaraius que anunciou, por meio de bastões de dança, que os índios deviam abjurar o Cristianismo e acompanhá-lo em busca do grande Antepassado, que os levaria ao paraíso, mas por isso deviam abandonar as roupas europeias, retomar a poligamia e dançar dia e noite.<sup>68</sup>

Diante de tanto ódio, os índios desencarnados, encontrando canais mediúnicos em seus irmãos tribais e ressonância de pensamentos, buscavam

a vingança. Em razão desse processo, encontramos exemplos de obsessão coletiva entre eles. Alguns chefes de tribo incitavam os índios a abandonar o trabalho, dançar e esperar, pois uma espécie de *Idade de Ouro* estaria para chegar. Analisemos o excerto abaixo:

Acabando de falar o feiticeiro, começam [os presentes] a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores de seu corpo, que *parecem endemoninhadas*, deitando em terra, e *escumando pelas bocas* e nisto lhes persuade o feiticeiro que então *lhes entra a santidade*<sup>69</sup> (grifo nosso).

Era o momento da incorporação das entidades obsessoras naqueles médiuns despreparados. Vejamos mais um exemplo de obsessão entre nossos índios, confirmando, mais uma vez, a mediunidade em ação:

Por volta de 1590 um indígena educado na aldeia jesuítica de Pinheiro *fez-se passar por santo* reunindo à sua volta muitos fiéis. Um dia assaltou a aldeia à frente dos adeptos, entrou na igreja, decapitou a imagem da Virgem e entronizou-se no altar, *declarando que era ele a Santa Maria*<sup>70</sup> (grifo nosso).

Sobre a prática da mediunidade no Brasil Colônia, lembramo-nos dos navios negreiros que aqui chegavam entre os séculos XVI e XIX, trazendo mais do que africanos para trabalhar como escravos: em seus porões, viajava também uma religião estranha aos portugueses, considerada feitiçaria. Foi ela que, pouco a pouco, se transformou numa das religiões mais populares do país, o Candomblé, cujos deuses (Espíritos) são chamados de orixás, dando origem aos famosos terreiros em todo o país. A repressão, promovida pela Igreja, desses rituais, considerados heréticos, obrigou os negros a dissimularem suas práticas primitivas entre as dos católicos, dando origem ao sincretismo religioso, onde os deuses dos escravos foram travestidos de santos que ocupavam os altares das igrejas. Os terreiros afro-brasileiros formam hoje um complexo sociopolítico-religioso, dando mostras da espiritualidade do povo brasileiro, que se

expressa de variadas maneiras, manifestando, antes de tudo, a tolerância religiosa em nosso país.

Em relação às práticas mediúnicas no segmento da sociedade abastada do Rio de Janeiro, informa o *Anuário Espírita de 2003* que foram registradas informações sobre reuniões, em que se falava de “mesas girantes”, realizadas na residência do comerciante português José Smith Vasconcellos, o Barão de Vasconcellos (1817–1903). Relata, ainda, que se têm notícias de reuniões de experimentação mediúnica ocorridas no Rio de Janeiro pelo médico homeopata, historiador e político alagoano Alexandre José de Mello Moraes (1816–1882), com o qual se reuniam o político pernambucano Pedro de Araújo Lima, o Marquês de Olinda (1793–1870), o bacharel em leis e político mineiro José Cesário de Miranda Ribeiro, o Visconde de Uberaba (1792–1856), dentre outros. Observamos que o Espiritismo encontrou guarida, em seus primeiros momentos aqui no Brasil, nas classes mais privilegiadas da sociedade brasileira, fenômeno comum também na Europa. Pelos menos uma razão muito forte existia para isso: os livros que aqui chegavam, tratando de Espiritismo, estavam escritos em francês, idioma que o povo simples não lia.<sup>71</sup>

Um testemunho bastante significativo da prática mediúnica, com ares de messianismo, encontramos por volta de 1857, nos arredores de Campinas (SP), onde se instalou um português chamado Faria, apresentando-se como o Messias; dizia que viera restabelecer a religião na terra, *curando os doentes e ressuscitando os mortos* (!). Formou em torno de si um grupo, dentre os quais distinguiu 12 apóstolos. Acusado de revolucionar a região, foi enviada, de São Paulo, uma força militar contra ele, prendendo-o e condenando-o a seis meses de cadeia. Os adeptos, vendo que as promessas extraordinárias do líder não se cumpriam, perderam e fé e se dispersaram.<sup>72</sup>

Além dos fenômenos mediúnicos registrados entre os silvícolas, escravos e colonizadores, outros de elevada significação histórica se deram em nosso Brasil. Para se ter certeza disso, é suficiente ler a obra

psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, sob a inspiração do Espírito Humberto de Campos, intitulada *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Lá tomamos conhecimento de que importantes decisões sociais e políticas da história do nosso país foram tomadas sob a tutela da forte e decisiva influência espiritual.

Somente em 1865, mais precisamente, no dia 17 de setembro, em Salvador (BA), teve lugar uma autêntica reunião espírita sob a direção do jornalista baiano Luís Olímpio Teles de Menezes, já instruídos os seus participantes com as seguras informações de *O livro dos médiuns*, de Allan Kardec. Em 1869 aquele pioneiro criou o primeiro periódico espírita do Brasil, *O Eco d'Além Túmulo*, que circulou durante pouco mais de um ano. Nada obstante, era o início do grande Movimento Espírita brasileiro!

---

66 OLIVEIRA, Frei Hermínio B. de. *Formação histórica da religiosidade popular no Nordeste*. Cap. 3, 1985.

67 LACERDA FILHO, Licurgo S. de. *Os primeiros anos do espiritismo e a mediunidade no Brasil*. Cap. 1, 2005.

68 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. Cap. 1, It. I (2P), 1965.

69 Id. Ibid., p. 143.

70 Id. Ibid., p. 146.

71 LACERDA FILHO, Licurgo S. de. *Os primeiros anos do espiritismo e a mediunidade no Brasil*. Cap. 4, v. 5, 2005.

72 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. “Apêndice”, 1965.

## CAPÍTULO 9

### A MEDIUNIDADE COM ALLAN KARDEC NA SPEE

*[A mediunidade] é um dom de Deus, que se pode empregar tanto para o bem quanto para o mal, e da qual se pode abusar. Seu fim é pôr-nos em relação direta com as almas daqueles que viveram, a fim de recebermos ensinamentos e iniciações da vida futura. [...].<sup>73</sup>*

Até aqui apresentamos os passos da mediunidade na esteira do tempo, no intuito de demonstrar que essa faculdade sempre esteve presente entre nós, nada obstante nossa ignorância sobre seu valor e sua finalidade para o progresso da humanidade em todos os sentidos. Neste capítulo trataremos do encontro dessa sublime faculdade psíquica com o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, lembrando que seu primeiro *tête-à-tête* com os Espíritos se deu no início da segunda metade do século XIX, precisamente em 1855, em Paris, França. É o próprio quem relata em *Obras póstumas*:

Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula, Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. de Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom muito diverso. O Sr. Pâtier era um funcionário público, já de certa idade, homem muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências, que se realizavam na casa da Sra. de Plainemaison, Rua Grange-Batelière, nº 18, aceitei imediatamente. A

reunião foi marcada para a terça-feira de maio, às oito horas da noite.<sup>74</sup>

Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais, que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti, então, a alguns ensaios, muito imperfeitos de escrita medianímica numa ardósia, com auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. *Entrevi, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, e como que revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo*<sup>75</sup> (grifo nosso).

Muitos, como já vimos, foram chamados ao longo dos séculos, direta e indiretamente, a presenciar os fenômenos mediúnicos e, no entanto, não os viram como os viu o professor Rivail. Muitos chamados, mas somente ele o *escolhido!* Não por Graça divina, mas pela sua prontidão espiritual e disposição de *carregar a sua cruz*, seguindo o Cristo, assertiva que pode ser comprovada pela sua confissão e rogativa a Jesus, ao assumir a responsabilidade de se tornar o arauto do Espírito de Verdade:

Senhor! Se vos dignastes lançar os olhos sobre mim para o cumprimento de vossos desígnios, que seja feita a vossa vontade. A minha vida está em vossas mãos, disponde do vosso servidor. Em presença de uma tão grande tarefa, reconheço a minha fraqueza; minha boa vontade não faltará, mas, talvez, as minhas forças me trairão. Supre a minha insuficiência; dai-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Sustentai-me nos momentos difíceis, e com a vossa ajuda, e a de vossos celestes mensageiros, esforçar-me-ei para corresponder aos vossos objetivos.<sup>76</sup>

O Mestre de Lyon manteve-se firme em sua promessa de *estudar a fundo* os fenômenos presenciados nas reuniões realizadas na casa do Senhor Baudin, cujas médiuns eram as adolescentes Julie Baudin e Caroline

Baudin, que muito contribuíram para que os Espíritos dessem respostas sérias e valiosas aos questionamentos feitos pelo professor Rivail. Com as respostas obtidas e confrontadas com as de outros médiuns espalhados por toda a Europa e outras partes do mundo, estabelecendo, assim, o princípio da *universalidade do ensino dos Espíritos*, ele publicou, em 1857, *O livro dos espíritos*, sob o pseudônimo de Allan Kardec. Surgia no cenário mundial um novo homem que daria início à construção de uma nova era na história da humanidade.

## 9.1 A SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS – SPEE

O sucesso alcançado com a publicação de *O livro dos espíritos* despertou em Kardec uma justa preocupação: as manifestações mediúnicas pelas quais a Terceira Revelação seria dada ao homem não deveriam ser realizadas em ambientes restritos, não obstante a seriedade com que aconteciam. Não bastava a ele ser honesto; era necessário não dar motivos para o descrédito sobre o intercâmbio mediúnico. Acreditou que a melhor maneira de pesquisar esse mundo que se abria diante da humanidade, de estudar os procedimentos para o relacionamento com os desencarnados e de difundir os ensinamentos dos Espíritos superiores não seria nas reuniões onde mesas girantes atendiam aos interesses mesquinhos de curiosos e irresponsáveis. As reuniões espíritas deveriam ser levadas a efeito em instituição especialmente criada para esse objetivo, a fim de evitar a frivolidade e a interferência de contingências da vida privada dos participantes. A divina faculdade necessitava urgentemente do seu templo e de uma equipe de homens sérios e estudiosos, para que fosse aceita como o portal de luz por onde deveriam cruzar as verdades do mundo espiritual. Com esse propósito, Allan Kardec fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – SPEE.

Na *Revista Espírita* de maio de 1858, página 233 (FEB), ele dá ciência da criação da Sociedade, nos seguintes termos:

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Fundada em Paris no dia 1º de abril de 1858 e autorizada por portaria do Sr. Prefeito de Polícia, conforme o aviso de S. Exa. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral, em data de 13 de abril de 1858.

E justifica o ato:

A extensão por assim dizer universal que tomam diariamente as crenças espíritas fazia desejar vivamente a criação de um centro

regular de observações. Esta lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de esclarecimento, contou, desde o início, entre os seus associados, com homens eminentes por seu saber e por sua posição social. Estamos convictos de que ela está chamada a prestar incontestáveis serviços à constatação da verdade. Sua lei orgânica lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não haverá vitalidade possível; está baseada na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estranhos que se interessam pela Doutrina Espírita terão um centro ao qual poderão dirigir-se e comunicar suas próprias observações.

A SPEE, com base no seu Estatuto, torna-se a primeira Instituição genuinamente espírita e regularmente constituída no mundo. Para informações mais robustas a respeito, remetemos os leitores ao capítulo XXX de *O livro dos médiuns*. Inicialmente a SPEE ficou sediada na Rua de Valois, nº 35 — Bairro Palais-Royal, em Paris, mas, a partir de 20 de abril de 1860, ela foi definitivamente instalada num imóvel alugado na Rua Sainte-Anne, nº 59, para onde, dois meses depois, foi transferida a redação da *Revista Espírita*. O relatório de abril de 1862, publicado no mencionado periódico, assegura que a Sociedade experimentou considerável crescimento nos dois primeiros anos de funcionamento. Contava, então, com 87 sócios efetivos pagantes, contando entre eles cientistas, literatos, artistas, médicos, engenheiros, advogados, magistrados, membros da nobreza, oficiais do exército e da marinha, funcionários civis, empresários, professores e artesãos. O número de visitantes chegava a quase 1.500 pessoas por ano.

Kardec, na condição de presidente da SPEE, fatigado com o excesso de trabalho e aborrecido com as querelas administrativas, algumas vezes externou o desejo de renunciar. Instado, porém, pelos mentores espirituais, continuou no exercício da presidência até a data de sua desencarnação.

Rigorous no cumprimento das disposições estatutárias e na disciplina na condução das atividades realizadas na SPEE, exigia de todos os participantes extrema seriedade. Essa sua conduta muito contribuiu para dar credibilidade à instituição e aos seus pronunciamentos acerca dos assuntos tratados. Era extremamente prudente e austero nos pareceres exarados e nunca permitiu que a Sociedade se tornasse arena de controvérsias e debates estéreis. Sempre que entendia oportuno, repetia: *Suas sessões não são um espetáculo; devem ser assistidas com recolhimento. Aqueles que só buscam distrações não devem vir procurá-las numa reunião séria.* É nesse ambiente de seriedade e de cunhos religioso e científico que vai ser elaborado um importante tratado de psiquismo: *O livro dos médiuns!*

## 9.2 O LIVRO DOS MÉDIUNS

Não é encontrado, até então, um livro que apresente o estudo e a prática da mediunidade, de forma científica e sistematizada como *O livro dos médiuns*. A partir dele a faculdade mediúnica foi orientada para uso consciente a serviço do bem e do progresso moral e espiritual da humanidade. Sua tese é a da existência do perispírito ou corpo energético dos Espíritos. A partir da comprovação da existência do perispírito, a obra se aprofunda e explica toda a fenomenologia espírita. Ao anunciar a publicação do livro, esclarece o autor:

O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldades do que geralmente se pensa, e os escolhos aí encontrados são numerosos. É isso que ocasiona tantas decepções aos que dele se ocupam, sem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi o de prevenir contra esses escolhos, que nem sempre deixam de apresentar inconvenientes para quem se aventure sem prudência por esse terreno novo. Não podíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com o cuidado que a sua importância reclama.<sup>77</sup>

Eis o porquê da *complexidade da prática mediúnica*, pois ela exige dos seus experimentadores o conhecimento básico das leis de seu funcionamento, para bem ser aproveitada. Por essa razão *O livro dos médiuns* se torna um manual indispensável aos que se dedicam ao intercâmbio mediúnico e, essencialmente, àqueles que têm a responsabilidade de conduzir os médiuns à educação e ao desenvolvimento de suas faculdades, objetivando a que contribuam eficientemente com trabalho de assistência espiritual por meio da desobsessão, considerando que:

Nenhuma outra obra, até o momento, penetrou tão fundo as investigações, na palpitante questão dos médiuns, da mediunidade,

dos efeitos morais do exercício mediúnico, seus perigos e bênçãos, oferecendo os mesmos excelentes e seguros resultados.<sup>78</sup>

*O livro dos médiuns* classifica a mediunidade segundo os seus efeitos, determinando que eles poderão ser de duas ordens: os objetivos, também conhecidos como de efeitos físicos; e os subjetivos, ou de efeitos intelectuais. Os primeiros sensibilizam diretamente os órgãos dos sentidos; os demais atuam na esfera subjetiva, quando os cinco sentidos não cooperam para a sua apreensão plena, sendo indispensável o conhecimento dos princípios que os regem, do bom senso e, antes de tudo, de sensibilidade psíquica ou extrassensorial. Elencamos a seguir, de forma resumida, as mediunidades catalogadas por Allan Kardec a seu tempo.

### 9.2.1 Mediunidade de efeitos físicos

Os médiuns detentores dessa faculdade favorecem a realização dos seguintes fenômenos:

- a) Bilocação ou bicorporeidade** – aparecimento do Espírito do médium desdobrado sob forma materializada, em lugar diferente ao do corpo.
- b) Escrita direta** – palavras, frases, mensagens, escritas sem a utilização da mão do médium.
- c) Levitação** – erguimento de objetos e/ou pessoas, contrariando a Lei da Gravidade.
- d) Materialização** – de objetos, de Espíritos etc.
- e) Sematologia** – Movimento de objetos sem contato físico, traduzindo uma vontade, um sentimento etc.
- f) Tiptologia** – Sinais por pancadas formando palavras e frases inteligentes.
- g) Transfiguração** – modificação dos traços fisionômicos do próprio médium.
- h) Transporte** – entrada e saída de objetos de recintos hermeticamente fechados.
- i) Voz direta** – vozes dos Espíritos que soam pelo ambiente, através de uma garganta ectoplasmática.

## 9.2.2 Mediunidade de efeitos intelectuais

Os médiuns detentores dessa faculdade favorecem a realização dos seguintes fenômenos:

**a) Intuição** – A alma do médium capta o pensamento do Espírito e o transmite. Nessa situação o médium tem consciência do que fala ou escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento.

**b) Vidência** – Faculdade anímica ou mediúnica que permite a uma pessoa perceber imagens da vida espiritual, e mesmo da vida corpórea, independentemente do tempo e da distância.

**c) Audiência** – Faculdade anímica ou mediúnica que permite a uma pessoa escutar os sons do mundo espiritual.

**d) Desdobramento** – O Espírito do médium liberta-se parcialmente e vai a lugares, distantes ou não, e descreve o que vê e o que faz.

**f) Psicografia** – O médium escreve sob a influência dos Espíritos, variando o seu grau de consciência e a velocidade da escrita.

**g) Psicofonia** – O médium, influenciado pelos Espíritos fala, discursa, variando o seu grau de consciência.

**h) Inspiração** – Aquele para o qual os Espíritos sugerem ideias contrariando, muitas vezes, sua vontade.

**i) Pressentimento** – O que tem vaga intuição de coisas vulgares que acontecerão.

A mediunidade de efeitos intelectuais é a que verdadeiramente tem contribuído para escoar as revelações e os conhecimentos da Espiritualidade superior pela psicofonia e pela psicografia essencialmente. O codificador disse com sabedoria que, de todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. A psicografia permite se estabeleçam com os Espíritos relações continuadas e regulares, nas quais melhor revelam sua natureza e o grau de seu

aperfeiçoamento ou de sua inferioridade. É aquela a faculdade mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício. Por elas as comunicações de Além-túmulo se tornam sem limites. Pela escrita tem-se a possibilidade de analisar meticulosamente o conteúdo da mensagem e identificá-la com seu autor nominal ou admitir que ela esteja à altura do presumido inspirador.

Ainda no conjunto da mediunidade de efeitos intelectuais devemos destacar a de psicofonia, pela qual os médiuns permitem que Espíritos sofredores e equivocados quanto à lei de causa e efeito sejam socorridos e esclarecidos nas reuniões mediúnicas de caridade. Necessário se diga, também, da importância da mediunidade de inspiração e de intuição, pela qual os Espíritos colaboram com aqueles que usam a fala na divulgação do Espiritismo e no esclarecimento e consolação dos encarnados.

Permitam-me os leitores que, antes de terminarmos este item, alinhemos alguns conceitos sobre essa sublime e generosa faculdade.

É uma missão de que se incumbiram e cujo desempenho os faz ditos. São os intérpretes dos Espíritos com os homens.<sup>79</sup>

[...] a mediunidade é um dos meios de ação por que se executa o plano divino [...].<sup>80</sup>

A mediunidade, considerada como faculdade da alma, a manifestar-se por meio dos implementos orgânicos, é maleável ao comportamento do homem graças às vinculações que facilmente mantém com as Entidades desencarnadas que a utilizam.<sup>81</sup>

A mediunidade não tem qualquer implicação com religião, conduta, filosofia, crença. A direção que se lhe dá é que a torna portadora de bênçãos ou desditas para o seu responsável. Com a Doutrina Espírita, porém, aprende-se a transformá-la em verdadeira ponte de luz, que faculta o acesso às regiões felizes onde vivem os bem-aventurados pelas conquistas vitoriosamente empreendidas.<sup>82</sup>

A mediunidade, conforme sabemos, exige exercício disciplinado, sintonia com as Esferas superiores, meditação constante, isto é, vida íntima ativa e bem direcionada, ao lado do conhecimento do seu mecanismo e estrutura de modo a tornar-se faculdade superior da e para a vida.<sup>83</sup>

A mediunidade é o instrumento de comunicação entre os dois planos de vida e, no mesmo plano material, é um poderoso vetor de transmissão educacional de orientação, aconselhamento, ânimo, instruções, advertências, correções etc.<sup>84</sup>

[...] a mediunidade é [...] o indício de renitentes imperfeições. Representa, por certo, uma faculdade, uma capacidade concedida pelos poderes que nos assistem, mas não no sentido humano, como se o médium fosse colocado à parte e acima dos vis mortais, como seres de eleição. É, antes, um ônus, um risco, um instrumento com o qual o médium pode trabalhar, semear e plantar, para colher mais tarde, ou ferir-se mais uma vez, com a má utilização dos talentos sobre os quais nos falam os Evangelhos.<sup>85</sup>

A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra. [...] Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.<sup>86</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O leitor acompanhou a saga da mediunidade na Terra em busca da sua dignidade. Mas acreditamos, no entanto, que ela ainda não foi encontrada plenamente, porquanto é ferramenta divina que ainda não sabemos usá-la com a aptidão e sabedoria para que produza o melhor na Seara de Jesus. Insistimos que a mediunidade se manteve na sua pré-história até o ano de 1861, independentemente de o homem ter entrado na História a partir da invenção da escrita. Escrevendo, o homem encontrou meio de se projetar para o futuro, levando seus feitos, suas emoções, sua cultura, vitórias e derrotas. Com a mediunidade devidamente identificada, estudada, educada e compreendida, o homem descobre a vida futura e como se projetar para ela na busca da esperança e da consolação. E tal desiderato somente será possível com o estudo continuado de *O livro dos médiuns*.

Vimos que, durante séculos, os fenômenos mediúnicos de várias naturezas sempre mudaram a *atenção* dos homens para assisti-los, desconsiderá-los ou criticá-los destrutivamente, mas não mudaram sua *intenção* para averiguar a natureza e utilidade dos fatos que se desdobravam à sua frente. Durante a Antiguidade, os fenômenos mediúnicos foram confundidos com magia, feitiçaria, poderes demoníacos, castigos divinos e com enfermidades mentais. Não se distinguiam os bons dos maus Espíritos. Estes se apossavam de médiuns deseducados e descrentes das forças espirituais, colocando-os em condições ameaçadoras, sendo tidos como loucos, pois a obsessão sempre se fez presente, convidando o homem à renovação.

Na Idade Média, a situação não vai mudar e a Igreja continua a coibir o intercâmbio com os Espíritos, muito embora eles se manifestem por meio de seus “santos”, sendo seus feitos considerados “milagres”. Com a evolução dos conceitos éticos e culturais, a mediunidade é aceita com menos intolerância, mas ainda incompreendida... A partir do século XIX, vamos encontrar interesse de cientistas e pesquisadores estudando os

fenômenos espíritas. Em 1829, o Dr. Justinus Kerner registrava os fenômenos produzidos pela famosa vidente de Prevorst, na Alemanha. A partir de 1840, na França, Afonso Cahagnet observou interessantes comunicações vindas por intermédio da sonâmbula Adèle Maginot. Em 1847, o poderoso médium Andrew Jackson Davis recebeu, em transe, o livro *The Principles of Nature, her Divine*,<sup>87</sup> que predizia para breve a comunicação ostensiva dos Espíritos, com o objetivo de demonstrar que não estavam “mortos” como os “vivos” pensavam. As previsões do médium Jackson Davis se concretizaram de forma exuberante.

A partir de 11 de dezembro de 1847, os fenômenos de Hydesville (NY), provocados com a ajuda mediúcnica das irmãs Fox — Katherine e Margareth, criando a *telegrafia espiritual* por meio de batidas, que recebeu o nome de *tiptologia*, eram sinais promissores da entrada da mediunidade na História. Esse processo, ainda que muito lento, produziu resultados excelentes, chegando à França com a coqueluche das *mesas girantes e falantes*.

Finalmente, surge o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, que iria outorgar à mediunidade a honraria de que é digna.

---

<sup>73</sup> KARDEC, Allan. *O que é espiritismo*. Cap. 2, it. 88, 2013.

<sup>74</sup> N.E.: A data ficou em branco no manuscrito.

<sup>75</sup> KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Segunda parte, “A minha iniciação no Espiritismo”, 2009.

<sup>76</sup> KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. “A minha iniciação no Espiritismo”, 2009.

<sup>77</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, jan. 1861, “O livro dos médiuns”, 2007.

<sup>78</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Médiuns e mediunidade*. Cap. 2, 1990.

<sup>79</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*, 2013.

<sup>80</sup> DENIS, Léon. *No invisível*, 2011.

<sup>81</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *No limiar do infinito*.

82 Id. Ibid.

83 MIRANDA, Manoel Philomeno de. *Loucura e obsessão*, 2013.

84 LOBO, Ney. *Filosofia espírita da educação*, 2002.

85 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *Diálogo com as sombras*, 2005.

86 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*, 2013.

87 Nota do autor: Nesse livro, cuja tradução livre seria *Os princípios da natureza, uma das revelações divinas*, Andrew Jackson Davis prevê o aparecimento do Espiritismo como doutrina e prática mediúnica. Após acentuar que as comunicações espirituais se generalizariam, declara: “Não decorrerá muito tempo para que essa verdade seja demonstrada de maneira viva. E o mundo saudará alegremente o alvorecer dessa era, enquanto o íntimo dos homens se abrirá, para estabelecer a comunicação espiritual, como a desfrutam os habitantes de Marte, Júpiter e Saturno”.

# SEGUNDA PARTE

## FUNDAMENTOS

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam a priori, levemente, sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. [...] O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá [...].<sup>88</sup>

As leis que regem os fenômenos mediúnicos foram esclarecidas pelas pesquisas de Kardec e, apesar das dúvidas e críticas irônicas de mais de um século sobre essa inegável conquista científica, estão atualmente confirmadas. Isso nos mostra a solidez da obra kardequiana.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. “Introdução”, VIII, 2013.

<sup>89</sup> PIRES, José Herculano. *Mediunidade*. Cap. 4, 1984.

# CAPÍTULO 1

## O PERISPÍRITO AGENTE DA COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

### 1.1 CONCEITO

Aquele que pretenda encetar um estudo, em qualquer área do conhecimento humano, para explicar o próprio homem nas dimensões física, psíquica e espiritual, sem levar em conta o perispírito, com suas abrangentes e determinantes funções e suas maravilhosas propriedades, a nenhum diagnóstico definitivo chegará, já que o corpo físico é o reflexo do corpo espiritual, não somente do ponto de vista somático, mas, acima de tudo, do ponto de vista psíquico e espiritual. Diz o mestre de Lyon:

O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções que se ligam à Fisiologia, assim como à Psicologia.<sup>90</sup>

Mas o que é mesmo o perispírito?

Perispírito (do grego *peri*: em torno + do latim, *spiritus*: alma, espírito) é o envoltório sutil e perene da alma, que possibilita sua interação com os meios espiritual e físico. O termo foi empregado pela primeira vez por Allan Kardec ao fazer seu comentário à resposta dada pelo Espírito à questão nº 93 de *O livro dos espíritos*:<sup>91</sup>

O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem ou, como pretendem alguns, está envolto numa substância qualquer?

Resposta:

Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.

Segue o comentário do codificador ajudando-nos a compreender melhor o conceito de perispírito:

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo uma substância que, por comparação, se pode chamar *perispírito*, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

A partir de então, foi incorporado ao corpo da Doutrina Espírita o termo *perispírito*. Seu conceito vem sendo ampliado à medida que o homem alcança novos degraus no edifício do conhecimento espiritual. No item nº 257 da citada obra, são-nos dadas informações significativas sobre o corpo espiritual:

O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Pode-se dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio de vida orgânica, porém, não o da vida intelectual, pois esta reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações.

Destruído o corpo, elas se tornam gerais.<sup>92</sup>

Das informações acima, conclui-se que o corpo fluídico ou perispírito se interpenetra em todas as partes do corpo físico, célula a célula, significando que ele é o responsável pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, e também informa ao corpo das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os centros vitais ou de força, que controlam a aparelhagem fisiológica e psicológica e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio.

Sobre a natureza do perispírito, acrescenta Emmanuel:

Formado por substâncias químicas que transcendem a série *estequiogenética*<sup>93</sup> conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno. Organismo delicado, com extremo poder plástico, modifica-se sob o comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir. Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço. O progresso mental é o grande doador de renovação ao equipamento do espírito em qualquer plano de evolução.<sup>94</sup>

E quanto à sua importância para consecução do intercâmbio mediúnico, diz o Espírito Lamennais:

O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, *é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco*, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; daí a infinita variedade de médiuns e de comunicações<sup>95</sup> (grifo nosso).

Allan Kardec prestou uma inestimável contribuição à ciência ao interrogar os Espíritos superiores sobre o corpo fluídico e estudá-lo detalhadamente, mas é oportuno lembrar que esse corpo já era conhecido das civilizações orientais. No Budismo esotérico, recebeu o nome de *Kamarupa*; nos ensinamentos de Hermes, no Egito, surge com o pseudônimo de *Kha*; o filósofo grego Pitágoras nominou-o de *carne sutil da alma*; Aristóteles dizia ser o *corpo sutil e etéreo*; Paracelso, já no século XVI, designou-o de *corpo astral*; o filósofo Baruch Spinoza batizou o perispírito de *corpo fluídico*; o grande Apóstolo dos Gentios — Paulo de Tarso —, em sua *Primeira epístola aos coríntios*, capítulo 14, versículo 44, chamou-o de

*corpo espiritual*. Ao codificador, cabe o mérito de revelar aos simples, como Jesus o fez, o que antes era mistério unicamente conhecido pelos iniciados nas doutrinas esotéricas.

Com o avanço da tecnologia, a existência de um corpo astral constituído de matéria, mas, altamente rarefeito, é possível ser comprovada em laboratório. O Dr. Harold Saxton Burr, professor emérito da Cadeira de Anatomia da Escola de Medicina da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut, Estados Unidos da América, junto com seus colaboradores, na década de 1940, fizeram inúmeras experiências, visando a descobrir e medir certos campos eletromagnéticos que eles suspeitavam fossem os controladores dos processos biológicos. Suas pesquisas com plantas e animais vivos levaram-no à comprovação da existência de *campos bioenergéticos* existentes em torno deles. No caso de um broto de feijão, usando a eletrografia ou holografia, viu que ele não tinha a forma da semente original e, sim, da planta adulta, indicando que sua forma final estava pré-determinada no corpo bioenergético. Os dados de Burr sugeriam que qualquer organismo em processo de desenvolvimento está destinado a seguir um modelo de crescimento previamente determinado. Por essa razão, alguns estudiosos do perispírito também o chamam de Modelo Organizador Biológico (MOB), aquele que aglutina e organiza a matéria do corpo físico, imprescindível aos processos de reencarnação, resultando desse processo o ensinamento dos Espíritos segundo o qual o perispírito estabelece a forma do corpo e não o contrário. 96

## 1.2 FUNÇÕES DO PERISPÍRITO

[...] Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis. <sup>97</sup>

Qual o limite das funções do perispírito?

Ainda não sabemos responder a essa questão, mas não nos é lícito ignorar conscientemente o que os Espíritos nos ensinam sobre a influência que exerce o perispírito em nossa saúde física e mental e, também, em nossas atividades mediúnicas. Conhecer e levar em conta as funções do perispírito é nos conhecermos melhor e melhor administrarmos nossas vidas física e mental.

Eis algumas das funções do corpo espiritual:

- a) Administrar o complexo celular, responsabilizando-se pela forma do corpo físico, segundo a programação do Espírito reencarnante e dos seus tutores espirituais;
- b) Servir de instrumento de ligação entre o corpo físico e o Espírito, estabelecendo constante interação entre eles no que se referem às sensações, sentimentos e emoções;
- c) Registrar, tal qual um DVD, todas as experiências do Espírito em cada existência — ações, atividades, movimentos, ambientes, espaços, pensamentos, palavras, sentimentos e emoções —, guardando-as indelevelmente como conquistas indispensáveis ao progresso moral e intelectual do Espírito imortal;
- d) Promover a manifestação da faculdade mediúnica, fazendo vibrar certas zonas do sistema nervoso central do médium, para atingir a ressonância necessária ao contato com o ser desencarnado que deseje se manifestar;

e) Assimilar a energia vital, existente no fluido cósmico universal, por meio dos seus chacras ou centros de força, para energizar os órgãos do corpo físico.

### 1.3 PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO

O conhecimento das propriedades do perispírito é de vital importância para quantos desejam exercitar a mediunidade, colocando-a a serviço dos ideais enobrecedores. Penetrabilidade, elasticidade, fluidez, materialização, depósito das memórias passadas, entre outras, oferecem compreensão e recurso para melhor movimentação dessas características, algumas das quais são imprescindíveis para a execução das tarefas, no fenômeno do intercâmbio espiritual.<sup>98</sup>

Estudando suas propriedades, o codificador descobriu ser o perispírito uma das bases energéticas das manifestações mediúnicas, podendo, assim, esclarecer cientificamente os chamados fenômenos sobrenaturais, tais como os das mesas girantes, da bicorporeidade, da visão à distância, das aparições fantasmagóricas, da transfiguração, do transporte de objetos, das curas imediatas etc. As propriedades do perispírito têm sido alvo de estudo por parte de muitos espíritas, por ser componente indispensável ao intercâmbio mediúnico e fonte de esclarecimento para as enfermidades de ordem física e psíquica. Apresentamos aqui apenas algumas delas, entendendo sejam suficientes para melhor compreensão da complexidade dos fenômenos mediúnicos por parte dos médiuns e trabalhadores nessa área.

### 1.3.1 Assimilação

Assimilar é tornar semelhante ou igual; é apropriar-se, compenetrar-se da ideia, sentimento etc. de outrem. O processo de assimilação torna dois elementos semelhantes entre si. Sobre esta propriedade, importante para se compreender como é possível o Espírito desencarnado se comunicar com outro encarnado, diz o Espírito Erasto, proeminente colaborador de Allan Kardec na codificação do Espiritismo:

Há um princípio que todos os espíritas admitem: o de que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos encarnados ou não? Será preciso que repitamos isso incessantemente? Pois bem! Vou repetir mais uma vez: o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são semelhantes, em suma. Possuem uma *propriedade de assimilação* mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, *que permite que nós nos ponhamos, Espíritos desencarnados, muito pronta e facilmente em comunicação uns com os outros*<sup>99</sup> (grifo nosso).

### 1.3.2 Irradiação

O Espírito, encarnado, conserva, com as qualidades que lhe são próprias, o seu perispírito que, como se sabe, não fica circunscrito pelo corpo, mas irradia ao seu derredor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica. 100

Esta propriedade inserida em *A gênese* é bastante significativa para se compreender o *fenômeno da transfiguração*.

Podendo o Espírito operar transformações na contextura do seu envoltório perispírico e irradiando-se esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno análogo ao das aparições. A imagem do corpo real pode apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, e assumir outra aparência; ou então, vistos através da camada fluídica modificada, à semelhança de um prisma, os traços primitivos podem tomar outra expressão. 101

O mestre de Lyon tomou conhecimento de um caso extraordinário de transfiguração que se processava em uma jovem de Saint-Etienne (cidade da França). Os Espíritos designaram uma das moças da casa e orientaram, por meio da psicografia, que os familiares lhe passassem as mãos sobre a cabeça depois que ela dormisse. E assim era feito. Após algumas experiências, a moça transfigurava-se e assumia os “traços, a voz e os gestos de parentes mortos, dos avós que não havia conhecido e de um irmão falecido há alguns meses”. 102

O fenômeno é raro e muito interessante para se avaliar o quanto ainda temos que aprender a respeito das propriedades do perispírito.

### 1.3.3 Plasticidade

Por essa propriedade, o Espírito de elevado padrão evolutivo pode alterar a indumentária espiritual, assumindo a aparência da sua última existência ou de vidas passadas, conforme lhe agrade. Essa manipulação depende da força de vontade do Espírito.

Por outro lado, mentes em desequilíbrio afetivo, fixadas em práticas autodestrutivas, tais como crueldade, ressentimento, mania de criticar, belicosidade, zombaria, queixumes, fanatismo e, pior que tudo, hostilidade e vingança, entregam-se ao monoideísmo e seus perispíritos podem perder sua forma humana, mantendo-se como ovoides.

O Espírito André Luiz, em missão em zona inferior do mundo espiritual, encontra uma mulher esquelética estendida no solo e, por recomendação do mentor Gúbio, acura a visão e percebe que a infeliz se cercava de três formas ovoides, diferenciadas entre si nas disposições e nas cores. Explicou o mentor:

São entidades infortunadas, entregues aos propósitos de vingança e que perderam grandes patrimônios de tempo, em virtude da revolta que lhes atormenta o ser. Gastaram o perispírito, sob inenarráveis tormentas de desesperação, e imantam-se, naturalmente, à mulher que odeiam, irmã esta que, por sua vez, ainda não descobriu que a ciência de amar é a ciência de libertar, iluminar e redimir. <sup>103</sup>

Mais à frente, orientado pelo mentor, André Luiz examina os ovoides e, acurando sua capacidade auditiva, passa a ouvir gemidos e frases que ecoavam pelo fio do pensamento, fazendo com que a infeliz mulher ouvisse: “Vingança! Vingança! Não descansarei até ao fim... Esta mulher infame me pagará... Assassina! Assassina!...”.

Temos, assim, um exemplo concreto e infeliz de como o Espírito se submete à lei de causa e efeito, rendendo-se à força da plasticidade do seu

perispírito, retraindo-se por força do seu pensamento viciado, perdendo, temporariamente, a forma humana.

Morando na capital de São Paulo, conheci, na década de 1960, um jovem bem-aparentado que usava um rabo de cavalo, esporas, um chicote de couro e outros apetrechos de cavaleiro, comportando-se como se fosse um cavalo. Presenciei-o, diversas vezes, “conversando” com as cavalgadas de uma estrebaria pública no bairro da Ponte Pequena, local onde eu trabalhava. Creio que, após muito tempo no mundo espiritual vitimado pela zoantropia, reencarnou para se libertar daquela condição, filtrando suas mazelas perispirituais por meio do corpo físico.

Ainda sobre a plasticidade, aprendemos com o venerável Emmanuel que o perispírito é:

Organismo delicado, com extremo poder plástico, modifica-se *sob o comando do pensamento*. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir<sup>104</sup> (grifo nosso).

No entanto, o comando do pensamento para manipulação da propriedade plástica do corpo perispiritual também pode ser executado por entidades perversas sobre aquelas cujas consciências lhes estejam submissas. O Espírito André Luiz relata o julgamento de Espíritos ignorantes e perversos feito numa estranha cidade por um juiz, que exerce seu poder magnético sobre as vítimas. A certa altura observa que uma pobre mulher é conduzida à presença do desapiedado juiz, que lhe impõe terror, gritando:

— Confesse! Confesse! — determinou o desapiedado julgador, conhecendo a organização frágil e passiva a que se dirigia.

A desventurada senhora bateu no peito, dando-nos a impressão de que rezava o *confiteor* e gritou, lacrimosa:

— Perdoai-me! Perdoai-me, ó Deus meu!

E como se estivesse sob a ação de droga misteriosa que a obrigasse a desnudar o íntimo, diante de nós, falou, em voz alta e pausada:

— Matei quatro filhinhos inocentes e tenros... e combinei o assassinio de meu intolerável esposo... O crime, porém, é um monstro vivo. Perseguiu-me, enquanto me demorei no corpo... Tentei fugir-lhe por meio de todos os recursos, em vão... e por mais buscasse afogar o infortúnio em “bebidas de prazer”, mais me chafurdei... no charco de mim mesma...

De repente, parecendo sofrer a interferência de lembranças menos dignas, clamou:

— Quero vinho! Vinho! Prazer!...

Em vigorosa demonstração de poder, afirmou, triunfante, o magistrado:

— Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas?

Em seguida, fixando sobre ela as irradiações que lhe emanavam do temível olhar, asseverou, peremptório:

— A sentença foi lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba, de uma loba...

À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas.

Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto.

Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispirítico. 105

Diante desse episódio, que não é único, ficam esclarecidas as aparições em nosso mundo de seres com formas dantescas que, sem dúvida, dão nascimento aos mitos e às figuras folclóricas, bem como aos personagens que nos assustam em nossos pesadelos. Nas reuniões mediúnicas, vez ou outra, atendemos um Espírito com forma animalesca, que assusta e faz sofrer o médium, exigindo do atendente muita habilidade e piedade para que ele recupere sua forma humana, necessitando ser atendido em mais de uma reunião. Todos ficamos muito felizes quando conseguimos ajudá-lo em sua reabilitação.

### 1.3.4 Densidade

Tal propriedade é determinada pela evolução moral do Espírito. Quanto mais evoluído, menos densa é a constituição molecular do seu perispírito. Nos Espíritos inferiores, a densidade do seu *corpo* é mais pesada, conservando por muito tempo as sensações da vida terrestre, como se ainda estivesse no corpo carnal e, por isso, buscam se manter entre os encarnados para vampirizá-los nas energias e fluidos dos quais sentem necessidade e lhes dão prazer.

O médium devidamente treinado percebe a densidade do Espírito que o mediuniza pelas sensações agradáveis ou desagradáveis que registra em seu organismo físico ou seus pensamentos. Em alguns casos, o Espírito, devido a seu apego às sensações inferiores sorvidas com a participação de almas afins, traz um odor nauseabundo que é sentido pelo médium e, por isso, às vezes se recusa a permitir-lhe a manifestação. Necessário se faz o apoio psicológico do atendente encorajando-o ao cumprimento de sua tarefa.

Os Espíritos que já alcançaram um relativo poder mental alteram a densidade molecular de seu corpo fluídico e se fazem vistos por quem eles desejam, tanto para os encarnados quanto para os desencarnados. André Luiz se encontra diante de um ancião desencarnado, inquieto, dementado e, visando ajudá-lo, torna-se visível pela concentração da vontade e passa a conversar com ele no intuito de libertá-lo da situação em que se encontra.

encontra. 106

### 1.3.5 Penetrabilidade

É uma propriedade relacionada à densidade do perispírito. O Espírito, já tendo conquistado o domínio de sua mente, não encontra barreiras materiais intransponíveis. É utilizando essa propriedade que tais Espíritos entram em qualquer lugar, sem necessidade de usar as entradas formais e localizadas. Referindo-se a ela, escreveu o codificador:

Outra propriedade do perispírito, peculiar essa à sua natureza etérea, é a *penetrabilidade*. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado. Eles visitam o preso no seu cárcere tão facilmente quanto visitam a um que está no campo a trabalhar (grifo do autor).<sup>107</sup>

No entanto, somente os Espíritos que alcançam um determinado patamar na escala progressiva detêm essa habilidade e, pelo controle mental e força de vontade, conseguem ultrapassar quaisquer obstáculos, alterando a densidade do seu corpo espiritual. Os desencarnados que ainda não se libertaram das sensações da vida material não estão aptos a entrar, por exemplo, em uma residência na qual a porta esteja fechada.

Em *Os mensageiros*, André Luiz e seu companheiro Vicente, em missão aqui no plano terreno, sob a orientação de Aniceto, diante de uma iminente tempestade, demonstram estranheza ao perceberem Espíritos de aspectos sombrios buscarem abrigo... Aniceto lhes esclarece:

— Não temam — disse. — Sempre que ameaça tempestade, os seres vagabundos da sombra se movimentam procurando asilo. São os ignorantes que vagueiam nas ruas, *escravizados às sensações mais fortes dos sentidos físicos*. Encontram-se ainda colados às expressões mais baixas da experiência terrestre e os aguaceiros os incomodam tanto quanto ao homem comum, distante do lar. Buscam, de preferência, as casas de diversão noturna, onde a ociosidade encontra

válvula nas dissipações. Quando isto não se lhes torna acessível, *penetram as residências abertas*, considerando que, *para eles, a matéria do plano ainda apresenta a mesma densidade característica* (grifo nosso).108

Consequentemente, manter a porta das nossas residências fechadas durante as tempestades é de bom alvitre, mas Aniceto assegura que, no lar onde seus moradores têm o hábito da oração e realizam o Culto do Evangelho, os Espíritos inferiores dele se afastam, porque “cada prece do coração constitui emissão eletromagnética de relativo poder”. O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza e terá sempre suas portas fechadas aos Espíritos maldosos.

### 1.3.6 Sensibilidade

Por meio dela o perispírito transmite sensações, sentimentos e emoções ao Espírito e ao corpo físico, atendendo a uma de suas funções. As sensações não são percebidas por um órgão ou estrutura biológica, tal como acontece com o corpo físico. Elas são difusas, percebidas em todo o perispírito, ou seja, são uma percepção mental do Espírito. Tal propriedade é comum nos videntes e também nos médiuns audientes, intuitivos e sensitivos.

O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito. É por seu intermédio que o Espírito encarnado percebe as coisas espirituais que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou *psíquico*, elas são generalizadas: o Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico<sup>109</sup> (grifo do autor).

Ainda sobre a sensibilidade do perispírito, convém inserir aqui o seguinte texto:

O perispírito, formado à base de matéria rarefeita, mobiliza igualmente trilhões de unidades unicelulares da nossa esfera de ação, que abandonam o campo físico saturadas da vitalidade que lhe é peculiar. Daí os sofrimentos e angústias de determinadas criaturas, além do decesso. Os suicidas costumam sentir, durante longo tempo, a aflição das células violentamente aniquiladas, enquanto os viciados experimentam tremenda inquietação pelo desejo insatisfeito.<sup>110</sup>

### 1.3.7 Expansibilidade

Pela sua natureza fluídica, o perispírito é expansível, irradia-se para o exterior e forma em torno do corpo físico uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar. *A expansibilidade é, praticamente, a base de todos os fenômenos mediúnicos*, pois é a sua exteriorização que permite a captação da realidade espiritual pelo vidente e que torna possível o contato entre os perispíritos do médium e do Espírito comunicante, dando lugar ao fenômeno denominado impropriamente de *incorporação*, a partir do que nos ensina Kardec:

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os espíritos encarnados. O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias; conforme seja bom ou mal, saneia ou vicia os fluidos ambientes. 111

Segundo Zimmermann,

é a expansibilidade do perispírito que faculta, também, em outro grau, a deflagração do processo de *emancipação da alma*, conforme a expressão de Kardec. Expandindo-se, o perispírito pode chegar a um estado inicial de desprendimento em que a percepção se torna acentuadamente mais aguda, podendo, a par daí, e se for o caso, evoluir para o desdobramento, a envolver, já, uma outra notável propriedade psicossômica, que é a bicorporeidade. 112

O médium que bem conhece essa propriedade do seu perispírito poderá usá-la de forma consciente, quando de sua concentração, para se conectar com a entidade comunicante com mais facilidade e eficiência.

### 1.3.8 Visibilidade

O Espírito pode se tornar visível aos olhos dos encarnados usando sua vontade para condensar seu perispírito, de forma a ser observado por muitos ao mesmo tempo. A esse fenômeno Allan Kardec denominou de *aparição* e não *materialização*, como hoje é conhecido. A materialização foi sobejamente estudada por William Crookes, com a ajuda de médiuns de efeitos físicos, tais como Kate Fox, Florence Cook e Daniel Dunglas Home. As conclusões, embasadas cientificamente, foram publicadas, em 1923, no livro *O espiritualismo visto sob a luz da ciência moderna*.

No seu estado normal, o perispírito é invisível para nós; como, porém, é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, por *ato da sua vontade*, fazê-lo passar por uma *modificação molecular* que o torna *momentaneamente visível*. É assim que se produzem *as aparições*, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da natureza. Nada tem esse de mais extraordinário, do que o do vapor que, invisível quando muito rarefeito, se torna visível quando condensado<sup>113</sup> (grifo nosso).

Portanto, a aparição se diferencia da vidência, porque esta é uma faculdade exclusiva dos médiuns que percebem, com os olhos da alma, a presença da entidade desencarnada. No primeiro caso, todos os circunstantes podem ver a entidade espiritual materializada.

### 1.3.9 Tangibilidade

O Espírito que pode fazer-se visível também pode tornar-se tangível, revestindo seu perispírito com fluidos de seres encarnados e da natureza. Neste tipo de manifestação, em muitos casos o Espírito toma todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Em alguns momentos, finalmente, a *tangibilidade* pode se tornar real, possibilitando ao observador tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, o mesmo calor de corpo vivo. Os médiuns que proporcionam a visibilidade e tangibilidade do Espírito são os chamados médiuns de materialização ou de efeitos físicos, tendo a capacidade de oferecer em abundância uma substância denominada ectoplasma.

Peço licença ao leitor para dizer das experiências que vivi em reuniões de materialização nos estados de São Paulo e Minas Gerais, nas décadas de 1960 e 1970, fazendo contato direto com os Espíritos José Grosso e Palminha. Certa feita, no auditório das Casas André Luiz, em Belo Horizonte, Palminha se apresentava materializado, mostrando apenas o tórax iluminado, pois o momento era destinado ao tratamento de enfermos e o ectoplasma fornecido pelo médium e outros colaboradores indiretos seria aproveitado, também, naquela direção. Eu estava sentado entre duas fileiras de cadeiras, quando Palminha sai do corredor onde estava e se apresenta apertando minha mão. Outra vez, quando colaborava com preces em uma reunião de tratamento, José Grosso se aproximou de mim — era uma materialização *cega*, segundo a denominação dada por Rafael Américo Ranieri em seu livro *Materializações luminosas* —, abraçou-me e perguntou se poderia realizar uma cirurgia na minha esposa Lucinda. Surpreso, concordei. Depois de muitos anos, a companheira, ao fazer uma ultrassonografia uterina, descobriu que tinha um ovário a menos. A cirurgia fora feita na região do baixo-ventre, onde ficou uma pequena marca que lá permaneceu por longo período, como testemunho do acontecido. Ao apertar a mão de Palminha e ao abraçar José Grosso, senti como se estivesse

lidando com um ser encarnado, ficando patente a tangibilidade possível do perispírito.

O mestre Kardec nos revelou, ao estudar os fenômenos da materialização, que:

Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revela a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa. 114

### 1.3.10 Absorvência

É a propriedade pela qual o perispírito consegue assimilar [absorver] essências materiais finas, fluídicas, *encharcando-se* com elas, ou penetrando-se de fluidos espirituais os mais diferenciados, que oferecem ao Espírito, temporariamente, certas sensações como se estivessem encarnados.<sup>115</sup>

Verificamos o quanto é importante buscarmos ambientes onde predomine as vibrações espirituais elevadas e contribuir para que assim permaneçam. Ao adentrarmos em qualquer local, usemos a força do pensamento positivo, amparada pela prece, mesmo silenciosa, para criarmos atmosfera elevada. Nosso perispírito estará sempre correndo o risco de absorver miasmas deletérios de pensamentos, sentimentos e emoções alheias, os quais não contribuem com nossa saúde física e mental. Esse cuidado é crucial numa reunião de desobsessão, pois, mesmo com toda a proteção que a equipe espiritual nos ofereça naquela ocasião, não impede que usemos de nosso livre -arbítrio e absorvamos pelo perispírito as formas-pensamento de baixo teor vibratório elaboradas pelos irmãos infelizes e equivocados.

Sobre a capacidade de absorção do perispírito, André Luiz esclarece como nós, os encarnados, absorvemos alimentos fluídicos a nós ofertados pelas entidades com quem convivemos.

Eles [os desencarnados] se alimentam, diariamente, de formas mentais, sem utilizarem a boca física, valendo-se da capacidade de *absorção do organismo perispirítico*, mas ainda não sentem a extensão desses fenômenos em suas experiências diárias. No lar, na via pública, no trabalho, nas diversões, cada criatura recebe o alimento mental que lhe é trazido por aqueles com quem convive, temperado com o magnetismo pessoal de cada um<sup>116</sup> (grifo nosso).

Esclarece Raul Teixeira:

Não é por outra causa que entidades desencarnadas, ainda em estágios grosseiros de evolução, exigem, dos que se põem em suas faixas vibratórias, comidas e bebidas para a sua satisfação pessoal, como recompensa ou pagamento pelas “ajudas” que prometem prestar.<sup>117</sup>

### 1.3.11 Elasticidade

O Espírito expande-se e desloca-se para lugares distantes do corpo, caracterizando-se o fenômeno nominado *desdobramento*, quando, então, o Espírito do médium vai a outros lugares, distantes ou não, podendo descrever o que vê e o que faz. Por força desta propriedade, dá-se o fenômeno da bicorporeidade ou bilocação, quando o médium pode ser visto em dois lugares ao mesmo tempo. Em um deles vê-se o corpo físico, geralmente em transe; em outro, o seu perispírito em estado mais denso, com todas as características do seu corpo material.

É comum o desdobramento durante o sono. De ordinário, o perispírito eleva-se horizontalmente sobre o corpo físico e flutua na direção da cabeça para os pés e se coloca lentamente de pé. Afasta-se do corpo, quando o medo não o acomete e ficará sempre ligado por um fio prateado, o qual vai diferenciá-lo, no mundo espiritual, dos desencarnados.

Confirmando a assertiva acima, ensina o codificador:

O perispírito, indefinidamente expansível, conservando a elasticidade e a atividade necessária à existência do corpo, acompanha constantemente o Espírito durante a sua prolongada viagem pelo mundo ideal.<sup>118</sup>

Numa reunião mediúnica o desdobramento pode acontecer, caracterizando-se pelo relato seguro que o médium faça de algum local ou de alguma situação em que se encontre. Estará, às vezes, cooperando com alguém muito doente em um hospital, quando o ambiente será descrito com detalhes, sendo, naquele instante, solicitada a forma de ajuda a ser prestada ao enfermo encarnado. Em outro momento, o médium desdobrado vai até ao local onde o Espírito se encontra preso em razão de sua cristalização mental. Nesse caso, o médium poderá dizer: “Estou em tal ou qual lugar, e preciso ajudar alguém”. Às vezes confessa que está temeroso diante do aspecto do ambiente e das grosseiras vibrações, fazendo-se necessária a

cooperação do atendente, exortando-lhe a fé, lembrando que ele não está sozinho na tarefa, não devendo nada temer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das propriedades do perispírito abre novos horizontes aos que se dedicam às atividades mediúnicas. Muitos fenômenos, até então incompreendidos por falta desse conhecimento, poderão ser explicados de forma a se ter noção mais ampla do que se passa nas reuniões mediúnicas de assistência espiritual, limitadamente conhecidas como *reuniões de desobsessão*. A reunião mediúnica, na qual os desencarnados “incorporados” são atendidos por um doutrinador — que preferimos chamar de atendente — ficou consagrada no Movimento Espírita como *reunião de desobsessão*, mas, na verdade, esse título não revela a extensão e a diversidade do serviço que se realiza nesse encontro semanal entre encarnados e desencarnados. Nela não são atendidos somente Espíritos obsessores conscientes ou não de sua atuação deletéria, mas, também, Espíritos sofredores em situações diversas, tais como os suicidas, os traumatizados pela desencarnação violenta, os acometidos de alienação mental, os que não se reconhecem “mortos”, os descrentes em Deus, os frustrados com os ensinamentos da religião que adotara na vida material, os toxicômanos, os desequilibrados sexuais e tantos outros.

Não nos propomos a examinar a propriedade do nome dessa reunião, mas analisar o que se passa com o Espírito após ser atendido pelo atendente. Convém recordar com André Luiz que o espaço destinado à *reunião de desobsessão* entre quatro paredes

guarda a importância de uma enfermaria, com recursos adjacentes da Espiritualidade maior para tratamento e socorro das mentes desencarnadas, ainda conturbadas ou infelizes. 119

Nesse ambiente, o desencarnado, após o diálogo fraterno com o atendente, é muitas vezes convidado a fazer um tratamento oferecido pelos Espíritos que atuam na instituição, com a finalidade de fortalecer-lhe o moral para o recomeço de nova jornada em direção à Luz.

O Espírito Efigênio contribui para o nosso estudo informando que o Centro Espírita é um expressivo porto de auxílio, erigido à feição de pronto-socorro e possui um vasto corpo de colaboradores composto de médicos, religiosos de várias crenças, médiuns espíritas desencarnados, magnetizadores, enfermeiros, guardas, padioleiros e outros prontos a servir, em nome do Cristo, aos desencarnados atendidos na instituição.<sup>120</sup> Somam-se a essa informação os inúmeros testemunhos dos Espíritos que são ouvidos em nossas reuniões, revelando a forma como encontraram o equilíbrio de que necessitavam, participando de estudos doutrinários, assistindo a palestras, tomando passes e sendo amparados fraternalmente por um companheiro que lhe serviu de cireneu,<sup>121</sup> pois os primeiros passos na reforma íntima são difíceis de serem dados.

Querido leitor ou leitora, esse nosso estudo não se esgota com as informações que demos aqui. Muitas outras propriedades do perispírito ainda estão para serem descobertas, e as que já conhecemos necessitam de compreensão mais ampla e segura. Nas obras do codificador encontramos nove. Você poderá descobrir mais algumas. Nem sempre há concordância entre autores quanto às denominações, já que mudam de conformidade com quem analisa e interpreta o fenômeno, dando-lhe um nome que expresse o que exatamente percebeu. Zalmino Zimmermann, em obra citada neste capítulo, relaciona 18 propriedades... O mais importante, no entanto, é que você tenha consciência da maleabilidade do perispírito, tendo em vista o seu papel numa reunião mediúnica, na condição de médiuns passista, psicofônico ou atendente.

---

<sup>90</sup> KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 1, it. 39, 2013.

<sup>91</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Capítulo I, 2013.

<sup>92</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Capítulo VI, 2013.

<sup>93</sup> Nota do autor: Relativo às propriedades dos elementos biogenéticos, que envolvem o princípio segundo o qual todo ser vivo provém de outro ser vivo. Estequiogenia: ciência que estuda a origem dos elementos, em especialmente dos elementos celulares dos tecidos animais.

- 94 XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Cap. 6, 2012.
- 95 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Primeira parte, cap. 4, it. 51, 2013.
- 96 GERBER, Richard. *Medicina vibracional*. 1997.
- 97 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 1, it. 54, 2013.
- 98 FRANCO, Divaldo Pereira. *Antologia espiritual*. Espíritos diversos. Cap. 34.
- 99 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 22, it. 236, 2013.
- 100 Id. *A gênese*. Cap. 14, it. 18, 2013.
- 101 KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 14, it. 39, 2013.
- 102 Id. *Revista Espírita*, mar. 1859, “Fenômeno de transfiguração”, 2009.
- 103 XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Cap. 7, 2013.
- 104 XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Cap. 6, 2012.
- 105 XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Cap. 5, 2013.
- 106 XAVIER, Francisco Cândido. *Sexo e destino*. 2013.
- 107 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. “Manifestações visuais”, 2009.
- 108 XAVIER, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Cap. 37, 2013.
- 109 KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 14, it. 22, 2013.
- 110 XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. Cap. 19, 2013.
- 111 KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 14, it. 18, 2013.
- 112 ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. “Expansibilidade”, 2011.
- 113 KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 14, it. 35, 2013.
- 114 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 57, 2003.
- 115 TEIXEIRA, J. Raul. *Correnteza de luz*. Cap. 1, 1991.
- 116 XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Cap. 14, 2013.
- 117 TEIXEIRA, J. Raul. *Correnteza de luz*. Cap. 1, 1991.
- 118 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Primeira parte, “Homens duplos. Aparições de pessoas vivas”, 2009.
- 119 XAVIER; Francisco Cândido, *Desobsessão*. Cap. 18, 2012.
- 120 Id. *Educandário de luz*. Cap. 34, 1988.
- 121 N.E.: “Que ou o que ajuda ou colabora, especialmente em trabalho

difícil” (Houaiss). Tal adjetivo tem origem bíblica: a caminho do calvário, onde Jesus seria crucificado, soldados romanos encontraram um homem chamado Simão Cireneu, natural de Cirene (antiga colônia grega na região da atual Líbia), e o requisitaram para ajudar Jesus — então muito esgotado fisicamente — a carregar sua cruz (MATEUS 27: 32, MARCOS 15:21, LUCAS 23:26).

## CAPÍTULO 2

### FULCROS ENERGÉTICOS DA COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Para melhor se compreender o complexo mecanismo da comunicação mediúcnica e mais judiciosamente avaliar os seus resultados, é imprescindível considerar que o fenômeno se realiza sob o condicionamento dos seguintes fulcros energéticos: a *mente*, o *pensamento*, os *centros vitais* e a *aura*. Nosso objetivo é o de estudar cada um deles, sempre de maneira simplificada, mas sem lhes diminuir a importância que têm para o intercâmbio mediúnico.

## 2.1 A MENTE

O estudo sobre a mente é sempre muito complexo e controverso. Complexo porque encerra muitos elementos abstratos para serem analisados e que nem sempre temos condições de apreender; controverso, porque as conclusões dessa análise ficarão sempre reféns da corrente filosófica, científica ou religiosa a que o estudioso esteja submisso. Em nosso caso, vamos além dos paradigmas da ciência humana, sendo beneficiados com as informações que os Espíritos nos trazem pela bênção da mediunidade.

A notável médium e escritora Suely Caldas Schubert admite sabiamente que:

A dificuldade maior em entender o que é a mente reside no fato de que é a própria mente que terá de responder a estes questionamentos. Portanto, para pesquisar o que ela é, teremos de contar com ela mesma. <sup>122</sup>

Talvez o leitor fique frustrado com essa afirmação, mas a mente, em sua plenitude, ainda é inconcebível para nós. A pobreza da linguagem humana — como diz o Espírito de Verdade (*O livro dos espíritos*, q. 3) —, é insuficiente para definir o que está acima da inteligência humana. E André Luiz lamenta que, por agora, seja muito difícil revelar ao ser humano o sublime poder da mente.

Contudo, isso não impede que busquemos um conceito e não apenas uma definição, já que esta nem sempre oferece com exatidão o significado do objeto em estudo. Quanto ao conceito, é a representação abstrata do objeto estudado, que agrega informações às suas características gerais. Para tanto, dialoguemos com os sábios, com os estudiosos *deste mundo* e do *outro* e “ouçamos” o que eles pensam e dizem a respeito da mente.

O dicionário do professor Aurélio Buarque de Holanda não ajuda muito. Diz ele que mente é igual a intelecto, pensamento, entendimento; alma, espírito. Veremos mais adiante que o Espírito ou a alma detém a

mente. E o *Dicionário de filosofia* de Nicola Abbagnano não vai além, ensinando que mente é “o mesmo que espírito, isto é, o conjunto das funções superiores da alma, intelecto e vontade”. Dessa forma nada avançamos na busca do entendimento do que seja mente...

Se recuarmos no tempo encontraremos, nos escritos de Platão e de Aristóteles, comentários sobre a inteligência do homem, referindo-se à sua destreza mental para solucionar problemas. Lá eles afirmam que a inteligência é uma faculdade do espírito ou da alma, não podendo ser entendida como uma realidade física. Já era um considerável avanço na compreensão do que pretendemos entender. No século XVII, na França, René Descartes (1596–1650), o pai da Filosofia Moderna, autor de *O discurso do método*, foi o primeiro a assimilar claramente o espírito (substância imaterial) à consciência e distingui-lo do cérebro, que seria o suporte da inteligência. Chamou a mente de *res cogitans* (coisa pensante) e o corpo de *res extensa* (coisa extensa), isto é, que ocupa lugar no espaço. Foi aquele filósofo, portanto, quem primeiro formulou a dualidade corpo-espírito, do modo como entendemos hoje, conforme ensinamento dos Espíritos superiores, os quais acrescentaram a essa dualidade o corpo perispiritual, consagrando a tríplice composição humana: Espírito-perispiritual-corpo físico.

A ciência materialista insiste em reduzir a mente como sendo um produto do cérebro. Para alguns teóricos, ela é uma forma organizacional da matéria orgânica; para outros, um mero subproduto do funcionamento do sistema nervoso central. Essas teses, infelizmente, continuam sendo defendidas por filósofos, psicólogos e neurologistas materialistas, não obstante os resultados alcançados pela Psicologia Transpessoal, que comprova a existência do espírito ou de algo além do corpo físico. Nessa escola psicológica, diversos temas e conceitos vêm sendo amplamente discutidos, estando entre eles a *dimensão espiritual do ser*, antes atributo exclusivo das religiões; os estados alterados de consciência; *os níveis de consciência*, partindo do estado de sono; *experiências de vidas passadas*,

*experiências quase morte* (EQM); *fenômenos mediúnicos* enquanto manifestação de diferentes estados do ser, e não como patologia.

Mesmo assim, os materialistas, consciente ou inconscientemente, confundem o efeito com a causa quando se trata de encontrar uma explicação para a mente. O insigne codificador, ao interrogar a Espiritualidade superior sobre o desenvolvimento dos órgãos cerebrais e sua influência em relação às faculdades morais e intelectuais, obteve a seguinte resposta:

Não confundais o efeito com a causa. O Espírito dispõe sempre das faculdades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que lhe dão as faculdades, e sim as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.<sup>123</sup>

Além daqueles que insistem em interpretar a mente como sendo humores cerebrais, há também correntes espiritualistas assegurando ser a mente o próprio Espírito. Aqui patinamos no plano escorregadio da sinonímia, quando se usa o termo *mente* com a intenção de substituí-lo pelo termo *espírito*, o que entendemos ser inapropriado. Atentemos para o ensinamento do mentor Flácus:

*O espírito humano lida com a força mental* tanto quanto maneja a eletricidade, com a diferença, porém, de que se já aprende a gastar a segunda, no transformismo incessante da Terra; mal conhece a existência da primeira, que nos preside a todos os atos da vida<sup>124</sup> (grifo nosso).

Ora, se o *espírito humano lida com a força mental*, fácil é concluir que espírito e mente são coisas distintas entre si. A mente administra as funções superiores do cérebro humano, tais como a razão, a memória, a inteligência, a emoção e, o mais importante para melhor compreensão do fenômeno mediúnico, o pensamento. Alojada no cérebro, enquanto o Espírito é cativo do corpo físico, a mente continuará a funcionar após a desencarnação e, no mundo espiritual, hospedar-se-á no perispírito, em órgão similar ao cérebro

material, mas em condição vibratória relativamente diferenciada. Insistimos nesse detalhe socorrendo-nos da afirmação da mentora Joanna de Ângelis: “O pensamento é força viva e atuante, porque procede da *mente que tem a sua sede no ser espiritual*, sendo, portanto, a exteriorização da Entidade eterna” (grifo nosso).<sup>125</sup>

Ao ser liberta do corpo físico — mais especificamente, do cérebro — a mente, mantendo sua individualidade espiritual, irá se fixar em plano vibracional consoante seu estado evolutivo, conforme nos ensina Emmanuel:

A mente é manancial vivo de energias criadoras. O pensamento é substância, coisa mensurável. Encarnados e desencarnados povoam o planeta, na condição de habitantes dum imenso palácio de vários andares, em posições diversas, produzindo pensamentos múltiplos que se combinam, que se repelem ou que se neutralizam. Correspondem-se as ideias, segundo o tipo em que se expressam, projetando raios de força que alimentam ou deprimem, sublimam ou arruinam, integram ou desintegram, arrojados sutilmente do campo das causas para a região dos efeitos (grifo nosso).<sup>126</sup>

Explicar como a mente funciona é realmente muito difícil, talvez mais do que explicar a eletricidade. Nada obstante, uma analogia pode ajudar-nos, admitindo que a mente seja uma soberana poderosíssima e que seu império seja todo o universo constituído pelo fluido cósmico universal. Tem a seu mando o pensamento, servo fiel e eficiente que, ao receber a ordem de sua rainha, a executa imediatamente. O pensamento, que pode ser também denominado de energia mental, projeta-se em meio ao fluido cósmico e plasma em suas moléculas as formas-pensamento exigidas pela soberana. Essas imagens durarão enquanto a mente desejar, alimentadas pelo pensamento.

Quanto às formas-pensamento a que nos referimos, são de importância crucial, não somente na vida diária e isolada de cada um de nós, mas, em

especial, nas reuniões mediúnicas, quando várias mentes buscam a uniformização da atmosfera mental do ambiente, lembrando que, conforme ensina Kardec,

uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são as resultantes de todas as dos seus membros, e formam como que um feixe. Ora, esse feixe tanto mais força terá quanto mais homogêneo for.<sup>127</sup>

Atentemos para a advertência do Espírito Áureo a esse respeito:

Necessário entendamos que as formas-pensamento nem sempre são concentrações energéticas facilmente desagregáveis. Conforme a natureza ídeo-emotiva de sua estrutura e a intensidade e constância dos pensamentos de que se nutrem, podem tornar-se verdadeiros carcinomas, monstruosos “*seres*” *automatizados e atuantes*, certamente transitórios, mas capazes, em certos casos, de *subsistir até por milênios inteiros de tempo terrestre*, antes de desfazer-se (grifo nosso).<sup>128</sup>

Ensinam os Espíritos que a mente está sujeita ao processo de evolução, como tudo o que é criado por Deus; conseqüentemente, cada um de nós a possui em estágio diferenciado. Nela estão gravados, de maneira indelével, todos os recursos psicológicos de nossa personalidade. Em razão disso, na mente ficam gravadas todas as experiências das sucessivas vidas no plano material. É a mente algo imponderável e que não desaparece com a morte do corpo físico, ficando resguardado o nosso eu. É, portanto, instância do Espírito e não da matéria.

A mente é o equipamento sublime do Espírito, resultado de milênios incontáveis de evolução incessante, onde estão gravados, de maneira indelével, todos os recursos psicológicos de nossa personalidade: caráter, cultura, hábitos, aptidões, sensibilidade, desejos, virtudes, vícios, amor, paixões etc. Os recursos mentais variam de Espírito para

Espírito, em função do livre-arbítrio de cada um no aproveitamento das experiências, na existência terrena. 129

Ainda sobre o conceito de mente, ouçamos o Espírito Emmanuel:

A mente é o espelho da vida em toda parte. Ergue-se na Terra para Deus, sob a égide do Cristo, à feição do diamante bruto, que, arrancado ao ventre obscuro do solo, avança, com a orientação do lapidário, para a magnificência da luz. Nos seres primitivos, aparece sob a garga do instinto, nas almas humanas surge entre as ilusões que salteiam a inteligência, e revela-se nos Espíritos aperfeiçoados por brilhante precioso a retratar a Glória divina. Estudando-a de nossa posição espiritual, confinados que nos achamos entre a animalidade e a angelitude, somos impelidos a interpretá-la como sendo o campo de nossa consciência desperta, na faixa evolutiva em que o conhecimento adquirido nos permite operar. 130

No tocante à função, podemos dizer que a mente elabora processos dinâmicos que atingem o organismo físico e o perispiritual, dando qualidades à nossa saúde física, psíquica e espiritual. A mente é um autêntico gerador de força magnética, a expandir-se por meio de pensamentos e palavras. Pode ser comparada a um gerador de energias repulsivas e atrativas, das quais nos servimos para galgar alturas ou descer desfiladeiros, na busca da luz ou da sombra. Saibamos que

o poder da mente ultrapassa nossas acanhadas concepções terrenas. Nela está o germe de criações indescritíveis e o princípio de belezas imortais porque, por seu intermédio, flui o poder fantástico de Deus. Se assim podemos dizer, a mente humana é a mente do Criador na sua mais baixa vibração cósmica, no que diz respeito ao princípio da consciência. No entanto, para nós outros, é o mais alto grau de evolução terráquea, tanto expressando a engrenagem da razão, como ampliando os instintos para um caminho sobremaneira divino — a fraternidade. 131

Encerramos este item com a informação que nos dá André Luiz sobre o papel da mente no exercício da mediunidade e os cuidados que devemos ter com ela para a escolha de nossas ligações com as entidades desencarnadas:

*No exercício mediúnico de qualquer modalidade, a epífise desempenha o papel mais importante. Por meio de suas forças equilibradas, a mente humana intensifica o poder de emissão e recepção de raios peculiares à nossa esfera. [...] Cada mente é um verdadeiro mundo de emissão e recepção e cada qual atrai os que se lhe assemelham. Os tristes agradam aos tristes, os ignorantes se reúnem, os criminosos comungam na mesma esfera, os bons estabelecem laços recíprocos de trabalho e realização (grifo nosso).* 132

## 2.2 O PENSAMENTO

As células que compõem o cérebro humano são os neurônios, numa quantidade aproximada de 100 bilhões daqueles corpos microscópicos. Um impulso elétrico originado no cérebro viaja de um neurônio a outro com a velocidade de 450 quilômetros por hora, ou seja, 1.250 metros por segundo. Cada impulso é emitido a um tempo inferior a um segundo. O trabalho dos neurônios é construir o pensamento. Tudo o que escrevi até aqui foi pensado e repensado. Observe, portanto, que você também está lendo e pensando no que lê ou em outra coisa. É a isso que chamamos de *pensamento contínuo*. Você esteve pensando durante o sono e, ao despertar, continua pensando.

René Descartes, filósofo que muito contribuiu com a história do pensamento, diz que a essência do homem é pensar. *Duvidar, afirmar, ignorar, amar, odiar, querer e não querer, imaginar e sentir, tudo é pensar*. O principal veículo do processo de conscientização é o pensamento. Estar consciente é o mesmo que estar pensando. Essa atividade confere ao homem asas para mover-se no mundo e raízes para aprofundar-se na realidade. Esse processo de conscientização de que fala o filósofo é produto do pensamento contínuo já conquistado pelo homem. William James e depois Sigmund Freud, basearam suas teorias na verdade do pensamento contínuo. Um bom exemplo dessa verdade é que o leitor ou a leitora acorda pela manhã e não se pergunta quem é; não sente necessidade de ir ao espelho para verificar ou ver se é você mesmo(a). Seus pensamentos de ontem podem ser recuperados e continuados, transformando-se a cada instante, se assim o desejar.

Etimologicamente, pensar é *formar uma ideia*; vem do latim *pensare*, de mesmo significado, mas originalmente querendo dizer “pendurar para avaliar o peso de um objeto”. Em sentido amplo, podemos dizer que o pensamento tem como missão tornar-se avaliador da realidade. Quando dirigimos a atenção para um objeto qualquer, começamos, então, a pensar

nele e sobre ele... Se insistirmos no pensamento, as características daquele objeto começam a se revelar para nós e iniciamos a descobrir detalhes e relações entre suas partes e ele começa a se identificar conosco. Se o objeto também for pensante (um ser encarnado ou desencarnado), sintonizaremos com a suas vibrações mentais e estaremos, desse modo, entrando em ressonância com ele e nos influenciando mutuamente. É assim que funciona no intercâmbio mediúnico.

A energia mental, denominada pensamento, exteriorizada pelo médium em forma-pensamento, é de fundamental importância, quando se busca a interlocução com entidades espirituais. Necessário se faz, portanto, que recordemos um pouco das informações de apoio imprescindível ao acervo de conhecimentos dos médiuns e de quem lida com reuniões mediúnicas. Quando se afirma que mediunidade é capacidade de sintonizar, ou seja, vibrar no mesmo diapasão e intercambiar pensamentos, necessário se faz que o médium aprenda a pensar com rigor, induzindo o cérebro a produzir ondas cada vez mais curtas, buscando a sintonia com a entidade com quem deseja permutar ideias e receber orientações. O pensamento, com uma velocidade acima da velocidade da luz (300 mil quilômetros por segundo), é força viva e atuante, criando formas-pensamento no fluido cósmico universal em que estamos mergulhados, tais como peixes no oceano. Para que o pensamento por nós emitido venha esculpir sublimadas criações no oceano fluídico que nos contém, serão necessárias a disciplina mental e a força da vontade vivificadora do emissor. Acompanhemos o mentor Emmanuel:

O pensamento é força criativa, a exteriorizar-se, da criatura que o gera, por intermédio de ondas sutis, em circuitos de ação e reação no tempo, sendo tão mensurável como o fotônio que, arrojado pelo fulcro luminescente que o produz, percorre o espaço com velocidade determinada, sustentando o hausto fulgurante da Criação. <sup>133</sup>

Convém lembrar aqui uma passagem evangélica na qual encontramos não somente o ensinamento moral do Cristo, mas, de forma sutil, o alerta

sobre o poder do pensamento:

Ouvistes o que foi dito: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo: todo aquele que olha para uma mulher, com *desejo libidinoso* já cometeu adultério com ela em seu coração ( Mateus, 5:27 e 28 – *Bíblia de Jerusalém*).

Ora, ninguém *deseja* algo sem antes gastar energia mental. Freud, estudando a fixação mental dos neuróticos, deu a esse processo o nome de *investimento* ou *catexia*, ou seja, a mobilização de energia psíquica ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto etc.<sup>134</sup> E, tal como aprendemos, essa energia despedida esculpe formas-pensamento no fluido cósmico universal e, se alimentadas pela força da vontade, o pensador realiza o adultério, satisfazendo-se intimamente, gerando um desequilíbrio na balança que avalia seus vícios e suas virtudes. Acrescenta Kardec no capítulo VIII de *O evangelho segundo o espiritismo*, itens 6 e 7, que “A verdadeira pureza não está somente nos atos; está também no pensamento, porquanto aquele que tem puro o coração nem sequer pensa no mal.” Dessa forma, tanto a pureza quanto a impureza podem ser alcançadas pelo pensamento.

Resta, então, admitir que o pensamento tem força suficiente para causar o mal. E, se tem força para causar o mal, é uma energia poderosa que pode ser usada para construir o bem.

## 2.3 CENTROS VITAIS

Centros vitais são fulcros energéticos existentes no perispírito, cuja função é a de assimilar e distribuir a carga de fluido vital necessária à manutenção regular das funções orgânicas. São conhecidos também como *chakras*, nome dado por correntes espiritualistas indianas. Revela-nos o médico de Nosso Lar que:

[...] o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos<sup>135</sup> e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado (grifo nosso).<sup>136</sup>

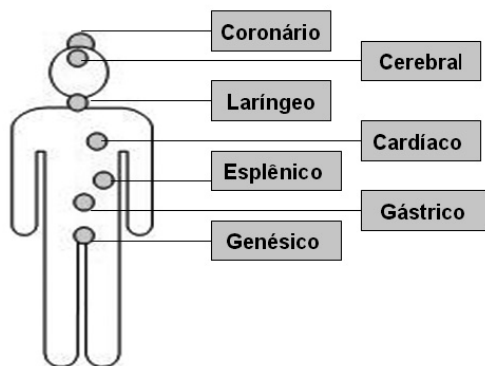


Figura 1 – Centros de força do perispírito.

Para facilitar o nosso estudo, apresentamos, resumidamente, as características e funções de cada um dos centros vitais, valendo-nos das informações dadas pelos Espíritos superiores e do respeitável e emérito professor Carlos Torres Pastorino, contidas em sua ontológica obra *Técnica da mediunidade*. Assim fazemos por considerar inestimáveis seus ensinamentos, os quais favorecem a compreensão dos fenômenos mediúnicos e na formação dos médiuns interessados em mais

eficientemente servirem nas lides de amparo aos desencarnados, com eficiência e sem estafa no desempenho de suas tarefas.

### 2.3.1 Centro coronário

Localiza-se no alto da cabeça, na direção da glândula pineal ou epífise, a que corresponde. Liga-se diretamente com a mente. Dele emanam energias de sustentação do sistema nervoso. É o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estrutura orgânica. É o sintonizador das intuições provenientes do mundo espiritual. Por ele registramos as ondas mentais do Astral superior. A tonsura (círculo feito no alto da cabeça com a raspagem do cabelo), adotada pelos antigos sacerdotes, era resultante da crença de que ela facilitaria o recebimento da luz e da inspiração superiores. Esse centro vital recebe mensagens por telepatia e registra o conteúdo intuitivo do médium quando em contato com seu eu profundo. Esse fenômeno ocorre com os médiuns intuitivos. Os dirigentes de reuniões mediúnicas devem ficar atentos às intuições que possam receber por esse centro vital, para melhor conduzir as atividades, atuando em parceria com a equipe espiritual que supervisiona os trabalhos.

### 2.3.2 Centro frontal

Está localizado entre as sobrancelhas. Ordena as percepções, tais como visão, audição, tato e processos da inteligência e clareza do raciocínio. Nele está o comando do núcleo endocrínico (referente às glândulas de secreção interna); administra os poderes psíquicos. É o responsável pela vidência do plano astral e dos quadros fluídicos criados pela mente do próprio médium, de outro encarnado ou de algum desencarnado. Daí o imperativo de se interpretar com racionalidade o que o vidente realmente vê, e da necessidade de se manter um ambiente neutro do ponto de vista mental dos componentes do grupo mediúnico, evitando-se a possível criação de formas-pensamento, produtos de certos desejos ou da invigilância da mente dos circunstantes. Assumindo a responsabilidade do fenômeno da audição, o centro frontal faz com que o crânio do médium se transmude em uma verdadeira caixa acústica, parecendo ao sensitivo ouvir a voz física do Espírito dentro dele. Desenvolvendo-se o centro frontal, conquista-se a clareza de raciocínio e boa percepção intelectual.

### 2.3.3 Centro laríngeo

Está localizado na garganta, mais ou menos na altura da tireoide. É responsável pela emissão da voz e pelo controle das glândulas tímica, tireoide e paratireoide. O desenvolvimento desse centro apura não só a emissão da voz, que se torna agradável e musical, como favorece ainda a correta e fácil pronúncia das palavras. Os Espíritos o usam para se manifestarem pela psicofonia. Nesse caso, o médium reproduz, muitas vezes, uma voz característica com sotaque imprimido pelo Espírito comunicante, podendo até falar em língua desconhecida pelo médium (xenoglossia). A partir do momento em que é feita a ligação, o médium sente uma mudança física e psíquica, falando mesmo sem querer. Chico Xavier disse: “Eles me colocam um *trem* na garganta e tenho que falar”.

#### 2.3.4 Centro cardíaco

Localiza-se na altura do coração físico, sobre o plexo cardíaco. Sua função principal é governar o sistema circulatório, presidindo à purificação do sangue nos pulmões e ao envio de oxigênio a todas as células. Nele está o principal ponto de contato com o eu profundo. Os seres menos evoluídos deixam-se influenciar pelas vibrações do centro gástrico, que transfere ao cardíaco as emoções inferiores, fazendo palpitar mais rápida e violentamente o músculo do coração (taquicardia). Pode ocorrer, no entanto, que seja fortemente afetado por sentimentos superiores e suas vibrações venham tocar o centro gástrico, reduzindo-lhes a frequência (bradicardia). Pelo centro cardíaco se conectam os Espíritos chamados guias ou mentores dos médiuns, sobretudo em trabalhos de passes e curas. Quando essa conexão se dá, o médium sente agradáveis sensações de bem-estar e de paz, podendo, nitidamente, diferenciar o que sente quando a ele se liga um Espírito involuído, não necessariamente mau.

### 2.3.5 Centro esplênico

Situado na altura do baço, é responsável pela circulação e adequação dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo físico. Tem a função de extrair o prana (energia solar) para vitalizar o organismo. Por ele agem os Espíritos vampirizadores que, em verdadeira simbiose, absorvem a vitalidade do encarnado. Quando isso acontece, a vítima fica debilitada, atingido seu psiquismo e a organização física, chegando à desencarnação. Nesse caso, a ação desobsessiva é imprescindível e sempre tem caráter de urgência. A fluidoterapia é necessária com adjuvante no tratamento médico.

### 2.3.6 Centro gástrico

Fica à altura do umbigo e é responsável pelo metabolismo dos alimentos, pela absorção de elementos extraídos da atmosfera, que vitalizam o sistema digestivo. Controla o funcionamento do sistema vago simpático. Por ele se operam as ligações de Espíritos sofredores e obsessores nas reuniões mediúnicas destinadas à caridade. No momento da ligação o médium, registra todo o conjunto de sensações, emoções e sentimentos do desencarnado, dando-se, em seguida, a comunicação pelo processo denominado *incorporação*. Importante salientar que as virtudes morais, o grau de evangelização e a segurança do médium contribuem imensamente para que o desencarnado encontre a paz e o alívio de suas aflições com apenas esse contato. Diante disso, é providencial que o médium espírita busque manter o centro gástrico devidamente equilibrado, disciplinando a ingestão de alimentos e evitando excessos e uso de bebidas alcoólicas, para melhor servir nas atividades de intercâmbio mediúnico.

### 2.3.7 Centro genésico

Localiza-se no períneo, abaixo dos órgãos genitais. É o santuário do sexo; templo modelador de formas e estímulo. Sua energia, quando sublimada, transforma-se em vigor mental, alimentando outros centros e estimulando a criatividade. Grande número de abusos e desvios sexuais é causado pelo desequilíbrio desse centro, influenciado, com frequência, pela ação de obsessores, que nele encontram campo fácil de domínio de suas vítimas, para sentirem as sensações dos prazeres sexuais pela vampirização das suas energias. Esses Espíritos inferiores podem, também, promover a insensibilização desse centro, sobretudo nas mulheres, dando origem à frigidez, que tantos problemas causam no relacionamento dos cônjuges, chegando, muitas vezes, ao desmoronamento dos lares. Informa-nos Raul Teixeira que é pelo “centro básico ou genésico por onde absorvemos a energia provinda dos minerais, do solo, o chamado pelos iogues de *kundaline* ou *fogo serpentino*.”<sup>137</sup>

Depois dessas informações, não há como desconhecer a importância que têm os centros vitais do perispírito no processo de intercâmbio mediúnico. É necessário que os médiuns e os trabalhadores da área mediúnica conheçam, mesmo que de forma rudimentar, a localização dos centros vitais e a função de cada um deles, com vistas ao direcionamento dos passes, o registro das sensações neles produzidas e a identificação da natureza do Espírito que a ele se liga, podendo, assim, cooperar mais eficientemente nas reuniões mediúnicas.

## 2.4 AURA NOSSA DE CADA INSTANTE



Figura 2 – Aura humana.

Denomina-se *aura* a carapaça existente em torno do corpo físico em formato ovoide, resultante de forças físico-químicas e mentais produzidas pelos nossos pensamentos e sentimentos; é fulcro energético, peculiar a cada indivíduo, revelando o campo magnético em que ele se situa.

Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um ‘halo energético’ que lhes corresponde à natureza. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanações do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade [...].<sup>138</sup>

A nossa aura se modifica a cada instante, numa alternativa de relâmpagos incessantes, provocados pelo teor dos pensamentos, dos sentimentos preservados e das emoções que identificam as nossas tendências, servindo de instrumento de identidade aos seres espirituais que nos circundam.

Estudiosos que se aprofundam na origem, constituição e função da aura humana informam que as cores nela vistas pelos clarividentes têm significados próprios, diagnosticando as condições morais, espirituais e físicas do indivíduo. Por exemplo: azul — sublimação de Espírito; branco-azulado — pureza, amor e caridade; alaranjado — ambição e orgulho; vermelho — paixões violentas, raiva, sensualidade; preto — ódio, vingança

e ação maléfica; cinzento — depressão, tristeza e egoísmo.<sup>139</sup> Atentemos para o relato de André Luiz, quando em uma Igreja, acompanhando um casal de encarnados durante a missa:

Ante ligeira pausa, alonguei o olhar pela multidão bem vestida. Quase todas as pessoas, ainda aquelas que ostentavam nas mãos delicados objetos de culto, revelavam-se mentalmente muito distantes da verdadeira adoração à Divindade. O *halo vital* [aura] de que se cercavam *definia pelas cores o baixo padrão vibratório* a que se acolhiam. Em grande parte, dominavam o *pardo-escuro* e o *cinzento-carregado*. Em algumas, os raios *rubro-negros* denunciavam cólera vingativa que, a nossos olhos, não conseguiriam disfarçar. Entidades desencarnadas, em deplorável situação, espalhavam-se em todos os recantos, nas mesmas características (grifo nosso).<sup>140</sup>

Sobre a realidade da aura na identificação de quem somos e como estamos a cada instante, destacamos do livro *Sexo e destino* o momento em que o médico de Nosso Lar se aproxima de Marina, jovem que vivia momentos de contradição amorosa com seu patrão, esposo daquela de quem ela era enfermeira:

Aproximei-me reverentemente da jovem, no propósito de sondá-la em silêncio e colher-lhe as vibrações mais íntimas; contudo, recuei assustado. Estranhas formas-pensamento, retratando-lhe os hábitos e anseios, em contradição com os nossos propósitos de socorrer a doente [patroa de Marina], fizeram-me para logo sentir que Marina se achava ali a *contragosto*. A sua mente vagueava longe... Quadros vivos de esfuziante *agitação* ressumavam-lhe na cabeça... De olhar parado, escutava, adentro de si própria, a música brejeira da noite festiva que atravessara na véspera, e experimentava ainda na garganta a impressão do *gim que sorvera* abundante. Apesar de surgir-nos, superficialmente, à guisa de menina crescida, sob o turbilhão de

névoa fumarenta, *exibia telas mentais complexas, a lhe relampaguearem na aura imprecisa* (grifo nosso).<sup>141</sup>

Observamos que a condição de *contragosto*, o pensamento voltado para a *agitação* da noite anterior e a *bebida alcoólica* que tomara na véspera faziam com que a aura de Marina se apresentasse de forma irregular, faiscando incessantemente, revelando quem era ela naquele momento.

Em *Obreiros da vida eterna*, o mesmo autor espiritual narra o angustiante momento em que o fogo purificador se aproxima dos habitantes das regiões umbralinas, quando muitos daqueles que ali permanecem pedem ajuda para dele se safar, abrigando-se na Casa Transitória, a qual se preparava para dali partir, levando os que estivessem com propósitos sinceros de se reformarem intimamente. Um deles que ali mourejava se aproxima de André Luiz, posta-se de joelhos e implorando por piedade, afiança que está disposto a reabilitar-se! Nesse instante a irmã Luciana se aproxima, fixa bem o implorante e declara:

Oh! como é horrível a atividade mental deste pobre irmão! Veem-se-lhe no *halo vital* (aura) deploráveis lembranças e propósitos destruidores. Está *amedrontado*, mas *não convertido*. Pretende alcançar a nossa margem de trabalho para se apropriar dos benefícios divinos, sem maior consideração. *A aura dele é demasiadamente expressiva...* (grifo nosso).<sup>142</sup>

Aprendemos com esse texto que:

a) nem sempre as nossas palavras estão consonantes com o nosso íntimo, quando podemos enganar irmãos inexperientes, ingênuos e crédulos, mas não os Espíritos esclarecidos;

b) pela mudança constante da nossa aura em razão dos nossos pensamentos e sentimentos é que os Espíritos amigos e inimigos atestam se estamos mesmo realizando a reforma íntima que buscamos demonstrar com atos exteriores ou enganando a nós mesmos.

Aprendemos com a Espiritualidade que, durante o Atendimento Fraternal pelo Diálogo, atividade que se vem aprimorando cada vez mais nos Centros Espíritas, amparando e esclarecendo com a palavra os irmãos que nele chegam aturdidos em busca da luz do Evangelho, o atendente deverá estar com sua aura em equilíbrio, detendo energias matizadas de sentimento de fraternidade para que, ao acolher o irmão que lhe procura, tenha condições vibratórias para ajudar eficientemente, amenizando as angústias e anestesiando as dores do atendido. O irmão Philomeno, para nossa melhor compreensão, oferece um exemplo do que estamos falando:

Receava a nobre senhora não suportar as últimas dores. Encontrava-se enferma, e embora não desfalecesse na fé, em circunstância alguma, acusava-se cansada, receosa, desalentada... Vencida por choro convulsivo, apoiou-se no intemorato espírita e, *sob a sua aura fortificante*, dele recebeu a energia revigorante de que necessitava.

Paulatinamente foi-se acalmando, recompondo-se (grifo nosso). <sup>143</sup>

Na reunião mediúnica, quando a aura do médium se mantém equilibrada e fortalecida pelas suas virtudes e elevados pensamentos e sentimentos, exerce forte atração na entidade conturbada que será assistida por seu intermédio, sendo aquela envolvida de forma a não resistir o magnetismo de amor que lhe apazigua o íntimo e ameniza suas dores. Acompanhemos o que nos relata Philomeno de Miranda:

Observamos que o inditoso vingador, atraído pelo magnetismo do guia, dulcificado por primeira vez, *acercou-se do médium* em profundo transe inconsciente e, *envolvido pela aura e fluidos que se exteriorizavam do sensitivo*, incorporou-o (grifo nosso). <sup>144</sup>

Pelo estado aural em que nos encontramos, os Espíritos nos identificam e por ela atraímos para nosso convívio entidades espirituais que se nos assemelham pelo teor vibratório; logo, é oportuno lembrarmos da importância e função que ela tem no processo de intercâmbio com os

Espíritos. O médico de Nosso Lar confirma ser a aura um dos fulcros energéticos da comunicação mediúcnica ao dizer que:

A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, por meio da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nossa. Isso porque exteriorizamos, de maneira invariável, o reflexo de nós mesmos, nos contatos de pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais.<sup>145</sup>

Prezado leitor ou leitora, diante de todas essas informações sobre a função de nossa aura, fulcro energético representativo dos nossos pensamentos, sentimentos e emoções a cada instante, ao longo da vida, só nos resta tomar cuidado para que ela assuma sempre a condição de painel luminoso que permita se aproximem de nós os bons Espíritos e nos distancie dos maus, os quais nos causam sérios prejuízos, impedindo-nos sejamos colaboradores eficientes na Seara de Jesus. Convém usar esse conhecimento para melhor compreendermos a complexidade que nos oferece a fenomenologia mediúcnica e a sua prática.

---

<sup>122</sup> SCHUBERT, Suely Caldas. *Os poderes da mente*. “A mente”, 2010.

<sup>123</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Q. 370, 2013.

<sup>124</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Cap. 1, 2013.

<sup>125</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Vida: desafios e soluções*. 2000.

<sup>126</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Cap. 25, 2012.

<sup>127</sup> KARDEC, Allan. *O livros dos médiuns*, Segunda Parte, cap. 29, it. 331.

<sup>128</sup> SANTANA, Hernani T. *Universo e vida*. Cap. 5 it. 7, 1980.

<sup>129</sup> BARCELOS, Walter. *Sexo e evolução*. Cap. 3, It. 3.7, 1992.

- 130 XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Cap. 1, 2013.
- 131 MAIA, João Nunes. *Horizontes da mente*. Cap. “Poder da mente”, 1995.
- 132 XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Cap. 1, 2013.
- 133 XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Cap. 5, 2013.
- 134 LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 2001.
- 135 Nota do autor: Plexo: entrelaçamento de ramificações nervosas, cuja localização, no corpo físico, corresponde à localização dos centros vitais, no perispírito.
- 136 XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*. Cap. 20, 2013.
- 137 FRANCO, Divaldo Pereira; TEIXEIRA, José Raul. *Diretrizes de segurança*. Cap. 1, It. 28, 2002.
- 138 XAVIER, Francisco Cândido. *Evolução em dois mundos*. Cap. 17, 2013.
- 139 TOLEDO, Wenefledo. *Passes e curas espirituais*. “Introdução (Aura humana)”, 1993.
- 140 XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Cap. 9, 2013.
- 141 Id. *Sexo e destino*. Cap. 2, 2013.
- 142 XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. Cap. 10, 2013.
- 143 FRANCO, Divaldo Pereira. *Nos bastidores da obsessão*. Cap. 13, 1995.
- 144 Id. *Grilhões partidos*. Cap. 18, 1989.
- 145 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Cap. 17, 2013.

## CAPÍTULO 3

### RECURSOS ESSENCIAIS PARA O INTERCÂMBIO MEDIÚNICO

*Orai ao começo e ao fim de cada sessão; ao começo, para elevardes vossas almas e atrairdes os Espíritos esclarecidos e benevolentes; ao terminar, para agradecerdes os benefícios e ensinamentos que houverdes recebido. Seja a vossa prece curta e fervorosa, e muito menos uma fórmula que um transporte de coração.* 146

É imprescindível, para o exercício da mediunidade com Jesus, que seus interessados conheçam e pratiquem determinados recursos, os quais irão favorecer o chamamento dos bons Espíritos e promover o preparo mental e espiritual dos componentes do grupo de trabalho. Assim procedendo, os resultados do trabalho serão os melhores possíveis. O *silêncio*, o *recolhimento*, a *oração*, a *concentração* na busca da *sintonia* com as vibrações elevadas do ambiente espiritual são procedimentos decisivos, sem os quais obteremos apenas uma produção mediúnica de qualidade inferior, que servirá, somente, aos interesses terra a terra. Busquemos convencer-nos da importância desses recursos.

### 3.1 A ORAÇÃO

A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer.<sup>147</sup>

A importância da oração em nossas vidas vem sendo lembrada em todos os livros sagrados que chegaram até nós. Desde os Vedas até o Antigo Testamento e desde o Novo Testamento até a Codificação da Doutrina Espírita, a prece é apresentada como uma necessidade vital do homem, porquanto por ela nos colocamos em comunhão com Deus e com entidades superiores que regem nossas vidas. Ela é o primeiro recurso da alma a ser adotado na busca do intercâmbio mediúnico. A oração constrói a ponte que liga as duas margens do rio vibracional que nos separa do elevado mundo espiritual superior. Quanto a ela, devemos lembrar o que nos assegura o meigo Nazareno:

- a) que ela é o meio pelo qual nos ligamos a Deus (Mateus 6:5 a 8);
- b) que a façamos de coração limpo, perdoadando os nossos ofensores (Marcos 11:25 e 26);
- c) que a façamos de coração justo e sem hipocrisia (Lucas 18:9 a 14);
- d) que não sejam vãs repetições (Mateus 6:7);
- e) que tenhamos a certeza que por ela Deus atende nossas rogativas (Marcos 11:24).

Para que a oração não seja pronunciada como fórmula mágica, sem o verdadeiro significado acima descrito, é oportuno lembrar o que diz o venerando mentor do médium Chico Xavier:

Em muitos recantos, encontramos criaturas desencantadas da oração. Não prometeu Jesus a resposta do Céu aos que pedissem no seu nome? Muitos corações permanecem desalentados porque a morte lhes roubou um ente amigo, porque desastres imprevistos lhes

surgiram na estrada comum. Entretanto, repitamos, o Mestre divino ensinou que o homem deveria solicitar em seu nome. Por isso mesmo, a alma crente, convicta da própria fragilidade, deveria interrogar a consciência sobre o conteúdo de suas rogativas ao supremo Senhor, no mecanismo das manifestações espirituais. Estará suplicando em nome do Cristo ou das vaidades do mundo? Reclamar, em virtude dos caprichos que obscurecem os caminhos do coração, é atirar ao divino Sol a poeira das inquietações terrenas; mas pedir, em nome de Jesus, é aceitar-lhe a vontade sábia e amorosa, é entregar-se-lhe de coração para que nos seja concedido o necessário. Somente nesse ato de compreensão perfeita do seu amor sublime encontraremos o gozo completo, a infinita alegria. Observa a substância de tuas preces. Como pedes? Em nome do mundo ou em nome do Cristo? Os que se revelam desanimados com a oração confessam a infantilidade de suas rogativas. 148

Quando se louva a Deus, Ele é o centro da oração; quando se agradece, o centro da oração é o agraciado e, quando se pede, o centro da oração pode ser quem ora ou o próximo, pelo qual se ora. Neste caso, dizemos que a oração é *intercessória*, isto é, rogamos pelos sofredores encarnados e desencarnados.

Em uma reunião mediúnica, a prece será um agradecimento pela oportunidade de todos estarmos ali a serviço da caridade. Por ela invocamos as entidades amigas e lhes pedimos auxílio para mantermos condições físicas, mentais e espirituais na execução da tarefa a que fomos chamados.

Ensinam os Espíritos que orar é dever primordial de toda criatura humana e que a oração de cada dia se transforma em orvalho divino que abrandando o excessivo calor das paixões.

O ministro Clarêncio ensina a André Luiz que a prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Mais à frente, acrescenta:

Todas as nossas aspirações movimentam energias para o bem ou para o mal. Por isso mesmo, a direção delas permanece afeta à nossa responsabilidade. Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais, ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. Desejos banais encontram realização próxima na própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobre são amparados pelas almas que se enobreceram. Ideais e petições de significação profunda na imortalidade remontam às alturas... 149

Tendo em vista que nem sempre nos encontramos em condições psíquicas ideais para iniciarmos o trabalho da prece, buscando a comunhão com os planos espirituais superiores, fazemos uso de procedimentos acessórios que nos ajudam no recolhimento íntimo para o momento da oração. São eles:

- a) Local preferido. Na sala de reunião mediúnica, buscar o recanto habitual, se possível;
- b) Leitura preparatória de um texto que favoreça a reflexão;
- c) Pouca iluminação para diminuir a distração;
- d) Posição corporal relaxante;
- e) Música ambiente de harmonia elevada.

Insistimos que são esses apenas elementos adicionais e não essenciais à rogativa a Deus ou aos seus embaixadores. Aquele que é convocado a orar deve cuidar para não se condicionar a esses recursos, pois, muitas vezes, não poderá contar com eles. Penumbra, música elevada e leitura de uma mensagem de cunho evangélico favorecem a concentração, não se tem dúvida disso; no entanto ninguém deixará de fazer uma prece por não se ler antes uma página de um livro espírita, ou porque seja dia e não poderá se livrar da luz do Sol e, também, porque não haja acordes sublimados...

### 3.2 OBJETIVIDADE DA ORAÇÃO

Nas vossas orações não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos. Não sejais como eles, porque o vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes. 150

No capítulo XXVIII de *O evangelho segundo o espiritismo*, Allan Kardec nos legou uma coleção de lindas e tocantes orações, deixando claro que elas devem ser proferidas com objetividade, isto é, para cada caso ou situação, devemos nos dirigir ao mundo espiritual de forma precisa sobre o que esperamos com a nossa rogativa. Por esse motivo, sugeri o codificador modelos de preces para cada momento, sem desejar que elas se tornassem *vãs repetições*, mas que servissem, apenas, de modelos para quem não tem o hábito de se dirigir às potências invisíveis, ficando, por isso, inibidos.

Com relação à sua objetividade e clareza da prece, diz ele:

A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são meros adornos de lantejoulas. Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma ideia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: deve fazer refletir. Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo, não passa de ruído. 151

Como exemplos de concisão, simplicidade e objetividade da oração espírita, trazemos aqui as que nos legou Kardec para início e término das reuniões mediúnicas e aquela a ser proferida pelo próprio médium, que vai se colocar à disposição dos Espíritos para o esperado intercâmbio. A ideia é dar exemplo do que estamos falando: objetividade e clareza da prece.

### 3.2.1 Oração para o começo da reunião

Ao Senhor Deus onipotente suplicamos que envie, para nos assistirem, Espíritos bons; que afaste os que nos possam induzir em erro e nos conceda a luz necessária para distinguirmos da impostura a verdade.

Afasta, igualmente, Senhor, os Espíritos malfazejos, encarnados e desencarnados, que tentem lançar entre nós a discórdia e desviar-nos da caridade e do amor ao próximo. Se procurarem alguns deles introduzir-se aqui, faze não achem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que vos dignais de vir instruir-nos, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; preservai-nos de toda ideia de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes e ausentes, amigos ou inimigos; fazei, em suma, que, pelos sentimentos de que nos achemos animados, reconheçamos a vossa influência salutar.

Dai aos médiuns que escolherdes para transmissores dos vossos ensinamentos consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento precisos.

Se, em nossa reunião, estiverem pessoas que tenham vindo impelidas por sentimentos outros que não os do bem, abri-lhes os olhos à luz e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos, se trouxerem malévolas intenções.

Pedimos, especialmente, ao Espírito N..., nosso guia espiritual, que nos assista e por nós vele. 152

### 3.2.2 Oração para o fim da reunião

Agradecemos aos bons Espíritos que se dignaram de comunicar-se conosco e lhes rogamos que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram e façam que, ao sair daqui, cada um de nós se sinta fortalecido para a prática do bem e do amor ao próximo. Também desejamos que as suas instruções aproveitem aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos, que tenham participado da nossa reunião e para os quais imploramos a misericórdia de Deus. 153

### 3.2.3 Oração a ser feita pelo médium

Deus onipotente, permite que os bons Espíritos me assistam na comunicação que solicito. Preserva-me da presunção de me julgar resguardado dos Espíritos maus; do orgulho que me induza em erro sobre o valor do que obtenha; de todo sentimento oposto à caridade para com outros médiuns. Se cair em erro, inspira a alguém a ideia de me advertir disso e a mim a humildade que me faça aceitar, reconhecido, a crítica e tomar como endereçados a mim mesmo, e não aos outros, os conselhos que os bons Espíritos me queiram ditar. Se for tentado a cometer abuso, no que quer que seja, ou a me envaidecer da faculdade que te aprouve conceder-me, peço que ma retires, de preferência a consentires seja ela desviada do seu objetivo providencial, que é o bem de todos e o meu próprio avanço moral. <sup>154</sup>

Obs.: É denominado *médium* qualquer um dos membros de uma reunião mediúnica.

### 3.3 CONCENTRAÇÃO

Uma vasta literatura trata desse assunto, oferecendo definições, mandamentos e métodos para controlar a mente e obter a concentração desejada em determinado momento e em alguma coisa. A origem latina do vocábulo *concentração* tem um sentido claro e definido: fazer *convergir* para um centro, ou para um mesmo ponto algo que se deseja. Logo, concentrar, em nosso caso, é conduzir e manter o pensamento preso ao que se deseja.

É muito comum ouvirmos participantes das reuniões mediúnicas confessarem suas dificuldades neste particular; que seus pensamentos se alteram a cada momento e que não conseguem, nem mesmo, acompanhar a prece proferida pelo irmão ao lado. Não há dúvida de que

a arte da concentração é uma conquista valiosa e demorada, que exige cultivo e exercício, a fim de responder de maneira eficiente às necessidades emocionais do homem [...], e que sem o contributo da concentração quaisquer atividades perdem o brilho e são mal executadas. É ela que propicia o enriquecimento dos detalhes, a visão particular e geral do empreendimento, revigorando o indivíduo, concedendo-lhe lucidez e inspiração.<sup>155</sup>

Em *Obreiros da vida eterna*, livro ditado pelo Espírito André Luiz e psicografado por Chico Xavier, encontramos um exemplo de concentração com as dificuldades apresentadas pelos componentes do grupo e seus resultados satisfatórios, que abaixo resumimos:

No Santuário da Bênção, o instrutor Cornélio solicita que os presentes projetem suas forças mentais numa tela cristalina, com o objetivo de se criar uma paisagem simbólica personificando a paz. Esperava-se a visita de entidade de elevada hierarquia espiritual, com o objetivo de oferecer instruções para as tarefas a serem desenvolvidas junto aos encarnados. Solicita, então, a projeção de forças mentais sobre tela para a criação de

vigorosa árvore e de um lago tranquilo, ficando ele, Cornélio, responsável pela mentalização do tronco; os colaboradores, pela criação do lago e pela veste da árvore e da vegetação circundante. Sugere procedimentos para a concentração. André Luiz se concentra nas gramas que ele plantara e cultivara em seu lar, quando na Terra. Fazendo uma pausa, Cornélio informa que a obrigação não fora inteiramente cumprida: as bordas do lago previsto estavam quase nuas e o tronco da árvore com pouquíssimos galhos... Nova tentativa foi levada a efeito e a paisagem se apresentou verdejante e com mimosas flores...

Notemos que os obreiros do Senhor, mesmo no plano espiritual, sentiram dificuldades para a concentração na formação de uma paisagem. Imaginemos nós, ainda submetidos ao escafandro carnal, quantos óbices enfrentamos para nos concentrarmos durante uma prece... Todos já vivemos a experiência da realização de uma tarefa delicada, cuja atenção é imprescindível para não cometermos nenhum erro, garantindo o resultado positivo esperado. Na reunião mediúnica, atentemos para os detalhes de cada passo do que acontece; busquemos a visão particular do fenômeno que nos dá ensinamento e faz correções em nossa maneira de pensar e sentir sobre tal ou qual tema da vida. Assim agindo cada membro da reunião, a concentração vai favorecendo a união dos pensamentos de todos naquele determinado tema. De olhos fechados para se imunizar das possíveis distrações, o circunstante mentaliza o que possivelmente se passa no plano espiritual, acompanhando, *pari passu*, as palavras daquele que ora ou que se dirige à entidade espiritual sofredora. Dessa forma estará fortalecendo energeticamente suas palavras de orientação e de consolação. O esforço particular para se alcançar uma boa concentração deve ser adotado pelo médium, exercitando o pensamento em horas determinadas, educando-o, disciplinando-o.

Nesse sentido, consideremos a concentração mental de modo diverso dos que a comparam a interruptor, de fácil manejo que, acionado, oferece passagem à energia comunicante, sem mais cuidados... A

concentração, por isso mesmo, deve ser um estado habitual da mente em Cristo e não uma situação passageira junto ao Cristo.

Graças à indisciplina da mente sacudida pelos ventos da polídeia nascem, durante o labor intercambial, os defeitos e irregularidade que tanto prejudicam o ministério espiritual.<sup>156</sup>

Quanto à oração, ficou clara a sua importância e sua necessidade para todos nós, sendo mesmo um dever humano, como ensinam os Espíritos, e não somente um recurso para se pedir socorro a Deus.

### 3.4 SINTONIA

Quando você aciona o controle do seu rádio ou da sua televisão na busca de uma determinada estação emissora de som ou de imagem, você está buscando *sintonizar* a emissora preferida. Escolhida a emissora, seu aparelho passa a produzir vibrações eletromagnéticas semelhantes às emitidas pela emissora de sua preferência e, então, dá-se a *sintonia*: a imagem e/ou o som desejado vai se manifestar aos seus olhos e ouvidos, para sua satisfação. Quando você diz que se *sintoniza* muito bem com os colegas do grupo de trabalho no Centro onde frequenta ou no escritório, você está afirmando que suas opiniões e seus sentimentos se assemelham aos deles. Logo, entrar ou alcançar a sintonia com alguém é entrar em acordo de pensamento, harmonizar-se com ele, tomar decisões conjuntas. Nesse caso há reciprocidade entre as duas criaturas.

Para o intercâmbio mediúnico, a sintonia mental é indispensável. Sem ela, o fenômeno mediúnico não será logrado. Somente haverá sintonia entre duas mentes se houver interesse mútuo. Apenas a associação de interesses permite o intercâmbio entre mentes encarnadas e desencarnadas. É Lei divina que se impõe naturalmente em todo o universo. Não há como se processar a manifestação de um Espírito por meio de um médium se os dois não alcançarem um patamar vibratório equivalente. Eis por que os dois interessados no fenômeno — o médium e o Espírito —, buscarão por meio da oração e da concentração essa sintonia. O irmão Jacob experienciou a dificuldade de intercâmbio por falta de sintonia com o encarnado receptor e relata-nos o que acontece nessa situação:

Por vezes, a deficiência do receptor, aliada às múltiplas ondas que o cercam, impede a consumação de nossos propósitos. Se o instrumento de intercâmbio permanece absorto nas preocupações da luta comum, é difícil estabelecer a preponderância de nossos desejos. <sup>157</sup>

Diante dessa revelação, é fundamental que se promova o encontro vibracional com a entidade comunicante, não permitindo que o foco mental vagueie por paisagens particulares. O médium não terá condições de improvisar *concentração* e *sintonia* elevadas na reunião mediúnica se não as exercitou no cotidiano da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos os recursos essenciais para o intercâmbio mediúnico, objetivamos alertar sobre a importância da construção de um momento de elevado teor vibratório destinado ao contato com as esferas espirituais superiores. Ressaltamos a necessidade do silêncio, do recolhimento íntimo, da oração e da concentração, elementos que favorecerão a sintonia com as entidades espirituais esclarecidas, a serviço de Jesus. Recordamos que a prece é o recurso primordial com o qual todos contamos para encetar o intercâmbio mediúnico, e que essa interlocução entre encarnado e desencarnado somente será possível quando existir uma sintonia mental, resultante de interesses comuns. A recomendação dos mentores espirituais é que a prece seja simples, clara e objetiva; que para fazê-la devemos nos recolher intimamente, concentrando-nos naquele ou naquilo para o qual dirigimos nossas rogativas. Para se alcançar melhores condições psíquicas no momento da oração, podemos recorrer a práticas acessórias, tais como leitura preparatória de um texto que favoreça a reflexão; pouca iluminação favorecendo a concentração; local adequado e preferido; posição corporal relaxante; silêncio interior e música ambiente de harmonia elevada. A objetividade da oração é sempre preferível, evitando que o orador não se perca em divagações, dificultando o raciocínio dos que lhe acompanham mentalmente. Em razão desse fato, evocamos os ensinamentos do mestre Allan Kardec no tocante ao assunto, dando como exemplos as orações a serem proferidas no início da reunião, no final de reunião e aquela a ser feita pelo médium, ou seja, qualquer membro do grupo mediúnico. Com tudo isso feito com rigor e com amor, conseguiremos a sintonia desejada com o plano espiritual superior, recebendo dele o que necessitamos.

---

146 DENIS, Léon. *No invisível*. Cap. 10, 2011.

147 KARDEC, Allan. *O livros dos espíritos*, q. 659, 2013.

148 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Cap. 66, 2012.

149 XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*. Cap. 1, 2013.

150 MATEUS, 6:7 e 8.

151 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 28, “Preâmbulo”, it. 1, 2013.

152 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 28, it. 6, 2013.

153 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. it. 7, 2013.

154 Id. Ibid. It. 10.

155 FRANCO, Divaldo Pereira. *Plenitude*. Cap. 6, 1991.

156 FRANCO, Divaldo Pereira. *Sementeira da fraternidade*. Cap. 25, 2008.

157 XAVIER, Francisco Cândido. *Voltei*. Cap. 1, 2013.

## CAPÍTULO 4

### O INCONSCIENTE

Já vimos no capítulo 2, item 2.1, que a mente é base de todos os fenômenos mediúnicos. Aqui vamos conhecer suas *instâncias* psíquicas.<sup>158</sup> Favorecendo o entendimento, vamos conhecer as gavetas de nossa mente, desde que aceitemos compará-la com um armário, onde temos gavetas para arquivar, guardar documentos (memórias). Não há aqui nenhuma pretensão de fazer um ensaio analítico das teorias psicanalistas de Sigmund Freud (1856–1939) que, cientificamente, comprovou a existência do *inconsciente*, nem tampouco adentrar pelos meandros da psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875–1961).

Didaticamente, os estudiosos encontram na mente três áreas, três gavetas (pedimos desculpas ao leitor exigente e familiarizado com a terminologia psicanalítica), cada uma delas destinada a guardar documentos de natureza distinta. O *consciente* é a instância da mente que alberga *tudo* o que estamos percebendo com os sentidos físicos; *tudo* do que estamos cientes em determinado momento, embora esse *tudo* seja um “quase nada”, já que o consciente é apenas uma pequena parte do aparelho psíquico, como veremos mais adiante. A outra instância é o *subconsciente*, uma *gaveta* intermediária entre o consciente e o inconsciente. Nele estão recolhidos os arquivos, as memórias que não estamos usando a todo momento, mas que são acessíveis com um pouco de esforço, de consumo de energia psíquica. A terceira instância é o *inconsciente*. Nessa gaveta ficam arquivadas todas as experiências da nossa existência, cuja carga emocional nos fez sofrer de algum modo. Para se defender da permanência das vivências desagradáveis,

o nosso consciente as arquiva no inconsciente e esquecemo-las definitivamente. Essas lembranças foram apelidadas por Freud de *conteúdo recalçado*. Embora não recordemos os fatos que foram recalçados, sentimos suas emoções, que se mantêm latejantes nessa gaveta denominada inconsciente, manifestando-se em nosso organismo físico e psíquico como sintomas enfermícios. Trata-se de doenças que surgem e que não se curam somente por medicamentos, fazendo-se necessárias a psicanálise, a psicoterapia, o tratamento espiritual e a busca do autoconhecimento. No inconsciente encontram-se, também, as experiências de vidas pregressas. Tanto umas quanto as outras experiências carregam a possibilidade de serem recuperadas, de virem à tona, dando rumos imprevisíveis às nossas vidas. Atentemos para o que dizem as personalidades abaixo a respeito dessas possibilidades.

*A Psicanálise, por exemplo, tem concepção específica em torno da determinação da conduta, conflitando com a natureza da modificação do comportamento. O psicanalista enfatiza as forças intrapsíquicas como fundamentais, predominantes, responsáveis pelo comportamento (grifo nosso).*<sup>159</sup>

*[...] Em um nível mais profundo [que o da concentração], a Meditação é-lhe [ao ser] o instrumento precioso para a autoidentificação, por facultar-lhe alcançar as estruturas mais estratificadas [no inconsciente] da personalidade, revolvendo os registros arcaicos que se lhe transformaram em alicerces geradores da conduta presente (grifo nosso).*<sup>160</sup>

Resumiremos tudo, dizendo que eles [os **sonhos**] podem ser: uma *visão atual das coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado* e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Também muitas vezes são quadros alegóricos que os Espíritos nos põem sob as vistas, para dar-nos úteis avisos e salutares conselhos, se se trata de Espíritos bons; para induzir-nos em erro e

nos lisonjear as paixões, se são Espíritos imperfeitos os que no-lo apresentam (grifo nosso). 161

Será de bom alvitre **investigarmos** as nossas **vidas passadas**, para nos conhecermos melhor? As revelações do passado traduzem responsabilidade para os que as recebem? É bom ouvirmos o que nos aconselha o Espírito Emmanuel:

Se estais submersos em esquecimento temporário, esse olvido é indispensável à valorização de vossas iniciativas. *Não deveis provocar esse gênero de revelações*, porquanto os amigos espirituais conhecem melhores as vossas necessidades e poderão provê-las em tempo oportuno, sem quebrar o preceito da espontaneidade exigido para esse fim. O conhecimento do pretérito, através das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento; tanto assim que, para muitos, *essas reminiscências costumam constituir um privilégio doloroso, no ambiente das inquietações e ilusões da Terra* (grifo nosso). 162

## 4.1 O INCONSCIENTE FILOSÓFICO

Tomemos contato com alguns filósofos que pressentiram o *inconsciente* e sua atuação em nossas vidas. Leibniz (1646–1716), nascido em Leipzig (Alemanha), desenvolveu embrionária noção do inconsciente. Frisou a importância de sua atuação em nossas ações, quando se referiu à *percepção* sem *apercepção*, que é a faculdade ou ato de apreender imediatamente pela consciência uma ideia, uma intuição. Estava ele dizendo que agíamos, muitas vezes, sem que a decisão de agir passasse pelo ajuizamento do intelecto. Escreveu:

Inumeráveis sinais nos levam a afirmar a existência — em nós e a todo o momento — de uma infinidade de *percepções*, *porém sem apercepções e sem reflexões*; simples modificações da alma, da qual não nos apercebemos, pois são impressões tênues ou muito numerosas ou muito uniformes; somadas com as outras, *não deixam elas de fazer seu efeito e fazer-se notadas no conjunto, pelo menos confusamente* (grifo nosso).<sup>163</sup>

Entendia o filósofo que muitos de nossos pensamentos e ações não são regidos e acompanhados pelo conhecimento direto, pela reflexão, ou seja, pela consciência. Mais à frente reconhece a importância de tais *percepções*, tal como Freud ao criar a psicanálise:

Por outro lado devo acrescentar que são estas *mínimas percepções que nos determinam em inumeráveis ensejos sem que nós pensemos*, e que enganam o vulto com uma aparente indiferença de equilíbrio, como se, por exemplo, fosse para nós indiferente voltar-se à direita ou à esquerda (grifo nosso).<sup>164</sup>

Meio século depois, com o filósofo alemão Schelling (1775–1854), a ideia da existência de um *inconsciente* na mente humana fortaleceu-se,

descobrir-se sua potencialidade e sua função, mas nada cientificamente comprovado:

Este eterno Inconsciente que, como o sol eterno do reino dos espíritos, esconde-se em sua própria luz serena e, apesar de nunca se tornar objeto, imprime às ações livres a sua Identidade, é o mesmo por toda inteligência e é ao mesmo tempo a raiz invisível da qual todas as inteligências não são senão potências. 165

Schopenhauer (1788–1860), filósofo alemão, conhecido pela sua visão pessimista do mundo, admitiu que o simples *ato de querer* era algo não decidido conscientemente, afirmando que:

A *vontade* que é considerada puramente em si é um *impulso inconsciente*, cego e irresistível como a vemos ainda na natureza inorgânica e vegetal e em suas leis, como na parte vegetativa da nossa própria vida (grifo nosso). 166

O inconsciente, para o filósofo de mal com a vida, era concebido como a sede dos desejos de onde são oriundos os impulsos pela preservação, pelo prazer, de tudo o que é realmente orgânico, vegetativo. Ele estava próximo daquilo que Freud, mais tarde, descobriria na prática e descreveria, com os seus pacientes neuróticos.

Interessante também é a observação de Henri Bergson (1859–1941), conhecido principalmente por suas obras *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* e *Matéria e memória*, admitindo, juntamente com Freud, seu contemporâneo, a existência e a função do *inconsciente* como a gaveta onde se guardam as experiências que não devem ser lembradas.

Se a consciência é somente o sinal característico do presente, daquilo que tem vivido atualmente, ou seja, daquilo que *age*, então aquilo que não age poderá cessar de pertencer à consciência sem cessar necessariamente de existir de qualquer maneira. 167

Aceitava Bergson, dessa forma, que nada desaparece após ser percebido e experienciado pelo ser humano. Se não permanecer no consciente, vai se alojar no inconsciente. Tinha ele razão, como veremos mais adiante.

## 4.2 O INCONSCIENTE CIENTÍFICO

Antes de Freud, como vimos, o termo *inconsciente* era uma forma puramente adjetiva para designar aquilo que não pertencesse ou não estava na memória, na consciência; o que não era “consciente”, mas que poderia ser a qualquer momento, por qualquer motivo. Jamais foi o termo usado para designar um sistema psíquico diferenciado dos demais sistemas e dotado de atividade própria. A Filosofia vem sempre antes da Ciência, mas não estabelece princípios e mesmo leis, pois não se fundamenta em experiências laboratoriais nem em pesquisa de campo para comprovação de seus postulados. O método da Filosofia é o questionamento, a indagação. O mais importante para ela é a pergunta e não a resposta. Seu instrumento é a intuição. Jostein Gaarder, autor de romances filosóficos, cujo trabalho mais conhecido é *O mundo de Sofia*, publicado em 1991, ensina com muita simplicidade que filosofia é fruto da capacidade do homem se admirar com as coisas, surgindo, então, as ditas perguntas filosóficas. Allan Kardec já havia dito que:

A filosofia não é uma negação das leis estabelecidas pela divindade, de religião. Longe disto, a filosofia é a busca do que é sábio, do que é o mais exatamente razoável. 168

Freud, espírito indagador, de acurada capacidade de observação científica e aguçado senso crítico, elaborou a proposta do *inconsciente* de forma a ser compreendido em sua subjetividade. Para ele o inconsciente deixou de ser tal como se pensava antes — algo que se encontrava *abaixo* do consciente. Entendia que o inconsciente não é o que se *perdeu* da memória, mas um sistema que se contrapõe a outro sistema psíquico. Para melhor conceituar o inconsciente, Freud desenvolveu a *Teoria topográfica*, para dizer que cada instância tinha o seu *lugar*. Assim, o psiquismo humano foi concebido em três instâncias já mencionadas: consciente, subconsciente (pré-consciente para Freud) e inconsciente. O consciente, para Freud, é

concebido como aspectos da função mental, que inclui as reflexões, os pensamentos, as sensações e tudo o que sabemos a nosso respeito.

No subconsciente mourejam aqueles processos mentais que não estão, em determinado momento, dentro do conhecimento consciente do indivíduo, mas a este podem ser trazidos com o mínimo gasto de energia psíquica. Como exemplo, eu lhe pergunto: Quem esteve na festa de aniversário de seus 18 anos? Você não estava pensando nesse fato e, por isso, vai gastar um pouco de energia mental, mas conseguirá se lembrar de todos ou quase todos os convivas. Esse registro mental estava no subconsciente, já que você não tem necessidade de mantê-lo na memória a todo momento.

No inconsciente dormita tudo o que nosso ego não permite que ascenda à consciência. Ele é composto das funções mentais que não fazem parte da percepção consciente do indivíduo. Há momentos em nossas vidas em que nos sentimos impotentes para recordar algo e chegamos a ficar angustiados. Por exemplo, em algum momento pretendemos lembrar o nome correto de uma determinada pessoa e não conseguimos, embora o nome esteja *na ponta da língua*, conforme costumamos dizer. Se alguém nos oferece alguns nomes, na tentativa de nos ajudar a lembrança, temos condições de comparar mentalmente, rejeitando as sugestões por saber que não é o nome que procuramos, mas, para nosso sofrimento e decepção, muitas vezes, continuamos sem identificá-lo. É algo *presente-ausente* ao mesmo tempo, ou seja, o nome da pessoa ocupa um lugar em nosso consciente, mas sua representação foi para o sistema inconsciente. Lá estão os desejos, as emoções, fantasias, recalques, compulsões, agressividade etc.

Busquemos a contribuição do Espírito Joanna de Ângelis para concluirmos este trabalho de construção de um conceito de *inconsciente*.

Do ponto de vista psicológico, o inconsciente é o conjunto dos processos que agem sobre a conduta, mas escapam à consciência. [...] Com as notáveis contribuições de Freud, e, mais tarde, de Jung, entre outros, o *inconsciente* passou a ser a *parte da atividade mental que*

*inclui os desejos e aspirações primitivas ou reprimidas, segundo o mestre de Viena, em razão de não alcançarem a consciência espontaneamente, graças à censura psíquica que bloqueia o conhecimento do ser, mas somente através dos métodos psicoterápicos — revelação dos sonhos, redescobrimto dos fatores conflitivos, dos atos perturbadores e outros — ou dos traumas profundos que afetam o sistema emocional.* 169

Jorge Andréa, psiquiatra espírita e renomado estudioso do psiquismo humano, adverte-nos quanto ao cuidado que devemos ter, acreditando, como Freud, que o inconsciente é apenas uma caldeira incandescente de instintos e também charco de sentimentos inferiores e paixões desenfreadas que atormentam nossas vidas, dificultando-nos a jornada redentora. Lá não estão apenas as coisas sombrias, que nos perturbam e dificultam nossa jornada em direção à Luz; do inconsciente também florescem iluminadas ideias, promanam dele energias que movimentam sonhos nobres, ideais superiores que convidam a humanidade à regeneração. Insiste ele:

[...] Necessitamos acabar com a trivial ideia de que o inconsciente é consequência da zona consciente, um fosso onde existem paixões, baixezas, vulgaridades, barbaridades e crimes. Ele é, também, a fonte de beleza das artes e das ciências, adquiridas pelas experiências pretéritas e, ainda mais, bigorna onde o martelar constante das dores consegue transformar o satânico em angelitude. Foi, realmente, Jung quem cultuou e ampliou essas ideias de um inconsciente rico, complexo e carregando dentro de si próprio os fatos da história da humanidade. 170

### 4.3 TOPOGRAFIA DA MENTE

Embora sabendo que a mente é um fulcro energético uno, sob o controle do Espírito imortal, ela pode ser didaticamente apresentada numa forma topográfica para melhor compreendermos seu delicado e complexo funcionamento. É comum subdividir a mente em três instâncias distintas como já vimos: *consciente*, que pode ser considerado como sendo a própria personalidade; *subconsciente*, instância que detém material psíquico e emocional colhido na presente existência e guardado para ser consultado quando necessário; e, finalmente, o *inconsciente*, arquivo onde são mantidas as experiências da vida, que o Ego se nega a reconhecer, vindo à tona por meio excepcional por meio de procedimentos psicológicos ou psicanalíticos. No entanto, para atender aos avanços do conhecimento científico com base na pluralidade das existências, a subdivisão baseada na teoria de uma vida única não satisfaz plenamente, tendo em vista que o ser imortal mantém gravadas em sua mente as experiências de inúmeras personalidades vividas em tempos e locais distintos, e que essas experiências exercem profundas influências em cada reencarnação.

Embasado nos ensinamentos de autores encarnados e desencarnados, adotamos a topografia mental apresentada na figura abaixo, na esperança de facilitar a você, leitor ou leitora, melhor entender a nossa proposta.

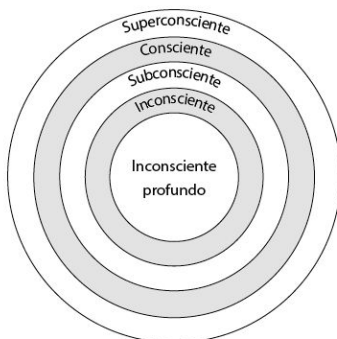


Figura 3 – Topografia mental

**Superconsciente** – Nele estacionam os mais elevados e sublimes anseios do Espírito na experiência carnal. Segundo o mentor Calderaro, é a

*casa das noções superiores*, onde se encontram as eminências que nos cumpre atingir. Demoram nele o ideal e a meta superior a ser alcançada (*No mundo maior*, cap. 3).

**Consciente** – Nele localizamos as conquistas atuais, por meio das quais se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando. Por ele temos conhecimento de quem somos, onde estamos, o que queremos, presenciamos, vivemos etc.

**Subconsciente** – Nele ficam arquivadas as experiências de um passado não muito remoto, pois com um pouco de esforço, de concentração, conseguimos trazê-las ao consciente. *Ele é* — segundo Joanna de Ângelis — *arquivo próximo das experiências, portanto, automático, destituído de raciocínio, estático, mantendo fortes vinculações com a personalidade do ser*. É ele que se manifesta nos sonhos, nos distúrbios neuróticos, nos lapsos orais e de escrita, denominados atos falhos (*Autodescobrimento*, cap. 4).

**Inconsciente** – Aqui guardamos as experiências que não mais interessa serem lembradas, ou porque não têm importância para a nossa atual vida ou porque, trazendo-as à consciência, vivenciamos o sofrimento que nos causaram. O psicanalista Carl Gustav Jung ensina que o inconsciente é um verdadeiro oceano, no qual se encontra a consciência mergulhada quase totalmente. Essa afirmação assegura à inconsciência a superioridade de comando da vida psíquica do ser humano, sobrepujando a própria consciência. Para Freud, tanto quanto para Jung, o inconsciente somente se expressa por meio de símbolos, razão por que não é fácil interpretar os sonhos.

**Inconsciente profundo** – Nele estão arquivadas todas as nossas experiências de vidas passadas; registros das várias personalidades que vivenciamos nos palcos das existências carnis, as quais determinam a nossa individualidade, que é a soma de muitas reencarnações. Joanna de Ângelis acrescenta:

Esse *inconsciente profundo*, porém, que alguns psicólogos transpessoais e mentalistas denominam como *sagrado*, é depósito das

experiências do Espírito eterno, do *eu superior*, da realidade única da vida física, da causalidade existencial [...]. 171

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, para alguns estudiosos, inconsciente é sinônimo de subconsciente. Outros ensinam que a instância inconsciente guarda as lembranças das vidas pretéritas, e o subconsciente a memória profunda, onde ficam retidos os conhecimentos da vida atual. No entanto, desconsideramos essa proposta e avançamos um pouco mais, amparado pelos ensinamentos dos Espíritos e de estudiosos encarnados. Daí então aceitarmos, tal como apresentada topograficamente na Figura 3, com cinco instâncias. Ficou muito claro que as instâncias denominadas inconscientes têm forte atuação em nossas vidas, manifestando-se no corpo físico, no pensamento, nos sentimentos e nas ações de cada dia, de cada momento. Concorda plenamente com nossa assertiva o poeta do Espiritismo:

É que, abaixo do nível da consciência normal, fora da personalidade comum, existem em nós planos de consciência, camadas ou zonas dispostas de tal maneira que, em certas condições, se podem observar alterações nesses planos. Vê-se então emergirem e manifestarem-se, durante um certo tempo, atributos, faculdades que pertencem à *consciência profunda*, mas que não tardam a desaparecer para volverem ao seu lugar e tornarem a mergulhar na sombra e na inação. O nosso “eu” ordinário, superficial, limitado pelo organismo, não parece ser mais do que um fragmento do nosso “eu” profundo. *Neste está registrado um mundo inteiro de fatos, de conhecimentos, de recordações referentes ao longo passado da alma.* Durante a vida normal, todas essas reservas permanecem latentes, como que sepultadas por baixo do invólucro material; *reaparecem no estado de sonambulismo.* O apelo da vontade e a sugestão as mobilizam e elas entram em ação e produzem os estranhos fenômenos que a Psicologia oficial comprova sem os poder explicar (grifo nosso). <sup>172</sup>

Vale perguntar: Afinal, quem somos nós? As assertivas do estudo nos dizem que não somos somente quem pensamos ser. Vivenciamos

personalidades diversas ao longo das inúmeras reencarnações. Todas elas estão registradas em nossa mente; encontram-se gravadas de maneira indelével todas as conquistas e recursos psicológicos de cada personalidade interpretada no palco das vidas sucessivas. O evento mediúnico, qualquer que seja ele, estará sempre na dependência da mente do médium. Não devemos esquecer que o intercâmbio mediúnico é um fenômeno psicológico que permite vir à consciência o que se inicia em outra dimensão e na esfera extracerebral ou perispiritual. O transe mediúnico favorece o encarnado com a emanção de conteúdos do inconsciente. As ocorrências do inconsciente são manifestações constantes e inseparáveis da vida humana; conseqüentemente, não há consciência sem as interferências que vêm dele. A produção mediúnica poderá ser um composto de pensamentos e sentimentos do Espírito comunicante, do médium e do seu inconsciente.

Dessa possibilidade deverá nascer a vontade de o estudioso da mediunidade compreender cada vez mais o funcionamento da mente, preparando-se para admitir, com tolerância e sabedoria, as dificuldades do médium e, de forma prudente e caridosa, avaliar seu desempenho. Da ingerência do inconsciente do médium nas comunicações mediúnicas, surge a possibilidade natural do animismo, tema que trataremos no próximo capítulo.

---

158 Nota do autor: Instância foi o termo adotado por Sigmund Freud para designar cada uma das partes ou subestruturas do psiquismo.

159 FRANCO, Divaldo Pereira. *O ser consciente*. 2000.

160 Id. *Vida: desafios e soluções*. Cap. 4, 2000.

161 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 101, 2013.

162 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Q. 370, 2013.

163 VITA, Luís Washington. *Momentos decisivos do pensamento filosófico*. p. 136, 1964.

164 Id. *Ibid.*, p.137.

165 ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. p. 523, 1982.

166 VITA, Luís Washington. *Momentos decisivos do pensamento filosófico*.

Cap. 5, it. 4-I, 1964.

167 Id. Ibid., Cap. 7, it. 4.

168 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, jun. 1862, “Ensinos e dissertação espíritas”, 2009.

169 FRANCO, Divaldo Pereira. *Autodescobrimento*. Cap. 4, 1996.

170 ANDRÉA, Jorge. *Visão espírita das distonias mentais*. Cap. 1, 2002.

171 FRANCO, Divaldo Pereira. *Autodescobrimento*. Cap. 4, 1996.

172 DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Cap. 4, 2013.

## CAPÍTULO 5

### ANIMISMO

*A tese animista é respeitável. Partiu de investigadores conscienciosos e sinceros, e nasceu para coibir os prováveis abusos da imaginação; entretanto, vem sendo usada cruelmente pela maioria dos nossos colaboradores encarnados, que fazem dela um órgão inquisitorial, quando deveriam aproveitá-la como elemento educativo, na ação fraterna (grifo nosso).* 173

O prezado leitor, sem dúvida nenhuma, já ouviu falar muito e leu mais um tanto sobre *animismo*. Esse termo, quando não bem compreendido, provoca, nos que lidam com mediunidade, uma reação negativa sobre a autenticidade e a segurança do intercâmbio entre encarnados e desencarnados. Extremamente desconfiados, pensam logo em mistificação, fraude, embuste, charlatanismo etc. Por essas razões, se você tiver que tratar desse tema com os aprendizes da mediunidade, deve abordá-lo com muito tato, começando por um pequeno histórico, abrindo-lhes o espírito para entender intelectualmente e emocionalmente como surgiu essa questão e, conseqüentemente, aceitar com segurança a existência do fato, sem que isso os desestimule para a prática mediúnica. Vamos tentar essa estratégia aqui e agora, porque entendemos que o conhecimento da história das ideias, mesmo que reduzido, ajuda a conceber, com mais facilidade, o significado de um determinado vocábulo e seu peso no assunto que se pretende estudar.

O termo *animismo* é composto com a palavra *anima* (latim), que significa alma, e mais o sufixo *ismo* (empregado para dizer que se trata de

um princípio artístico, filosófico, científico, religioso etc.). No Espiritismo, *animismo* deve significar a cooperação que cabe ao médium oferecer para a realização dos fenômenos de efeitos físicos ou intelectuais. É esse o entendimento que tem o Espírito André Luiz, quando ensina que animismo é o “[...] conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação”.<sup>174</sup>

## 5.1 COMO TUDO COMEÇOU

As informações a seguir ajudarão o leitor ou a leitora a compreender o porquê de o tema *animismo* permanecer, até os nossos dias, na mentalidade coletiva dos espíritas e, também, dos não espíritas, que se dedicam em negar a possibilidade do intercâmbio entre os “vivos” e os “mortos”. Afirmam os opositores que tudo não passa de manifestações do inconsciente de pessoas com distúrbios psíquicos ou tomadas pelo demônio.

A tese animista teve início na última metade do século XIX, quando pesquisadores da Metapsíquica, ciência que, na definição de seu fundador, Charles Richet (1850–1935), tem por objetivo o estudo dos fenômenos mecânicos ou psicológicos ocorridos em consequência de forças que parecem ser inteligentes ou de poderes desconhecidos latentes na inteligência humana.<sup>175</sup> A teoria passou a fazer parte da história do Espiritismo, dando surgimento ao debate ideológico a respeito das manifestações mediúnicas que se propagavam em todo o mundo ocidental e com afluência considerável na Europa. Em meio ao interesse pelas comunicações com os Espíritos e divulgação das ideias reencarnacionistas, surgiu o filósofo alemão Karl Robert Eduard von Hartmann (1842–1906), que ficou bastante conhecido e respeitado com o lançamento de sua obra *Filosofia do inconsciente*, em 1885. Logo depois, publicou suas opiniões sobre os fenômenos espíritas numa brochura intitulada *Espiritismo*, na qual pregava que não era possível demonstrar a sobrevivência do ser e que, portanto, o Espiritismo era uma tolice. Suas ideias, mesmo que fundamentadas em meias-verdades, fortaleceram-se porque ele gozava de prestígio no mundo intelectual, sendo considerado uma das mais respeitáveis inteligências da época. Os inimigos do Espiritismo não tardaram em aceitá-lo como guia e seguiram seus passos no combate às comunicações mediúnicas. No entanto, Hartmann trabalhou somente com fenômenos psíquicos ou físicos, que se realizam sem o concurso dos desencarnados e sem a mediação de um encarnado na condição de médium.

A verdade é que os fenômenos observados pelo pensador alemão não são negados pela Doutrina Espírita, mas estudados e catalogados devidamente, considerando que o Espiritismo leva em conta os fenômenos produzidos também pela força mental da alma. A torrente animista tomou força, mas foi contida com inteligência e fatos inquestionáveis.

## 5.2 UM TERMO PARA CADA COISA

Surge nessa arena ideológica um respeitável combatente das ideias de Hartmann, o professor da Academia de Leipzig, Alexandre Aksakof (1832–1903). Doutorado em Filosofia, notabilizou-se na investigação e na análise dos fenômenos espíritas durante a segunda metade do século XIX. Insigne pesquisador, foi fundador de duas importantes revistas: uma na Alemanha, em 1874, intitulada *Psychische Studien*, e outra, na Rússia, em 1891, com o nome de *Rebus*, ambas destinadas à pesquisa e à análise dos fenômenos psíquicos. Foi na vida profissional, além de professor, diplomata russo e conselheiro do Czar Alexandre III. Criou adeptos entre cientistas e filósofos de seu tempo e, em razão das experiências realizadas com médiuns famosos como Daniel Dunglas Home, levou a Rússia a formar a primeira comissão de caráter puramente científico para o estudo dos fenômenos espíritas. Para essa comissão, Aksakof mandou vir da França e da Inglaterra os médiuns que participaram das experiências anteriores. Como resultado, por haver fugido das condições preestabelecidas, a comissão chegou a conclusões questionáveis, saindo como relatório conclusivo o livro *Dados para estabelecer um juízo sobre o espiritismo*, no qual afirmava a falsidade dos fenômenos observados. Aksakof contestou a comissão com outro livro intitulado *Um momento de preocupação científica*. Estudou a mediunidade da inglesa Elizabeth d’Esperance (Madame d’Esperance) e realizou com ela notáveis materializações. Testemunhou eventos intrigantes com a referida médium, sobre os quais escreveu a obra *Um caso de desmaterialização*. No entanto, sua obra mais significativa foi *Animismo e espiritismo*, na qual ele criou o termo que dá título a este capítulo, escrevendo sabiamente:

Para maior brevidade, proponho designar pela palavra *animismo* todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma atividade extracorpórea ou a distância do organismo humano, e mais especialmente todos os *fenômenos mediúnicos* que podem ser

explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo. 176

A contribuição de Alexandre Aksakof com o Movimento Espírita mundial foi e continua sendo inestimável, já que seus trabalhos são, ainda hoje, pesquisados e citados por muitos estudiosos e escritores do aspecto científico do Espiritismo. Os dois últimos supracitados foram editados pela FEB e recomendamos sua leitura e seu estudo por aqueles que se interessam pela compreensão do complexo fenômeno mediúnico.

### 5.3 O ANIMISMO SE CONCILIA COM A MEDIUNIDADE

No início do século XX, entra em campo outro eminente pesquisador espírita italiano, Ernesto Bozzano (1862–1943), considerado um dos mais famosos do seu tempo. Em 1891 começou a se interessar pela telepatia e pelo Espiritismo, assuntos com os quais passou a dedicar todo o seu tempo, enfrentando intelectualmente tanto os metapsiquistas da Europa quanto os da América. Bozzano dedicou-se inteiramente, e em completa solidão, até sua morte, ao estudo da metapsíquica, e sobre ela publicou 52 obras que tratavam de cada área e de cada aspecto daquela ciência: telepatia, clarividência, psicocinese, aparição de Espíritos e manifestações dos mortos, entre outros. Correspondia-se com os maiores representantes da Metapsíquica da sua época, entre os quais cientistas de valor como os físicos ingleses William Crookes, Oliver Lodge e o fisiologista francês Charles Richet. Foi presidente de honra no V Congresso Espírita Internacional, que ocorreu em Barcelona, em 1943. Até sua desencarnação, esse estudioso solitário, que consagrou grande parte de sua vida à tentativa de dar ao Espiritismo um caráter científico, deixou uma biblioteca de Metapsíquica das mais ricas da Europa, hoje conservada pela Fondazione Biblioteca Bozzano-De Boni, na Bolonha. A sua cidade natal — Gênova — deu o nome do cientista a uma de suas ruas.

Após anos e anos de pesquisa, tendo conquistado merecedor prestígio no meio científico e sendo ele aplaudido como uma das mais fecundas inteligências do seu século, Bozzano foi convidado, em 1937, pelo Conselho Diretor do Congresso Espírita Internacional de Glasgow, na Escócia, para que respondesse à seguinte questão: “Animismo ou Espiritismo, qual dos dois explica o conjunto dos fatos?”. O estudioso italiano desenvolveu extraordinário esforço intelectual e, usando seu poder de síntese, resumiu seus quarenta anos de pesquisas documentadas em um pequeno livro intitulado *Animismo ou espiritismo?*, respondendo, assim, com a simplicidade de um sábio:

Nem um, nem outro, pois que ambos são indispensáveis à explicação do conjunto dos fenômenos supranormais, cumprindo se observe, a propósito, que são efeitos de uma causa única: o espírito humano que, quando se manifesta, em momentos fugazes, durante a existência “encarnada”, determina os fenômenos anímicos e, quando se manifesta na condição de “desencarnado”, no mundo dos vivos, determina os fenômenos espíritas. 177

Dessa forma ficou sanada a dúvida daqueles que insistiam numa comprovação científica dos fenômenos mediúnicos e da sobrevivência da alma, sendo confirmado que ela, presa ao corpo físico ou fora dele, pode se manifestar indubitavelmente. No entanto, os que se baseiam unicamente nas sensações físicas têm dificuldade para admitir que algo existe além da matéria. Para eles o animismo continua sendo um túbio motivo para negar a faculdade mediúnica no homem e a comunicabilidade com o mundo espiritual. Esses obstinados não admitirão, nem mesmo após a desencarnação, a vida além-túmulo, pois continuarão afirmando que não morreram... Contatamos com muitos deles em nossas reuniões mediúnicas.

## 5.4 KARDEC E O ANIMISMO

No ato mediúnico tanto se manifesta o Espírito do médium como um Espírito ao qual ele atende e serve.<sup>178</sup>

O codificador do Espiritismo não usou o termo *animismo*, pois este somente seria criado no final do século XIX, como vimos acima, mas tratou do assunto com a sapiência de sempre. Já sabia que o fenômeno mediúnico sofria a influência intelectual e moral do médium, e ensinava que ela é uma faculdade neutra. Insistia que o médium era um *intérprete* do pensamento dos Espíritos, cujas mensagens ficavam reféns da capacidade intelectual daquele e de sua condição moral. E quem diz *intérprete* está advertindo que a mensagem final é produto da interpretação de alguém; no caso, do médium.

Em *O livro dos espíritos*, capítulo VIII, *Da emancipação da alma*, Kardec estuda as diversas formas de atividade da alma quando fora do corpo físico. Lá ele aborda os temas: *o sono e os sonhos, visitas espíritas entre pessoas vivas, transmissão oculta do pensamento, letargia, catalepsia, mortes aparentes, sonambulismo, êxtase e dupla vista*. Todos esses fenômenos foram estudados e considerados resultantes de faculdades inerentes à alma, portanto, faculdades anímicas.

Em *A gênese*, capítulo XV, item 1, o codificador se refere ao assunto, usando o termo *psiquismo* em vez de *animismo*, ao estudar a natureza dos milagres:

Os fatos relatados no Evangelho e que foram até agora considerados miraculosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, os que têm como causa primeira as faculdades e os atributos da alma. [...] O princípio dos *fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispirítico*, que constitui o agente magnético [...].

Em *Obras póstumas*, Primeira Parte, capítulo VI, quando trata do sonambulismo (item 46), ele é enfático e demonstra ser conhecedor do aspecto anímico ao estudar o sonambulismo:

O sonâmbulo age sob a *influência de seu próprio Espírito; é sua própria alma* que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos (grifo nosso).

Pedimos a paciência do leitor ou da leitora para nos alongarmos um pouco mais neste assunto, pois o animismo tem sido um incômodo muito sério para os candidatos ao desenvolvimento da mediunidade e até mesmo para aqueles que já atuam com ela há muito. Por isso devemos fazer uma análise criteriosa da questão 225 de *O livro dos médiuns*. Destacaremos, em itálico, as passagens do texto que mereçam uma atenção maior, segundo nossos propósitos. A mensagem foi dada espontaneamente por dois Espíritos que muito colaboraram na codificação do Espiritismo — Erasto e Timóteo —, e resume de maneira clara a questão do papel do médium nas comunicações mediúnicas.

Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, não variam essencialmente os *nossos processos de comunicação com eles*. De fato, nós nos comunicamos com os *Espíritos encarnados dos médiuns*, da mesma forma que com os *Espíritos*, propriamente ditos, *tão só pela irradiação do nosso pensamento*.

Os nossos pensamentos não precisam da vestidura da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos e todos os *Espíritos percebem os pensamentos que lhes desejamos transmitir, sendo suficiente que lhes dirijamos esses pensamentos* e isto em razão de suas faculdades intelectuais. *Quer dizer que tal pensamento tais ou quais Espíritos o podem compreender, em virtude do adiantamento deles*, ao passo que, para tais outros, por não despertarem nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que lhes dormitem no fundo do coração, ou do cérebro, esses mesmos pensamentos não lhes são perceptíveis. Neste

*caso, o Espírito encarnado, que nos serve de médium, é mais apto a exprimir o nosso pensamento a outros encarnados, se bem não o compreenda, do que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado, se fôssemos forçado a servir-nos dele, porquanto o ser terreno põe seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer (grifo nosso).*<sup>179</sup>

A primeira lição que nos dão aqueles Espíritos, a qual não devemos esquecer nunca quando estivermos lidando com as comunicações mediúnicas, é a de que o Espírito comunicante — seja ele do tipo que for — não *fala* para ser ouvido pelo médium. Este terá sempre a tarefa de interpretar o pensamento do Espírito comunicante, que elabora imagens mentais e ideias e as envia à mente do médium, para que as traduza em sua linguagem, com os recursos intelectual e vocabular que possui. É aí que reside uma das complexidades do intercâmbio mediúnico.

Sabemos que o uso absoluto do pensamento como meio de comunicação entre os Espíritos obedece à lei do progresso. Em determinados patamares do plano espiritual, a palavra falada não é de todo abolida.

Fazemos agora uma pausa em nossa análise para inserir uma complementação constante do livro *Evolução em dois mundos*, que avança um pouco mais nessa questão. Ensina André Luiz que:

De acordo com o mesmo princípio [comunicação pelo pensamento], Espíritos desencarnados, em muitos casos, quando controlam as personalidades mediúnicas que lhes oferecem sintonia, *operam sobre elas à base das imagens positivas com que as envolvem no transe, compelindo-as a lhes expedir os conceitos.* [...] Todavia, não obstante reconhecermos que a imagem está na base de todo o intercâmbio entre as criaturas encarnadas ou não, é forçoso observar que a *linguagem articulada, no chamado espaço das nações, ainda possui fundamental importância nas regiões a que o homem comum será*

*transferido imediatamente após desligar-se do corpo físico (grifo nosso).* 180

Continuemos com Erasto e Timóteo:

Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de *conhecimentos adquiridos na sua vida atual* e o seu *Espírito* rico de *conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores*, de natureza a nos facilitarem as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos torna muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. Vamos fazer-nos compreensíveis por meio de algumas explicações claras e precisas. 181

Aqui encontramos o porquê de alguns médiuns com pouca ou nenhuma cultura universitária servirem de mediadores de mensagens de elevado conteúdo científico, filosófico e literário, em linguagem escorreita.

Com um médium, cuja inteligência atual, ou anterior, se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de *Espírito a Espírito*, por uma faculdade peculiar à essência mesma do *Espírito*. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda e isto quer o médium seja intuitivo, quer semimecânico, ou inteiramente mecânico. Essa a razão por que, seja qual for a diversidade dos *Espíritos* que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de *Espíritos* diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal.

Neste passo, os *Espíritos* explicam a razão das características pessoais do médium nas mensagens mediúnicas: este é simplesmente intérprete do pensamento daqueles. Os que ignoram esse fato se colocam como sábios críticos do Espiritismo, admitindo ser toda comunicação mediúnica

resultado do animismo. Mesmo aqueles que são espíritas e que lidam com a mediunidade, quando desconhecem a condição do médium como intérprete, não têm segurança para avaliar judiciosamente a produção mediúmica e cometem a descaridade do falso juízo.

Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, *nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade.* [...] comparemos os médiuns a esses bocais cheios de líquidos coloridos e transparentes, que se veem nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós somos como luzes que clareiam certos panoramas morais, filosóficos e internos, através dos médiuns, azuis, verdes, ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem facetados, mais ou menos transparentes, isto é, de médiuns mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos que desejamos iluminar, tomando a coloração, ou, melhor, a forma de dizer própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação: nós os *Espíritos* somos quais compositores de música, que hão composto, ou querem improvisar uma ária e que só têm à mão ou um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou uma gaita de dez centavos. É incontestável que, com o piano, o violino, ou a flauta, executaremos a nossa composição de modo muito compreensível para os ouvintes. Se bem sejam muito diferentes uns dos outros os sons produzidos pelo piano, pelo fagote ou pela clarineta, nem por isso ela deixará de ser idêntica em qualquer desses instrumentos, abstração feita dos matizes do som. Mas, se só tivermos à nossa disposição uma gaita de dez centavos, aí está para nós a dificuldade.<sup>182</sup>

Essa comparação do médium, como sendo ele um instrumento musical nas mãos de um músico, favorece demais o entendimento do verdadeiro papel que ele desempenha quando mediunizado, esforçando-se para mais

eficientemente cooperar com a Espiritualidade, que vai necessitar esteja ele bem afinado com os ideais superiores.

Efetivamente, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, muito mais longo e penoso se torna o nosso trabalho, porque nos vemos forçados a lançar mão de formas incompletas, o que é para nós uma complicação, pois somos constrangidos a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, constituindo isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

[...]

É por estas razões que de preferência nos dirigimos, para a divulgação do *Espiritismo* e para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, às classes cultas e instruídas, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. E que, assim como deixamos hoje, aos *Espíritos* galhofeiros e pouco adiantados, o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transportes, assim também os homens pouco sérios preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes afetam os olhos ou os ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos transmitir ditados espontâneos, *atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e preparamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto à sua revelia*. E como se lhe tomássemos à bolsa as somas que ele aí possa ter e puséssemos as moedas que as formam na ordem que mais conveniente nos parecesse. 183

O exemplo é preciso e claro. Se o médium possui os elementos materiais da comunicação (conceitos, vocabulário, conhecimentos específicos), o Espírito os utiliza para exprimir o seu pensamento. Dessa forma, compreende-se facilmente, e sem reservas, a indiscutível função do

médium como intérprete dos Espíritos. Essa compreensão elimina as controvérsias levantadas pela desconfiança infundada e pela crítica acirrada em desfavor da possibilidade do intercâmbio entre os planos material e espiritual.

Mas, quando o próprio médium é quem nos quer interrogar, bom é reflita nisso seriamente, a fim de nos fazer com método as suas perguntas, facilitando-nos assim o trabalho de responder a elas. Porque, como já vos dissemos em instrução anterior, o vosso cérebro está frequentemente em inextricável desordem e, não só difícil, como também penoso, se nos torna mover-nos no dédalo dos vossos pensamentos. Quando seja um terceiro quem nos haja de interrogar, *é bom e conveniente que a série de perguntas seja comunicada de antemão ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e dele, por assim dizer, se impregne*, porque, então, nós outros teremos mais facilidade para responder, *por efeito da afinidade existente entre o nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.*<sup>184</sup>

Observamos nesse trecho duas coisas importantes para obter resultados positivos de uma comunicação mediúnica. A primeira, ao contrário da generalizada concepção de que as perguntas dirigidas aos Espíritos sejam ignoradas pelos médiuns, para que as respostas sejam dignas de crédito. Os Espíritos Erasto e Timóteo nos orientam fazer exatamente o contrário, devendo o médium conhecê-las antecipadamente. Quando se trata de médium honesto e de confiança do consulente, aquele, sabendo antes das perguntas, irá desenvolver um grande esforço para não se imiscuir na questão e não assumir a responsabilidade de uma resposta inadequada, adulterada por suas ideias.

Sem dúvida, podemos falar de matemáticas, servindo-nos de um médium a quem estas sejam absolutamente estranhas; porém, quase sempre, o *Espírito* desse médium possui, em estado latente, conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao ser

fluídico e não ao ser encarnado, por ser o seu corpo atual um instrumento rebelde, ou contrário, a esse conhecimento. O mesmo se dá com a Astronomia, com a poesia, com a Medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana.

[...]

Conforme acima dissemos, os *Espíritos* não precisam vestir seus pensamentos; eles os percebem e transmitem, reciprocamente, pelo só fato de os pensamentos existirem neles. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber os pensamentos quando revestidos. Enquanto que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, vos são necessários para perceberdes, mesmo mentalmente, as ideias, nenhuma forma visível ou tangível nos é necessária a nós. 185

## 5.5 O INCONSCIENTE E O ANIMISMO

No capítulo 2, *Fulcros energéticos da comunicação mediúnica*, esforçamo-nos para explicar ao leitor ou à leitora o que é a mente. Aqui, o nosso objetivo é desenvolvermos considerações em torno do animismo produzido pelo inconsciente. Essa discussão é de fundamental importância para que possamos melhor compreender o mecanismo psíquico do intercâmbio mediúnico e sua complexidade, permitindo que mais judiciosamente possamos avaliar o fenômeno e sua produção.

Iniciemos com a narração do Espírito André Luiz, quando analisa um caso interessante de uma senhora em uma reunião mediúnica que, de repente, começa a gritar pedindo socorro repetidamente e, comprimindo o peito com as mãos, dizia: “Covarde! Por que apunhalar, assim, uma indefesa mulher? Serei totalmente culpada? Meu sangue condenará seu nome infeliz...”.

A partir daí o dirigente encarnado da reunião passou a esclarecer a entidade, presumindo estivesse ela *incorporada* no médium... No entanto, no plano espiritual, a realidade era outra. Perplexos, Hilário e André Luiz percebem, com estranheza, que não havia nenhuma entidade feminina envolvendo magneticamente aquela senhora para servir de intérprete. Foi, então, que o assistente Áulus esclareceu dizendo que, em verdade, não havia ali qualquer laço magnético entre aquela senhora e outra entidade nas condições em que se apresentou... E concluiu:

Estamos diante do passado de nossa companheira. A mágoa e o azedume, tanto quanto a personalidade supostamente exótica de que dá testemunho, *tudo procede dela mesma... Ante a aproximação de antigo desafeto*, que ainda a persegue de nosso plano, revive a experiência dolorosa que lhe ocorreu, em cidade do Velho Mundo, no século passado, e entra em seguida a padecer insopitável melancolia. Recomeçou a luta na carne, na presente reencarnação, possuída de novas esperanças; contudo, tão logo experimenta a visitação

espiritual do antigo verdugo, que a ela se enleia por meio de vigorosos laços de amor e ódio, perturba-se-lhe a vida mental, *necessitada de mais ampla reeducação*. É um caso no qual se faz possível a colheita de valiosos ensinamentos. [...] *Mediunicamente falando, vemos aqui um processo de autêntico animismo*. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, *quando apenas exterioriza o mundo de si mesma...* (grifo nosso). 186

Em *Mecanismos da mediunidade*, o médico de Nosso Lar confirma o resultado de seus estudos no campo do animismo por força do inconsciente, o qual ele denomina de *subconsciente*.

Muitas vezes, conforme as circunstâncias, qual ocorre no fenômeno hipnótico isolado, pode cair a mente nos estados anômalos de sentido inferior, dominada por forças retrógradas que a imobilizam, temporariamente, em atitudes estranhas ou indesejáveis. Nesse aspecto, surpreendemos multiformes processos de obsessão, nos quais inteligências desencarnadas de grande poder senhoreiam vítimas inabilitadas à defensiva, detendo-as, por tempo indeterminado, em certos tipos de recordação, segundo as dívidas cármicas a que se acham presas. Frequentemente, pessoas encarnadas, nessa modalidade de provação regeneradora, são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, *quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas*, a emergirem da *subconsciência* nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjagam (grifo nosso). 187

Em meio século de contato com atividades mediúnicas, dirigindo grupos e esclarecendo irmãos sofreadores e equivocados, como gosta de assim denominá-los a venerável irmã Joanna de Ângelis, muitas vezes cheguei a admitir que a comunicação não era mediúnica e sim anímica... Mas como constatar a impressão? Somente a ajuda de um vidente confiável

poderia dizer o que se passava do *lado de lá*. Mas aí vem outra pergunta: o que importa se estamos diante de uma manifestação mediúnica ou anímica, se em qualquer situação a entidade manifestante se apresenta necessitando de ajuda? Se for a emersão de uma personalidade vivenciada pelo médium que ali se manifesta, é ele que necessita de amparo e orientação para conquistar a harmonia na atual existência, vencendo o *homem velho*. É o que a Espiritualidade superior nos ensina com fundamento na prática da caridade incondicional.

Sabe-se, também, que os Espíritos necessitados de amparo assenhoreiam-se, muitas das vezes, daqueles médiuns cujas matrizes de pensamento, emoção, sentimento e desejo, com gênese em vidas passadas, lhes são semelhantes. No momento do transe, os esclarecimentos e os testemunhos de amor dados pelo atendente, servirão tanto para o desencarnado quanto para o encarnado. O médium em desenvolvimento ou já em plena atuação, ao ter contatos com as entidades que com ele se identificam pelas matrizes gravadas em seu *inconsciente profundo*, poderão apresentar, fora do trabalho mediúnico, sintomas perturbadores, necessitando, portanto, de orientação segura e de amparo pelo esclarecimento e pela fluidoterapia.

Ansiedade e frustrações, afetos e animosidade, calma e pavor, confiança e suspeita, inquietação e segurança, que se manifestam no comportamento do indivíduo, têm a sua gênese, às vezes, na atual existência; sem dúvida, todavia, na sua quase totalidade, são efeitos das ocorrências pretéritas, que o tempo arquivou na memória perispiritual, mas não consumiu. São semelhantes às ramas verdejantes que surgem à flor do solo, presas a tubérculos ocultos, nas camadas inferiores da terra, e cuja vida aumenta, enquanto cessa a que permanece na superfície. No *inconsciente*, é certo, *jazem muitos fatores que desencadeiam os episódios desconcertantes, decorrentes das vivências anteriores que o Espírito conheceu e registrou na memória extracerebral* (grifo nosso).<sup>188</sup>

No trabalho da desobsessão, nenhum problema há se as ideias do Espírito atendido se mesclam com os conteúdos do inconsciente do médium ou não, pois o trabalho é assistencial, sem exigências de identificação e de autenticidade do comunicante. É muito bom e imprescindível que isso ocorra, pois o médium, ao influir com sua mente sobre a do Espírito inferior, estará contribuindo para informá-lo e consolá-lo, cooperando com o atendente em sua mudança de atitude. Mas, em se tratando de comunicação psicofônica ou psicográfica originada de uma entidade presumidamente esclarecida e superior às condições moral, intelectual e espiritual do médium e dos circunstantes, objetivando informar e esclarecer, a postura do analista da produção mediúnica deve ser a de usar o bom senso para judiciosamente avaliar o conteúdo da mensagem. O médium deverá, independentemente da cooperação de terceiros, desenvolver seu senso crítico para não permitir que se fascine com suspeitas comunicações travestidas de superioridade.

Por meio do médium Chico Xavier, temos respostas bastante oportunas para este momento.

*P. – Como esclarecer médiuns que hesitam discernir as comunicações espíritas dos próprios pensamentos?*

*R. – Quem se sacrifica na extensão de recursos salvadores, oferecendo a vida e o tempo à causa da elevação humana, não deve perder-se em vacilações. Na essência, todos os atos nobres e todos os serviços de sublimação procedem do Cristo, de cuja amorosa autoridade não passamos de simples servidores.*

*P. – Não havendo absoluta segurança nas comunicações seria, ainda assim, aconselhável dedicar-se, o médium, à tarefa de atender consultas?*

*R. – O serviço da caridade e do conhecimento é de toda condição, tempo e lugar. Não nos esqueçamos de que os cooperadores humanos*

são igualmente Espíritos, não obstante encarnados, guardando obrigações de estudar e servir no aperfeiçoamento incessante. 189

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a tese animista surgiu amparada por homens inteligentes que, embora sinceros em seus propósitos em busca da verdade, desconheciam as leis que regem os fenômenos do intercâmbio mediúnico, como foi o caso dos metapsiquistas Richet e von Hartmann. Eram investigadores sinceros, preocupados em coibir o excesso da imaginação de pessoas exaltadas e, também, os abusos dos que exploravam a boa fé do público com mistificações e charlatanismo. Do debate entre os intelectuais, surgiu o entendimento e a compreensão da existência dos fenômenos anímicos ao lado dos fenômenos mediúnicos, havendo necessidade, portanto, de aprender a distinguir um do outro. Sábios como Aksakof e Bozzano contribuíram definitivamente para a conciliação entre a mediunidade e o animismo. No entanto, a falta de conhecimento sobre a atuação da alma, quando liberta parcialmente do corpo, e de sua intrínseca participação no complexo fenômeno mediúnico faz com que o animismo se torne um obstáculo na atuação dos médiuns, amedrontando estes e tornando incrédulos outros. Nunca é demais investir na rogativa da necessidade do estudo da Doutrina em seu aspecto filosófico e científico, com ênfase na mediunidade. Quanto a seu aspecto religioso, entendemos ser ele uma questão de vivência evangélica, iniciando-se com caritativa compreensão exata do animismo, admitindo que ele é o “conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação”.

Logo, não há o que se temer, mas sim compreender e saber administrar o fenômeno que se repetirá, principalmente no início da prática mediúnica, quando observará uma considerável dose de animismo nas comunicações. Os dirigentes de reuniões mediúnicas deverão ter em mente que a mediunidade tem, pois, sua evolução, seu campo, sua rota. No capítulo 33 do livro *Desobsessão*, André Luiz faz uma rogativa aos doutrinadores, para que analisem...

[...] sem espírito de censura ou de escândalo, os problemas de animismo ou mistificação inconsciente que porventura venham a surgir, realizando o possível para esclarecer, com paciência e caridade, os médiuns e os desencarnados envolvidos nesses processos de manifestações obscuras, agindo na equipe com o senso de quem retira criteriosamente um desajuste do corpo sem comprometer as demais peças orgânicas.

---

173 XAVIER, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Cap. 9. 2013.

174 XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 23, 2013.

175 PAULA, João Teixeira de. *Dicionário enciclopédico ilustrado de espiritismo, metapsíquica, parapsicologia*. 1976.

176 AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e espiritismo*. v. 2, cap. 4, 2002.

177 BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou espiritismo?*. “Conclusões”, 2010.

178 PIRES, J. Herculano. *Mediunidade*, Cap. 1, 1984.

179 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 19, it. 225, 2013.

180 XAVIER, Francisco Cândido. *Evolução em dois mundos*. Segunda parte, cap. 2, 2013.

181 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 19, it. 225, 2013.

182 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 19, it. 225, 2013.

183 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 19, it. 225, 2013.

184 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 19, it. 225, 2013.

185 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Segunda parte, cap. 19, it. 225, 2013.

186 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 22, 2010.

187 XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 23,

2013.

188 FRANCO, Divaldo Pereira. *Loucura e obsessão*. Cap. 22, 1990.

189 XAVIER, Francisco Cândido. *Entender conversando*. Q. 67, 1984.

## CAPÍTULO 6

### A COMPLEXIDADE DA COMUNICAÇÃO

Desde os primórdios de sua estadia na Terra, os homens vêm desenvolvendo um permanente esforço no sentido de se comunicarem da melhor forma possível, percebendo que, para viver em sociedade, em família ou em comunidade de qualquer natureza, a comunicação tem papel extremamente significativo para o progresso comum, tanto moral como intelectual e espiritual e na conquista da paz e da felicidade. Diz John Perry que

a capacidade dos homens para viver juntos e coordenar esforços, evitando conflitos ruinosos, é determinada, em grande parte, por suas aptidões para a comunicação correta.

Por isso, o nível de progresso nas sociedades humanas pode ser atribuído, com razoável margem de segurança, à maior ou menor capacidade de comunicação entre seus membros. Os primeiros grunhidos emitidos pelos homens das cavernas, o ecoar dos tambores nas florestas, os sulcos feitos nas árvores pelos exploradores das selvas, servindo de rastro para lhes indicarem o caminho aos outros, os rolos de fumaça jogados no ar pelos nativos peles-vermelhas na colonização americana, foram recursos encontrados pelos homens para se comunicarem entre si.

Comunicar, termo que vem do latim *communicare*, significa “pôr em comum”, isto é, estabelecer relação, tornar compreensível a todos de um determinado grupo social ideias, propósitos e experiências. Algo difícil e trabalhoso, mas não impossível. Alguém já disse que a comunicação

humana é complicada por ser exatamente humana. Isto porque cada indivíduo é um universo à parte do universo maior, que é o conjunto de todos os seres. Neste capítulo estudaremos, inicialmente, os rudimentos da comunicação humana e as dificuldades que enfrentamos quando temos que nos comunicar, acreditando que, dessa forma, melhor compreenderemos a complexidade da comunicação mediúnica, quando se pretende a interlocução entre dois mundos com diferenças consideráveis.

## 6.1 A COMUNICAÇÃO HUMANA

Por ser a comunicação um fenômeno complexo, ela deve ser usada com os devidos cuidados técnicos e científicos para que não venhamos colher, em razão das suas dificuldades operacionais, decepções, frustrações e, até mesmo, prejuízos materiais e morais. Por essa razão, pedimos licença ao prezado leitor ou à prezada leitora para recordarmos algumas noções básicas do fenômeno denominado *comunicação humana*. E isso porque os princípios que regem a comunicação entre os homens podem ser aplicados, com pequenas restrições, à comunicação mediúnica, ou seja, o intercâmbio entre encarnados e desencarnados. Na comunicação humana se estabelece uma troca, busca-se um equilíbrio de informação e conhecimento. Para se alcançar esse equilíbrio, deve-se levar em conta uma significativa relação de troca entre quem comunica e quem é comunicado; logo, a comunicação é uma via de duas mãos. O processo tem uma estrutura bem-definida e é composto, de modo geral, pelos seguintes elementos básicos:

- a) Transmissor – aquele que emite a mensagem;
- b) Receptor – aquele a quem se destina a mensagem;
- c) Mensagem – a informação, a ideia a ser comunicada;
- d) Meio – aquele pelo qual a comunicação é feita.

A *mensagem* é o objeto da comunicação e a sua finalidade. É a mensagem que liga os dois extremos do processo, por isso ela precisa ser significativa, *dizer qualquer coisa em comum para o transmissor e o receptor*. Esse dado é de fundamental importância, sem o qual não haverá a comunicação esperada, porque o receptor não entenderá perfeitamente o que diz o emissor, não terá para aquele *significado nenhum ou quase nenhum*. A interpretação poderá ser parcial ou negativa se não houver entre o emissor e o receptor uma *relação de intercâmbio*. Logo, a interpretação é a chave da comunicação humana. Dela é que vai depender a significação comum para que haja entendimento entre o comunicador e o comunicado.

Dessa constatação pode-se concluir que é a *linguagem em comum* que empresta significado à mensagem, compreendendo-se por “linguagem” tudo o que serve à comunicação humana: palavras, sons, gestos, sinais, símbolos, conhecimentos intelectuais, culturais, religiosos etc.

## 6.2 A PALAVRA E A IDEIA

A mensagem é elaborada com os sinais diversos, sendo os mais comuns a palavra, o desenho, a mímica e os sinais pictográficos. Aqui nos deteremos na palavra escrita ou falada, lembrando que cada uma delas poderá conter em si mais de uma ideia ou conceito. Deixemos claro o que pretendemos dizer. Usando a palavra *amor*, Jesus fez dela o centro de suas pregações, mas quantos de seus seguidores contemporâneos ou hodiernos têm a mesma ideia, o mesmo conceito de amor que tinha o Mestre nazareno em sua peregrinação pela Terra e que, sem dúvida, tem até hoje? Ao falar desse sentimento tão significativo para o progresso espiritual de todos nós, cada ser humano, dependendo de sua idade, do local onde vive, de sua condição social e da filosofia de vida que abraça, vai pensar e sentir diferentemente um do outro a respeito do *amor*.

É muito comum ouvir alguém dizer que não *tem palavras para expressar o seu pensamento ou sentimento*. Quem já não se encontrou nessa situação? E isso acontece porque o vocabulário de muitos de nós ainda é insuficiente para traduzir o que se passa em nosso pensamento, que possui uma criatividade fantástica e se manifesta em velocidade bem acima da nossa capacidade de articulação verbal. Há momentos em que ficamos escolhendo os termos para melhor expressar nossas ideias, que percebemos serem amplas e claras, mas nem sempre os encontramos. Se insistimos em falar sem construir com propriedade as frases, sugerimos ao nosso ouvinte interpretação distante daquela que esperamos... E o que vai valer, finalmente, no processo de comunicação é a interpretação de quem ouve ou lê o que o locutor narra.

Interpretar fielmente a palavra do emissor, tal como ele deseja, não é tarefa fácil. A seguir, um exemplo do que representa um termo para diversas pessoas: penso e falo *limão* e, à mente de quem me ouve, surge a imagem da fruta de formato esférico, cor verde, de quatro a oito centímetros de diâmetro, portadora de um suco ácido que, só por se pensar nele, faz a

boca se *encher de água*. Esta será a mais simples e a mais comum das interpretações possíveis que se possa fazer do termo *limão*. No entanto, se o leitor tem conhecimentos fitoterápicos da citada fruta, acrescentará à sua compreensão as qualidades medicinais que o limão possui e dissertará sobre seus valores vitamínicos. Se for um mestre-cozinhador, não se esquecerá da importância do seu suco, como tempero nos pratos que prepara, e do bom e saudável frescor que nos proporciona... Houve a comunicação, sim! Mas cada receptor emprestou significado ao termo segundo o universo de valores que do objeto possui.

A palavra *perispírito* não diz nada para quem não conhece a terminologia espírita; diz alguma coisa para quem já leu algo a respeito, e diz muito para quem estuda a reencarnação, a lei de causa e efeito, o intercâmbio mediúnico, as curas espirituais, as reminiscências do inconsciente etc. Para o entendimento pleno desses temas, o *perispírito* é conceito essencial, sem o qual nada se explica. O mestre de Lyon, sabendo da confusão que determinados termos produzem, por gerarem ambiguidade de sentido, criou as palavras *Espírito* (para substituir *alma*), *Espiritismo* (para substituir *espiritualismo*) e *perispírito* (para substituir as denominações antigas que se referiam ao *corpo do Espírito*). A partir daí desenvolveu, com segurança, as novas ideias que fariam uma revolução da história moral e espiritual da humanidade.

Resumindo, a *ideia* ou *conceito* é o conteúdo intelectual das características de um objeto ou de uma classe de objetos. Esse objeto pode ser real (mesa, Lua, livro, Santo Agostinho...), imaginário (lobisomem, Saci-Pererê, mula-sem-cabeça...) ou ideal (que existe somente no pensamento: triângulo, beleza, saudade...). Para que o receptor possa compreender e assimilar o conjunto dos traços essenciais que configuram um objeto apresentado por algum signo, é necessário que emissor e receptor tenham o mesmo conceito sobre o objeto em questão, isto é, que haja entre os dois uma *relação de intercâmbio*. Exemplo simples: peço a alguém que desenhe um triângulo, mas, se ele não conhece essa figura geométrica que tem três lados, não fará o desenho. Inútil será para o emissor solicitar

discorra sobre suas propriedades geométricas e matemáticas. A compreensão dessas análises é importante para melhor entendimento da comunicação mediúnica, que estudaremos mais à frente.

## 6.3 RUÍDOS NA COMUNICAÇÃO HUMANA

Chama-se ruído tudo que interfere no processo de transmissão do pensamento, dificultando a recepção da mensagem. Imaginemos alguém que esteja *desinteressado* no assunto que você está dissertando, ou com *sonolência* ou tendo a *atenção voltada para outro qualquer acontecimento* à sua volta ou, ainda, *emocionalmente descontrolado*... Sem dúvida a recepção de sua fala vai ser profundamente prejudicada! Detalhes significativos serão perdidos e, talvez, o ouvinte nada assimile da mensagem emitida. Podemos dizer que esses estados psíquicos são formas de ruídos produzidos pelo receptor. Já uma palavra ou frase falada ou escrita incorretamente ou ideias desenvolvidas desordenadamente são ruídos produzidos pelo emissor, que prejudicarão, da mesma forma, a recepção do conteúdo emitido.

Um meio para se eliminar os danos causados pelos ruídos na comunicação é respeitar os princípios básicos que regem esse processo e, se necessário, adotar a redundância, ou seja, a insistente repetição da mensagem, detalhando-a de várias maneiras, em várias ocasiões, para que seja compreendida em sua totalidade. A redundância se faz indispensável, na maioria das vezes, em razão das diferenças existentes nos universos de conhecimentos e valores dos indivíduos e de grupos sociais, repetindo-a com abordagens distintas, para atingir grupos ou indivíduos distintos.

Creemos que, em razão da nossa desatenção ou desinteresse, os Espíritos benfeitores usam da redundância para conosco: repetem por meio da psicografia e da psicofonia mensagens evangélicas que tratam de *caridade, perdão, tolerância, amor ao próximo* e outras virtudes cristãs, nas mais diversas abordagens. Não há dúvida de que essa estratégia objetiva alcançar os inúmeros grupos humanos compostos de indivíduos com acervo cultural e espiritual diferenciado, alimentando a esperança de que serão ouvidos um dia. Dizem que, certa feita, um soldado romano perguntou a João Evangelista, quando prisioneiro na ilha de Patmos, por que ele estava

sempre repetindo que se deveria *amar ao próximo como a si mesmo*. E o venerável apóstolo respondeu: “É porque vocês ainda não entenderam o significado desse mandamento de Jesus”.

## 6.4 PENSAMENTO E PALAVRA

Edmund Husserl (1859–1938), filósofo alemão, afirmou com muita propriedade que a linguagem é um objeto auxiliar do pensamento. Ela, a palavra, não representa fielmente o pensamento. Já aprendemos acima que nossa mente elabora uma ideia ou nosso coração se agita com um sentimento distinto, mas nem sempre sabemos expressá-los verbalmente a ponto de sermos compreendidos satisfatoriamente por quem nos ouve. Exemplifiquemos: o amor sentido por mais de uma pessoa, embora escrito ou falado com as mesmas palavras, não têm a mesma conotação. Quando o namorado sussurra ao ouvido de sua amada “*eu te amo*” e, ao mesmo tempo, o pai diz à filha a mesma frase, eles estão declarando sentimentos distintos, embora as palavras usadas sejam as mesmas...

O indivíduo que possua um extenso vocabulário terá mais facilidade de expressar seus pensamentos, seus sentimentos e emoções pela escrita e pela fala. Os poetas, os bons escritores, os grandes oradores estão nessa condição. Dessa forma, a capacidade de compartilharmos nossos pensamentos com os outros condiciona-se ao conteúdo vocabular que possuímos, pois somente assim poderemos escolher os termos que sejam comuns aos nossos ouvintes. Os Espíritos têm-nos dito que, muitas vezes, não encontram palavras em nosso vocabulário para nos revelarem o que sabem e o que sentem sobre tal ou qual coisa. Neste caso a limitação do intercâmbio é imposta pela nossa deficiência vocabular.

Para compreender bem o significado de um termo, é necessário entender as motivações e as circunstâncias que envolvem o ato da fala, ou seja, o *contexto*. Como a palavra se coloca entre o pensamento e a coisa pensada, a saída no processo de comunicação é buscar uma compensação de valores, aproximando a palavra da ideia mais equivalente possível entre os dois universos, o do emissor e o do receptor. O esforço é o de construir uma significação mais próxima possível da expressão linguística com o respectivo conceito. Se essa dificuldade existe entre os humanos, em que o

contexto de cada um é bastante semelhante, qual não será o tamanho da complexidade entre encarnados e desencarnados, que vivem em universos vibracionais consideravelmente diferentes, onde os conceitos e os valores não são exatamente os mesmos?

Vamos concluir este item, resumindo alguns princípios essenciais da comunicação humana a serem considerados para o devido êxito:

a) Cabe ao emissor realizar a seleção da mensagem, assim como a forma, o meio que conduzirá o recado a ser dado (fala, escrita, telefone etc.);

b) Entre emissor e receptor, quem determina o gabarito, o nível, o tamanho da comunicação humana será o receptor;

c) A afinidade da comunicação humana deve ser evidente, e por isso depende da organização de ideias;

d) O processo da comunicação se torna efetivo e se completa quando se observa a reação do receptor ao que foi emitido;

e) A linguagem utilizada na comunicação humana deve ser compartilhada entre emissor e receptor, fazendo comum a significação de experiências e símbolos;

f) Embora imperfeita por sua natureza, emissor e receptor devem esforçar-se em diminuir as deficiências da comunicação humana;

g) A comunicação humana efetiva, realizada com sucesso, depende, também, da atenção dirigida pelo receptor;

h) O objetivo da comunicação humana não é necessariamente a concordância entre emissor e receptor, e sim a compreensão, a interlocução entre duas ou mais pessoas.

## 6.5 COMUNICAÇÃO HUMANA VERSUS COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

No quadro a seguir, apresentamos os princípios básicos que regem a comunicação humana: o *transmissor* ou *emissor*; o *receptor* ou *captador*; a *mensagem*, ou seja, o conteúdo emitido, e o *meio* por onde transita a mensagem, que pode ser constituída de palavras, sons, gestos, sinais, símbolos etc. Na segunda coluna ensaiamos uma equivalência rudimentar dos *princípios da comunicação humana com os da comunicação mediúnica*, entendendo, no entanto, que, na comunicação entre os “vivos” e os “mortos”, imperam fatores subjacentes ao fenômeno mediúnico que ainda desconhecemos, mas buscaremos compreendê-los com ajuda dos ensinamentos dos Espíritos. Analisemos.

COMUNICAÇÃO HUMANA	COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA
a. O meio adotado é a fala, os sinais, o som...	a. O meio adotado é o pensamento, a ideia...
b. O receptor deverá interpretar a mensagem escrita, falada ou sinalizada pelo emissor.	b. O médium (receptor) terá que interpretar as ideias criadas pelo pensamento do Espírito comunicante (emissor).
c. O emissor deverá graduar sua mensagem em conformidade com o universo de conhecimento, experiência de vida e valores do receptor.	c. O Espírito comunicante graduará sua vibração mental, impondo limites aos seus conhecimentos em respeito aos oferecidos pelo médium que, por sua vez, deverá se esforçar para alcançá-lo.
d. O receptor deverá se interessar pela mensagem para se propor a ouvir o emissor.	d. O médium deverá ter boa vontade e interesse em receptor o Espírito comunicante.
e. A interpretação da mensagem pelo receptor é a chave da comunicação humana. Não importa o que diz o emissor, mas o que entende o receptor.	e. A mensagem traduzida pelo médium nem sempre reflete o pensamento do Espírito, mas será esta que circulará entre nós, os encarnados.

As informações dadas pelos Espíritos Erasto e Timóteo no item 225 de *O livro dos médiuns* não nos deixa dúvidas quanto ao primeiro princípio (a) da comunicação mediúnica:

Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, não variam essencialmente os nossos processos de comunicação com eles. De fato, nós nos comunicamos com os *Espíritos* encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os *Espíritos* propriamente ditos, *tão só pela irradiação do nosso pensamento* (grifo nosso).

Tal detalhe faz com que o receptor da mensagem emitida pelo Espírito enfrente uma dificuldade superlativa em relação à comunicação entre os encarnados, pois não se trata de interpretar palavras, buscar-lhes sinônimos, mas sim as ideias, e revesti-las com suas palavras para terceiros entenderem. Temos aí um encadeamento de interpretações. O médium (1º receptor) interpretando o Espírito (emissor). A mensagem decodificada sofrerá uma segunda interpretação por quem ouve ou lê (2º receptor)...

O segundo item (b) do quadro anterior encontra respaldo no seguinte excerto da mesma mensagem:

Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, *nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade* (grifo nosso).

No período a seguir, observamos que o Espírito revela sua dificuldade em transmitir seus pensamentos ao médium não detentor de um vocabulário rico e adequado e, nesse caso, reduz o conteúdo da mensagem, na busca de uma sintonia inferior, reduzindo sua vibração mental, conforme o item c do quadro comparativo.

Efetivamente, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, muito mais longo e penoso se torna o nosso

trabalho, porque nos vemos *forçados a lançar mão de formas incompletas*, o que é para nós uma complicação, pois somos constrangidos a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, constituindo isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como *um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações* (grifo nosso).

André Luiz, instruindo-nos sobre a complexidade do intercâmbio mediúnico, diz que os

Espíritos desencarnados, em muitos casos, quando controlam as personalidades mediúnicas que lhes oferecem sintonia, *operam sobre elas à base das imagens positivas* com que as envolvem no transe, *compelindo-as a lhes expedir os conceitos*. Nessas circunstâncias, expressa-se a mensagem pelo sistema de reflexão, em que o médium, embora guardando o córtex encefálico anestesiado por ação magnética do comunicante, lhe recebe os *ideogramas* e os transmite com as palavras que lhe são próprias (grifo nosso).<sup>190</sup>

O senhor Allan Kardec sempre conduziu com responsabilidade e metodologia científica o diálogo com os Espíritos. Sabia da confusão inerente ao sentido múltiplo dos termos na linguagem humana, que levam os homens, não poucas vezes, a não se entenderem a respeito da mesma coisa. Sabia que os médiuns interpretavam pensamentos e não ouviam palavras. Por isso adotou o método dialético com os Espíritos quando foi necessário, argumentando e contra-argumentando, para identificar o pensamento deles, que nem sempre as palavras escritas pelo médium durante o transe revelavam. Na condição de missionário da Terceira Revelação, queria ter absoluta certeza de que estava entendendo não as palavras apenas, mas, acima de tudo, o significado que elas tinham para os Espíritos reveladores. Como interessante amostra do processo cuidadoso adotado pelo codificador, trazemos ao leitor o item 128, do capítulo VIII de *O livro dos médiuns*. Lá encontramos o codificador buscando seguros

esclarecimentos a respeito do termo *aparência* numa resposta do Espírito São Luiz.

[Kardec:] Citamos um caso de aparição do *Espírito* de uma pessoa viva. Esse *Espírito* tinha uma caixa de rapé, do qual tomava pitadas. Experimentava ele a sensação que experimenta um indivíduo que faz o mesmo?

[São Luís:] Não.

[Kardec:] Aquela caixa de rapé tinha a forma da de que ele se servia habitualmente e que se achava guardada em sua casa. Que era a dita caixa nas mãos da aparição?

[São Luís:] Uma *aparência*. Era para que a circunstância fosse notada, como realmente foi, e não tomassem a aparição por uma alucinação devida ao estado de saúde da vidente. O *Espírito* queria que a senhora em questão acreditasse na realidade da sua presença e, para isso, tomou todas as aparências da realidade.

[Kardec:] Dizes que era uma *aparência*; mas, uma *aparência* nada tem de real, é como uma ilusão de ótica. Desejámos saber se aquela caixa de rapé era apenas uma imagem sem realidade, ou se nela havia alguma coisa de material?

[São Luís:] Certamente. *É com o auxílio deste princípio material que o perispírito toma a aparência de vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando vivo (grifo nosso).*

Em nota, adita Kardec:

*É evidente que a palavra aparência deve ser aqui tomada no sentido de aspecto, imitação. A caixa de rapé real não estava lá; a que o Espírito deixava ver era apenas a representação daquela: era, pois, com relação ao original, uma simples aparência, embora formada de um princípio material. A experiência ensina que nem sempre se deve dar significação literal a certas expressões de que usam os Espíritos. Interpretando-as de acordo com as nossas ideias, expomo-nos a*

*grandes equívocos. Daí a necessidade de aprofundar-se o sentido de suas palavras, todas as vezes que apresentem a menor ambiguidade. É esta uma recomendação que os próprios Espíritos constantemente fazem. Sem a explicação que provocamos, o termo aparência, que de contínuo se reproduz nos casos análogos, poderia prestar-se a uma interpretação falsa (grifo nosso).*

## 6.6 CHIADOS NA COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

A primeira dificuldade a ser vencida pelo Espírito que deseja se comunicar com alguém aqui na Terra é encontrar um médium interessado em “ouvi-lo”. O segundo é saber se ele está apto, do ponto de vista psíquico, para captar suas ideias. Se não, os dois terão que se submeter a um longo período de adaptação para que a recepção não exija exagerado esforço mental de um e de outro e que o trabalho não seja em vão. O irmão Jacob enriquece nosso conhecimento a respeito:

Emitimos o pensamento, gastando a potência mental em dose alta e, se a pessoa visada se mostra sensível, à maneira do rádio que se liga à emissora, então é possível transmitir-lhe ideias com relativa facilidade. Por vezes, a *deficiência do receptor*, aliada às *múltiplas ondas que o cercam*, impede a consumação de nossos propósitos. Se o instrumento de intercâmbio permanece *absorto nas preocupações da luta comum*, é difícil estabelecer a preponderância de nossos desejos (grifo nosso).<sup>191</sup>

Os itálicos chamam a atenção do leitor para as interferências que existem na comunicação mediúmica tal como na comunicação humana. Interferência é a intromissão de uma onda estranha, no aparelho (eletrônico ou mediúmico), perturbando a recepção. Entre outras causas da interferência, chamamos a atenção para a transmissão de uma mensagem por onda de frequência muita baixa que, por estarem próximas uma da outra, se misturam, danificando a recepção.<sup>192</sup> Quando isso acontece, o médium demora muito a se conectar com o Espírito que espera o momento da transmissão da mensagem. Se acontecer em meio ao transe, o conteúdo emitido pelo comunicante fica truncado, muitas vezes sem sentido ou com acréscimos de ideias do médium. Outras vezes o médium não alcança a sintonia com o Espírito comunicante, pela dificuldade de aumentar sua

vibração mental. A comunicação pode não acontecer ou chegar truncada, com as complementações do médium.

Se as palavras por nós pronunciadas não representam plenamente nossos pensamentos e sentimentos, podemos imaginar a dificuldade que tem o médium de interpretar não a palavra, mas agora o pensamento do Espírito, expressando ideias apenas, para que as traduza com o vocabulário que possui... Na transmissão mediúnica cada palavra suscita um mundo de imagens significativas para o Espírito comunicante, mas pode não significar tanto para o Espírito receptor, refém de uma linguagem limitada, não à altura de mensagens sublimes ou específicas.

Para evitar ou, pelo menos, minimizar os ruídos que são comuns na comunicação mediúnica, antes de emitir suas ideias com a força de seu pensamento, o desencarnado deverá aprender algumas técnicas preliminares imprescindíveis para que o seu *porta-voz* encarnado entenda o que ele precisamente deseja transmitir. Vejamos algumas:

- a) selecionar o assunto que deseja transmitir;
- b) escolher criteriosamente o médium que irá receber a mensagem;
- c) conhecer várias técnicas de transmissão de mensagem;
- d) ter conhecimento da psicologia do médium que vai lhe receptor;
- e) adquirir a certeza de que se está apto à transmissão;
- f) aperfeiçoar técnicas de transmissão e aprender como se faz a sintonia.

A operação da mensagem não é nada simples, embora os trabalhadores encarnados não tenham consciência de seu mecanismo intrínseco[...]. Transmitir mensagens de uma esfera para outra, no serviço de edificação humana [...] demanda esforço, boa vontade, cooperação e propósito consistente. É natural que o treinamento e a colaboração espontânea do médium facilitem o trabalho; entretanto,

de qualquer modo, o serviço não é automático... Requer muita compreensão, oportunidade e consciência. 193

Os tropeços encontrados no intercâmbio mediúnico nem sempre são oferecidos pelo médium, mas, também, pelos participantes da reunião, pelo Espírito comunicante e por outros que desejam se comunicar sem a devida permissão. Abaixo, algumas situações que não favorecem a boa comunicação mediúnica:

### 6.6.1 Interferência

Numa linguagem eletrônica, interferência é a intromissão de uma onda eletromagnética estranha no aparelho eletrônico (rádio, televisão, telefone etc.), que dificulta a sintonia, misturando-se as mensagens. Na comunicação mediúnica, a interferência se dá quando Espíritos intrometidos emitem pensamentos em vibrações vizinhas ao do Espírito comunicante, de forma a interferir na sintonia que o médium se esforça para alcançar. A mensagem poderá ser captada com ideias distintas ou sem sentido.

Em *A vida além do véu*, colhemos um exemplo bastante interessante que ajudará o nosso leitor a melhor entender o que se passa nessa situação. O excerto colhido se inicia com a palavra do Espírito que esclarece o próprio médium que o recebe como tudo acontece.

Somente em parte poderemos esclarecê-lo a respeito do método que estamos empregando neste caso particular. Entretanto, vamos fazer o que nos for possível.

Primeiro: Estamos aqui, esta noite, *em grupo de sete; algumas vezes somos em maior número*. Temos já estabelecido o que lhe vamos dizer, mas só formulamos as palavras precisas quando o vemos e auscultamos sua disposição de espírito.

*Depois afastamo-nos um pouco, com receio de que nossa influência — a emanção de nossos diversos espíritos — o alcance, não em uma só corrente, mas parceladamente, em correntes várias, o que o perturbaria.*

À pequena distância em que nos achamos, elas misturam-se, confundem-se, são focalizadas em uma só, por forma que, ao alcançá-lo, o nosso pensamento é um e não múltiplo.

*Quando você hesita algumas vezes, em dúvida sobre uma palavra ou frase, é porque nossas ideias, transformadas em uma única, não conseguem exprimir precisamente o justo termo que desejamos.* Você para; continuamos a unir os nossos pensamentos, eles adquirem a

necessária unidade. Você apreende, finalmente, nossa ideia e assim continuamos.

Você já percebeu isso, sem dúvida.

— Sim, porém não conhecia a causa. 194

Exemplo mais substancial não se faz necessário para confirmar o fenômeno da *interferência* e se tomar os devidos cuidados, contribuindo para a Espiritualidade, para a prece e para a harmonia de pensamentos e sentimentos, a fim de que o guia espiritual do médium afaste as entidades intrusas que insistem em se comunicar em momento inoportuno.

### 6.6.2 Sintonia mediúnica

Manter o equilíbrio e a cooperação não é fácil para o médium, não obstante a sua boa vontade. A tarefa de interpretar o pensamento do Espírito, mesmo que este se esforce para se fazer entendido pelo médium, não é nada fácil. Tanto um quanto o outro encontram empecilhos que nem sempre são superados. Acontece, às vezes, de o médium não alcançar a sintonia com o Espírito comunicante, pela dificuldade de *aumentar sua vibração mental*, quando o comunicante já compensou a sua o tanto que lhe foi possível. Nesse caso, a comunicação pode não acontecer ou chegar truncada, com as complementações do médium, tanto na escrita quanto no discurso oral.

### 6.6.3 Vibrações compensadas

O processo de vibrações compensadas adotado no intercâmbio mediúnico é mais comum do que se possa imaginar. Ele é usado para tornar possíveis a sintonia e a interlocução entre um médium comum com uma entidade espiritual de condição moral elevada. A sintonia, como já observamos, significa paridade de pensamento, de sentimento e interesse entre o médium e o Espírito comunicante. Acontece, às vezes, de o médium, não obstante sua boa vontade, por sua condição humana, não conseguir fazer com que sua vibração mental se iguale à do Espírito comunicante. Analisemos o caso do médium Raul Silva e do Espírito comunicante Clementino, narrado por André Luiz. Separamos os trechos que nos ajudam a compreender bem mais o que se passa, fazendo os destaques necessários em *itálico*.

O benfeitor espiritual que ora nos dirige — acentuou o nosso instrutor — *afigura-se-nos mais pesado porque amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo à posição de Raul, tanto quanto lhe é possível, para benefício do trabalho começante. [...].* Notamos que a cabeça venerável de Clementino passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, se nimbava de luminosidade intensa, embora diversa. [...] *O jato de forças mentais do irmão Clementino atuou sobre a organização psíquica de Silva, como a corrente dirigida para a lâmpada elétrica. Apoiando-se no plexo solar, elevou-se ao sistema neurocerebral, como a energia elétrica da usina emissora que, atingindo a lâmpada, se espalha no filamento incandescente, produzindo o fenômeno da luz. [...].* *Clementino graduou o pensamento e a expressão de acordo com a capacidade do nosso Raul e do ambiente que o cerca, ajustando-se-lhe às possibilidades, tanto quanto o técnico de eletricidade controla a projeção de energia, segundo a rede dos elementos receptivos. [...].* Compreendia, desse modo, mais uma vez, e sem qualquer obscuridade, que *somos naturalmente vítimas ou beneficiários de*

*nossas próprias criações, segundo as correntes mentais que projetamos, escravizando-nos a compromissos com a retaguarda de nossas experiências ou libertando-nos para a vanguarda do progresso, conforme nossas deliberações e atividades, em harmonia ou em desarmonia com as Leis eternas... ( grifo nosso).*<sup>195</sup>

No caso, o médium Raul Silva se esforçou para aumentar sua vibração mental, enquanto o Espírito Clementino reduziu a sua para que fossem possíveis a sintonia e a interlocução.

---

<sup>190</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Evolução em dois mundos*. Segunda parte, cap. 2, 2013.

<sup>191</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Voltei*. Cap. 1, 2013.

<sup>192</sup> PASTORINO, Carlos Torres. *Técnica de mediunidade*. “Interferência”, 1975.

<sup>193</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Cap. 1, 2013.

<sup>194</sup> OWEN, George Vale. *A vida além do véu*. “Notas gerais”, 2006.

<sup>195</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 5, 2014.

## CAPÍTULO 7

### A DIMENSÃO DA INFLUÊNCIA

*K. – Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?*

*E. – Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem.*<sup>196</sup>

É indispensável, ao se abordar o assunto mediunidade, que se teçam considerações sobre a extensão e o valor do fenômeno psíquico-espiritual denominado *influência*. Em alguns momentos, quando exageradamente levada em conta, coloca-se sobre ela a responsabilidade de todos os nossos atos impensados, como se não tivéssemos o livre-arbítrio que nos faz donos de nossas decisões; em outros, é esquecida na mesma proporção, não se levando em conta que uma *nuvem de testemunhas* possa estar atuando conjuntamente conosco nas realizações da vida, tanto material quanto espiritual.

Não obstante os extremos, não devemos ter dúvidas quanto ao poder exercido pelos seres que habitam nosso universo. Para se ter uma ideia de seu valor, é suficiente dizer que o codificador valeu-se do termo mais de uma centena de vezes em *O livro dos médiuns* para esclarecer não somente os fenômenos mediúnicos, mas também os fatos sociais, históricos, científicos e religiosos, demonstrando que em todos eles o homem está usando seu poder de influenciar e sendo influenciado ao mesmo tempo. Demonstra, assim, que esse fenômeno se dá em nossas vidas, independentemente de sermos médiuns ostensivos ou não.

A palavra “influência” vem do latim *influentia* (*in* + *fluentia* = “ação de fluir em, sobre”). Ela significa, portanto, a ação de um fator ou agente sobre um objeto qualquer que possua sensibilidade. Ela não se consuma em um ato, fazendo-se necessário, portanto, certa permanência de sua atuação. Dessa forma, a influência se dá em curso lento, sem um transmissor visível. Essas são, provavelmente, as razões por que não lhe damos atenção. Ela flui de maneira sutil, tal como a ferrugem que ganha espaço na superfície do metal e depois o corrói no íntimo. Tudo no universo se movimenta sob o clima da influência mútua. A ela estamos expostos, desde que alimentemos por demorado tempo pensamentos, atos e sentimentos.

Pensando ou conversando constantemente sobre agentes enfermicos, quais sejam a acusação indébita e a crítica destrutiva, o deboche e a crueldade, incorporamos, de imediato, a influência das criaturas encarnadas e desencarnadas que os alimentam, porque o ato de voltar a semelhantes temas, contrários aos princípios que ajudam a vida e a regeneram, se transforma em reflexo condicionado de caráter doentio, automatizando-nos a capacidade de transmitir tais agentes mórbidos, responsáveis por largo acervo de enfermidade e desequilíbrio. <sup>197</sup>

A influência é um poder psíquico que todos possuímos e pelo qual irradiamos nossos predicados morais e culturais, devendo atingir aqueles que estão em faixa mental semelhante à nossa, ou neutros e receptivos a quaisquer propostas influenciadoras. Exercemos esse poder uns sobre os outros de várias formas, destacando-se entres elas a palavra, o ato e o pensamento. As pessoas de personalidade mais forte influenciam as de personalidade mais fraca. É bem mais fácil um adulto experiente induzir uma criança ou um adolescente a fazer o que é certo ou o que é errado, do que o contrário. Passe o leitor ou leitora a observar ao redor de si e irá concluir conosco que a influência entre os humanos é fenômeno corriqueiro e imperativo na preservação cultural de um povo, na sua maneira de pensar e na escolha das emoções de todos nós. O patriotismo, o interesse pelo folclore nacional ou regional; o fanatismo por tal ou qual

esporte; o apetite para determinadas comidas regionais; a escolha dos festejos e os hábitos, dentro e fora do lar, são resultados da influência exercida em nós pelos nossos educadores, familiares e amigos.

Quando se fala de influência, logo pensamos nos médiuns psicógrafos e psicofônicos, porque estamos sempre mais perto deles, e esquecemos que todos estamos mergulhados no imenso oceano de correntes mentais distintas e que, também, somos todos médiuns em graus diferenciados. O codificador não se esqueceu dessa realidade e nos previne:

Seria, pois, erro crer-se que só por meio das comunicações escritas ou verbais exercem os Espíritos sua influência. Esta influência é de todos os instantes e mesmo os que não se ocupam com os Espíritos, ou até não creem neles, estão expostos a sofrê-la, como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm com que a contrabalancem. 198

Imaginemos que você esteja portando um pequeno rádio de pilha e que, em determinado momento, deseja ouvir música. Liga o rádio e sintoniza na estação que mais gosta. Agora você está ouvindo a sua música preferida. Se mudar de ideia, trocará de emissora e passará a ouvir um noticiário. Tudo dependerá somente da sintonia do seu rádio com a estação transmissora. Com a sua mente, vai acontecer algo muito semelhante: pense em coisas desagradáveis e estará se sintonizando mentalmente com um desencarnado que se sente infeliz. Agora vem a pergunta chave dessa situação, que todos fazemos: será que eu comecei a pensar negativamente porque quis ou porque fui induzido por algum Espírito?

A indução somente vai ser possível se o desencarnado conseguir sintonizar-se com a minha faixa vibratória. As tentativas dos Espíritos inferiores ou superiores para se comunicar conosco existirão sempre. Os primeiros desejando nos ver atormentados; os segundos oferecendo sua colaboração para caminharmos seguros em direção a um patamar superior do edifício da evolução. Se, induzidos, aceitarmos a sugestão, cabe a nós mudarmos o pensamento negativo, ou nossos hábitos não saudáveis, e

buscar a sintonia com quem deseja nos ajudar, pensando e agindo positivamente.

Todos estamos mergulhados num oceano de irradiações mentais, assim como o seu rádio e sua televisão estão sendo bombardeados com as ondas eletromagnéticas de inúmeras emissoras, oferecendo-nos som e imagem. A cada um de nós compete fazer uso do livre-arbítrio e sintonizar o rádio ou a televisão, os quais muito nos influenciam, no programa que valoriza nossos elevados propósitos de vida.

Do Espírito para nós, os raios influenciadores atingem a nossa aura espiritual e, nela encontrando sintonia, com já vimos antes, chega à zona perispiritual e, finalmente, instala-se em nossa mente, tal qual o Espírito influenciador deseja. Ele pensa e nós respondemos positiva ou negativamente. Se aceitarmos sua sugestão, estaremos vibrando na mesma faixa, *ouvindo a música que ele toca*, ou seja, o que ele nos faz pensar e sentir. Kardec esclarece tal mecanismo da influência de desencarnado para encarnado, da seguinte maneira:

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros. 199

Confirma Emmanuel o que dissemos acima a respeito do processo de influência entre nós, os encarnados:

Todos exteriorizamos a energia mental, configurando as formas sutis com que influenciamos o próximo, e todos somos afetados por essas mesmas formas, nascidas dos cérebros alheios. Cada atitude de nossa existência polariza forças naqueles que se nos afinam com o modo de ser, impelindo-os à imitação consciente ou inconsciente. 200

Não há nada a estranhar nessa lei da natureza. Todos viemos do plano real da vida, que é o espiritual. Embora revestidos de um corpo material, estamos constantemente em comunicação com os habitantes do plano real. O simples fato de podermos nos comunicar com os seres do mundo gera consequências inimagináveis e de séria gravidade. Eis por que todos, e em especial os médiuns ostensivos, devemos ficar atentos quanto a esse fato, o da constante influência a que estamos sujeitos. Ele tem sido o responsável em fomentar profunda modificação nos costumes, no caráter dos homens e nos seus hábitos, assim como nas crenças e nas relações sociais.

Podemos assegurar que a influência que os Espíritos possam exercer em cada um de nós vai depender da nossa sintonia mental. A nossa companhia espiritual vai ser sempre resultado dos nossos pensamentos, atos e sentimentos que cultivamos, nesta ou em outras vidas. Vamos, portanto, manter disciplinada a nossa mente, para que os pensamentos por ela produzidos sejam os mais elevados possíveis, gerando em nós sentimentos nobres e procedimentos convenientes, consonantes com a ética cristã para que, a partir de uma influência sutil, não sejamos vitimados pela obsessão.

Por estarmos sujeitos constantemente à influência sutil, a ela nos habituamos e, conseqüentemente, dela nos esquecemos, não nos precavendo como deveria. Por essa razão nos alerta André Luiz:

Não se sabe o que tem causado maior dano à humanidade: se as obsessões espetaculares, individuais e coletivas, que todos percebem e ajudam a desfazer ou isolar, ou se essas meio-obsessões de quase-obsidiados, despercebidas, contudo bem mais frequentes, que minam as energias de uma só criatura incauta, mas influenciando o roteiro de legiões de outras. 201

O leitor, com toda a certeza e com muita razão, perguntará — como fez Allan Kardec na questão 461 de *O livro dos espíritos* — como havemos

de saber distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos? A resposta foi:

Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.

Se já conhecemos o Evangelho de Jesus e as leis morais da vida, fácil nos será distinguir o bem do mal. A tarefa maior será vencer as nossas tendências inferiores, plasmadas em nosso perispírito, que nos impelem à repetição do erro.

É oportuno lembrar a orientação dos nossos mentores espirituais, segundo a qual o trabalho, qualquer que seja ele, físico ou intelectual, aparece como o primeiro antídoto no combate à insurgência de pensamentos deprimentes. Logo depois vêm a boa leitura, a música harmoniosa, a conversa edificante, o equilíbrio diante de situações de desespero e, finalmente, o hábito da oração, na forma de conversa com o Criador, para louvar, agradecer ou pedir-lhe ajuda.

Colocamos a oração por último, nessa lista de antídotos, por entendermos que, ao nos dirigirmos a Deus, devemos levar-lhe a oferenda de nossos esforços no sentido de nossa reforma íntima, pois vale mais um dia de *bom combate*, de bons atos e de *trabalho-amor* do que uma oração petítória, lamuriosa e vazia, sem o testemunho do nosso esforço na reforma interior.

Médiuns e dirigentes de reuniões mediúnicas não podem esquecer a dimensão que a influência mental exerce sobre as criaturas e, conseqüentemente, nas comunicações mediúnicas. Todos emitimos, consciente ou inconscientemente, pensamentos ativos que interferem no processo do intercâmbio. Por essa razão chamamos a atenção para esse

fenômeno tão presente em nossas vidas, irradiando nossos valores morais, sentimentais e emocionais.

---

196 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*, q. 459, 2013.

197 XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 16, 2013.

198 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. it. 244, 2013.

199 KARDEC, Allan. *A gênese*. it. 15, 2013.

200 XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Cap. 9, 2013.

201 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Cap. 35, 2013.

## CAPÍTULO 8

### QUEM É MÉDIUM?

A resposta dos Espíritos a Kardec no item 159, capítulo XIV, de *O livro dos médiuns* nos diz que qualquer pessoa que sinta, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Subentende-se, de imediato, que todos somos médiuns. Mas o codificador vai mais além, esclarecendo que somente aquelas pessoas que possuem essa faculdade de forma *ostensiva*, cujos efeitos são por todos observados, porque por elas os Espíritos se manifestam com mais autenticidade, é que são chamados definitivamente de médiuns. Fica entendido, no entanto, que todos somos médiuns em algum grau de sensibilidade, porque todos somos influenciados mentalmente, como vimos antes, sendo interlocutor com os Espíritos, que estão sempre em volta de nós. A verdade é que essa interlocução nem sempre é perceptível pelos encarnados que nos circundam, por não perceberem nenhuma mudança fisionômica, nem em nossa voz e muito menos em nossos gestos e atitudes. Somente cada um de nós registra o que se passa (um sentimento, uma sensação, uma ideia repentina, um pressentimento etc.). Quanto a essa condição mediúnica, ensina-nos André Luiz:

Todos somos médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio, associando-nos às energias edificantes, se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, ou às forças perturbadoras e deprimentes, se ainda nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada. 202

Escolhemos algumas conceituações de *médium*, levando-se em conta a condição humana, seu papel, sua missão e seu comportamento desejado, na esperança de sensibilizar aqueles que a possuem e de lhes fortalecer o ânimo no cumprimento de sua tarefa.

[...] a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência.<sup>203</sup>

Médium é o agente indispensável, com cujo auxílio se produzem as manifestações do mundo invisível. [...] O médium vem, por sua vez, desempenhar um papel essencial no estudo dos fenômenos espíritas. Participando simultaneamente, por seu invólucro fluídico, da vida do espaço e, pelo corpo físico, da terrestre, é ele o intermediário obrigatório entre os dois mundos.<sup>204</sup>

[...] o médium é sempre mãe, a receber filhos do sentimento, que renascem para o entendimento, quando o têm entorpecido, ou se facultam fecundar pelos Espíritos nobres que, através deles, corporificam ideias, expressam realizações superiores, materializam, curam, ajudam.<sup>205</sup>

[...] Em todos os tempos, o médium tem sido o mensageiro dos Espíritos desencarnados, intermediário entre uma forma de vida e outra, entre um mundo e outro, entre uma faixa vibratória e outra. Os cuidados com esse delicado instrumento de comunicação devem ser os mesmos, para que não se perca nem o instrumento e nem o conteúdo da mensagem.<sup>206</sup>

Ser médium é investir-se a criatura de sagrada responsabilidade perante Deus e a própria consciência, uma vez que é ser intérprete do pensamento das esferas espirituais, medianeiro entre o Céu e a Terra.<sup>207</sup>

Os médiuns, na sua generalidade, não são missionários, na acepção comum do termo: são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram sobremaneira o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre são espíritos que tombaram dos cumes sociais pelo abuso do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que se desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude.208

Infelizmente esses conceitos nem sempre são conhecidos e levados em conta por nós médiuns e, muito menos, por aqueles os quais aqui chamamos de *usufrutuários da mediunidade*, os que buscam na possibilidade do sagrado intercâmbio apenas pedir e pedir, como se os desencarnados tudo possam e tudo saibam. Em razão desse procedimento, muitos médiuns se entregam iludidos a práticas inadequadas no intercâmbio mediúnico, subordinando-se aos interesses mesquinhos de consulentes, de criaturas frágeis e desencorajadas para a boa luta redentora, desejando serem arrastadas por Espíritos ignorantes e necessitados de esclarecimentos.

## 8.1 OS MÉDIUNS DA ATUALIDADE

Faremos aqui uma apreciação ligeira das características dos tipos de médiuns mais comuns da atualidade, aqueles que mais encontramos nas instituições espíritas, atuando na seara do bem. Sobre eles faremos alguns comentários sem pretender esgotar as considerações a seu respeito. Sabe-se que não existe um médium igual ao outro quando o vemos como instrumento da Espiritualidade. Cada um tem aptidão especial para determinados fenômenos, do que resulta uma variedade muito grande de manifestações e de resultados. Os principais tipos de médiuns atualmente são: médiuns psicofônicos, psicógrafos, sensitivos ou impressionáveis, videntes, audientes, de efeitos físicos e médiuns curadores. Assemelham-se quanto à condição de intermediários entre os mundos material e espiritual, mas cada um deles se apresenta com características próprias e potenciais diferenciados, sendo impossível dizer qual deles é mais importante e poderoso na produção mediúnica.

### 8.1.1 Médiun psicofônico

Transmite a mensagem espírita pela fala. Nesse caso, os Espíritos atuam sobre os órgãos da fala, nos quais se localiza o centro vital laríngeo. Médiuns psicofônicos são os mais comuns hoje em dia, pois são eles os componentes das milhares de reuniões mediúnicas de assistência espiritual, tanto para encarnados como para desencarnados. Embora chamadas de *reuniões de desobsessão*, na prática atendem a Espíritos recém-desencarnados ainda em perturbação, Espíritos sofredores e obsessores. Nesses casos,

os médiuns psicofônicos, muito embora por vezes se vejam pressionados por entidades em aflição, cujas dores ignoradas lhes percutem nas fibras mais íntimas, educar-se-ão, devidamente, para só oferecer passividade ou campo de manifestação aos desencarnados inquietos quando o clima da reunião lhes permita o concurso na equipe em atividade. 209

### 8.1.2 Médiun psicógrafo

É aquele que traduz o pensamento do Espírito comunicante pela escrita, usando lápis ou caneta esferográfica. A velocidade de escrever varia de um médium para outro, bem como a caligrafia, que nem sempre é legível facilmente. Kardec diz que, de todos os meios de comunicação mediúnica, a escrita manual é o mais simples, o mais cômodo e o mais completo. Para esse meio devem tender todos os esforços, porquanto ele permite se estabeleçam com os Espíritos relações continuadas e regulares, como as que existem entre nós, e é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau de seu aperfeiçoamento ou de sua inferioridade.

Fazendo uso dessa mediunidade com Jesus, Zilda Gama (1878–1969), Yvonne do Amaral Pereira (1900–1984), Francisco Cândido Xavier (1910–2002), Divaldo Pereira Franco (1927–), José Raul Teixeira (1949–) e outros, nos últimos anos, vêm cooperando com exemplo de abnegação, colocando-se na condição de fiéis intérpretes do plano espiritual superior, para a implantação do Espiritismo no Brasil e no mundo, com suas obras literárias.

### 8.1.3 Médiun sensitivo ou impressionável

É a pessoa suscetível de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, não apresentando caráter bem-definido, visto que todos os médiuns são mais ou menos sensitivos. Essa faculdade pode adquirir tanta sutileza que aquele que a possui reconhece não só a natureza boa ou má do Espírito que lhe está próximo, mas até sua individualidade, como o cego reconhece a aproximação de uma determinada pessoa. É de muita serventia essa sensibilidade nos trabalhos mediúnicos, quando o sensitivo oferece ao atendente as características vibracionais (ódio, tristeza, vingança, luxúria, depressão etc.) da entidade que vai se manifestar, dando a ele a chance de uma abordagem segura e eficiente.

Todos já ouvimos alguém nos dizer que, ao se aproximar de tal ou qual pessoa, sente arrepios, vontade de chorar, angústia ou mesmo revolta. Caso não se trate de reencontro de antigos adversários, que somente a reencarnação e a lei da causa e efeito explicam satisfatoriamente, poderá tratar-se de alguma entidade sofredora que está “acoplada” ao companheiro ou à companheira e, nesse caso, estão, o encarnado e o desencarnado, necessitando de oração, passe e orientação. Essa sensibilidade todos a possuímos, pois somos Espíritos encarnados; mas aqueles que a têm em grau mais elevado é a quem podemos denominar de médium sensitivo ou impressionável.

É oportuno, no entanto, trazermos aqui considerações contrárias e louváveis à classificação dessa virtude como sendo mediunidade, não obstante Kardec tê-la assim reconhecido.

Não há, pois, como identificar a *sensitividade* (que até pode ser catalogada como uma faculdade psíquica *paramediúnica*) com a mediunidade, uma vez que a primeira não serve, propriamente, à intermediação dos Espíritos. Apenas, o registro de sua presença, por meio de sensações tácteis, térmicas e olfativas, que, na maioria das vezes, são tênues e ocasionais, embora, em certos casos, quando

reconhecíveis, costumeiras, possam até servir de sinal da aproximação de determinado Espírito. Em síntese, o fenômeno da sensibilidade mostra-se, tecnicamente, diferente do fenômeno mediúnico, que diz, sim, com a intermediação do pensamento do Espírito. <sup>210</sup>

É prudente que o estudioso da mediunidade, em muitos casos, não se prenda a denominações, devendo, sim, preocupar-se com a produção mediúnica. Faço essa observação porque Gabriel Delanne (1857–1926), que teve uma ligação significativa com Allan Kardec, a quem considerava “seu mestre”, lúcido cientista e pesquisador dos fatos espíritas, analisando os fenômenos de transporte de flores, de frutos, de objetos materiais, como anéis, medalhas e outros objetos de um lugar para outro, recebeu, certa vez, o seguinte conselho de um Espírito, na intenção de preveni-lo contra fraudes:

É preciso, necessariamente, para se obterem fenômenos dessa ordem — contar com médiuns —, a que chamarei *sensitivos*, ou seja, *dotados dos mais altos graus das faculdades medianímicas de expansão e penetrabilidade*, porque o sistema nervoso destes médiuns, facilmente excitável lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar em torno, com profusão, fluido animalizado. <sup>211</sup>

Como o leitor poderá perceber, o conceito de sensitivo é extremamente diferente daquele dado pelo codificador. Podemos concluir, portanto, que todo médium é um sensitivo, mas nem todo fenômeno registrado pela sensibilidade de alguém é um fenômeno mediúnico.

#### 8.1.4 Médiun vidente

É dotado da faculdade de ver os Espíritos. Alguns a possuem em estado normal, ou seja, acordados, lembrando-se do que viram; outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo, que quase sempre é efeito de uma crise passageira. Ver os Espíritos durante o sono resulta de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, o que se chama vidência.

O médium vê com os olhos da alma, embora julgue, por uma questão de hábito, que vê com os olhos físicos. Fácil é demonstrar isso, pois o vidente não tem necessidade de abrir os olhos para ver a cena espiritual. Muito atento deve ficar o médium vidente e aquele que o orienta, pois ele pode ver Espíritos levianos e mentirosos para enganá-lo por meio de falsas aparências. O codificador sempre foi precavido com a produção mediúnica da vidência, por isso alertava:

Quanto aos médiuns videntes propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade. É prudente não se lhes dar crédito senão diante de provas positivas. <sup>212</sup>

Para concluir este item, devemos lembrar que o Espiritismo é doutrina de bom senso, tornando o uso da razão imprescindível na análise da fenomenologia mediúnica. A vidência tem seu valor assegurado e seu portador muito poderá contribuir nas reuniões mediúnicas, revelando com diligência o que se passa no plano espiritual naquele momento, favorecendo uma atuação mais eficiente do dirigente e do atendente e um resultado mais eficaz no amparo aos Espíritos atendidos com o óbolo de sua caridade. É inadiável que o portador dessa faculdade estude sempre para melhor compreendê-la e dela tirar o devido proveito na Seara de Jesus; que exercite a humildade e busque a orientação e o apoio de quem possa avaliar as suas visões. Estaremos ampliando as considerações sobre este tema no capítulo três da terceira parte.

### 8.1.5 Médiun audiente

Ouve a voz dos Espíritos. Algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. O audiente pode até realizar conversação com os Espíritos, que podem ser agradáveis ou desagradáveis, dependendo do nível do Espírito comunicante, obtendo significativas informações. Como em todos os casos de intercâmbio com o mundo espiritual, é necessário que se analise bem o que se ouve para não ser enganado por Espíritos brincalhões e zombeteiros. Nessa, como em todas as faculdades mediúnicas, o estudo e o exercício da humildade são fundamentais para assegurar que o médium não caia nas malhas da fascinação.

Na obra de André Luiz, o assistente Áulus é muito criterioso com relação à vidência e à audiência. A respeito desta última, adverte que

há fenômenos de [...] clariaudiência que partem da observação ativa dos instrumentos mediúnicos, identificando a existência de pessoas, paisagens e coisas exteriores a eles próprios, qual acontece na percepção terrestre vulgar, e existem aqueles que decorrem da sugestão que lhes é trazida pelo pensamento criador dos amigos desencarnados ou encarnados, estímulos esses que a mente de cada médium traduz, segundo as possibilidades de que dispõe, favorecendo, por isso mesmo, as mais díspares interpretações.<sup>213</sup>

Como toda faculdade mediúnica ainda não devidamente educada, a audiência oferece, muitas vezes, a vivência de experiências constrangedoras para o seu portador, pois ele está sujeito a ouvir vozes desagradáveis, tormentosas, chistosas, ameaçadoras e, até mesmo, obscenas de Espíritos zombeteiros e obsessores, cumprindo-lhe livrar-se deles pela oração, pelo estudo e pela prática da caridade, esforçando-se pela sua reforma íntima, para atrair os Espíritos bons.

### 8.1.6 Médiunidade de efeitos físicos

É o médium apto a produzir fenômenos materiais, como o movimento de corpos inertes, ruídos, pancadas, vozes diretas, materializações, transportes, em razão da grande quantidade de ectoplasma que ele pode fornecer aos Espíritos para a realização dos fenômenos. A mediunidade de efeitos físicos foi muito comum no surgimento do Espiritismo, com o objetivo de chamar a atenção dos encarnados para as coisas do Além, tal como ocorreu em Hydesville e depois na França, em meados do século XIX.

Os Espíritos que se prestam a esse tipo de manifestação geralmente são de pouca evolução. Na verdade, são mais levianos do que maus, riem dos terrores que causam, agarrando-se a um indivíduo ou a um lugar por mero capricho ou com o propósito de se comunicar com certas pessoas, para lhes dar algum aviso ou pedir alguma coisa. Aconselha André Luiz:

A materialização de criaturas e objetos de nosso plano, para ser mais perfeita, exige mais segura desmaterialização do médium e dos companheiros encarnados que o assistem, porque, por mais que nos consagremos aos trabalhos dessa ordem, estamos subordinados à cooperação dos amigos terrestres, assim como a água, por mais pura, permanece submetida às qualidades felizes ou infelizes do canal por onde se escoar. 214

### 8.1.7 Médiun curador

É o sujeito dotado da capacidade de curar pelo simples toque, pelo olhar ou pela imposição das mãos, sem o uso de medicação. É a ação do magnetismo animal que produz a cura, mas essa faculdade deve ser classificada como mediunidade porque a pessoa que possui esse dom não age sozinha, mas é auxiliada por Espíritos que se dedicam a essa tarefa.

A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende, também, da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido maior força de penetração. Depende ainda das intenções daquele que deseja realizar a cura, seja homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.<sup>215</sup>

É oportuno diferenciar o médium curador do magnetizador simplesmente. É evidente que o fluido magnético desempenha importante papel nos dois casos. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, enquanto os médiuns curadores vão depender sempre da atuação de um Espírito, embora nem sempre eles saibam dessa verdade. É a intervenção de uma potência oculta que caracteriza nesse caso a mediunidade. A verdade é que, tanto no caso do médium curador quanto no do magnetizador, há sempre a influência dos Espíritos dispostos a cooperar com aquele que deseja amenizar o sofrimento de alguém.

## 8.2 SONAMBULISMO

A palavra “sonambulismo” origina-se do latim *somnus* = “sono” + *ambulare* = “marchar, passear”. O transtorno de sonambulismo acontece frequentemente durante a primeira terça parte do sono. Às vezes, o indivíduo pode simplesmente sentar-se na cama, olhar em volta ou se remexer no leito. O mais comum é o indivíduo levantar-se da cama, sair do quarto, ir ao banheiro, subir ou descer escadas e até sair do interior da casa. Acontece de se alimentar e falar durante os episódios, que duram minutos, raramente ultrapassando meia hora.

Do ponto de vista mediúnico, o sonambulismo é o estado em que Espírito fica quase que inteiramente liberto dos liames corporais, com uma independência mais completa do que no sonho. Pode a pessoa alcançar esse estado de forma natural, e até mesmo involuntária, ou submetendo-se a uma ação magnética. O sonâmbulo atua sob a influência do seu próprio espírito, podendo cantar, escrever, falar, pintar etc., enquanto o médium sonambúlico pode fazer tudo isso, mas sob a influência de outro Espírito que não o seu: uma inteligência estranha por ele se manifesta. Muitos médiuns sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com precisão, como os médiuns videntes. Podem conversar com eles e transmitir-nos seus pensamentos. O médium sonambúlico é comumente chamado de *médium inconsciente*. A conceituação abaixo é do Mestre de Lyon:

Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. *O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma.* Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos

Espíritos (grifo nosso). 216

Aprendemos, assim, que o sujeito em estado sonambúlico recupera, momentaneamente, a condição de uma existência anterior qualquer, demonstrando conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos que não se apresentam em sua vida atual. O que vai dizer ou fazer não parte de outro Espírito, e sim dele mesmo. Já o médium psicofônico ou psicógrafo, propriamente dito, ao dar passividade passa a servir de instrumento de uma inteligência estranha e o que diz e faz não vem de si.

Um exemplo comum observado em muitos lares é o fato de alguém (na maioria crianças e jovens) sonâmbulo, após dormir e se libertar do corpo pelo desdobramento, não ser impedido pelos familiares de fazer o que geralmente gosta, ou mesmo de andar por locais dentro ou fora da residência. Conheci uma jovem que à noite, em estado sonambúlico, levantava-se e ia fazer a arrumação da cozinha, já que não pudera fazê-la antes de se recolher ao leito.

O codificador nos dá um exemplo bem didático de como funciona o médium em estado sonambúlico.

Um de nossos amigos utilizava como sonâmbulo um rapaz de 14 a 15 anos, de inteligência muito vulgar e instrução extremamente precária. Entretanto, no estado de sonambulismo, deu provas de lucidez extraordinária e de grande perspicácia. Distinguia-se principalmente no tratamento das enfermidades, tendo feito grande número de curas consideradas impossíveis. Certo dia, dando consulta a um doente, descreveu a enfermidade com absoluta exatidão. — Não basta — disseram-lhe — agora é preciso que indiques o remédio. — Não posso — respondeu —, *meu anjo doutor não está aqui*. — Quem é esse anjo doutor de quem falas? — O que dita os remédios. — Então, não és tu que vês os remédios? — Oh! não; eu já não disse que é o meu anjo doutor quem os indica?<sup>217</sup>

O jovem sonâmbulo provavelmente possuía a vidência heteroscópica,<sup>218</sup> que lhe permitia ver o interior do enfermo e diagnosticar-

lhe a enfermidade, mas, não tendo conhecimento médico, não lhe competia receitar o medicamento.

Em razão do alto grau de passividade ou transe do médium sonambúlico, acreditam alguns que, ele por estar inconsciente, não é responsável pelos seus atos durante o processo de mediunização. É um ledô engano, pois ensina André Luiz que

ainda quando o sensitivo tenha as suas faculdades assinaladas por avançado sonambulismo, deve e pode exercitar o autodomínio, afeiçoando-se à observação e ao estudo, a fim de colaborar na vigilância precisa, desincumbindo-se, com segurança, do encargo da enfermagem espiritual que lhe é atribuído.<sup>219</sup>

### 8.2.1 Características do médium sonambúlico

Há características muito particulares que devemos relembrar aqui sobre o médium sonambúlico em relação aos demais, no que se refere não apenas ao seu grau de consciência, mas também ao potencial de cooperação que poderá dispor, enquanto hóspede de Espíritos sofredores ou equivocados diante da lei de causa e efeito. O Espírito André Luiz nos oferece inestimáveis ensinamentos a respeito, que resumimos aqui. 220

Inicialmente o médium sonambúlico liberta-se do corpo físico, como quem entra em sono profundo. Seu grau de preparação moral e espiritual será de suma importância nessa ocasião, tendo em vista a entrega, quase que total, de seu organismo físico à entidade que nele se alojará por alguns momentos, deixando mais à vontade os mentores responsáveis pelo processo de amparo aos Espíritos enfermos, estando muitos deles em condição moral bastante inferior. De qualquer forma será sempre amparado por eles, tendo em vista a delicadeza da tarefa. O Espírito a ser atendido na indumentária física do médium se acopla a ele automaticamente, como se atraído por um ímã, segundo sua condição de superioridade diante do assistido, envolve-o com as vibrações de seu amor, apaziguando-o e controlando-o amorosamente. Esse acolhimento fraterno faz com que o recém-chegado controle seus ímpetos e sejam devidamente filtradas suas palavras. No caso em estudo, o Espírito que ainda não tinha consciência de sua desencarnação projetava de si estiletos de treva, que se fundiam na luz com que Celina-alma (a médium) o rodeava, com dedicação. O médium sonambúlico apresenta-se como um instrumento passivo no exterior, mas, nas profundezas do ser, mostra as qualidades morais positivas que lhe são conquistas inalienáveis, impedindo que o hóspede momentâneo enseje qualquer manifestação menos digna. A partir de então, dá-se o diálogo entre o atendente e a entidade a ser assistida. Aquele deverá estar ciente de que não deve estranhar o vocabulário do sofredor, pois as palavras proferidas pelo médium serão as que fazem parte de seu próprio vocabulário, não

obstante, vez ou outra, um termo não usual se apresente, fornecendo a indicação de que outra inteligência ali se manifesta.

Não é necessário que o Espírito comunicante controle todo o sistema nervoso do médium, caso seja este um sonâmbulo perfeito: basta-lhe estabelecer uma ligação por meio de um fio fluídico com um dos plexos nervosos, que são alcançados por meio dos centros vitais, para adquirir o domínio das zonas motoras ou sensitivas controladas por aquele plexo. Dessa forma, o hospedeiro cede, sem receio, seus recursos psíquicos às entidades necessitadas de socorro e carinho. Não tem ele qualquer dificuldade para desligar-se automaticamente do campo sensório, perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral, favorecendo uma extrema passividade. Nessas circunstâncias, o comunicante revela-se mais seguro para exteriorizar sua própria personalidade, embora o médium deva se manter responsável pelos acontecimentos. A entidade comunicante apresentará de forma natural suas características morais, suas emoções, a agressividade que a caracteriza naquele instante, mas deverá ser controlada, ficando em condições de receber a ajuda de que necessita no momento.

A lembrança que terá depois da passividade dependerá do esforço que fará o médium para isso, não havendo, portanto, qualquer vantagem na retenção dos apontamentos que ouve. Na psicofonia consciente, o médium exerce um controle mais direto sobre o hóspede que lhe utiliza a casa orgânica; mas, na psicofonia sonambúlica, o comunicante fica mais à vontade, mais livre...

O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas, pode produzir belos fenômenos, mas é menos útil na construção espiritual do bem. A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão, sempre nociva, e que por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes. 221

### 8.3 O ATO MEDIÚNICO

Alimento a dúvida de que nos trabalhos práticos da mediunidade tenhamos a capacidade de perceber plenamente, somente com os sentidos que nos colocam em relação com o mundo físico (audição, visão, tato, paladar e olfato), e mesmo com a razão apurada, mas desprovida da leveza dos sentidos extrassensoriais, o momento extraordinário da *mediunização*.

No entanto, o filósofo, professor e poeta Herculano Pires<sup>222</sup> nos descreve aquele momento com extraordinária sensibilidade.

O ato mediúnico é o momento em que o Espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psicoafetiva da comunicação. O Espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. *Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual, atingindo o corpo espiritual do médium.* A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. *Realiza-se a fusão fluídica.* Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. *Cada um assimila um pouco do outro.* [...] As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do Espírito. Compreende-se então o sentido profundo da palavra *intermúndio* (grifo nosso).

A fusão fluídica lembrada pelo eminente escritor leva-nos à seguinte conclusão: quando conversamos com o Espírito *incorporado*, estamos nos dirigindo a duas personalidades, duas mentes atuantes fundindo ideias, gestos, vocabulário... Quem dialoga com o desencarnado tem que ficar atento a essa fusão para melhor compreender o que se passa. Talvez por isso tenha o codificador nos orientado a conversar com o Espírito como quem conversa com o ser encarnado.

Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do espírito e o semblante humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. *Essa superposição de planos dá aos*

*videntes a impressão de que o Espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o Espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do Espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do Espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução (grifo nosso).* 223

Aprende-se aqui o porquê do consagrado termo *incorporação*, indevidamente usado para as comunicações feitas pela psicofonia e pela psicografia. Nunca é demais lembrar que, na fusão fluídica e, por que não acrescentar também, psíquica, o médium não está totalmente passivo, não está privado do uso de sua consciência, do seu livre-arbítrio, sendo, portanto, um intérprete do que pensa e sente o comunicante. Lembra-se o leitor do item nº 225 de *O livro dos médiuns*?

No ato mediúnico, para que o médium alcance a proeza de traduzir fielmente o pensamento do Espírito comunicante, é necessário tenha ele aprendido a ceder e a silenciar o próprio pensamento; a ouvir sem interpor suas próprias ideias. E isso não é tarefa fácil. Entregar-se a outra personalidade e dizer o que não concorda ou que não lhe é familiar, muitas vezes, torna-se uma embaraçosa tarefa. No atendimento às entidades sofredoras, tivemos oportunidade de registrar a angústia de muitos médiuns no instante de ceder suas faculdades para que o desencarnado se manifestasse, contrariando suas concepções de vida e seus padrões morais: eram cobradores do passado, a quem a Espiritualidade maior ensejava a oportunidade de reconciliação. Todavia, sentiam os médiuns que, antes do entendimento e do possível perdão, os comunicantes extravasariam suas mágoas e relatariam as razões do ódio que alimentavam até então; e como foram vitimados por eles, os médiuns, tornava-se indispensável a nossa

palavra encorajadora, fortalecendo-lhes o ânimo e incentivando-os ao aproveitamento daqueles santificados minutos.

Há outros momentos no ato mediúnico que merecem considerações. São aqueles em que o médium deve oferecer o seu organismo psicofísico para entidades deformadas e horripilantes, apresentando-se com aspecto animalesco ou em condição nauseante, exigindo coragem e desprendimento para abraçá-las e lhes dar o acolhimento de que necessitam. Será sempre compreensível que o irmão ou irmã na condição de colaborador(a) necessite de incentivo e encorajamento oferecidos pela prece e palavras de apoio moral, para que ceda em nome da caridade. Estudo e tempo se fazem necessários para o médium aprender, junto com a equipe que lhe apoia, a confiar e dedicar-se à felicidade do próximo.

O ceder do médium é atitude que deve ser reconhecida como resultado de um esforço corajoso. Coragem essa que ele somente conquistará se tiver compreendido que seu trabalho é obra de caridade e, ao mesmo tempo, experiência para regenerar-se, iluminando-se espiritualmente e reduzindo sua inadimplência com a Contabilidade divina. O médium é muito perseguido pelo fantasma da avaliação. Por mais que se disponha a ceder, sente que está se expondo diante de uma assistência e que será sempre julgado, criticado, desacreditado e, às vezes, ridicularizado pelos incrédulos, e mesmo por aqueles que lhe querem bem, mas o consideram ingênuo, fascinado ou despreparado para a tarefa. Somando-se a esses percalços, apresenta-se o fantasma do animismo, que sempre o persegue.

## 8.4 O MÉDIUM AUSENTE

Resumidamente, a conversa foi assim:

— Então, você está trabalhando no Centro Espírita?

— Sim! — Respondeu entusiasmado o meu amigo.

— E o que faz lá?

— Sou médium. Trabalho na reunião de desobsessão. — Disse-me, demonstrando alegria.

— Ótimo! Tenho lá um amigo que dá sua cooperação na tarefa de visita aos enfermos e na campanha Auta de Sousa. — Dei-lhe o nome e perguntei se o conhecia...

— Não. Não participo dessas atividades —, respondeu-se com muita naturalidade.

— Mas, creio que você o conheça... (dei-lhe o nome), pois é, também, médium psicofônico e colabora na desobsessão. Conhece-o?

— Também não o conheço — respondeu-me, justificando-se: — Decerto não faz parte do “meu grupo”.

E complementou:

— Eu somente vou ao Centro na noite da minha reunião...

Não perguntei por mais ninguém e encerramos o papo.

Analisemos a situação.

O companheiro em questão somente ia ao Centro na noite de *sua reunião*! Não conhecia os demais médiuns, porque faziam parte de *outro grupo*, nem conhecia quem atuava em outras tarefas! Confesso que fiquei triste...

Quando o médium filiado a uma determinada Casa Espírita afirma que somente participa de sua reunião, ficando ausente das demais, sinto que

algo está errado. Ele e a instituição necessitam refletir, avaliar essa situação.

Vejamos primeiramente o comportamento do médium, sem a intenção de julgar o mérito de quem assim procede, mas de estudar o fato em confronto com os ensinamentos doutrinários.

Em *O livro dos médiuns*, encontramos a classe dos *médiuns indiferentes*, na qual acreditamos se enquadrarem os que aqui chamamos de ausentes. Segundo o codificador, médiuns indiferentes são “os que nenhum proveito moral tiram das instruções que obtêm e em nada modificam o proceder e os hábitos”.<sup>224</sup>

Procurei tais instruções que servissem para o caso. Encontrei uma na medida certa para todos nós:

O homem tem que progredir. Insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contato com os outros homens. No isolamento, ele se embrutece e se estiola.<sup>225</sup>

Não levar em consideração essa realidade da lei de sociedade, ensinada pelos Espíritos superiores, para crescer espiritualmente, é uma das razões do isolamento e da ausência de muitos médiuns na instituição que os acolhe. Entretanto, outras existem que impedem o médium de ir ao Centro para cooperar em atividades não mediúnicas: talvez sofra de *xenofobia* (receio por pessoas ou coisas estranhas) ou, ainda, seja um *misanthropo* (aquele que tem aversão aos homens, que evita a sociedade). É oportuno lembrar o estudo da *fobia social* feito pelo Espírito Joanna de Ângelis quando ensina que o indivíduo, quando dele acometido, “começa a detestar o convívio com as demais pessoas, retraindo-se, isolando-se”.<sup>226</sup> Nesses casos, a ajuda de um psicólogo ou de um psiquiatra talvez seja uma boa indicação para ele. A possibilidade de uma obsessão no estágio da fascinação não é descartável. Vitimado, o médium se isola para não receber sugestões nem avaliações sobre seu trabalho e sua conduta. Mantém-se passivamente sob o controle das entidades que não desejam seu progresso

moral e espiritual, levando-o a comprometer sua reencarnação, isolando-se dos demais companheiros. Aqui, o socorro da instituição na qual atua, na pessoa do coordenador das atividades mediúnicas e de companheiros mais íntimos se faz urgente!

Certa feita um médium me segredou que trabalhava com o Espírito Bezerra de Menezes, sozinho em seu apartamento. Sugeri se filiasse a um Centro Espírita, mas ele foi enfático:

— Bezerra de Menezes *disse* que minha missão é trabalhar isolado para não ser perturbado, pois o que tenho a fazer é muito importante...!

Falei com meus botões: “Justamente o venerável Bezerra de Menezes! Patrono do Movimento de Unificação, dando um conselho desse...”

Concluí que se tratava de uma fascinação. Como crescer sem o contato, sem a vivência com o próximo? O *outro* é a função do *Eu*. Para se desenvolver o devotamento, praticar a caridade, ser testado naquilo que se aprende e se prega, o Eu necessita do Outro. Uma irmã de fé, médium, ao se referir à instituição onde praticava a psicofonia em reunião de desobsessão, disse:

— *Eu só vou ao Centro no dia da minha reunião...* — concluindo a seguir — *Tem certas pessoas lá com quem eu não me afino. Prefiro evitá-las...* — Como estaria exercitando a **tolerância, paciência e a compreensão?** Vale lembrar a advertência do Mais Alto:

O homem que vivesse isolado não teria nenhuma caridade a praticar. Somente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais penosas é que ele encontra ocasião de praticá-la. Aquele, pois, que se isola, priva-se voluntariamente do meio mais poderoso de aperfeiçoar-se;

não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. <sup>227</sup>

Há quem traga de existências passadas a tendência ao isolamento, que, muitas vezes, é reforçada por uma educação malconduzida e alheia à socialização do ser humano.

Cabe agora analisar a cota de responsabilidade do Centro Espírita com relação ao médium ausente. A liberdade dada pelos dirigentes, permitindo que compareça à instituição quando assim desejar, sem disciplinamento de suas atividades mediúnicas e sem conduzi-lo a outras tarefas de natureza assistencial, necessárias para melhorar sua sintonia com o plano invisível, é um procedimento que merece reflexão. Todos somos livres para decidir quanto ao próprio destino, mas nossa liberdade de ser e de agir tem limites quando se trata da instituição que nos acolhe e do fato de fazermos parte de uma equipe. Há regras a serem respeitadas. Será de bom alvitre constar do Regimento Interno da instituição a exigência de o médium a ela filiado, além de participar das atividades mediúnicas, ser também colaborador em outras de natureza social, nas quais terá oportunidade de contato com a carência e a dor dos seus semelhantes. Diz o simpático orador carioca Raul Teixeira: “Vemos tantos médiuns preocupados em ouvir o gemido do Espírito desencarnado e não ouvem os gemidos dos encarnados”. 228

É oportuno enfatizar que o Centro Espírita, enquanto escola de almas, deve ficar atento aos médiuns personalistas, a fim de que estes não descaracterizem a função educativa da Instituição, servindo de mau exemplo para os demais, fundamentalmente para os iniciantes. Estes devem aprender, desde as primeiras aulas, complementadas com prática dos mais experientes, que a caridade é o esteio a favorecer a mediunidade, como ensinava a querida e inesquecível Yvonne do Amaral Pereira.

Outro cuidado é o de não alimentar a formação de grupos isolados nas atividades mediúnicas da instituição. Médium é antena viva a captar inspirações do invisível com mais facilidade. Ao coordenador encarnado das atividades mediúnicas, convém ficar vigilante, sabendo o que se passa em cada grupo, e o que seus componentes estão “ouvindo” do que vem do *lado de lá*, fazendo reuniões periódicas com os líderes de cada conjunto. No templo espírita mourejam não somente os Espíritos esclarecidos, mas, em maior número, os sofreadores e obsessores, pois é hospital e escola. A existência “desse” ou “daquele” grupo estanque, funcionando sem unidade de princípios, gera o separatismo e coopera para o isolacionismo de alguns

médiuns menos preparados para o enfrentamento dos conflitos de ideias e de procedimentos, muito comuns em qualquer agrupamento humano. Não estamos falando de controle severo, de barreiras que a instituição venha criar, cerceando a liberdade do médium, fazendo-o retroceder ao seu isolamento, mas de apoio fraterno, de medidas preventivas, de orientação fundamentada nos postulados da Doutrina Consoladora, com intuito de ajudar e não de controlar.

Os médiuns são pessoas normais, sim, mas de sensibilidade apurada, tornando-se, por isso, presas mais fáceis das sugestões e influências menos elevadas, por serem, e neste caso, como todos nós, imperfeitos. Trazem registros fortes de desvios pregressos de conduta em seu inconsciente profundo. Tais anotações, no exercício da mediunidade, se confundem muitas vezes com a realidade consciente, gerando nele procedimentos estranhos e inadequados à tarefa sublime, superáveis, com a ajuda dos companheiros de jornada, amparando-os e esclarecendo-os.

Vamos concluir resgatando a advertência do querido mentor Emmanuel, na intenção de tornar bem claro para os médiuns e os responsáveis pelas Casas Espíritas, o que compete a cada um buscar e fazer no sentido de se unirem na realização da tarefa comum, não ficando ausentes um do outro:

Admitido a construções de ordem superior, o médium é convidado ao discernimento e à disciplina, para que se lhe aclarem e aprimorem as faculdades, cabendo-lhe afastar-se do “tudo querer” e do “tudo fazer” a que somos impelidos, nós todos, quando imaturos da vida pelos que se afazem à rebeldia e à perturbação. 229

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dedicamos o espaço ao estudo daqueles médiuns que os encontramos com frequência nas Casas Espíritas. A intenção é de não repetir enfadonhamente o que o leitor ou a leitora já leu ou poderá ler em *O livro dos médiuns*, compêndio insuperável para o entendimento do assunto de que estamos tratando, fonte primária de consulta obrigatória para quem necessita se embasar com segurança para a prática do intercâmbio mediúnico.

Chamamos a atenção para o ato mediúnico, momento em que duas mentes se fundem para a produção de algo que resulte em benefício de alguém ou de muitos. Nesse instante o médium deve ceder, abrindo mão de seus pensamentos e sentimentos e refletindo outros, sem perder sua consciência e sua identidade. Tarefa complexa que merece o entendimento e a compreensão de quem o assiste e daqueles que usufruem, aqui na Terra, dos resultados do intercâmbio mediúnico.

Concluimos este capítulo, fazendo um alerta sobre o procedimento lastimável do médium que não compreendeu ainda que, pela misericórdia do Senhor, encontra-se aqui na Terra como tarefeiro encarregado de promover o progresso moral, espiritual e cultural dos que lhe rodeiam, não devendo isolar-se por conta do seu misantropismo,<sup>230</sup> evitando a convivência saudável e caritativa, desperdiçando o tempo que lhe foi concedido para resgatar débitos de vidas pregressas, desprezando o valioso instrumento que é a sua mediunidade.

---

202 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. “Raios, ondas, médiuns, mentes”, 2010.

203 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*, 2013.

204 DENIS, Léon. *No invisível*, 2011.

205 FRANCO, Divaldo Pereira. Loucura e obsessão. Cap. 23, 1990.

206 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *As marcas do Cristo*. v. 2, cap. 6,

2010.

207 PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. Cap. 3, 2010.

208 EMMANUEL. *Emmanuel*. Cap. 11, it. 3, 2013.

209 XAVIER, Francisco Cândido. *Desobsessão*. Cap. 39, 2012.

210 ZIMMERMANN, Zalmir. *Teoria da mediunidade*. Cap. 3, “Sensitividade e mediunidade”, 2011.

211 DELANNE, Gabriel. *O espiritismo perante a ciência*. Quinta Parte, Cap. 3, 2006.

212 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. it. 171, 2013.

213 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 12, 2010.

214 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 28, 2010.

215 KARDEC, Allan. *A gênese*. it. 31, 2013.

216 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. it. 172, 2013.

217 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. it. 173, 2013.

218 Nota do autor: O vidente heteroscópico possui a faculdade de ver com detalhes os órgãos internos de outra pessoa, permitindo que ele faça diagnósticos de enfermidades. ( ZIMMERMANN, Zalmir. *Teoria da mediunidade*. 2011).

219 XAVIER, Francisco Cândido. *Desobsessão*. Cap. 39, 2012.

220 Id. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 8, 2010.

221 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 8, 2010.

222 PIRES, J. Herculano. *Mediunidade*. Cap. 5, 1991.

223 PIRES, J. Herculano. *Mediunidade*. Cap. 5, 1991.

224 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 196, 2013.

225 Id. Ibid. Q. 768, 2013.

226 FRANCO, Divaldo Pereira. *O homem integral*. Cap. 2, “Fobia social”, 1991.

227 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 17, it. 10, 2013.

228 FRANCO, Divaldo Pereira; TEIXEIRA, José Raul. *Diretrizes de*

*segurança*. perg. 46, 2008.

229 XAVIER, Francisco Cândido. *Estude e viva*. Cap. 37, 2013.

230 Nota do autor: Misanthropo é aquele que tem ódio ou aversão à sociedade; que evita a convivência, que prefere a solidão. É o oposto do filantropo.

# TERCEIRA PARTE

## A COMPLEXIDADE DA PRÁTICA MEDIÚNICA

O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldades do que geralmente se pensa, e os escolhos aí encontrados são numerosos. É isso que ocasiona tantas decepções aos que dele se ocupam, sem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi o de prevenir contra esses escolhos, que nem sempre deixam de apresentar inconvenientes para quem se aventure sem prudência por esse terreno novo. Não podíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com o cuidado que a sua importância reclama. <sup>231</sup>

As comunicações espirituais não são uma ocorrência fácil como pode parecer ao observador descuidado, exceto nos casos obsessivos, em razão da predominância da mente perturbadora sobre a vencida, por efeito de sintonia natural e cármica entre afins... <sup>232</sup>

Força é, todavia, reconhecer que a prática experimental do Espiritismo é inçada de dificuldades. Exige qualidades de que não são dotados muitos homens: espírito de método, perseverança, perspicácia, elevação de pensamentos e de sentimentos. Alguns só chegam a adquirir a cobiçada certeza depois de repetidos insucessos; outros a alcançam de um jato, pelo coração, pelo amor. Estes apreendem a verdade sem esforço, e dela nada

mais os consegue desviar.<sup>233</sup>

---

231 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Jan. 1861. “O livro dos médiuns”, 2007.

232 FRANCO, Divaldo Pereira. *Médiuns e mediunidade*. Cap. 8, 1990.

233 DENIS, Léon. *No invisível*. Cap. 2, 2011.

# CAPÍTULO 1

## TRANSE MEDIÚNICO

O tema é bastante complexo, pleno de teorias, exigindo conhecimentos de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia para seu domínio seguro. Limitar-nos-emos a oferecer aos dirigentes de reuniões mediúnicas, esclarecedores e aos próprios médiuns noções essenciais para o aprimoramento das atividades de caridade espiritual de que participam, considerando que a maioria dos livros que orientam sobre o estudo e a educação da mediunidade não contemplam o transe em seus conteúdos.

Estaremos nos apoiando em duas importantes obras: *Transe mediúnico*, de L. Palhano Jr., e *Além do inconsciente*, de Jayme Cerviño. Parafraseando-os, vamos evitar, o quanto possível, o tecnicismo que o assunto exige, apresentando as teorias em linguagem acessível a todos, levando em conta que o tema é pouco estudado nas Casas Espíritas.

É oportuno dizer que o transe mediúnico é condição *sine qua non* para que haja a comunicação dos Espíritos; daí a necessidade de ter do assunto razoável conhecimento. Sem dúvida, para os trabalhos normais numa reunião mediúnica, cujo objetivo é o atendimento aos Espíritos sofredores e ouvir a palavra do mentor dos trabalhos, exigência nenhuma se faz ao dirigente e aos médiuns quanto ao saber em que tipo e grau de transe eles devem se colocar para o sucesso do evento. No entanto, se o dirigente e os esclarecedores possuírem noções precisas de como funcionam a mente do médium e o mecanismo da mediunidade, buscarão recursos para favorecer o transe desde o início dos trabalhos, contribuindo para que o sensitivo

alcance a sintonia ideal com a entidade comunicante. Prestemos atenção ao tópico abaixo:

O transe deve ser bem delineado pelo espírita, para que não haja diagnósticos equivocados das realidades psicológicas e intercâmbios espirituais mal compreendidos. Uma coisa é bem clara, o espírita que não tem sabido conceituar nem identificar um transe, também não tem entendido de animismo nem de mediunidade. É preciso fazer outra leitura do Espiritismo para que o aspecto religioso embutido na doutrina tenha como referencial a ciência e a filosofia, e não as ideias atávicas de sacerdócios ancestrais de alguns. Daí a necessidade de haver conceitos bem delineados, para que os falsos profetas, os retrógrados, os conservadores e os mal-intencionados não tenham chances de nos conduzir para a mentira.<sup>234</sup>

Ainda, demonstrando sua preocupação no campo da mediunidade pelos espíritas, lamenta:

*A mediunidade também, por incrível que pareça, é uma faculdade desconhecida em suas melhores possibilidades no meio dos espíritas. E não preciso que ninguém diga isso, basta que se observe o comportamento incoerente que ocorre nas definições dos próprios tarefeiros (grifo nosso).*<sup>235</sup>

Pedimos licença a você, leitor amigo, para abrir um parêntese e fazer coro com o pesquisador e escritor espírito-santense Palhano Jr. e demonstrar, estatisticamente, que ele está com toda a razão, infelizmente.

A FEB, no primeiro semestre de 2012, com o apoio das Federativas, lançou, em âmbito nacional, uma enquete para conhecer o nível de leitura e de estudo de *O livro dos médiuns* entre aqueles que lidam com a mediunidade.<sup>236</sup> O singelo questionário exigia apenas que se respondesse a três perguntas:

1ª Você já leu *O livro dos médiuns*? (Aqui o médium deveria responder apenas “sim”, “não” ou “parcialmente”.)

2ª Qual o assunto de mais fácil compreensão no referido livro?

3ª Qual o assunto de mais difícil compreensão no referido livro?

O primeiro e lamentável resultado da pesquisa foi que apenas pouco mais de oitocentos questionários foram respondidos! Lamentável porque em nosso país existem, segundo a Associação de Divulgadores do Espiritismo (ADE-SP),<sup>237</sup> 12.290 (doze mil duzentos e noventa) Centros Espíritas cadastrados nas respectivas Federativas de suas Unidades da Federação. Não há como negar o desinteresse pela enquete a respeito de tão importante obra! Surpreendente foi o resultado: 39,3% responderam que já leram a primorosa obra; 36,8% informaram que a leram parcialmente e 23,9% disseram que não leram *O livro dos médiuns*!

Aprofundemo-nos na análise desses resultados. “Ler parcialmente” *O livro dos médiuns* significa não entendê-lo, pois ele é uma unidade intrínseca em que os ensinamentos, os fatos relatados e as teorias apresentadas não podem ser lidas separadamente, sob o risco de não se entender a obra e seu desiderato, podendo incorrer o leitor em interpretações desastrosas. Logo, “ler parcialmente” significa não ler como deveria ser lido. Conseqüentemente, fica aumentando o percentual do “não” para 60,7%!

Essa conclusão se fortalece quando se analisa as respostas dadas à terceira pergunta: *Qual o assunto de mais difícil compreensão no referido livro?*

Oferecemos ao leitor algumas respostas para que tire suas conclusões:

*Fenômenos anímicos e animismo* (É bom lembrar que *O livro dos médiuns* não fala de animismo, pois o termo não existia. Vide Cap. 5, da 2ª Parte);

*Obsessão*;

*Influência moral dos médiuns;*

*Mediunidade;*

*Há Espíritos?;*

*Papel dos médiuns nas comunicações;*

*Teoria das manifestações físicas.*

Ora! se esses temas são de difícil compreensão em *O livro dos médiuns*, cuja linguagem prima pela simplicidade, é porque não há grupos de estudos, nos quais os mais experientes cooperem apoiando os que têm menos vivência no assunto.

Finalmente, as conclusões a que chegou a equipe que planejou, implementou e avaliou o resultado da enquete:

a) Há dificuldades para o entendimento dos mecanismos da mediunidade (como funciona e como a faculdade se manifesta);

b) Como se processam as comunicações mediúnicas e anímicas: recursos ideoplásticos ou criações mentais, do médium e do Espírito;

c) Entendimento da obsessão e dos seus mecanismos;

d) Necessidade de implantar/desenvolver Estudo Regular e Sistematizado de *O livro dos médiuns*.

Fechemos o parêntese e passemos às noções do que necessitamos conhecer sobre transe, para melhor cooperar com o médium em serviço de caridade, na esperança de que se estude *O livro dos médiuns* e ele deixe de ser um ilustre desconhecido.

## 1.1 CONCEITO

K. – No momento em que exerce a sua faculdade, está o médium em estado perfeitamente normal?

E. – Está, às vezes, num estado, mais ou menos acentuado, de *crise*. É o que o fadiga e é por isso que necessita de repouso. Porém, habitualmente, seu estado não difere de modo sensível do estado normal, sobretudo se se trata de médiuns escreventes (*O livro dos médiuns*, it. 223).

O codificador não usou o termo *transe* em suas obras para designar o momento em que alguém permanece num estado alterado de consciência, tal como acontece com o médium na condição de intermediário entre o mundo espiritual e o material, ou com aquela pessoa que se submete a experiências hipnóticas, quando os sentidos materiais são gradativamente substituídos pelos da alma.

A resposta do Espírito é bastante atual, já que, etimologicamente, a palavra *transe* significa “momento crítico, *crise*, lance”. É semelhante àquele estado que todos experimentamos quando ficamos entre a vigília e o sono, permitindo a emersão de conteúdos da subconsciência,<sup>238</sup> fazendo-nos ver figura geométricas, imagens e paisagens. O transe pode ser entendido, também, como “um estado de baixa tensão psíquica”, quando se dá o estreitamento do campo da consciência, podendo acontecer a dissociação, ou seja, o desdobramento do perispírito. O estado de transe não significa a supressão da consciência, mas a sua interiorização. Mesmo nos estágios mais profundos, a consciência não se extingue e permanece vigilante, à maneira de sistema secundário, mas ainda ativo. Exemplo significativo dessa vigilância é o caso do hipnotizado que não obedece ao magnetizador se a ordem contraria seus princípios morais. O médium, quando devidamente preparado, sabendo fazer uso da sua faculdade

medianímica, também não se submete ao Espírito que o usa como intermediário, mesmo em estado sonambúlico.

O poeta e filósofo francês do Espiritismo muito nos ajuda, sintetizando magistralmente o que seja transe:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal, e a alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.<sup>239</sup>

Sem dúvida nenhuma o mestre Denis faz referência ao transe sonambúlico ao afirmar que o médium “nenhuma lembrança [do que aconteceu] conserva ao despertar”. Sugiro ao leitor ou à leitora se debruçar sobre a obra referenciada, pois ela nos parece um desdobramento de *O livro dos médiuns*, oferecendo lindas dissertações e fatos dos anais da história do Espiritismo, ampliando magistralmente nosso conceito e entendimento sobre a mediunidade.

## 1.2 GRAUS DO TRANSE

O transe tem dois estágios extremos, entre os quais se pode admitir diversos graus. O primeiro seria de grau superficial, sem amnésia lacunar,<sup>240</sup> e o último, o transe de grau profundo ou o denominado sonambulismo, no qual o médium se caracteriza pela extrema sugestibilidade e amnésia lacunar plena, podendo recuperar, com certo gasto de energia mental, alguns detalhes do acontecido, se assim o desejar. Durante o transe mediúnico, há preservação da consciência, como dito acima, mesmo que ele seja provocado por hipnose.

O transe não deve ser confundido como se fosse um sono. Pesquisas feitas em laboratórios com eletroencefalográficos indicam diferenças consideráveis entre o transe por hipnose e o sono, mostrando, portanto, que são fenômenos distintos, apesar de semelhantes externamente.

### 1.2.1 Transe superficial

Nesse grau, não existe esquecimento. O médium se recorda de todos os acontecimentos, colaborando diretamente no entendimento e na transmissão da mensagem do Espírito comunicante. Se é médium principiante, costuma ter dúvidas se de fato ocorreu um transe mediúnico, pois ele estará plenamente consciente do que se passa, não admitindo, muitas vezes, ter permanecido em transe.

Nos médiuns intuitivos, o transe é bastante superficial. Não se observa nenhuma alteração em sua fisionomia nem no seu modo de agir. Não existe uma passividade acentuada. O médium recebe o pensamento do Espírito e o transmite, segundo a sua concepção. Poetas, romancistas, pintores e muitos outros profissionais são intuídos sem perceberem.

### 1.2.2 Transe parcial

O transe parcial, também chamado semiconsciente, conduz o médium ou para o estado de memória desperta em relação a alguns acontecimentos, ou para o de lembrança apagada em relação a outros. Às vezes, o médium se recorda da mensagem do Espírito comunicante nos momentos imediatos à comunicação, esquecendo-a completamente com o passar do tempo. O certo é que não se sabe esclarecer com precisão por que certos detalhes menos importantes são lembrados, enquanto que outros, mais importantes, não o são...

### 1.2.3 Transe profundo

Raramente as recordações dos acontecimentos decorrentes do transe profundo chegam à consciência do médium. No entanto, na prática mediúnica é possível não ocorrer amnésia total, quando alguma coisa pode ser lembrada, pois o médium será sempre responsável pelo Espírito que se hospeda em sua morada carnal, pois o médium não perde totalmente a ligação com sua *consciência*. Ao contrário, ela permanece vigilante, à maneira de sistema secundário, porém não menos ativa. Há sempre uma lembrança subliminar, <sup>241</sup> porque o Espírito está ligado ao corpo devido ao estado de encarnação.

### 1.3 FORMAS DE TRANSE MEDIÚNICO

O transe mediúnico pode manifestar-se sob as seguintes formas:

### 1.3.1 Transe passivo

É aquele em que o paciente fica na mais completa passividade, atendendo às sugestões, boas ou más, dos Espíritos comunicantes. O médium sonambúlico ou aquele *preso de obsessões graves* entra nesse estado de passividade. Nesses casos, torna-se quase impossível, para nós encarnados, distinguir um estado mórbido, ou seja, aquele em que está presente uma enfermidade psíquica, com a perda de consciência em um transe mediúnico. Ficaré mais fácil entender o referido fenômeno acompanhando o Espírito André Luiz quando examina um caso de possessão. Interroga ele o seu instrutor Áulus: “[...] será lícito considerar o fato sob nosso exame como sendo um transe mediúnico?”. E a resposta foi categórica:

Sim, presenciamos um *ataque epiléptico, segundo a definição da medicina terrestre*; entretanto, somos constrangidos a identificá-lo como sendo um transe mediúnico de baixo teor, porquanto verificamos aqui a *associação de duas mentes desequilibradas, que se prendem às teias do ódio recíproco* (grifo nosso).<sup>242</sup>

### 1.3.2 Transe ativo

Nessa forma, o médium fica em atitude mais ou menos ativa, com conhecimento do que se passa com ele e em seu derredor, tomando, mesmo, pequenas providências para a boa consecução do fenômeno.

André Luiz nos dá, de uma só vez, exemplos de um obsidiado em estado de transe passivo e de uma médium em transe ativo, mostrando-nos as fundamentais diferenças de procedimentos e resultados em cada um deles. Resumimos a seguir o capítulo, sem prejuízo de uma leitura direta pelo leitor:

Entidade desencarnada há mais de dois séculos, com aspecto asqueroso, exalando mau cheiro, é introduzida no recinto, demonstrando frieza e maldade na face; de olhos abertos, mas sem nada enxergar: consequência do trato que dava aos seus escravos fugitivos, que eram algemados ao tronco e tinham seus olhos queimados. Latifundiário perverso, apresenta-se estalando o chicote, demonstrando autoridade, dizendo-se vítima de arbitrariedade por ter sido levado até ali contra sua vontade. Afirma que os privilégios dos nobres são invioláveis, pois foram dados pelos reis, os quais são escolhidos por Deus e que, por essa razão, os ideais da Revolução Francesa (1789) não alcançariam as terras brasileiras. Acreditando-se ainda na carne, sentia-se atormentado por suas vítimas. Diante do espanto de André Luiz pelo fato de aquela entidade pestilenta ser indicada a incorporar em dona Celina, o melhor instrumento mediúnico da casa, Áulus esclarece que a entidade adentrou no recinto por ordem dos mentores da instituição; os fluidos deletérios do visitante recuam à frente da luz emanada da médium; cada médium, como cada assembleia, possui ambiente e corrente magnética própria capaz de se preservar, assim como as nuvens infecciosas da Crosta são extintas diariamente pelas irradiações solares. Celina, a médium, desvencilha-se do corpo e se apresenta de aura brilhante, e o ex-escravocrata, desesperado, arroja-se ao veículo físico da médium, sendo envolvido por fios luminosos, deixando-o semelhantemente a um peixe na rede, contido em seus gestos e palavras por força das

qualidades morais da médium, sendo, no entanto, devidamente vigiado e controlado. Diante da serenidade de Celina, sem controlar diretamente o hóspede do seu corpo, Áulus esclarece que *a médium é sonâmbula perfeita e a psicofonia, em seu caso, processa-se sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que a ocupa. Ela oferece extrema passividade e o comunicante se revela mais seguro, mais espontâneo, sem que isso signifique irresponsabilidade de sua parte no trabalho de intercâmbio mediúnico.* Acrescenta que a inferioridade moral do Espírito comunicante faz com que ele se contenha nas expressões e gesticulações, por força das virtudes da médium. *A psicofonia sonambúlica em médiuns despreparados produz belos fenômenos, mas não é tão útil na construção espiritual do bem, e pode levar à possessão se o seu portador não possuir méritos morais suficientes à própria defesa.* Quando se trata de médiuns devotados ao bem, dando guarida a alguma entidade intelectualmente superior, mas perversa, os mentores controlam sua atuação; no entanto, se o Espírito for virtuoso, o médium se beneficia com suas vibrações amorosas, deixando a entidade em total liberdade, por confiar nos seus elevados propósitos. Conclui o mentor Áulus que dona Celina, se quiser, poderá recordá-las [as palavras ditas pelo Espírito obsessivo], mas, na situação em que se reconhece, não vê qualquer vantagem na retenção dos apontamentos que ouve. 243

## 1.4 INDUÇÃO AO TRANSE MEDIÚNICO

A busca do transe pelo próprio médium apresenta-se, às vezes, um tanto difícil em razão de sua desfavorável condição física ou psíquica, fazendo-o sofrer a ansiedade de não conseguir se conectar com o plano espiritual. É comum o médium confessar que sente a presença de certa entidade, mas não consegue captar o que ela pretende ou favorecer a incorporação, seja um Espírito sofredor, seja um colaborador da equipe espiritual. Nesse momento, se o atendente tiver noção, mesmo que preliminar, do que é o transe e em que graus ele se dá saberá cooperar para que o médium saia do estado de alerta e alcance a ansiada comunicação.

Devem ser levados em conta, no ambiente da reunião, procedimentos que favoreçam o transe dos médiuns. Sugerimos os mais usuais e que se adéquam à ética espírita:

a) ambiente da reunião tranquilo, silencioso, limpo, agradável, luminosidade baixa, música suave, conversação digna e leituras edificantes, sem debates em cima de interpretações pessoais. O estudo doutrinário deverá ter seu momento único;

b) clima psicológico propício resultante das emanções mentais existentes no recinto da reunião mediúnica, provocadas pela vontade dos encarnados e desencarnados, no sentido de servir e auxiliar o próximo;

c) preces tocantes que promovam as energias irradiantes, saturando o ambiente e afetando diretamente a mente do médium, induzindo-o ao transe;

d) conversa afetuosa e indutora, ao pé do ouvido do médium, encorajando-o e lembrando-lhe da necessidade de silêncio interior e do auxílio que está recebendo dos mentores espirituais para o cumprimento do seu dever;

e) aplicação de passe longitudinal, quando se fizer necessário ou solicitado pelo médium que já identificou suas dificuldades para alcançar o

transe. Quanto a este item, sugerimos a leitura do capítulo 11 de *Nos domínios da mediunidade*.

## 1.5 CONDIÇÕES PSÍQUICAS DO MÉDIUM EM TRANSE

O médium, ao iniciar sua entrada em transe, fixa sua atenção numa ideia ou imagem mental transmitida pelo Espírito comunicante. Capta, igualmente, as emoções e o estado psicológico da entidade que deseja comunicar-se. Se Espírito em sofrimento, com a mente cristalizada em algo ou no tempo, o médium costuma dizer que “vê” o quadro, muitas vezes tenebroso, ou que “está” em algum lugar que desconhece e descreve o quadro; mas, na maioria das vezes, apenas reflete a mente perturbada do Espírito que se aproxima para se comunicar. Pode o médium, quando em desdobramento, visitar regiões de baixo teor vibratório e relatar o que está presenciando realmente. Nesses casos, o atendente, que já conhece o médium e sabe em que grau de transe ele costuma entrar, conduzirá com segurança o diálogo esclarecedor, ajudando o sensitivo no que for necessário para o êxito do atendimento.

O médium em transe superficial sabe o que acontece a seu redor e pode responder a indagações de seu assistente, como: “Sente alguém próximo a você?”; “Tem desejo de falar alguma coisa?”; “Qual a primeira palavra que lhe vem à mente?”; “Quais emoções ou sentimentos lhe dominam neste momento?”. Não se deve citar o nome do médium ao se fazer essas perguntas porque, a essa altura, ele ou ela poderá estar ainda na fase hipnagógica — fase semelhante àquela que experimentamos antes de entrar no sono —, assustar-se-á e voltará à consciência plena, interrompendo o intercâmbio que se iniciava. Nesses momentos, o dialogador deverá sempre se dirigir de forma impessoal, servindo sua interrogação tanto para o médium quanto para o Espírito, pois nem sempre sabemos quem está no “comando”.

O atendente não deverá se aproximar demais do médium, pois isso o perturba; ele percebe e sente que sua aura está sendo invadida. Ele não deve ser tocado fisicamente, não só por ser deselegante, mas, também, para não assustá-lo, interrompendo bruscamente o transe. O mesmo fenômeno

acontece quando alguém está dormindo: ao tocarmos em seu corpo, a pessoa acorda, muitas vezes, assustada! Em *Desobsessão*, capítulo 24, André Luiz orienta sobre “tocar no corpo do médium em transe somente quando necessário”. E esse *necessário*, entendemos, refere-se a algum momento em que aquele médium, ainda incapacitado de controlar os impulsos agressivos ou indelicados da entidade comunicante que dele se apossa, age de forma destrambelhada, criando situação constrangedora e prejudicando o andamento harmonioso da reunião.

## 1.6 SAÍDA DO TRANSE MEDIÚNICO

Aprendemos que o transe mediúnico tem graus variados, indo do superficial ao profundo. Se não há um médium exatamente igual ao outro no tocante às faculdades, podemos admitir, também, que não haverá transe igual entre eles. Para cada caso uma atenção especial, principalmente quando do seu retorno à consciência plena.

O desligamento da entidade que está se comunicando não deve se dar bruscamente, devendo o médium retornar ao seu estado psíquico normal gradativamente. Após o término da conversa com o Espírito sofredor, o atendente deverá acompanhar atentamente seu desligamento, observando os sintomas do médium, tais como sensação de ansiedade, dificuldade de respirar e de se acomodar na cadeira, demonstrando que ainda está preso às energias de baixo teor deixadas impregnadas em seu perispírito pelo Espírito sofredor — ou *equivocado*, como o denomina a bondosa Joanna de Ângelis, ao se referir ao obsessor. Observar o movimento dos olhos, a mudança facial, a entonação da voz e sua posição corporal ajuda muito a concluir se o médium saiu do transe ou não. O dialogador somente se afastará dele após ouvi-lo responder com firmeza de voz: “Estou bem!”. Mesmo assim, houve casos em que, depois de me afastar do médium que dizia *estava bem*, retornei, a seu pedido, e percebi, pelo seu incômodo na cadeira e pela sua respiração ofegante e os globos oculares se movimentando, que ainda estava ainda em semitranse... Nesses casos, quando não se tratar de uma passividade sequencial, que esporadicamente acontece, sugerimos a aplicação de passes dispersivos ao longo do corpo, começando pela cabeça, ordenando-lhe que se liberte da influência que o prejudica. É fundamental nesse momento a segurança e a fé nos irmãos responsáveis pela administração dos trabalhos no plano invisível.

Há casos em que o médium se comove excessivamente com o sofrimento do Espírito atendido e parece desejar continuar a seu lado,

chorando ou sofrendo junto com ele, esquecendo-se da orientação segura de André Luiz: *ajuda e passa*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essas informações, fica acertado entre nós que oferecemos muito pouco do que você poderá aprender sobre o transe mediúnico consultando os livros referenciados. Lembre-se de que o estado mental do médium, quando em contato com Espíritos maus e sofredores, não é nada confortável.

É necessário ter uma visão mais ampla do fenômeno em questão. Nada é tão simples quanto nos parece ser do lado de cá, quando se trata de experiência mediúnica. Cuide bem do médium, tratando-o com benevolência e compreensão, pois sem ele a nossa ajuda caridosa pela conversação aos irmãos sofredores do plano invisível não acontecerá naqueles instantes.

---

234 PALHANO JÚNIOR., Lamartine. *Transe e mediunidade*. “Introdução”, 1998.

235 Id. Ibid., “Introdução”.

236 Nota do autor: Federação Espírita Brasileira/ Conselho Federativo Nacional, Área da Atividade Mediúnica.

237 Disponível em: <<http://franzolim.blogspot.com.br/2012/09/quantidade-de-centros-espiritas-no.html>>. Acesso em: 23 maio 2013.

238 Nota do autor: Subconsciência — ou inconsciente, ou pré-consciente (Freud) — seria um plano do consciente, diferente do inconsciente propriamente dito (inconsciente puro, ou “eu”), que está sob o superconsciente e somente emerge em certas circunstâncias. Ver capítulo 4 da segunda parte.

239 DENIS, Léon. *No invisível*. Cap. 19, 2011.

240 Nota do autor: Perda da memória relacionada a determinados eventos. O esquecimento de alguns dados na lembrança de fatos, situações ou acontecimentos vividos ou referentes a um lapso de tempo (a pessoa perderia a noção de tempo, hora ou períodos específicos).

241 Nota do autor: Que é subentendido nas entrelinhas ou se faz por

associação de ideias. Diz-se de uma propaganda que, de forma indireta, incute o que não se diz nem o que se vê. Algo que não ultrapassa o limiar da consciência, que não é suficientemente intenso para penetrar na consciência, mas que, pela repetição ou por outras técnicas, pode atingir o subconsciente, afetando as emoções, desejos, opiniões.

242 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 9, 2010.

243 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 8, 2010.

# CAPÍTULO 2

## DA PSICOGRAFIA

### 2.1 CONCEITO

Conforme esclarece o codificador na *Revista Espírita* edição da Federação Espírita Brasileira, o termo *psicografia* foi sugerido por um correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), e Kardec o adotou definitivamente, a partir de então. Na mesma página da referida revista, ele descreve como se processa o fenômeno mediúnico da psicografia:

Para se comunicarem pela escrita, os Espíritos empregam, como intermediários, certas pessoas, dotadas da faculdade de escrever sob a influência da força oculta que as dirige e que obedecem a um poder evidentemente fora de seu controle, já que não podem parar nem prosseguir à vontade e, no mais das vezes, não têm consciência do que escrevem. Sua mão é agitada por um movimento involuntário, quase febril; tomam o lápis, malgrado seu, e o deixam do mesmo modo; nem a vontade, nem o desejo podem fazê-la prosseguir, caso não o deva fazer. É a *psicografia direta*.<sup>244</sup>

A psicografia é o meio de transmissão do pensamento adotado pelo Espírito, mediante o qual ele escreve usando a mão do médium. À época da Codificação da Doutrina, ainda se praticava a *escrita psíquica* (outra denominação da psicografia) com o auxílio de cesta-pião, cesta de bico, prancheta etc., sendo essa forma denominada de *psicografia indireta*, em

contraposição à *psicografia direta*, com a efetiva cooperação do médium psicógrafo.

Simplificando a classificação dos portadores da mediunidade psicográfica, Kardec apresenta três variedades bem distintas quanto ao grau de consciência no momento da escrita.

### 2.1.1 Médiun mecânico

O Espírito atua diretamente sobre a mão desse tipo de médium, impulsionando-a. O que caracteriza esse gênero de mediunidade é a *inconsciência absoluta* do médium sobre o que está escrevendo. O movimento da mão independe da vontade do escrevente; movimenta-se sem interrupção, às vezes rápida e ou na velocidade normal de quem escreve, a despeito do médium.

### 2.1.2 Médium semimecânico

Sente sua mão impulsionada independentemente de sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam.

### 2.1.3 Médiun intuitivo

Nesse caso, o Espírito do médium serve de intermediário à transmissão do pensamento do Espírito comunicante. Este não atua diretamente sobre a mão do médium para movê-la, e sim sobre a alma, identificando-se com ela e imprimindo-lhe sua vontade e suas ideias. A alma recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transcreve segundo seu entendimento, sendo as ideias traduzidas de conformidade com a capacidade intelectual do receptor. Atualmente essa é a modalidade mais comum de psicógrafo.

A psicografia é o meio mais confiável e prático de obter informações do plano espiritual, conforme exarou o codificador.

Com efeito, a escrita e a palavra são os meios mais completos para a transmissão do pensamento dos Espíritos, quer pela precisão das respostas, quer pela extensão dos desenvolvimentos que comportam. A escrita tem a vantagem de deixar traços materiais e de ser um dos meios mais adequados para combater a dúvida.<sup>245</sup>

Foi pela psicografia que o plano espiritual superior ofereceu as mensagens da Terceira Revelação por intermédio de centenas de médiuns espalhados em diversas partes do mundo, permitindo, assim, que Allan Kardec tivesse condições de lê-las e analisá-las criteriosamente e com elas consolidar o Espiritismo. Foi pela psicografia que o médium Francisco Cândido Xavier recebeu dos desencarnados mensagens reveladoras, de esclarecimentos, de consolação e da história do Cristianismo nascente, compondo mais de quatrocentas obras que enriquecem, vultosamente, o acervo bibliográfico espírita mundial.

Neste capítulo estudaremos a complexidade da psicografia, valendo-nos de relatos de psicógrafos notáveis que muito contribuíram ao permitir, por meio de suas mediunidades, que os Espíritos nos trouxessem novas informações a respeito do mecanismo do intercâmbio mediúnico.

## 2.2 AS DIFICULDADES DO LADO DE CÁ PARA O EXERCÍCIO DA PSICOGRAFIA

### 2.2.1 Testemunhos do reverendo Owen

George Vale Owen nasceu em Birmingham, na Inglaterra, em 1859, dois anos depois da publicação de *O livro dos espíritos*. Tornou-se um sacerdote aos 24 anos, após ser educado no Instituto de Midland e no Queens College (Universidade da Rainha). Passou, então, a servir a sua Igreja, sempre dedicado à busca pela verdade. Rapidamente demonstrou suas inclinações filosóficas e científicas, fato que o distanciou de seus confrades, apegados a dogmas e rituais. Foi cura em Fairfield (1895), em Saint Matthews (1897) e, em 1908, serviu na Igreja em Oxford. Em 1893, foi nomeado para cumprir seu ministério no curato em Seaforth, uma designação humilde, mas que executou com responsabilidade e comprometimento. A necessária mudança em sua trajetória de vida ocorreu em 1913. Naquele ano, sua mediunidade começou a dar os primeiros sinais com a ajuda de sua mãe, que desencarnara em 1909. Owen rompe as barreiras pessoais para, primeiramente, aceitar, depois acreditar e, enfim, divulgar as verdades sobre as quais somente naquele instante ele tomara conhecimento, distanciando-se do roteiro palmilhado por sacerdotes sectaristas. O seu objetivo foi então o de *procurar desesperadamente a verdade*, o único caminho que conduz a Deus, afirmava ele.

Aos 53 anos de idade, George Vale Owen iniciou sua tarefa de divulgação do Espiritualismo<sup>246</sup> nos Estados Unidos da América e em sua pátria, onde proferiu mais de 150 conferências, esgotando todos os seus recursos materiais, ficando quase na indigência. Em 1931 foi acometido de grave enfermidade; porém, prosseguiu na tarefa de propaganda, sem dar demonstrações das horríveis dores que o acometiam. No dia 9 de março daquele ano, veio a desencarnar.

Nosso interesse em trazer à lembrança o reverendo Owen é o fato de que, por meio de sua faculdade mediúnica, no início do século XX, um grupo de Espíritos se dignaram baixar à Terra, vencendo todos óbices que derivavam de nossa atmosfera para revelarem como era a vida no Além-túmulo segundo a condição evolutiva do plano espiritual onde estagiavam, não obstante as deficiências do aparelho receptor, com sólida cultura clerical.

É oportuno lembrar ao leitor ou à leitora que as revelações sobre a vida no mundo espiritual, de forma bastante assemelhada à nossa aqui na Terra, tiveram início, aqui no Brasil, com a publicação do livro *Nosso lar*, pela FEB, em 1944. Não obstante a obra ter sido psicografada pelo respeitável médium Francisco Cândido Xavier, surgiram questionamentos sobre a segurança da revelação da existência de um plano espiritual muito parecido com o nosso. Daí a importância do livro do reverendo — *A vida além do véu* — para a historiografia do Espiritismo, cuja primeira edição no Brasil, pela FEB, com tradução do emérito Carlos Imbassahy, deu-se em 1921.

Estudemos, passo a passo, o relato do mecanismo adotado pelos Espíritos para que o reverendo Owen traduzisse, pela psicografia, seus pensamentos. Escreve o reverendo que foi sua esposa quem primeiro recebeu pela *escrita automática* um recado para que ele pegasse um lápis e passasse a escrever as ideias que lhe viriam à mente. Não devemos nos surpreender com o fato de não ter havido um período denominado *desenvolvimento mediúnico* para que o reverendo Owen começasse a psicografar. Médiuns como Yvonne do Amaral Pereira, Zilda Gama, Fernando de Lacerda, Francisco Cândido Xavier e outros iniciaram suas atividades mediúnicas de forma diferenciada da maioria dos demais.

Owen, após receber o recado da esposa, passou a sentir a influência dos Espíritos e, concluindo que era boa, resolveu atendê-los. É dele o relato:

E assim, ainda muito receoso, resolvi sentar-me em minha banca, *na sacristia*, depois das *Vésperas*.<sup>247</sup> As quatro ou cinco mensagens primeiras flutuaram, indistintamente, de um assunto a outro.

Gradualmente, porém, as sentenças foram tomando certo encadeamento, até que recebi algumas perfeitamente claras. Por essa ocasião o desenvolvimento e a prática seguiam *par e passo*.<sup>248</sup> Quando terminou toda a série das mensagens, calculei e verifiquei que tinham mantido uma velocidade média de 24 palavras por minuto. Em duas ocasiões únicas tive a ligeira ideia do assunto a ser tratado, e isso quando a mensagem anterior ficou evidentemente incompleta. De outras vezes, esperava fosse abeirada uma questão; ao apanhar o lápis, porém, o curso do pensamento desviava-se em direção inteiramente oposta.<sup>249</sup>

Observamos, pelo relato do reverendo, que o domínio do Espírito comunicante sobre sua mão era total, escrevendo, às vezes, o contrário do que pensava, enquadrando-se perfeitamente na classificação de médium mecânico. A certa altura os Espíritos fazem-no escrever o seguinte:

Somente em parte poderemos esclarecê-lo a respeito do método que estamos empregando neste caso particular. Entretanto, vemos fazer o que nos for possível.

Primeiro: Estamos aqui, esta noite, *em grupo de sete* [Espíritos]; *algumas vezes somos em maior, outras em menor número*. Temos já estabelecido o que lhe vamos dizer, mas *só formulamos as palavras precisas quando o vemos e auscultamos sua disposição de espírito*.

Depois afastamo-nos um pouco, *com receio de que nossa influência — a emanção de nossos diversos espíritos — o alcance, não em uma só corrente, mas parceladamente, em correntes várias, o que o perturbaria*. À pequena distância em que nos achamos, *elas misturam-se, confundem-se*, são focalizadas em uma só, por forma que, ao alcançá-lo, o nosso pensamento é um e não múltiplo.

*Quando V[ocê] hesita algumas vezes, em dúvida sobre uma palavra ou frase, é porque nossas ideias, transformadas em uma única, não conseguem exprimir precisamente o justo termo que desejamos*.

V[ocê] para; continuamos a unir os nossos pensamentos, eles adquirem a necessária unidade. V[ocê] apreende, finalmente, nossa ideia e assim continuamos (grifo nosso). 250

São extraordinariamente interessantes os esclarecimentos fornecidos pela mãe do vigário e outros Espíritos acerca do método empregado para colocarem no cérebro de Vale Owen as ideias que desejavam fossem interpretadas e grafadas por ele. Em uma mensagem informam que, enquanto a genitora de Vale Owen se comunicava, servia-se ela de uma *amanuense* (escrevente, copista), do *outro lado*, a jovem Kathleen, que fiscalizava todas as comunicações dos diferentes mensageiros. A mãe do reverendo Vale Owen conta que enfrentava dificuldades para encontrar no acervo mental do médium os termos para que ele traduzisse seus pensamentos com expressões antiquadas, usuais no tempo em que ela viveu na matéria. O mesmo não acontecia com a jovem Kathleen, pois, tendo vivido mais recentemente na Terra, mais facilmente encontrava o que necessitava na mente do reverendo para se manifestar.

Deduzimos que os Espíritos se reúnem para enviar uma mensagem pelo médium, a qual é do interesse de todos eles. Mas, para isso, faz-se necessário uma conjugação de ideias, uma consolidação dos vários pensamentos para não confundir o receptor, porque, não obstante seus esforços, em muitas ocasiões, o médium estaciona na hesitação, trunca a mensagem ou não a recepciona.

Interessante é essa situação em que o médium hesita em escrever uma palavra ou frase que dê o significado exato do pensamento do comunicante. Mais de uma razão existe para que o fato aconteça.

O mais comum é que a sintonia entre comunicador e receptor não esteja completa, tendo este dificuldade em decodificar o pensamento do Espírito e dar a ele uma forma definitiva com o vocabulário que possui. Nesses casos, o médium, para não interromper o curso da mensagem, busca complementar a transmissão ruidosa com seu entendimento a respeito do

assunto e, finalmente, a ideia é grafada no papel. Podemos admitir que nesse momento aconteça o animismo em grau mais elevado.

A intervenção será *positiva* se a ideia do Espírito comunicante não for distorcida, sendo, até mesmo, enriquecida pelo acervo cultural e vocabular do médium. Ousamos denominar de *animismo negativo* o fato de o médium substituir a ideia do desencarnado, a essência da mensagem pela sua, contrariando total ou parcialmente o que o Espírito pretendeu transmitir.

Quanto à atuação mental do médium sobre o que o Espírito está lhe enviando em formato de ideias e a sua função indispensável de tradutor, abrimos um parêntese para o esclarecimento e lamento, ao mesmo tempo, do Espírito Deolindo Amorim:

Naturalmente, a tarefa de escrever é um desafio. *Companheiros existem que exigem perfeição*, mas ao passarem para aqui poderão perceber as dificuldades naturais de pensar com a mente alheia, utilizar o material que se nos oferece, sem nos deixar comandar por ela. Afinal, não são só os complexos psicológicos da lição do psicólogo suíço Carl Gustav Jung que podem funcionar automaticamente. Não, *a mente como um todo pode disparar e adiantar-se entre o nosso toque, passando a desenvolver sozinha uma série de ideias, deixando-nos a sorrrelfa [furtivamente]*. Outras vezes, é a *desconfiança do médium que quer fiscalizar a independência do pensamento* que por ele verte, submetendo-o a controle tão rígido que ficamos a pensar sozinhos, enquanto a sua mente permanece à retaguarda (grifo nosso).<sup>251</sup>

Como vemos, os empecilhos do intercâmbio são muitos e de variados matizes. Urge, portanto, conhecê-lo melhor cada vez mais para, o quanto possível, eliminar suas ações negativas. Fechemos o parêntese e voltemos à análise do que diz a entidade comunicante do reverendo Vale Owen sobre os ruídos na comunicação mediúnica:

V[ocê] já percebeu isso, sem dúvida.

— *Sim, porém não conhecia a causa.*

— Decerto. Mas continuemos. Transmitimos-lhe nossos pensamentos, e, algumas vezes, são eles formulados em palavras tão antigas, como diz V[ocê], que dificilmente são percebidos. O mal é remediado, servindo-nos nós de um instrumento mais moderno, e é assim que lhe podemos falar agora.

Esse instrumento é sua amiguinha Kathleen, tão boa que consente em *servir-nos de intermediária*, tornando os nossos pensamentos facilmente perceptíveis. E isto por muitas razões.<sup>252</sup>

A intermediação de um Espírito para que seja possível a psicografia foi assumida, muitas vezes, pelo Espírito Emmanuel, ao inspirar o médium Francisco Cândido Xavier quando psicografava mensagens de crianças e jovens recém-desencarnados, objetivando confortar os familiares. O relato da técnica adotada por aqueles Espíritos para se comunicarem pelo médium Owen continua interessante:

Primeiro, porque ela [Kathleen] está mais próxima de seu estado [condição espiritual] que nós, que, demorando aqui há tanto tempo, vivemos, de alguma sorte, afastados da Terra. *Ela desencarnou recentemente e em tão breve espaço, que fácil lhe é ouvi-la.* Há ainda outra razão para que ela se coloque entre nós; é a *abundância do seu vocabulário*. Ela pode pensar ainda na velha linguagem da Terra, que é assim mais moderna que a nossa, posto que não nos agrada muito, visto como a achamos mais complexa e menos precisa.<sup>253</sup>

Fica patenteada a complexidade da interlocução entre encarnados e desencarnados. O progresso não dá saltos. O desencarnado somente pouco a pouco se desvencilha dos pensamentos que lhe comandavam os hábitos, vocabulário, emoções e sentimentos. Por isso convém deixar claro, mais uma vez, que o Espírito pensa, formula a ideia, mas com os conceitos a que estava habituado, gerando, muitas vezes, dúvidas no médium ao se colocar

como tradutor de suas ideias. Nesse caso, faz-se necessário que o Espírito saiba sanar os chiados da comunicação.

Contudo, não podemos desmerecer no que ainda é belo. *Conservamos, sem dúvida, nossos preconceitos e singularidades*, e não nos é possível, ao baixar aí, deixar de tomar alguns daqueles traços [provavelmente gírias, expressões populares] que já uma vez possuímos e fomos, gradativamente, pondo à margem.

A senhorinha Kathleen lhe está mais próxima, nesse sentido, [desencarnou há menos tempo] e por esse motivo nos facilita, com sua interposição, a transmissão da corrente.

Permanecemos, entretanto, um pouco afastados, para que a nossa presença coletiva não o vá confundir. V[ocê] não poderia escrever os nossos comunicados, *entretanto a nossa intenção é empregarmos palavras que V[ocê] e outros possam prontamente perceber* (grifo nosso).<sup>254</sup>

Convém insistir um pouco mais sobre a complexidade da tradução dos conceitos que o Espírito comunicante emite. Não se trata apenas de verter uma palavra de um idioma para outro, como faz o tradutor de um livro, mas sim de traduzir um conceito. Um conceito, como já estudamos, são os atributos que se tem em mente de uma determinada coisa que, obrigatoriamente, não deve ter um termo para defini-la. Por essa razão, a conversão de conceito não é um processo fácil para ser executado pelo médium. Somente o exercício constante dele com a mesma entidade vai facilitar o intercâmbio, tornando a tradução do conceito cada vez mais próxima do que pensa realmente o Espírito. Foi para facilitar esse processo que o Espírito André Luiz estagiou setecentos dias ao lado de Chico Xavier, para se tornar possível a transmissão da coleção *Nosso lar*. Eis um exemplo dessa dificuldade oferecido pela mãe do Reverendo:

Lance o olhar ao mostrador do seu medidor do tempo. V[ocê] lhe chama — relógio. Por quê? É este um pequeno exemplo de nossa

preferência pelo antigo modo de falar. *Medidor do tempo* nos parece mais claro do que o outro vocábulo.

[...] Vemos, algumas vezes, quando lemos as mensagens que foram dadas, que *não estava traduzido perfeitamente o nosso pensamento*; muito do que queríamos dizer, nelas não se acha, e outras vezes se encontram menos coisas do que tínhamos em mente comunicar.

*É a consequência natural do véu espesso que separa ambas as esferas, aquela donde falamos e aquela em que o receptor [isto é, o Sr. Vale Owen] vive.*

São tão diversas as atmosferas das duas esferas que, passando de uma para outra, há sempre diminuição de velocidade. E essa diminuição é tão violenta e acentuada, que *se produz um abalo na corrente dos nossos pensamentos, justamente na linha divisória, e daí a inevitável confusão* (grifo nosso).<sup>255</sup>

“Medidor do tempo” é um conceito que se tem de qualquer aparelho que permita medir o tempo percorrido de um momento a outro. Muitos instrumentos ao longo da História foram adotados sem que tivessem nomes de relógio. Mede-se o tempo pelo movimento aparente do Sol ou pelo tamanho da sombra de uma vara fincada no chão em sentido vertical, para citarmos apenas dois exemplos. Pensa o Espírito comunicante em um espaço de tempo percorrido no plano em que vive e logo o médium pensa em dia, mês ou ano. No entanto, no plano em que vive a entidade que envia a mensagem, não existe calendário semelhante, já que o tempo é relativo para cada espaço no universo.

A psicografia não é atividade fácil, embora nos pareça, por estarmos do *lado de cá*, não sabendo, exatamente, o que se passa do *lado de lá*. A velocidade do pensamento dos desencarnados é consideravelmente maior do que a dos encarnados; as vibrações mentais dos Espíritos são bem mais curtas do que as dos médiuns, e a sutileza e singularidade das ideias dos

moradores do plano espiritual transformam-se em obstáculos, dificultando a sintonia de mentes mais evoluídas com as dos seres humanos.

## 2.2.2 Embarços de um médium mecânico

Fernando Augusto de Lacerda e Mello, conhecido simplesmente como Fernando de Lacerda, foi um notável médium português. Nasceu em Loures, em 1865, e desencarnou no Rio de Janeiro, em 1918. A partir de outubro de 1906, Fernando de Lacerda passou a receber diversas mensagens do plano espiritual, assinadas por personalidades portuguesas renomadas e de outras nacionalidades, estando entre eles Napoleão Bonaparte, Victor Hugo, Michelet, Tereza de Jesus etc, contidas na obra *Do país da luz*, em quatro volumes editado pela FEB. E tudo aconteceu muito antes da publicação de *Parnaso de além-túmulo*, em 1932, pela FEB. Entendemos que o médium português muito contribuiu para que o Espiritismo codificado por Allan Kardec cruzasse as fronteiras de Portugal e lá se implantasse.

De modo geral, Fernando de Lacerda sentia a aproximação do Espírito que desejava se comunicar e, de ordinário, via-o em seguida. Também ouvia, com frequência, as palavras de uma segunda personalidade, quando esta desejava lhe ditar alguma coisa. Enquanto o médium, em estado de vigília, mantinha conversação com os encarnados presentes, o lápis que empunhava rapidamente preenchia as laudas de papel. Nessas ocasiões encontrava-se alheio ao teor das mensagens, desconhecendo, muitas vezes, o significado de palavras e expressões, bem como fatos por elas referidos. Por vezes, os Espíritos apossavam-se das suas duas mãos e ele psicografava duas mensagens simultaneamente. Havia, no entanto, momentos em que ele estava consciente do que escrevia, o que lhe causava certos embarços. Certa feita psicografava uma mensagem do Espírito Camilo Castelo Branco em estado consciente. A certa altura Lacerda questiona o Espírito, dizendo-lhe: “Sendo Camilo quem escreve, certamente poderia com mais facilidade e brilho expor suas ideias...”.

E Camilo lhe respondeu pela escrita:

Assim como estás [consciente], não. Só posso servir-me com os elementos que me forneças. Não posso ir muito além dos teus

conhecimentos. A tua personalidade, em estado consciente, impedirá que possa apresentar coisas que te sejam desconhecidas. Só me prestarás para dizer o que caiba dentro da soma de saber por ti adquirido. [...] Um médium, em estado inconsciente, deixa de ser instrumento de si próprio, mas equivale-se a instrumento para *dextros*...256

A essa altura o médium hesitou sobre o emprego da palavra *dextro*, porque só conhecia *destro*. Parou de escrever e foi consultar o dicionário... Descobriu surpreso que tinha sido apanhado em ignorância, pois o termo era sinônimo de *destro*. Volta ao texto e conclui a frase: “*dextros e sinistros*”.

Fica aqui a lição de que não é produtivo o médium consciente ou semiconsciente hesitar quanto ao que escreve enquanto estiver mediunizado, para não dificultar a tarefa do Espírito comunicante. No entanto, será de bom senso avaliar o que escreveu e corrigir os possíveis erros gramaticais, bem como clarear as sentenças cujas ideias não sejam racionalmente compreendidas após encerrada a comunicação. Para tanto, será de bom alvitre que confie sua produção a um terceiro, que tenha aptidão e bom senso para avaliar judiciosamente a produção mediúnica.

Lembramos que o mestre Allan Kardec fala em escreventes mecânicos e escreventes intuitivos, ensinando que, nos primeiros, o impulso da mão independe da vontade: move-se por si mesma, sem que o médium tenha consciência daquilo que escreve, podendo, inclusive, estar pensando em outra coisa ou mesmo conversando com terceiro. Tal acontecia muitas vezes com Fernando de Lacerda. Mas, outras vezes, o Espírito agia sobre o seu cérebro e ele atuava como médium intuitivo. Nesse caso, o pensamento do Espírito se combinava com o pensamento dele. A dificuldade do médium intuitivo consiste em distinguir os pensamentos que lhe são próprios daqueles que lhe são sugeridos, surgindo-lhe a dúvida quanto à sua faculdade, supondo que o que está escrevendo é de sua autoria. Nada obstante, Fernando de Lacerda soube se desfazer desses embaraços e nos

legou preciosa obra literária em quatro volumes, cujo conteúdo é extremamente importante para a confirmação da presença dos “mortos” em nossas vidas, e para a história do Espiritismo.

### 2.2.3 Confissões de um padre psicógrafo

William Stainton Moses, nasceu em 1839, em Lincolnshire (Inglaterra), e faleceu em 1892. Foi um ministro da Igreja Anglicana e médium psicógrafo. Teve uma carreira eclesiástica muito intensa, até que uma moléstia da garganta obrigou-o a renunciar ao ministério. Em 1870 a sua atenção foi atraída para o Espiritualismo quando residia na casa do Dr. Speers, em Londres. A esposa desse médico, enferma, distraía-se com a leitura do livro *Debatable Land*,<sup>257</sup> de Robert Dale Owen. Impressionada pelo tema, solicitou a Moses que o lesse também, e que buscasse descobrir o que era verdadeiro nos fatos narrados. A fim de atender ao pedido da Sra. Speers, em 1872, Moses começou a estudar o Espiritualismo. Participou de sessões mediúnicas,<sup>258</sup> tendo como médium a senhora Lottie Towler. Numa sessão realizada na residência do próprio casal Speers, Moses se colocou como médium e os presentes obtiveram a convicção da comunicação com os *mortos* e, conseqüentemente, da imortalidade da alma. Com o tempo, a mediunidade de Stainton Moses favoreceu a produção de fenômenos inesperados, como sons musicais, pancadas, clarões, balsamização do ambiente com perfumes diversos, passos pesados que estremeciam a sala, tilintar de campainhas, levitação de corpos pesados, como mesas e cadeiras, transposição da matéria, fenômenos de voz direta, entre outros. Era, sem dúvida, excelente médium de efeitos físicos, muito comum em sua época.

Como militante, contribuiu para a fundação da Associação Nacional Britânica dos Espiritualistas (1873), da Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha (1875), da Sociedade de Pesquisas Psíquicas (1882) e, finalmente, da Aliança Espiritualista de Londres (1884), da qual foi o primeiro presidente, cargo que exerceu até a sua morte. Além dessas atividades, dirigiu a revista *Light*, periódico espiritualista, e escreveu sobre o tema para a *Human Nature*. Ao longo do tempo, mesmo com o declínio da intensidade de sua faculdade mediúnica de efeitos físicos, conservou sempre a de

psicografia. A partir de 1889, registrou-se o declínio da sua saúde. Após sucessivos ataques de *influenza*, veio a falecer.

Moses, sempre honesto e criterioso com sua atividade mediúnica, confessa sobre suas dúvidas e dificuldades na recepção das mensagens por ele psicografadas:

É interessante saber se os meus próprios pensamentos exerceram uma influência qualquer nos assuntos tratados nos ditados, apesar de ter tomado as maiores precauções para que esse fato não acontecesse. Ao começo, a escrita era lenta, sendo eu *obrigado a segui-la com os olhos, mas, mesmo nesse caso, as ideias não eram minhas*. De fato, as comunicações tomaram logo um caráter sobre o qual não podia eu ter dúvidas, *pois que as opiniões emitidas eram contrárias ao meu modo de pensar*. Distraía-me propositadamente durante o tempo em que a escrita se produzia, e cheguei a abstrair-me na leitura de um livro e a seguir um raciocínio cerrado, *enquanto a minha mão escrevia com constante regularidade*. As comunicações assim dadas enchiam inúmeras páginas, sem haver correção nem faltas de composição, revelando muitas vezes um estilo belo e vigoroso. *Não deixo, entretanto, de convir que o meu próprio espírito era utilizado e que o que era ditado podia depender, quanto à forma, das faculdades mentais do médium*. Segundo me parece, pode-se sempre achar o traço das particularidades do médium nas comunicações assim obtidas, e isso não podia deixar de acontecer. *Mas o certo é que a massa das ideias que passaram por mim era hostil, oposta em seu conjunto às minhas convicções estabelecidas*; demais, em várias ocasiões, algumas *informações que eu ignorava completamente* foram-me dadas claras, precisas, definidas, fáceis de verificar e sempre exatas. Em muitas das nossas sessões, os Espíritos que se manifestavam batiam na mesa dando informações sobre eles mesmos, muito nítidas e verídicas segundo a nossa verificação. *Recebi,*

*repetidas vezes, tais comunicações por meio da escrita automática (grifo nosso).* 259

*Não é fácil traduzir o pensamento de outrem que nos chega de diferente dimensão.* Quem nos diz isso é o médium Élzio, ao fazer algumas considerações sobre sua atividade mediúnica plenamente consciente. Continua ele:

Na transmissão mediúnica, cada palavra suscita um mundo de imagens significativas, e é preciso atenção para não permitir que se desencadeiem ideias múltiplas a ela associadas pela mente receptora, distante daquelas que o comunicante deseja exprimir. Não há psicografia fácil. Não é o médium um observador imparcial a registrar pensamentos alheios. Ele está inserto no fenômeno como copartícipe de toda a produção. 260

Sendo o médium um intérprete do pensamento do Espírito comunicante, a obra mediúnica é também produção sua. O médium de Uberaba, ao ser interrogado sobre não ter filhos, responde:

[...] De maneira que, plantei algumas árvores, não tenho corpo para a produção de filhos na vida física, mas em matéria de livros que considero meus, desde que eles todos passaram pelas minhas mãos, pelo meu calor, pelo meu sangue, pelo entusiasmo, pela alegria de trabalhar como filhos, então, em vez de um filho deixo 150. 261

## 2.3 AS DIFICULDADES DO LADO DE LÁ PARA O EXERCÍCIO DA PSICOGRAFIA

Até aqui apresentamos os obstáculos oferecidos pelo *lado de cá*, ou seja, pelo receptor da mensagem. Conheçamos agora os existentes do *lado de lá*, para que o recado dos Espíritos chegue até nós. Começemos apreciando o que escreve o Espírito Gabriel pelas mãos do inesquecível Chico Xavier:

Queridos pais, quanto às nossas comunicações, *saibamos usar sempre o crivo do discernimento*. Muitas vezes, *fornecemos a ideia* e a palavra em primeira mão, com a necessidade de respeitar a boa vontade dos companheiros da Terra que possam transmiti-las em segunda ou terceira. Por muito que nos identifiquemos, o selo de nossa presença está no coração dos entes queridos que reagem positivamente, acolhendo-nos ou não no campo da alma. Nesse aspecto da experiência, outra vez recordamos o convite: “estudemos”. [...] *A letra esparramada é a expressão de duas forças conjugadas para a escrita rápida com o melhor proveito da oportunidade e do tempo* (grifo nosso).<sup>262</sup>

E aqui a análise valiosa do Espírito irmão Jacob sobre a complexidade da comunicação mediúnica:

*A mente humana atrai ondas de força, que variam de acordo com as emissões que lhe caracterizam as atividades. No aparelho mediúnico, esse fenômeno é mais vivo. Pela sensibilidade que lhe marca as faculdades registradoras, o médium projeta energias em busca do nosso campo de ação e recebe-as de nossa esfera como intensidade indescritível. Calculem, pois, os obstáculos naturais que nos cerceiam as intenções. Se não há combinação fluídico-magnética entre Espírito comunicante e o recipiente humano, realizar-se-á nosso intento apenas em sentido parcial. É quase impossível impormos nossa*

individualidade completa. Ainda mesmo em se tratando da materialização, o visitante do “outro mundo” depende das organizações que o acolhem. *Se o médium relaxa a obrigação de manter o equilíbrio fisiopsíquico e se os companheiros que lhe integram o grupo de trabalho vivem estonteados, sem entendimento preciso dos deveres que lhes competem, torna-se impraticável o aproveitamento dos recursos que se nos oferecem para o bem. Venho recebendo agora preciosas lições quanto a isto, porque cheguei à leviandade de prometer a mim mesmo que prosseguiria, depois do sepulcro, a corresponder-me regularmente com os leitores de minhas páginas doutrinárias. Considerava a escrita e a incorporação mediúnica ocorrências triviais do nosso aprendizado; no entanto, vim de reconhecer, neste plano em que hoje me encontro, a desatenção com que assinalamos semelhantes dádivas. Esses fatos amplamente multiplicados, em nossos agrupamentos, traduzem imenso trabalho nos Espíritos protetores, com reduzida compreensão por parte dos que a eles assistem (grifo nosso).*<sup>263</sup>

### 2.3.1 Ações dos Espíritos na prática da psicografia

Os excertos acima constatarem o que já aprendemos sobre o árduo processo da comunicação de modo geral. Se ela apresenta empecilhos entre os humanos, em quantidade superior surgem eles entre encarnados e desencarnados. Por isso é válido sempre o alerta para o uso do crivo do discernimento. Racional é a aceitação de que a *letra esparramada* no papel *é a expressão de duas forças conjugadas*, duas energias mentais que se unem para revelar uma ideia, um pensamento... O médium se esforça para vencer sua descompensação vibracional, enquanto o comunicante, interessado em cooperar, diminui seu teor vibracional, compensando a diferença sem a qual a comunicação não logrará o resultado almejado. Há, também, que levar em conta a combinação fluídico-magnética entre Espírito comunicante e o recipiente humano, caso contrário, o resultado não será o esperado. São igualmente decisivos o equilíbrio fisiopsíquico do médium e o dos companheiros que lhe integram o grupo de trabalho. Como já foi dito, a mediunização para a psicografia bem como para a psicofonia não são ocorrências triviais, exigindo, tanto do médium quanto dos Espíritos, intenso aprendizado.

Pouco conhecimento temos de como os médiuns são devidamente preparados para o intercâmbio mediúnico pelos Espíritos. A verdade é que eles afirmam: *a transmissão da mensagem não será simplesmente tomar a mão* [quando se trata de psicografia]. *Há processos intrincados e complexos.*

Relacionamos a seguir, de forma simplificada, algumas ações desenvolvidas pelos Espíritos no preparo de um médium psicógrafo ou psicofônico que se dispõe a colaborar:

a) Aplicam reforço magnético às células nervosas, para que não haja perdas lamentáveis da substância tigroide (corpúsculos de Nissl),<sup>264</sup> necessária ao processo da inteligência.

b) Energizam o Sistema Nervoso Simpático (SNS), responsável por acelerar os batimentos cardíacos; dilatar as passagens dos brônquios; diminuir a motilidade do intestino grosso; restringir vasos sanguíneos; aumentar o peristaltismo do esôfago; causar a dilatação da pupila e da transpiração e aumentar a pressão sanguínea, entre outras funções;

c) Cuidam do Sistema Nervoso Central (SNC), composto por cérebro, cerebelo e medula espinhal. É o sistema que coloca o corpo em contato com o meio externo pelos órgãos dos cinco sentidos humanos (visão, olfato, paladar, audição e tato), e que controla a pressão sanguínea e a temperatura. É o SNC que recebe, analisa e integra informações. Por ele ocorre a tomada de decisões e o envio de ordens;

d) Defendem o vago contra qualquer choque das vísceras. Elemento responsável pela inervação parassimpática de praticamente todos os órgãos abaixo do pescoço (pulmão, coração, estômago, intestino delgado, etc.) e órgãos sexuais;

e) Promovem acréscimo de energia nas glândulas suprarrenais, situadas acima dos rins, para acelerar a produção de adrenalina, cuidando para que atendam ao dispêndio eventual das reservas nervosas; <sup>265</sup>

f) Suprem as forças consumidas, quer orgânicas, quer mentais, quer magnéticas, imediatamente após a incorporação de suicidas. <sup>266</sup>

### 2.3.2 Os cuidados do Espírito Lady Nona com a médium Rosemary

O relato a seguir é mais um testemunho das dificuldades que encontram os que estão do *lado de lá* para enviar suas mensagens para os do *lado de cá*. Trata-se da jovem inglesa Rosemary, que não se interessava por fenômenos espíritas. Sua atração era pela música. Certo dia, pelos fins de 1927, sentiu um forte tremor no braço direito na presença do seu professor Frederic H. Wood, doutor em música e notável cientista inglês. Este, já conhecedor do Espiritismo e sabendo da possibilidade da comunicação com os mortos, informa a sua aluna que o sintoma poderia ser início de uma mediunidade escrevente... A partir das providências iniciais, a mediunidade de Rosemary desenvolveu-se rapidamente. A primeira entidade que se manifestou, por meio de sua mão, deu o nome *Muriel*, uma mulher *quaker* <sup>267</sup> que vivera em Liverpool. Após quatro semanas de contato, declarou:

Estamos preparando a médium para uma missão importante. Quando tivermos concluído os preparativos, virá substituir-me alguém que poderá dar mensagens de maior valor do que as minhas.

Após algum tempo, apresentou-se uma entidade que, pela psicofonia, se denominou Lady Nona. Conversou com o Dr. Wood e recomendou calma e concentração física e espiritual. Após detalhados esclarecimentos sobre sua missão com Rosemary, Nona disse:

Eu faço uso da mente da médium, mas sou eu mesma quem vos fala. Às vezes a médium recebe minha impressão, *e sua própria mente se expressa por palavras suas e de sua própria maneira. Em tais casos facilmente ocorrem erros na comunicação; e por isso é necessário escolher com cuidado a palavra que deve ser escrita... Eu coloco a minha mão esquerda na testa da médium, e com a direita guio o lápis. Em todas as sessões aglomeram-se muitas entidades espirituais em redor do respectivo médium e desejam escrever pela mão deste;*

mas é claro que não se podem admiti-las todas. *Temos de tomar precauções contra abusos*; se fossem admitidas todas as entidades que desejam comunicar-se, perder-se-ia muito tempo sem utilidade. *As que compreendem quando se lhes explica o motivo de não serem admitidas a dar comunicações retiram-se; mas há algumas obstinadas. Os vossos guias formam, por isso, em roda de vós, uma corrente de força e assim conseguem impedir qualquer rompimento por parte de estranhos ou intrusos* (grifo nosso).<sup>268</sup>

Aqui, mais uma vez, nos deparamos com a dificuldade da médium em traduzir fielmente o pensamento do comunicante e com o problema das correntes mentais intrusas emitidas por Espíritos desejosos de se comunicarem, sem a devida adesão do médium. Nesses casos, o comunicante tem que agir com destreza ou contar com a ajuda de seu mentor e assessores espirituais.

Esse fato de correntes mentais intrusas dos Espíritos desejosos de se comunicar por meio da mediunidade é universal. Mesmo nas reuniões sérias se faz necessária a intervenção dos mentores e do guia do médium que tem a missão de servir com fidelidade aos propósitos espirituais superiores. Como exemplo clássico desse fato, no qual desencarnados disputam uma oportunidade para divulgar o que pensam por meio de um médium que se coloca à disposição, encontramos relato interessante no *Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, de 2 de dezembro de 1859. Relata o *Boletim* que a Sra. X... via “os Espíritos evocados virem responder à evocação e às perguntas [...]”. A seguir, descreve que:

Ela via uma *coroa fluídica* cingir a cabeça do médium, como para indicar os momentos durante os quais era interdito aos Espíritos não chamados de se comunicarem, porque as respostas deveriam ser sinceras; *mas desde que a coroa era retirada, via todos os Espíritos intrusos a disputar, de algum modo, o lugar que lhes deixavam* (grifo nosso).<sup>269</sup>

Exemplo mais substancial não se faz necessário para confirmar o fenômeno da interferência de correntes mentais diversas, levando o médium à hesitação. Mister se faz cooperar com a Espiritualidade, recorrendo à prece e buscando a harmonia de pensamentos e sentimentos, para que o guia espiritual do médium afaste as entidades intrusas que insistem em se comunicar em momento inoportuno.

Quanto à mecânica adotada por Lady Nona para transmitir sua mensagem com ajuda de Rosemary, encontramos relato semelhante feito por André Luiz:

[...] Calixto sentou-se ao lado do médium, que recebeu com evidente sinal de alegria. *Enlaçou-o com o braço esquerdo e, alçando a mão até ao cérebro do rapaz, tocava-lhe o centro da memória com a ponta dos dedos, como a recolher o material de lembrança do companheiro...* Alexandre aproximou-se da dupla em serviço e colocou a destra sobre o lobo frontal do colaborador humano, como a controlar as fibras inibidoras, evitando, quando possível, as interferências do aparelho. Calixto [...] começou a escrever, apoiando-se do braço do companheiro [...] (grifo nosso).<sup>270</sup>

O Dr. Wood, sabendo que Lady Nona viveu a sua última existência terrestre no Egito, procura saber como ela faz para escrever e também falar inglês com tanta perfeição.

Responde Lady Nona:

Tenho estado em contato com o vosso país por tempo suficiente para falar a sua língua. Ao mesmo tempo eu poderia, por meio dum forte médium, escrever na língua dela, até mesmo se eu não compreendesse essa língua; mas *neste caso eu imprimiria no seu cérebro uma imagem das minhas ideias, e o médium a traduziria em suas próprias palavras.* Às vezes acontece assim, porém isso pode produzir concepções errôneas, *porque um médium descreve sempre o*

*que vê, a seu próprio modo e com palavras que lhe sugerem suas próprias experiências (grifo nosso).*271

Aqui a universalidade do ensinamento dos Espíritos é indiscutível. O Espírito na Inglaterra tem a mesma linguagem daqueles que ditaram a Codificação na França e, ao mesmo tempo, no Brasil, pelas obras complementares que vieram pela indefectível mediunidade de Francisco Cândido Xavier, o mais completo e fiel intermediário do mundo espiritual entre nós. O resultado final da comunicação mediúnica dependerá sempre do médium, do receptor da mensagem. Lembramos, ainda, a questão muito importante da tradução de conceitos, já que o comunicante repassa ao receptor as imagens de suas ideias e não as palavras que correspondam às conhecidas pelo médium. Imagine-se o leitor fora do Brasil, diante de uma árvore com frutos que desconhece... Logo busca o recurso da comparação com as que são do seu conhecimento e, na melhor das hipóteses, para não ser um tradutor infiel, escreve no seu relatório de viagem que se trata de “fruta semelhante a...”. Se um Espírito quer repassar a imagem de uma flor existente no plano espiritual, mas desconhecida aqui na Terra, o médium buscará, entre as flores que conhece a que mais se assemelha à que vê e poderá dizer que a entidade colocou uma *rosa* no colo de cada membro da reunião... É assim que funciona a comunicação.

### 2.3.3 Diálogo com o Espírito de uma surda encarnada

Extraímos da *Revista Espírita*<sup>272</sup> um interessante diálogo mantido na sessão mediúmica de 10 de fevereiro de 1860, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE). O fato não é apenas o registro corriqueiro de uma sessão comum, como outras acontecidas naquele portal de luz entre os dois planos da vida: este traz ensinamentos extraordinários sobre a comunicação de encarnados, testemunhando o quanto se pode esperar desse complexo fenômeno, do qual sabemos muito pouco. O que é excepcional nesse caso é que Allan Kardec dialogou com o Espírito da senhorita Indermuhle, surda<sup>273</sup> de nascença, e ainda encarnada, residente em Berna (Suíça), com 32 anos de idade.

Apresentamos a seguir, na íntegra, o que colhemos da publicação.

1. [A São Luís] Podemos entrar em comunicação com o Espírito da Srta. Indermuhle?

**Resp.** – Podeis.

2. Evocação.

**Resp.** – Eis-me aqui, e o afirmo em nome de Deus.

3. [A São Luís] Podereis dizer-nos se o Espírito que responde é realmente o da srta. Indermuhle?

**Resp.** – Posso afirmar e vo-lo afirmo. Estais mais adiantados e credes que, se fosse um outro que respondesse em seu lugar, isto seria embaraçoso? A afirmação vos prova que ela está aqui. Compete a vós garantir uma boa comunicação, pela natureza e o móvel de vossas perguntas.

3.<sup>274</sup> Sabeis exatamente onde estais neste momento?

**Resp.** – Perfeitamente. Pensais que eu não tenha sido instruída sobre isso?

4. Como podeis responder aqui, se vosso corpo está na Suíça?

**Resp.** – Porque não é meu corpo que responde. Aliás, como bem o sabeis, ele é absolutamente incapaz de o fazer.

5. Que faz vosso corpo neste momento?

**Resp.** – Cochila.

6. Está com saúde?

**Resp.** – Excelente.

Observação: O irmão da Srta. Indermuhle, que se achava presente, confirma que realmente ela goza de boa saúde.

7. Quanto tempo levastes para vir da Suíça até aqui?

**Resp.** – Um tempo inapreciável para vós.

8. Vistes o caminho que percorrestes?

**Resp.** – Não.

9. Estais surpresa de vos achar nesta reunião?

**Resp.** – Minha primeira resposta vos prova que não.

10. Que aconteceria se vosso corpo despertasse, enquanto nos falais aqui?

**Resp.** – Eu lá estaria.

11. Existe um laço qualquer entre o vosso Espírito, aqui presente, e o corpo, que se encontra na Suíça?

**Resp.** – Sim; não fora assim, quem me advertiria de que devo voltar a ele?

12. Vede-nos bem distintamente?

**Resp.** – Sim, perfeitamente.

13. Compreendeis que possais ver-nos, mas que não vos vejamos?

Resp. – Mas sem dúvida.

14. Ouvis o ruído que faço neste momento, batendo?

**Resp.** – Aqui não sou surda.

15. Como percebeis, visto que, por comparação, não tendes a lembrança do ruído em estado de vigília?

**Resp.** – Eu não nasci ontem.

Observação: A lembrança da sensação do ruído lhe vem das existências em que ela não era surda. Esta resposta é perfeitamente lógica.

16. Escutaríeis música com prazer?

**Resp.** – Com tanto mais prazer quanto há muito tempo isto não me acontece. Cantai alguma coisa para mim.

17. Lamentamos não poder fazê-lo agora, e que aqui não haja um instrumento para vos proporcionar este prazer. Mas nos parece que vosso Espírito, desprendendo-se todos os dias durante o sono, deve transportar-se a lugares onde podeis ouvir música.

**Resp.** – Isto me acontece muito raramente.

18. Como podeis responder-nos em francês, já que sois alemã e não conheceis a nossa língua?

**Resp.** – O pensamento não tem língua; eu o comunico ao guia do médium, que o traduz na língua que lhe é familiar.

19. Qual é esse guia de que falais?

**Resp.** – Seu Espírito familiar. É sempre assim que recebeis comunicações de Espíritos estrangeiros, e é desse modo que os Espíritos falam todas as línguas.

**Observação:** Desta maneira, muitas vezes as respostas não nos chegariam senão de terceira mão. O Espírito interrogado transmite o

pensamento ao Espírito familiar, este ao médium e o médium o traduz, seja pela escrita, seja pela palavra. Ora, podendo o médium ser assistido por Espíritos mais ou menos bons, isto explica como, em muitas outras circunstâncias, o pensamento do Espírito interrogado pode ser alterado. Assim, no começo, São Luís disse que a presença do Espírito evocado nem sempre é suficiente para assegurar a integridade das respostas. Cabe a nós apreciá-las e julgar se são lógicas e se estão em relação com a natureza do Espírito. Aliás, segundo a Srta. Indermuhle, esta tríplice fieira não ocorreria senão com os Espíritos estrangeiros.

(ALLAN KARDEC)

20. Qual a causa da enfermidade que vos afetou?

**Resp.** – Uma causa voluntária.

21. Por que singularidade todos os vossos irmãos e irmãs, em número de seis, foram acometidos pela mesma enfermidade?

**Resp.** – Pelas mesmas causas que eu.

22. Assim, foi voluntariamente que todos escolhestes esta prova; pensamos que esta reunião na mesma família deve ter ocorrido como uma prova para os pais. É uma boa razão?

**Resp.** – Ela se aproxima da verdade.

23. Vedes aqui vosso irmão?

**Resp.** – Que pergunta!

24. Estais contente de vê-lo?

**Resp.** – Mesma resposta.

**Observação:** Sabe-se que os Espíritos não gostam de repetir. Nossa linguagem é tão lenta para eles que evitam tudo quanto lhes parece inútil. Eis um ponto que caracteriza os Espíritos sérios; os levianos, zombadores, obsessores e pseudossábios geralmente são faladores e

prolixos. Como os homens a quem falta base, falam para nada dizer; as palavras substituem os pensamentos e eles julgam impor-se pelas frases redundantes e um estilo pedante.

25. Gostariéis de dizer-lhe alguma coisa?

**Resp.** – Peço-lhe que receba a expressão dos meus sinceros agradecimentos, pelo bom pensamento que teve de chamar-me aqui, onde felizmente me acho em contato com Espíritos bons, embora veja alguns que não valem muito. Ganhei em instrução e não esquecerei o que lhe devo.

O diálogo acima e as duas observações do mestre Kardec oferecem-nos lições inestimáveis com relação à comunicação mediúnica e o trato com os Espíritos comunicantes. A preocupação do codificador em ter a certeza de que o Espírito que respondia as suas perguntas era realmente o da Srta. Indermuhle vem do fato de ter ele invocado aquele Espírito, o que tudo indica, a pedido do irmão que estava presente. Se um determinado Espírito é invocado em uma reunião, necessário é que o invocador possua dados referentes ao desencarnado para poder identificá-lo.

Nas reuniões de atendimento aos sofredores, nenhuma razão existe em proceder à invocação: não interessa, no momento, quem está sendo ajudando. No entanto, fora desse contexto, muito cuidado deve ter o invocador para não ser ludibriado.

Se estivermos atendendo ou dialogando com um Espírito encarnado, é possível que o processo seja interrompido drasticamente, pois o seu corpo poderá estar sendo tocado ou sendo despertado, pois ele está em desdobramento. É comum esse fato acontecer, quando estamos dialogando com Espíritos em vias de desencarnar e que, muitas vezes, estão hospitalizados. O médium, às vezes, fica surpreso por ter sido a comunicação interrompida bruscamente...

Apesar de a senhorita Indermuhle ser surda de nascença, desdobrada ela conversa normalmente, dizendo “Aqui não sou surda”, isto é, fora do

corpo. Entretanto, nem sempre acontece esse fenômeno com todos os Espíritos, mesmo desencarnados. Já tivemos oportunidade de atender um Espírito mudo, que me ouvia, mas não podia me responder e, por sinais, me “informou” que era mudo. Deduzi que se mantinha naquela condição talvez por prolongamento de sua expiação, ou porque estava condicionado, no plano espiritual, à sua mudez, não sabendo que desencarnara. Conseguimos com passes e persuasão levá-lo a balbuciar algumas palavras, para depois ser conduzido ao tratamento nas dependências espirituais, para libertar-se da incômoda condição.

Repete-se, no caso estudado, o exemplo de que o Espírito se comunica pelo pensamento, sendo natural que uma entidade de nacionalidade diferente da do médium se expresse no idioma deste. O sotaque fica por conta do receptor, que pode ser explicado pelas seguintes razões:

a) o médium já viveu no mesmo país do comunicante e, por razões sentimentais, regride emocionalmente à época, expressando-se com sotaque;

b) o Espírito comunicante força a que o médium fale ou escreva no seu idioma para comprovação de sua identidade;

c) a observação feita na pergunta nº 19 (p. 283), feita por Allan Kardec, esclarece bem mais essa situação.

---

244 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Jan. 1858, “Diferentes modos de comunicação”, 2007.

245 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Jan. 1858, “Diferentes modo de comunicação”, 2007.

246 N.E.: Assim como os demais médiuns ingleses, Owen fez parte do movimento que ficou conhecido como *Espiritualismo Moderno*, iniciado em 1848, que constitui uma denominação de significado mais abrangente do que *Espiritismo*, a palavra que define a doutrina codificada por Allan Kardec a partir de 1857. Os espiritualistas ingleses acreditavam na sobrevivência do Espírito e em sua comunicação com os encarnados;

entretanto, não havia consenso entre eles a realidade da reencarnação. Tal posicionamento se devia ao fato de que, nas pesquisas psíquicas, os médiuns e cientistas ingleses não obtinham dos Espíritos referências sobre a reencarnação (ver a Apresentação de *A história do espiritualismo*, de Arthur Conan Doyle, lançado pela FEB Editora).

247 Nota do autor: Na liturgia católica, hora canônica que se diz ao cair da tarde, quando Vésper ou Vênus costuma aparecer, e subsequente à noa.

248 N.E.: “Par e passo” é tradução do latim *pari passu*, que significa “no mesmo passo ou ritmo”.

249 OWEN, George Vale. *Vida além do véu*. “Notas gerais”, 2006.

250 OWEN, George Vale. *Vida além do véu*. “Notas gerais”, 2006.

251 SOUZA, Elzio Ferreira. *Espiritismo em movimento*. “Prefácio”, 1999.

252 OWEN, George Vale. *Vida além do véu*. “Notas gerais”, 2006.

253 Id. Ibid.

254 OWEN, George Vale. *Vida além do véu*. “Notas gerais”, 2006.

255 OWEN, George Vale. *Vida além do véu*. “Notas gerais”, 2006.

256 LACERDA, Fernando de. *Do país da luz*. v. I, cap. 2, 2003.

257 Nota do autor: Essa obra foi publicada pela Federação Espírita Brasileira sob o título *Região em litígio: entre este mundo e o outro*.

258 N.E.: Cabe informar que, a rigor, não se trata, na ocasião relatada, de uma sessão organizada conforme os princípios da Codificação Kardequiana, já que — conforme esclarecido na nota de rodapé nº 238, p. 260 — os ingleses eram *espiritualistas* e não propriamente *espíritas*.

259 MOSES, Willian Stainton. *Ensinos espiritualistas*. “Introdução”, 2002.

260 SOUZA, Elzio Ferreira. *Espiritismo em movimento*. Cap. “Algumas observações”, 1999.

261 XAVIER, Francisco Cândido. *Entender conversando*. q. 99, 1984.

262 XAVIER, Francisco Cândido; BARBOSA, Elias. *Gabriel*. Cap. 5, 1982.

263 XAVIER, Francisco Cândido. *Voltei*. Cap. 1, 2013.

264 Nota do autor: Formações proteicas encontradas no citoplasma da célula nervosa, a substância visível que emana do corpo de certos médiuns na produção das materializações, segundo José Marques

Mesquita em *Elucidário de evolução em dois mundos*.

265 XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Cap. 1, 2013.

266 Nota do autor: Vide PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um suicida*. Cap. “A comunhão com o Alto”.

267 Nota do autor: Nome dado aos membros de uma seita cristã (“Sociedade dos Amigos”), surgida do puritanismo no século XVII, fundada por George Fox (1624–1691) e pelo teólogo Robert Berkley (1648–1690). A palavra inglesa significa “tremedor” e deve sua origem ao fato de seu fundador Fox, quando diante do tribunal de Derby, em 1650, ter instado com o juiz Bennet para “tremar ao nome do Senhor” (*Enciclopédia Século XX*, José Olympio Editora).

268 LORENZ, F. V. *A voz do antigo Egito*. Segunda parte, cap. 1, 2008.

269 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Jan. 1860. “Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, 2009.

270 XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Cap. 1, 2013.

271 LORENZ, F. V. *A voz do antigo Egito*. Segunda parte, cap. 1, 2008.

272 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Mar. 1860, “Estudo sobre o Espírito de pessoas vivas”, 2009.

273 N.E.: No original em francês, consta *sourde-muette* (“surda-muda”). Trata-se definição antiga, ultrapassada e incorreta usada para identificar o deficiente auditivo, mas ainda disseminada por diversas fontes bibliográficas e meios de comunicação. Surdez não tem relação com mudez, que é outro tipo de deficiência, e raros são os casos de surdos também mudos. Surdos podem falar e só não o fazem por não ouvirem, não conseguindo assim articular adequadamente a fala (exceto por tratamento fonoaudiológico).

274 N.E.: De acordo com Evandro Noleto Bezerra, a repetição do nº 3 assim se encontra no original.

## CAPÍTULO 3

### DA VIDÊNCIA E DA AUDIÊNCIA

Resolvemos estudar a vidência e a audiência com suas complexidades em um mesmo capítulo, orientando-nos pelo que nos ensina o Espírito André Luiz:

Idêntico mecanismo preside os fenômenos da clarividência e da clariaudiência, porquanto, pela associação avançada dos raios mentais entre a entidade e o médium dotado de mais amplas percepções visuais e auditivas, a visão e a audição se fazem diretas, do recinto exterior para o campo íntimo, graduando-se, contudo, em expressões variadas. 275

### 3.1 VIDÊNCIA OU CLARIVIDÊNCIA?

Sem dúvida, é essa a pergunta que o leitor está fazendo... E nos arriscamos a responder, tudo fazendo para satisfazer sua legítima curiosidade, adiantando que seu questionamento é o mesmo em nosso movimento espírita: qual é a diferença entre vidência e clarividência, audiência e clariaudiência?

É sempre aconselhável começar pelo mestre Allan Kardec. Ele empregou o termo *clarividência* pela primeira vez na Introdução de *O livro dos espíritos*, item XVI, 10º parágrafo. E, no 1º parágrafo da nota da questão nº 402, afirma que, durante o sono, a *clarividência* é indefinida, porque se estende aos lugares mais distantes, alcançando, às vezes, outros mundos, vinculando, dessa forma, o fenômeno à emancipação parcial da alma. Na questão nº 428 ele indaga ao Espírito qual a causa da *clarividência sonambúlica*, e a resposta é a de que ela se dá pela visão da alma. Mais à frente (q. 430), aprendemos que o fato de o médium perceber o mundo espiritual com a visão da alma não significa que ele veja tudo o que existe do “lado de lá” e que também não se engane com suas visões, alertando-nos para *aceitarmos com prudência o resultado desse fenômeno*. Ainda aqui o codificador relaciona a clarividência com o sonambulismo, dando a entender que aquela faculdade é consequência desta última.

Na questão nº 455 (Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista), Kardec é incisivo, concluindo que:

A causa da clarividência do sonâmbulo magnético e do sonâmbulo natural é exatamente a mesma: *é um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós. O sonâmbulo vê em todo lugar onde sua alma possa transportar-se, seja qual for a distância (grifo nosso).

Quanto à dupla vista, na questão nº 447 a pergunta foi:

O fenômeno que se dá a designação de dupla vista tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo?

Tudo isso é uma só coisa. O que se chama *dupla vista* é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A *dupla vista* ou *segunda vista* é a vista da alma. Dessa forma, quando a alma se liberta, esteja o corpo adormecido ou não, ela poderá ver o que se passa à distância. *A esse fenômeno muitos o chamam de clarividência* (grifo nosso).

Podemos concluir, do que até agora aprendemos com Kardec, que a clarividência está relacionada ao desprendimento parcial da alma, adquirindo, então, maior potencial para ver o que está próximo e distante da visão física daquele que percebe o fenômeno. Nesse caso, é bom lembrar, não se trata de fenômeno mediúnico, como se costuma admitir: se é a alma do indivíduo que vê à distância, trata-se de *um atributo da alma*, portanto, fenômeno anímico. Como já dito, na Codificação não encontramos o termo “animismo”, porquanto ele somente será proposto mais tarde por Alexandre Aksakof. Todavia, o codificador, usando as expressões *sentido espiritual* ou *sentido psíquico* e *atributo da alma*, estava se antecipando ao pesquisador russo e nos falando da atuação anímica do ser. Senão, vejamos:

O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito. É por seu intermédio que o Espírito encarnado percebe as coisas espirituais que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo *sentido espiritual*, ou *psíquico*, elas são generalizadas: o Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico. <sup>276</sup>

O leitor, a esta altura estará pedindo uma resposta definitiva sobre ser a clarividência o mesmo que vidência. E mais uma vez, e sempre, recorreremos ao mestre Kardec em *O livro dos médiuns*, itens 167 a 171. Lá ele não faz uso da palavra *clarividência* em momento algum, e sim de *vidência*, o que nos leva a crer ter abandonado aquela denominação, passando a considerar

que somente o termo *vidência* seria suficiente para explicar o fenômeno. Ele é taxativo ao escrever:

Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo.<sup>277</sup>

Ora, se os que possuem a faculdade de ver os Espíritos em estado normal ou sonambúlico ele os chama de vidente, para que mais um termo, visto que os resultados são os mesmos? Entendemos que, a partir do nosso raciocínio, do qual o leitor pode discordar, que a palavra “*clarividente*”, adotada em *O livro dos espíritos*, restringindo-se ao sonâmbulo, foi definitivamente substituída pelo termo “*vidente*”, servindo para quem tem a faculdade de ver os Espíritos, independentemente de ser sonâmbulo. O que irá diferenciar um do outro será o grau de visão: enquanto um terá uma visão mais nítida e mais ampla no tempo e no espaço, o outro terá um alcance menor do que se passa ou do que lhe é mostrado no plano espiritual. E isso porque nenhuma faculdade psíquica ou mediúnica é semelhante a qualquer outra de mesma natureza.

Mais uma vez o leitor interrompe a leitura para se perguntar: “Por que o codificador, no capítulo XIV, item 5, chama o vidente de médium, se a faculdade é de *sentido espiritual*, ou *psíquico* como foi dito, deve ser entendida como faculdade anímica?”.

Para responder, consultamos a autoridade do estudioso Zimmermann,<sup>278</sup> cujo raciocínio nos parece bastante lógico e, talvez, tenha sido o juízo do codificador:

*Vidência* ou *visão espiritual* é faculdade de ver além das possibilidades visuais ordinárias, tanto na dimensão espiritual como na física. Como a intuição e outras faculdades psíquicas, *é uma aptidão anímica que, quando serve à comunicação dos Espíritos,*

*adquire o caráter mediúnico.* E como isso é o que quase sempre ocorre, com a ostensiva atuação dos Espíritos em todo o processo, a *vidência* tem sido catalogada como um tipo de ocorrência mediúnica (grifo nosso).

No entanto, Náufel, baseado em André Luiz, assegura que *clarividência* e *clariaudiência* distinguem-se da *vidência* e da *audição internas*. Escreve ele:

Finalmente, a *clarividência* e *clariaudiência* distinguem-se da *vidência* e da *audição internas*. Aquelas se assentam nos recursos extrassensoriais do sensitivo, que não é necessariamente um médium. Constituem fenômenos puramente anímicos, decorrentes da faculdade *psi* da pessoa. Esta faculdade é natural e não depende da intervenção de Espíritos, nem de qualquer processo mediúnico. Para produzirem-se, basta que o sensitivo passe ao estado de emancipação da alma (grifos do autor).<sup>279</sup>

Vamos, então, à leitura do texto ditado pelo médico de Nosso Lar:

*Escasseando os recursos ultrassensoriais*, surgem nos médiuns dessa categoria a *vidência* e a *audição internas*, mais entranhadamente radicadas na conjugação de ondas. Atuando sobre os raios mentais do mediano, *o desencarnado transmite-lhe quadros e imagens*, valendo-se dos centros autônomos da visão profunda, localizados no diencéfalo, *ou lhe comunica vozes e sons*, utilizando-se da cóclea, tanto mais perfeitamente quanto mais intensamente se verifique a complementação vibratória nos quadros de frequência das ondas, ocorrências essas nas quais *se afigura ao médium possuir um espelho na intimidade dos olhos ou uma caixa acústica na profundidade dos ouvidos* (grifo nosso).<sup>280</sup>

Não há dúvida de que o excerto acima nos leva a concluir que o Espírito André Luiz distingue clarividência de vidência, e clariaudiência de audiência. Entendemos pelo dito que numa determinada situação, ainda que

faltem *recursos ultrasensoriais*<sup>281</sup> ao percipiente, ou seja, mesmo que suas faculdades anímicas não funcionem, havendo interesse da Espiritualidade superior, agirá ela *nos centros autônomos da visão profunda* daquele médium, mostrando-lhe entidades, paisagens do plano espiritual ou acontecimentos no plano material, distantes do local onde esteja. Então, aí dar-se-á o fenômeno mediúnico, já que ele está servindo de intermediário entre os dois planos da vida. No entanto, quem usufrui do resultado não vê nenhuma diferença entre ter havido vidência ou clarividência e, provavelmente, nunca saberá de tal distinção.

Porém, quando tudo parece estar compreendido, observamos que, no capítulo 12 da obra *Nos domínios da mediunidade*, apesar do título *Clarividência e clariaudiência*, ao longo da leitura observa-se que o dirigente da reunião no plano físico — Raul Silva — solicita aos médiuns que se concentrem para observar os ensinamentos dos Espíritos pela *vidência e audiência*, enquanto Hilário, no plano espiritual, faz a seguinte pergunta ao mentor Áulus: “A *clarividência* e a *clariaudiência* acaso estão localizadas exclusivamente nos olhos e nos ouvidos da criatura reencarnada?”.

A resposta, sem dúvida, já é do conhecimento do leitor; no entanto, chamamos-lhe a atenção para os detalhes em itálicos:

Os olhos e os ouvidos materiais estão para a *vidência* e para a *audição* como os óculos estão para os olhos e o amplificador de sons para os ouvidos — simples aparelhos de complementação.<sup>282</sup>

O mentor Áulus, ao responder sobre *clarividência* e *clariaudiência*, usou os termos *vidência* e *audição*, não causando nenhuma estranheza em seu aprendiz. Logo mais à frente, preocupado com a condição psicológica dos médiuns, informa:

Não lhes convém [para os médiuns], por agora, a *clarividência* e a *clariaudiência* demasiado abertas. Na esfera dos Espíritos

reencarnados, há que dosar observações para que não venhamos a ferir os impositivos da ordem.<sup>283</sup>

Em determinado momento, o assistente Áulus oferece ensinamentos a André Luiz a respeito do *círculo de percepção* do *vidente* e diz que ele varia em cada um de nós, já que toda percepção é mental. André Luiz e Hilário percebem que os médiuns dona Celina, dona Eugênia e Castro viam as projeções mentais do mentor Clementino cada um a seu modo, projetando imagens e paisagens com definições e cores distintas, não compatíveis com as intenções e pensamentos daquele mentor. Áulus dá as devidas explicações que o leitor poderá buscá-las, mas não declara que a diferença está em um ser *vidente* e o outro ser *clarividente*...

O Espírito Cairbar Schutel, levando em consideração também a *conjugação de ondas entre comunicador e receptor*, esclarece a questão de forma bastante singela, e que muito nos cativa, denominando o fenômeno da visão espiritual de apenas “*vidência*”, mas considerando-a como “*faculdade mediúnica*” e não “*anímica*”. Diz ele:

A *vidência* é uma faculdade colocada à disposição dos médiuns, a fim de que estes possam ser úteis à Espiritualidade, transmitindo aos encarnados as sensações e as situações ocorrentes ao plano espiritual, através das imagens captadas. Trata-se de uma aptidão não muito comum, que pode ser *completa* ou *parcial*, existindo entre esses dois extremos uma gama variável de recepções mediúnicas. A *vidência completa ou plena* é aquela em que o medianeiro, em estado de concentração, pode ter total acesso às percepções enviadas pelos mensageiros espirituais sem interferência, a qualquer momento que desejar. É a mais rara e pode-se afirmar que abrange somente cerca de um por cento dos médiuns da Terra. *A partir daí existe a parcial*, que atua apenas em determinados momentos, relacionados pelo plano superior para trabalhos específicos, podendo ter menos penetração e nela ocorrer interferências nas comunicações. É a mais sujeita a mistificações, erros e até mesmo ilusões deliberadamente provocadas.

Atinge a grande maioria dos *médiuns videntes*. [...] Nas sessões espíritas os médiuns videntes devem ter a humildade e transmitir com maior exatidão possível, sem interesse pessoal, as imagens projetadas pelo plano espiritual. Constituem um grupo importante dos trabalhadores, mas devem ser sempre, também, os mais vigilantes e os mais vigiados (grifo nosso).<sup>284</sup>

Diante dessa pródiga oferta de conceituações, ficamos com Kardec, deixando o leitor fazer uso de seu livre-arbítrio para escolher a denominação que desejar. Para finalizar, este autor prefere a conclusão do respeitável e renomado escritor de vários livros sobre mediunidade, já desencarnado, considerando seu bom senso:

Como classificar esse fenômeno misto? Anímico-mediúnico? Vidência ou clarividência? Não é a classificação ou a distribuição cuidadosa da terminologia que vai resolver o problema suscitado pelo entendimento desses e de outros fenômenos. Eles simplesmente ocorrem. Cabe ao observador atento procurar descobrir as leis que os produzem e buscar um rótulo ou um nome para identificá-los. Nunca se esquecendo, contudo, de que não são as palavras que inventamos que determinarão o fenômeno, obrigando-o a acontecer desta ou daquela maneira, a fim de não desarrumar os nossos caprichosos quadros classificatórios.<sup>285</sup>

Repetimos: nossa preocupação, antes de tudo, é com a produção mediúnica e não com sua denominação. Por isso vale deixar aqui alguns questionamentos a serem feitos diante do resultado do fenômeno:

- a) Como devemos interpretá-lo?
- b) O que no fenômeno da vidência ou audiência é do Espírito e o que é do médium?
- c) Quais parcelas do conteúdo devemos aceitar como instrução, ensinamento ou revelação?

d) O médium é confiável?

e) O contexto em que se deu o fenômeno atende aos requisitos propostos pelo codificador? (Vide itens 231 e 331 de *O livro dos médiuns*.)

### 3.2 VIDÊNCIA E ÊXTASE

Convém fazer algumas considerações sobre o êxtase, quando o resultado mediúnico será o relato de visões ou de informações ditas oriundas de planos espirituais superiores, já que o nosso propósito é o de sempre avaliar o resultado do fenômeno, para saber o que fazer com ele. O codificador afirma que o êxtase seria um sonambulismo profundo. Nesse estado ocorreria o contato com Espíritos etéreos (aqui no sentido de celestiais), o que causa as impressões geralmente registradas pelos santos da Igreja. Esclarece ele o que realmente acontece com o médium extático quando em transe:

Cerca-o então resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e *bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade.*

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão.

Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como paragem momentânea. Considera os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo quais incidentes fúteis de uma viagem, cujo termo tem a dita de avistar.

286

O êxtase é resultante de um sonambulismo mais apurado, em que a alma fica o mais independente possível do corpo. O grau de independência da alma durante o êxtase vai depender do grau de elevação moral do extático. É por essa razão que ele tem a capacidade de penetrar mundos

superiores e vivenciar a felicidade dos Espíritos que os habitam. Neste particular, a história da mediunidade registra exemplos extraordinários de médiuns extáticos, em sua maioria, pertencentes à Igreja, como vimos anteriormente, destacando-se entre eles Joana d'Arc, Santa Tereza d'Ávila, Santa Brígida, Clara de Montefalco... No entanto, uma advertência se faz necessária quanto às visões e aos relatos desses médiuns.

Como em nenhum dos outros graus de emancipação da alma, o êxtase não é isento de erros, pelo que as revelações dos extáticos longe estão de exprimir sempre a verdade absoluta. A razão disso reside na imperfeição do espírito humano; somente quando ele há chegado ao cume da escala pode julgar das coisas lucidamente; antes não lhe é dado ver tudo, nem tudo compreender. [...] Há por vezes, nos extáticos, mais exaltação que verdadeira lucidez, [...] razão por que suas revelações são, com frequência, uma mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e outras ridículas. Também os Espíritos inferiores se aproveitam dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não há quem saiba governá-la, para dominar o extático, e, para conseguirem seus fins, assumem aos olhos deste aparências que o aferram às suas ideias e preconceitos, de modo que suas visões e revelações não vêm a ser mais do que reflexos de suas crenças. É um escolho a que só escapam os Espíritos de ordem elevada, escolho diante do qual o observador deve manter-se em guarda. <sup>287</sup>

Isso pode explicar por que a extática Santa Teresa tenha se equivocado com suas visões do Inferno e do Paraíso, durante os tranSES que a tornaram famosa. Seriam ideias preconcebidas, em razão do conhecimento dogmático que caracterizou a Idade Média.

### 3.3 VIDÊNCIA E ANIMISMO

Na segunda parte de *O livro dos médiuns*, capítulo VI, item 100 (26<sup>a</sup>, “a”), o mestre de Lyon pergunta à Espiritualidade se a vidência é uma faculdade que pode ser desenvolvida. E a resposta nos oferece um dado significativo para o entendimento de que nem sempre a visão do vidente é mediúnica ou espiritual, podendo ser anímica. Senão, atentemos para o alerta do Espírito:

Pode, como todas as outras faculdades; mas pertence ao número daquelas com relação às quais é melhor que se espere o desenvolvimento natural, do que provocá-lo, para não *sobre-excitar a imaginação*. A de ver os Espíritos, em geral e permanentemente, constitui uma faculdade excepcional e não está nas condições normais do homem (grifo nosso).

Quem está sobre-excitado, extremamente nervoso, não se encontra em seu estado psicológico normal... Portanto, nessas condições poderá ver o que sua imaginação cria.

Interrogado sobre a razão de muitos médiuns videntes dizerem somente enxergar luzes e flores no plano espiritual, o médium e orador carioca responde:

Costuma ocorrer que muitos que nada mais divisam, *a não ser luzes e flores*, são inseguros quanto às próprias capacidades, ou *sofrem efeitos de uma imaginação excitada*, fixando-a em quadros que não comprometem, que não são provas de coisa alguma, pela indefinição que os caracteriza. Passam a vida referindo-se a flores e luzes, como se isso tivesse alguma utilidade para a confirmação da vida além da Terra. Mantêm a certeza de que jamais alguém lhes vai indagar como são as flores, de que regiões do planeta e o seu significado, menos ainda quanto às luzes. Os médiuns videntes costumam ver seres espirituais envoltos em luz ou em sombra, em paisagens floridas ou

desérticas, nauseantes. Sem dúvida, um médium vidente pode alcançar paisagens do invisível e descrevê-las, mas não registra isso desconectado de sentido lógico ou sem uma razão para essa visão. Não é à toa que o codificador do Espiritismo exprime que “*quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dês faculdade.*” (grifo nosso).<sup>288</sup>

E ainda mais:

Não têm sido poucos os casos em que pessoas diversas são iludidas pela própria exaltação, julgando estar vendo coisas que não estão ocorrendo, de fato, nas paisagens espirituais. [...] É, ainda, dos tipos de mediunidade, a vidência, a que oferece grande dificuldade em identificar a sua realidade, em razão dos componentes psíquicos, das criações mentais do médium. Quem poderá dizer que determinada pessoa não está vendo realmente, isso ou aquilo? Quem garantirá que o esteja? Por que se faz dificultosa essa afirmação? Torna-se difícil ao considerarmos que o indivíduo poderá estar vendo, verdadeiramente, as imagens que diz ver, certo de que registra o Mundo dos Espíritos, quando esteja visualizando as construções da sua própria imaginação.<sup>289</sup>

Quanto ao desenvolvimento da vidência, pretendido por muitos cursos de educação da mediunidade, Kardec era precavido e orientava que:

A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma das de que convém esperar o desenvolvimento natural, sem o provocar, em não se querendo ser joguete da própria imaginação. Quando o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta de si mesma. Em princípio, devemos contentar-nos com as que Deus nos outorgou, sem procurarmos o impossível, por isso que, pretendendo ter muito, corremos o risco de perder o que possuímos.<sup>290</sup>

Diante do que até aqui vimos, a vidência é faculdade que merece cuidados especiais de quem a possui e de quem dela depende para informações e revelações do mundo espiritual. Poderá ser muito útil quando em pessoa bastante equilibrada, conscienciosa e responsável.

### 3.4 VIDÊNCIA E HISTERIA

A histeria representa um bloco de sintomas físicos, como perturbações visuais, auditivas, paralisias parciais, agitações, depressões, desmaios etc. alterando o comportamento pela existência de desordens psicológicas profundas. 291

Destacamos as perturbações visuais, pois são elas que nos interessam neste momento para alertar os que lidam com os candidatos ao desenvolvimento da mediunidade. É corriqueiro irmãos ou irmãs se apresentarem na Casa Espírita queixando-se de visões perturbadoras ou celestiais, solicitando desenvolver sua mediunidade, porque assim foram informados. Nem sempre é essa a verdade. Necessário se faz certa prevenção, sem nenhum preconceito, para ajudar acertadamente.

Atentemos para o que nos diz a senhora Yvonne Pereira, quando entrevistada por Danilo Carvalho Villela sobre a causa da perda de mediunidade. Disse ela que conheceu casos em que a “mediunidade” deixou de funcionar porque não era mediunidade e sim puro animismo ou histeria. E dá como exemplo um caso acontecido em sua família:

Uma tia minha, que *via mil coisas, era tida como médium vidente*. Mas ela não via coisa nenhuma, *ela era histérica, ela criava, como há muitos por aí, muitos médiuns*. Criava e dizia que via. Estou, agora, com uma moça em tratamento nessas condições, aqui, com o diretor dos trabalhos da União Espírita Suburbana. Essa moça pensa que vê obsessores, pensa que vê isto e vê mil coisas, no entanto, ela não vê coisa nenhuma. Ela tem histeria, e a histeria é uma doença mental que cria coisa psíquica, que a pessoa pensa que vê. Muitos médiuns são assim. Mas pode ser, também, até *ideoplastia do próprio médium*. Então, quando perde isso, pensa que a mediunidade dele foi retirada, mas ali não havia mediunidade. São sutilezas da doutrina a que nós

precisamos prestar muita atenção e estudar com afinco para podermos compreender (grifo nosso). 292

Com relação à *ideoplastia do próprio médium* a que se refere dona Yvonne, devemos lembrar que o pensamento é um poderoso cinzel que esculpe no fluido cósmico universal o que delineamos na mente. Se o vidente arquiteta e persiste durante algum tempo em alguma coisa ou em alguém, estará contribuindo fortemente para, dentro ou fora da reunião mediúnica, divisar seus pensamentos. O vocábulo “ideoplastia” quer dizer “matéria mental exteriorizada e plasmada por ideias repetitivas e intensas”. Os indivíduos de sentimentos e pensamentos doentios podem plasmar “estruturas de disformes feições”, que os acompanham aos lugares aonde vão. André Luiz nos informa que as zonas purgatoriais no mundo invisível são lúgubres e tortuosas porque os pensamentos de seus habitantes também assim o são.

### 3.5 DA AUDIÊNCIA

O médium audiente é aquele que ouve a voz dos Espíritos. É, algumas vezes, uma voz interior que ecoa no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior clara e distinta, qual a de uma pessoa viva (O livro dos médiuns, it. 165). Muitos dos médiuns audientes sustentam um diálogo com os Espíritos, fazendo-lhes perguntas e ouvindo-lhes as respostas e escrevendo-as com toda segurança. Não é bom que tal prática seja isolada. Se assim for, as questões e as respostas deverão ser submetidas a quem de confiança e com bom conhecimento doutrinário e experiência no intercâmbio mediúnico, para que o médium não seja vítima fácil de uma fraude e de conseqüente fascinação. O timbre da voz que o médium ouve pode ser uma forma de identificar se o Espírito é o mesmo que se comunica sempre. Nessa forma de intercâmbio cabe o alerta: muitos há que acreditam ouvir o que apenas lhe está na imaginação. Vale a pena nos estendermos um pouco mais para melhor nos prevenirmos das alucinações auditivas.

### 3.6 AUDIÊNCIA E ESQUIZOFRENIA

Esquizofrenia pode ser entendida como sendo um grupo de psicoses (distúrbios mentais) funcionais, portanto não causadas por qualquer lesão cerebral, que provocam desintegração progressiva da personalidade. Foi o psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857–1939) quem criou o termo “*esquizofrenia*” (mente partida) para substituir “*demência precoce*”, porque os sintomas se manifestam, muitas vezes, já na mocidade. Sua causa é, até hoje, um dos grandes enigmas da Psiquiatria. Entre os vários sintomas elencados para diagnosticar o mal, são citados os *pensamentos audíveis*, *vozes argumentando*, *discutindo* e *comentando*. Para sua etiologia são citados os fatores, desde a hereditariedade até os psicossociais, não se levando em conta a etiologia espiritual.

Tanto os Espíritos quanto os estudiosos espíritas têm oferecido valiosa contribuição sobre a gênese e a terapêutica dessa doença, mas esbarram com a resistência dos cientistas obcecados pelo paradigma materialista e presos ao orgulho profissional, não lhes acatando as sugestões, o que seria admitir estarem enganados sobre suas teses. Não obstante, os dois mundos se encontram em algum momento, quando afirmam que a *alucinação das vozes é o sintoma mais comum entre os esquizofrênicos*. Assim também entende o Espírito Dr. Emir:

Entre as alucinações nos esquizofrênicos, as mais comuns são as de natureza auditiva, em forma de vozes que humilham o paciente, que o xingam, depreciam, perseguem, ameaçam... [...]. <sup>293</sup>

Respeitável psiquiatra espírita, atrelado em sua longa experiência no tratamento de obsidiados no Sanatório Espírita de Uberaba (MG), também é da mesma opinião. Ele observou ao longo dos contatos com os enfermos daquela instituição que

nos casos de *demência precoce*, caracterizados pela intensidade das alucinações, *predominam as auditivas*, surgindo desde o início do

mal. São insultos e ameaças que o doente ouve constantemente. [...], e essas devem ser tão perfeitas que o doente está convencido de que sejam a pura expressão da realidade.<sup>294</sup>

Em se tratando da captação de vozes pelos esquizofrênicos, pedimos licença para relatar uma experiência muito interessante, realizada por um grupo de psiquiatras e radiologistas da Universidade Sheffield, na Inglaterra.<sup>295</sup> Os pesquisadores reuniram 12 voluntários gozando de boa saúde física e mental, para ouvir, durante certo tempo, diversas vozes, ora de timbre masculino, ora de timbre feminino. Com a ajuda de um tomógrafo eletromagnético, observaram os pesquisadores que as vozes femininas exigiam do cérebro uma atividade neuronal duas vezes maior do que as vozes masculinas. Eles, então, fundamentados na realidade de que o aparelho vocal das mulheres tem estrutura diferente, conferindo à sua voz um espectro mais amplo, e que o cérebro em alucinação tem de se esforçar mais para reproduzir espontaneamente o complicado tom vocal feminino, concluíram que, por essa razão, os esquizofrênicos ouvem muito mais vozes masculinas do que femininas.

Se aqueles cientistas admitissem a possibilidade de que os transtornos psiquiátricos são coadjuvados pela obsessão, quando não é a própria causa da doença, teriam chegado a resultados mais completos, pois entenderiam com mais acerto o fenômeno estudado. O Espírito Dr. Emir assim se manifesta:

Definimos, então, a esquizofrenia, primeiro: como um *transtorno espiritual*, que se manifesta no corpo físico, através de uma série de desequilíbrios já referidos, mas decorrente da necessidade de o Espírito resgatar os delitos praticados em existências anteriores. [...] Segundo: de um *processo de natureza obsessiva*, em que o agente perturbador, hospedando-se no perispírito do seu inimigo, aquele que antes o infelicitou, atormenta-o, apresenta-se-lhe vingador, desorganiza-o interiormente, desestabiliza as conexões neuronais, produz outras disfunções orgânicas, delírios, alucinações... Terceiro:

de um *processo misto*, no qual o enfermo fisiológico é também vítima de cruel perseguição, tornando-se obsidiado simultaneamente (grifo nosso).<sup>296</sup>

Aqui entra o Espiritismo para cooperar com a ciência materialista. Por não aceitarem a alma, suas múltiplas existências, a lei de causa e efeito e a obsessão que vitima a grande maioria de todos nós, ficaram os cientistas limitados a resultados duvidosos em suas pesquisas, não chegando à verdadeira razão do predomínio da voz masculina ouvida pelos esquizofrênicos, já que somente acreditaram no que perceberam no cérebro dos voluntários testados, esquecendo-se de que aquele órgão nada mais é do que o instrumento pelo qual se manifesta o Espírito.

Sabemos que as mulheres também odeiam, perseguem, obsidiam e, ao desencarnarem, levam a probabilidade de se manterem nas mesmas condições psicológicas por muito tempo; no entanto, asseguramos, com base em nossa experiência nas reuniões mediúnicas de assistência espiritual, o número de Espíritos do sexo feminino equivocados e vingativos é bastante reduzido em comparação com os do sexo masculino.

Miranda,<sup>297</sup> o emérito estudioso da obsessão, corrobora nossa afirmação quando afirma que os obsessores femininos são tão violentos e agressivos quanto os do sexo masculino, “mas são estatisticamente em número reduzido, em relação aos Espíritos masculinos [...]”. Testemunhos dessa assertiva encontramos na trilogia<sup>298</sup> do referido escritor intitulada *E outras histórias que os Espíritos contaram*, na qual dos 31 casos complexos por ele estudados, apenas quatro são mulheres, ou seja, 87,1% de obsessores do sexo masculino contra 12,9% do sexo feminino! Somos de opinião de que esses dados explicam o porquê de as vozes ouvidas pelos esquizofrênicos, em sua grande maioria, serem do timbre masculino e não feminino, considerando haver sempre, no caso daquela enfermidade, um obsessor coadjuvante, causando ou alimentando o sofrimento do paciente.

### 3.7 AUDIÊNCIA E OBSESSÃO

O médium audiente está sujeito, como qualquer outro, a sofrer o assédio de Espíritos inferiores, na tentativa de levá-lo ao fracasso, se dedicado à tarefa do bem. O Espírito obsessor o persegue com as suas investidas, agredindo-o com palavras grosseiras e obscenas, muitas vezes, levando-o ao desespero, pois nem sequer dispõe do recurso de tapar os ouvidos, já que a voz ressoa no seu interior. Allan Kardec lamenta reconhecer que existem algumas pessoas que

[...] se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, animando-os e provocando-os ao rirem de suas tolices, em vez de lhes imporem silêncio e de os moralizarem. Os nossos conselhos não podem aplicar-se a esses que desejam afogar-se. 299

Mas o que nos interessa muito mais, depois dessa digressão, é a conclusão de que as vozes que os esquizofrênicos ouvem não podem ser classificadas somente como alucinações, produto do cérebro, como concluíram os pesquisadores ingleses. Se a alucinação experimentada pelos portadores da referida psicose pode ter uma causa orgânica agindo sobre o cérebro, deve-se ir além, considerando que eles são Espíritos em corpos físicos. Emmanuel não nos deixa pensar o contrário:

A alucinação é sempre um fenômeno intrinsecamente espiritual, mas pode nascer de perturbações estritamente orgânicas, que se façam reflexas no aparelho sensorial, viciando o instrumento dos sentidos, por onde o Espírito se manifesta. 300

Por essa razão, os irmãos que estão em sofrimento redentor, vitimados por tão complexa doença, deverão receber tratamento espiritual concomitante com a terapêutica alopata, dando azo a que os medicamentos fortaleçam o corpo físico, favorecendo a atuação dos fluidos espirituais

regeneradores e dificultando a atuação dos Espíritos equivocados, a serem esclarecidos e conquistados para a seara do Cristo.

Além das providências de ordem caritativa com os esquizofrênicos, é prudente que as Casas Espíritas não enviem aos grupos de desenvolvimento mediúnico pessoas que se dizem, ou que lhe disseram, ser médiuns porque ouvem vozes e conversam com “ Espíritos”. É aconselhável que esses irmãos ou irmãs sejam questionados, observados e, em caso de dúvida, aconselhados a consultar um psiquiatra.

---

275 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 18, 2013.

276 KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 14, it. 22, 2013.

277 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Cap. 14, it. 167, 2013.

278 ZIMMERMANN, Zalmino. *Teoria da mediunidade*. Cap. 6, 2011.

279 NÁUFEL, José. *Do abc ao infinito*. Cap. 3, It. 9, 1993.

280 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 18, 2013.

281 Nota do autor: *ultra* = que vai além; *sensorial* = relativo ao sensório, centro nervoso pelo qual são transmitidas as sensações.

282 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 12, 2010.

283 Id. *Ibid.*

284 GLASER, Abel. *Conversando sobre a mediunidade*. Cap. 6, 1993.

285 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *Diversidade de carismas: teoria e prática da mediunidade*. Cap. 8, It. 9, 1993.

286 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. q. 455, 2013.

287 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Cap. 4, it. 30, 2009.

288 TEIXEIRA, J. Raul. *Desafios da mediunidade*. Parte 2, It. 40, 2008.

289 TEIXEIRA, J. Raul. *Correnteza de luz*. Cap. 14, 1991.

290 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. it. 171, 2013.

291 ANDRÉA, Jorge. *Visão espírita das distonia mentais*. Cap. 3, 2002.

292 CAMILO, Pedro. *Pelos caminhos da mediunidade serena*. Terceira

entrevista, 2010.

293 FRANCO, Divaldo Pereira. *Entre os dois mundos*. Cap. 13, 2005.

294 FERREIRA, Inácio. *Novos rumos à medicina*, v. 1, “Loucura psíquica”, 1990.

295 *Viver mente & cérebro*. “Voz feminina é mais complexa”. n. 156, p. 16, 2006.

296 FRANCO, Divaldo Pereira. *Entre os dois mundos*. Cap. 13, 2005.

297 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *Diálogo com as sombras*. Cap. 2, 2005.

298 Nota do autor: A trilogia é composta dos seguintes títulos: *A dama da noite*; *O irmão do vizir*, e *O exilado*. Todos pela Edições Correio Fraternal.

299 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. it. 249, 2013.

300 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. q. 52, 2013.

## CAPÍTULO 4

### O COMPLEXO MEDIÚNICO YVONNE PEREIRA

O plano espiritual superior tem sido generoso com o nosso Brasil, encaminhando para ele, por meio da reencarnação, médiuns comprometidos com a divulgação e implantação do Espiritismo, conforme codificado por Allan Kardec. Sem dúvida, o esforço é no sentido de que nosso país cumpra com sua missão de *Coração do mundo, pátria do Evangelho*. Entre os encaminhados, elegemos aqui a senhora Yvonne do Amaral Pereira, para algumas considerações sobre suas faculdades, levando em conta serem elas um tanto diferenciadas das que possuem a maioria dos médiuns.

Entendemos que as faculdades mediúnicas da autora de *Memórias de um suicida* formam um complexo, porque são abrangentes, encerrando características distintas daquelas estudadas pelo codificador e seus seguidores. É um conjunto de caracteres psíquicos não encontráveis na maioria dos sensitivos. Suas faculdades têm algo a mais a ser observado. São uma demonstração de que não há mediunidade igual entre aqueles que a possuem, não obstante a rotulagem que se dê.

Dona Yvonne do Amaral Pereira nasceu em 1900 no Município de Santa Teresa de Valença (RJ), hoje cidade de Rio das Flores. Primogênita do casal Manoel José Pereira e Elizabeth do Amaral Pereira, teve uma infância incomum. Sofreu um ataque de letargia aos 29 dias de nascida e quase foi enterrada viva se não fosse a intervenção de sua mãe, que pediu a Maria de Nazaré por ela. Aos 5 anos de idade, já dotada de clarividência, via seu pai de outras vidas, Charles, e também o seu esposo de outras

reencarnações, Roberto de Canalejas. Já nesse tempo se desdobrava em corpo espiritual.

Rebelde desde criança (eu diria incompreendida), não reconhecia a autoridade de seu pai biológico porque acreditava que o Espírito Charles, que sempre se apresentava a ela, era o seu pai verdadeiro. Chorava muito com saudades dele e lamentava a ausência de Roberto. Por isso tinha longas crises de choro e depressão por causa da saudade e também pelas recordações dolorosas do Vale dos Suicidas, por onde passou, antes de sua atual reencarnação.

Estudou somente até a 4ª série primária. Aos 12 anos recebeu dois presentes de seu pai: *O evangelho segundo o espiritismo* e *O livro dos espíritos*. Muitos livros nos quais se debruçava eram emprestados. Quando gostava de um deles, copiava-o em papel para reler depois, quantas vezes desejasse. Aos 12 anos já escrevia contos e pequenos ensaios que eram publicados em periódicos locais, sem jamais de se preocupar em colecioná-los. Psicografava sobre caixotes à luz de velas, em papel-manilha (de embrulho). Aos 13 anos começou a frequentar sessões práticas de Espiritismo, pois as reuniões eram feitas em sua casa ou na casa de amigos.

Yvonne, desde jovem, ensinava bordados e outras prendas domésticas para as moças pobres que ela ajudava, cedendo a seus pendores de mulher caridosa. Ao ensinar, também falava de Jesus, recordando-se da necessidade que tinha de adotá-lo como modelo e guia em sua vida redentora. Detinha as seguintes faculdades: vidência, clarividência, psicofonia, psicografia, psicometria, inspiração, intuição, cura, receitista e efeitos físicos.

Trabalhou em diversos Centros Espíritas nos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, como médium nos trabalhos de desobsessão, como passista e como secretária. Muitos Centros Espíritas do Rio de Janeiro recusaram-na como colaboradora mediúnica em razão da burocracia, que exigia dela determinados procedimentos que ela não aceitava.

Somente à FEB confiou, a conselho dos Espíritos Bezerra de Menezes e Charles, as suas produções literárias mediúnicas. Disse Charles: “Se um

dia alguma delas for rejeitada, submete-te: guarda-a, a fim de refazê-la mais tarde, ou destrua-a. Mas, não a confies a outrem”. 301

Em 1980, dona Yvonne previu a data de sua desencarnação, vindo acontecer em 9 de março de 1984 durante uma cirurgia cardíaca, aos 83 anos de idade. Treze dias após seu desenlace, deu sua primeira comunicação mediúnica na FEB. Foi chamada por Chico Xavier de “a heroína silenciosa”, adjetivo que serviu de título à biografia escrita por Pedro Camilo. Gerson Sestini também escreveu uma biografia dessa médium vitoriosa, intitulada *Yvonne: a médium iluminada (O voo de uma alma, de Augusto Marques, foi a primeira biografia da médium; ela também escreveu uma autobiografia, chamada *À luz do consolador*)*.

Adotaremos o método de dar a palavra à própria médium para dizer das singularidades que complementaram o uso de suas faculdades mediúnicas a serviço da literatura espírita. Desse modo, o leitor ou a leitora poderá tirar suas próprias conclusões além de ter a sensação de estar ouvindo a heroína silenciosa. Destacaremos em itálico os momentos que entendemos mais significativos para nossa análise.

## 4.1 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Foi somente aos 8 anos de idade que se repetiu o fenômeno de desprendimento parcial a que chamamos ‘morte aparente’, o qual, no entanto, sempre espontâneo, dos 16 anos em diante se tornou, por assim dizer, comum em minha vida, iniciando-se então a série de exposições espirituais que deram em resultado as obras literárias por mim recebidas do Além por meio da psicografia auxiliada pela visão espiritual superior. Repetindo-se, porém o fenômeno, aos meus 8 anos, recebi, por dele, em quadros parabólicos descritos com a mesma técnica usada para a literatura mediúnica, o primeiro aviso para me dedicar à Doutrina do Senhor e do que seria a minha vida de provações, sendo essa exposição produzida singelamente, à altura de uma compreensão infantil.302

## 4.2 DE COMO FOI ESCRITO MEMÓRIAS DE UM SUICIDA

Porém, muito mais frequentemente, arrebatavam-me, ele e outros amigos e protetores espirituais, do cárcere corpóreo, a fim de, por essa forma cômoda e eficiente, ampliar ditados e experiências. Então, meu Espírito alçava ao convívio do mundo invisível e as mensagens já não eram escritas mas narradas, mostradas, exibidas à minha faculdade mediúmica para que, ao despertar, maior facilidade eu encontrasse para compreender aquele que, por mercê inestimável do Céu, me pudesse auxiliar a descrevê-las, pois eu não era escritora para o fazer por mim mesma! Estas páginas, portanto, rigorosamente, não foram psicografadas, pois eu via e ouvia nitidamente as cenas aqui descritas, observava as personagens, os locais, com clareza e certeza absolutas, como se os visitasse e a tudo estivesse presente, e não como se apenas obtivesse notícias por meio de simples narrativas. Se descreviam uma personagem ou alguma paisagem, a configuração do exposto se definia imediatamente, à proporção que a palavra fulgurante de Camilo, ou a onda vibratória do seu pensamento, as criavam. Foi mesmo por essa forma essencialmente poética, maravilhosa, que obtive a longa série de ensaios literários fornecidos pelos habitantes do Invisível e até agora mantidos no segredo das gavetas, e não psicograficamente. Da psicografia os Espíritos que me assistiam apenas se utilizavam para os serviços de receituário e pequenas mensagens instrutivas referentes ao ambiente em que trabalhávamos. E posso mesmo dizer que foi graças a esse estranho convívio com os Espíritos que me advieram as únicas horas de felicidade e alegria que desfrutei neste mundo, como a resistência para os testemunhos que fui chamada a apresentar à frente da grande Lei! (grifo da autora).<sup>303</sup>

Dona Yvonne, falando da recepção do livro *Memórias de um suicida*, declarou a Elisabeth Operti, que a entrevistava:

A minha mediunidade é semimecânica. No entanto, para receber esse livro, o mecanismo foi diferente. Eu ficava muito tempo fora do corpo, o que não é necessário na psicografia semimecânica. Principalmente, quando era o Léon Denis a trabalhar — porque aí tem 99,9% de Doutrina Espírita e há poucas divagações —, eu me via com aquela fita de ferro na cabeça e ficava com o queixo duro, como se fosse catalepsia. Mas eu não perdia a consciência, tanto que eu me via em cima e olhava para baixo e me via escrevendo. <sup>304</sup>

[...] eles me puseram a tal cinta que, creio, foi para provocar a regressão de memória. Aquilo doía muito. Há uma descrição, de Agenor Peñalva, em que ele diz que Oliver de Guzman, que é parente do Charles, pôs essa cinta na cabeça dele para ele lembrar o que tinha feito com a própria mãe, os erros que ele tinha cometido. <sup>305</sup>

É do conhecimento de todos os espíritas que o amado e saudoso Chico Xavier, também detentor de mediunidade positiva, ao psicografar os romances tinha, muitas vezes, a visão das cenas que relatava. Seu irmão André Luiz Xavier declara que Chico, ao escrever *Renúncia*, emocionava-se e chegava às lágrimas, pois assistia a tudo como se fosse um filme.

Com a médium Yvonne Pereira, tudo se passava diferentemente. Ela era desdobrada em espírito e assistia aos fatos que iria narrar com toda a crueza, chegando, mesmo, a se sentir agoniada com a realidade do que se passava no écran <sup>306</sup> do Infinito. Ao retornar à consciência plena, passava a escrever o que presenciou com toda a fidelidade possível ao médium.

O codificador nos ensina que

as instruções [dos Espíritos] podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vidência dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, como se vê tantas vezes na *Bíblia*, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. <sup>307</sup>

Notamos que a mediunidade da senhora Yvonne não está contemplada nessa relação. É de um tipo não comum e este autor desconhece qualquer estudo em sua direção.

Eu era médium de incorporação. Aliás — diz ela —, minha mediunidade toda é desse tipo positivo, que sofre tudo. Eu sofria tudo. Se era afogado ou enforcado, eu chegava a ficar com o pescoço roxo, a carótida crescia, a língua vinha para fora, os olhos arregalavam... Era uma coisa horrorosa! [...].<sup>308</sup>

[...] Eu não era médium de incorporação pura, mas eles incorporavam. De qualquer forma, sou médium positivo, senti tudo. Ainda em Lavras, numa sessão na casa de Pedrinho Romanelli, houve um Espírito que morreu aqui — nesse tempo, eu nem conhecia o Rio de Janeiro. Era um rapaz que dizia ter se jogado do Expresso de Santa Cruz. Eu nem sabia que, naquele tempo, havia um Expresso de Santa Cruz aqui. Ele ficou em pedaços! Havia, sobre a mesa, lápis, cadernos e papéis. Ele apanhava aquilo dizendo: aqui é a minha cabeça (ficava num desespero quando via a cabeça); pegava um lápis, dizia que era o coração. Foi uma coisa pavorosa! Essas impressões desaparecem depois do sono reparador, quando os Espíritos começam a melhorar. Depois disso, até que eles fiquem em condições de compreender os erros que fizeram, ainda demora um pouco.<sup>309</sup>

[...] Olhe, francamente... — principiou ela — a questão da mediunidade é muito, muito séria e complexa, sem dizer que, não raro, os homens a tornaram complicada. Se as pessoas se dispusessem a falar menos sobre aquilo que desconhecem, ouvindo, interpretando e aprendendo — em silêncio e com dedicação —, sou levada a crer que veríamos menos desastres mediúnicos.<sup>310</sup>

### 4.3 RECEITUÁRIO MEDIÚNICO

As receitas para enfermos, a mim concedidas por ele, no entanto, eram de preferência alopáticas, redigidas com o característico do médico encarnado. Servia-se da psicografia absolutamente mecânica, para esse fim, o que me torturava muito, parecendo que meu braço e minha mão, por ele acionados, fossem oprimidos dentro de uma luva de ferro, o que me produzia até mesmo tonturas e aflição. Enquanto isso, os demais Espíritos médicos que me concediam receituário se serviam da psicografia semimecânica, de forma que a caligrafia do amigo Roberto divergia profundamente da caligrafia dos demais. Era um Espírito caprichoso, que gostava de exigir o máximo das minhas faculdades mediúnicas; e sua ação nos casos de manifestações de Espíritos de suicidas em vários agrupamentos espíritas foi das mais belas e eficientes. Eu me adaptava de boa mente às suas exigências, nele reconhecendo o amigo atraindo de outrora que, em troca de traição, me cercava de afetos, contribuindo, com a boa vontade do coração, para o meu soerguimento moral-espiritual nas lutas do presente. 311

#### 4.4 UM TRANSE A SER ESTUDADO

Os excertos abaixo se referem a um profundo estado de transe em que dona Yvonne permaneceu por dois meses sem falar, sem se alimentar, não sendo medicada porque os facultativos não chegaram a um diagnóstico do que se passava com ela. Certo dia, solicitou papel e lápis, sentou-se e em cima de uma almofada escreveu uma dolorosa página que relatou o seu suicídio e o sofrimento que causou ao seu pai em vida anterior. Vale a pena o leitor ou a leitora buscar o texto completo. É algo inusitado e que somente merece crédito por ser ela a relatora.

[...] um choque nervoso que me manteve inconsciente, como desmaiada, durante dois longos meses. [...] O certo foi que durante dois meses permaneci em estado singular, como de transe incompreensível, estado de coma, por assim dizer, sem comer, sem falar, respirando debilmente, vencida por sonolência insólita, e alimentando-me artificialmente, com auxílio alheio. Não se tratava de transe letárgico, porque posteriormente recordei o que comigo se passou espiritualmente, e no estado de letargia não é possível a lembrança do que se passa com o espírito do paciente. Também não foi a catalepsia, porquanto não houve entorpecimento dos órgãos, e tampouco se tratava do transe sonambúlico, visto que também este não permite recordação dos acontecimentos desenrolados, após o despertar.

[...]

Os dois médicos requisitados para a minha cabeceira não encontraram doença em meu organismo físico. [...]. Não obstante, vivi intensamente da vida espiritual durante aqueles dois meses e lembro-me de quanto se passou com o meu espírito, enquanto o corpo material se mantinha assim inanimado. Revivi então episódios graves de minhas existências passadas e atrasadas, existências cujos erros cometidos ocasionaram as lutas do presente, as quais em parte aqui

descrevo. [...] Entrementes, a cena culminante do meu suicídio foi extraída dos meus arquivos mentais com detalhes patéticos para mim mesma, exatamente os detalhes que serviriam de instrução e estímulo na situação em que me encontrava. 312

Não temos dúvidas que nossos leitores aprenderam um pouco mais sobre a complexidade do fenômeno mediúnico com a médium Yvonne. A leitura de seus livros, em especial os referenciados aqui, é indispensável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar se existe diferença entre clarividência e vidência, entre clariaudiência e audiência, argumentamos que pouco importa o nome que dermos ao fenômeno, já que o resultado é o que nos interessa. Verificamos que Allan Kardec nos deixa entender que dupla vista, segunda vista, clarividência e vidência são a mesma coisa. Aprendemos que, por sua natureza, a vidência é faculdade que pertence à alma. Diz o codificador que ela se dá pelo sentido espiritual, ou psíquico, o que significa anímica. Mas, em determinadas ocasiões, pode ser considerada como faculdade mediúnica, se estiver sendo usada por uma entidade espiritual para transmitir uma mensagem qualquer. Dito isso, lembramos que a mensagem pela vidência sofre o impositivo da lei que atua na comunicação mediúnica: a filtragem mental, que faz o sensitivo dar o “recado” que recebe da entidade espiritual da forma como a entende, porque o subordina às suas condições culturais e intelectuais. Quanto a esse determinismo, diz André Luiz que:

É natural, dessa forma, que as dificuldades da filtragem mediúnica se façam, às vezes, extremamente preponderantes, porquanto, se não há riqueza de material interpretativo no fulcro receptor, as mais vivas fulgurações angélicas passarão despercebidas para quem as procura, com sede da luz do Além.<sup>313</sup>

Ao estudar o êxtase, verificamos que ele é resultante de um sonambulismo mais apurado, favorecendo o médium no alcance de regiões espirituais distantes da Terra, podendo trazer, após despertar, valiosas revelações e ensinamentos. No entanto, o médium extático corre o risco de se deixar influenciar pelas ideias preconcebidas, sendo vítima de falsas interpretações do que vê e do que ouve. Somente os Espíritos de elevada condição espiritual estariam indenes de serem presas de Espíritos inferiores que se apresentam de forma enganadora, para atender aos desejos

inconscientes do extático como, por exemplo, na forma de entidades celestiais.

O estudo realizado neste capítulo sobre a vidência e audiência não esgota o assunto, já que sobre fenomenologia mediúnica muito pouco se sabe até agora. Cremos, no entanto, que o resumo apresentado seja um bom início para se praticar aquelas faculdades com mais segurança, desde que levada em consideração a sua complexidade, habilitando-nos melhor para avaliar os resultados da visão e da audição, não sendo vítimas da ingenuidade e da ignorância dos fatos, mas agindo com bom senso e racionalidade.

O interesse em falar da pessoa de dona Yvonne do Amaral Pereira não está atrelado somente à originalidade de sua faculdade mediúnica mas, também, em prestar merecida homenagem àquela senhora que, quase que anonimamente, desenvolveu magnânimo trabalho na área da mediunidade e despertou-nos para que mais atenção tivéssemos com os suicidas, oferecendo-lhes o refrigério das orações, lendo seus atrozes sofrimentos.

Para finalizar, oferecemos algumas recomendações para avaliar o resultado da vidência e da audiência:

a) Questione sempre, mentalmente, no momento do fenômeno, querendo saber o porquê do que vê e do que ouve; qual a relação que o fato tem com seus pensamentos ou com os pensamentos dos circunstantes ou, ainda, com os objetivos da reunião mediúnica da qual participa. Leve sempre em consideração a fenômeno da ideoplastia, produzido pelos circunstantes encarnados e desencarnados;

b) Tome precauções, ao decidir relatar o que vê e o que ouve a quem quer que seja, evitando expor a confiança e a credulidade conquistadas no meio em que atua. Exemplo: se a vidência ou a audiência revela que determinada pessoa está com uma enfermidade qualquer, sugerimos aconselhá-la, de forma sutil, no momento certo, a consultar um especialista, podendo informar que teve uma inspiração ou um sonho;

c) Jamais seja contundente no revelar a terceiros o que viu e que ouviu, pois você pode ter sido vítima de influência espiritual de ordem inferior, de ideoplastia e do seu inconsciente. Mais uma vez zele pelo respeito que seus companheiros têm por você. Seja humilde, debata com eles, antes de levar à pessoa envolvida o que viu ou o que ouviu a respeito dela.

---

301 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *À luz do consolador*. Cap. 11, 1998.

302 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Recordações da mediunidade*. Cap. “Faculdade nativa”, 2012.

303 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um suicida*. “Introdução”, 2014.

304 CAMILO, Pedro. *Pelos caminhos da mediunidade serena*. 6ª entrevista, 2010.

305 Nota do autor: Ver *Memórias de um suicida*. Segunda parte, cap. 2.

306 N.E.: Palavra francesa para designar quadro sobre o qual se projeta imagens; tela de cinema.

307 KARDEC, Allan. *A gênese*. Cap. 1, it 9, 2013.

308 CAMILO, Pedro. *Pelos caminhos da mediunidade serena*. “Sétima entrevista”, 2010.

309 CAMILO, Pedro. *Pelos caminhos da mediunidade serena*. “Sétima entrevista”, 2010.

310 Id. Ibid.

311 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Recordações da mediunidade*. Cap. “Materializações”, 2013.

312 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Recordações da mediunidade*. Cap. “Os arquivos da alma”, 2013.

313 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 18, 2013.

## CAPÍTULO 5

### DOS EFEITOS FÍSICOS E SUAS RAZÕES

Os fenômenos de efeitos físicos se deram com uma profusão nunca vista a partir das irmãs Fox, em Hydesville, no Condado de Wayne, em Nova Iorque, Estados Unidos, em 1847. Continuaram de forma prodigiosa durante a codificação do Espiritismo, em vários países da Europa e do continente americano, numa demonstração inequívoca de que eram orquestrados pelos Espíritos superiores, para chamar a atenção de todos sobre a vida além da morte.

Em Paris, a partir da segunda metade daquele século, inúmeras famílias francesas se reuniam em volta de uma mesa para interrogá-la a respeito dos mais corriqueiros assuntos, no entanto os Espíritos que a movimentavam não se cansavam, pois estavam a serviço de um plano maior, ainda não vislumbrado pelos homens comuns. Era o maior acontecimento do século. Os jornais abriam espaços para dizer e comentar sobre as diatribes das mesas ou pranchetas. Uns faziam piadas e anunciavam que tudo não passava de embuste, pois nem todos conseguiam resultados satisfatórios com elas; outros periódicos tratavam os fenômenos com imparcialidade, admitindo sua veracidade em razão dos testemunhos de cidadãos respeitáveis da intelectualidade parisiense.

Várias teorias foram aventadas para explicar a manifestação das famosas mesas:

1ª) Teoria mecânica, ou teoria das ações musculares inconscientes do médium;

2ª) Teoria telecinética, segundo a qual elas eram movidas em direção contrária ao efeito habitual do peso por uma força comunicada a esses objetos, a distância, por pessoas vivas.

Finalmente, uma inteligência sensível, muito acima das outras de sua época, estabelece a 3ª teoria, a espírita: admite que inteligências desencarnadas imprimem aos objetos o mesmo movimento que nós mesmos lhes poderíamos comunicar. Não obstante as várias teorias para lhes explicar os elevados motivos de suas ações e o descrédito de muitos, as *mesas girantes e falantes* se impuseram e entraram na história, não só do Espiritismo, mas, conseqüentemente, da humanidade, graças ao professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, quando interrogou inteligentemente as mesas e percebeu que, por trás daqueles fatos, havia uma inteligência, a do Espírito, que passou a responder questões de interesse geral dos homens, no campo da Ciência, da Filosofia e da Religião.

É bom que nos estendamos um pouco sobre a fenomenologia das manifestações ectoplasmáticas nos séculos XIX e XX, sucedidas em várias partes do nosso planeta, para que nos assenhoreemos da importância do seu papel na história do espírito humano.

Os fenômenos espíritas de efeitos físicos foram usados pelo Exército de Deus — os Espíritos superiores — como uma trombeta — tal como o profeta Josué usou-a para derribar os muros de Jericó —, abalando as fortalezas do pensamento materialista, da hipocrisia religiosa e da incredulidade no mundo espiritual, construídas, ao longo dos séculos, com a argamassa dos interesses imediatistas oferecida por aqueles que se esqueceram dos ensinamentos de Jesus.

O codificador não vai esquecer o quanto as manifestações físicas espontâneas contribuíram para o seu trabalho de divulgação e implantação do Espiritismo entre nós. Na segunda parte de *O livro dos médiuns*, dedica os capítulos IV, V e IX ao estudo daqueles fenômenos, concluindo:

Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão, algumas explicações

lhes devemos, tanto mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas que os produzem ficará facilitado e, uma vez firmada, a teoria nos fornecerá a chave para a decifração dos efeitos mais complexos.<sup>314</sup>

Para as inteligências reféns da ciência materialista, necessário se fazia que fatos detectados pelos sentidos físicos se realizassem diante deles, para que os salões de festas, onde as mesas girantes divertiam as almas infantilizadas, dessem lugar às salas de reuniões mediúnicas transformadas em laboratórios para o estudo e a compreensão de uma nova ciência que não se subordinava aos princípios das teorias newtonianas. E como era esperado pelas inteligências superiores que coordenam o nosso progresso na Terra, as manifestações despertaram o interesse científico de homens que se empenhavam na busca da verdade.

Um dos primeiros exemplos de conversão do materialismo para o Espiritismo, em razão dos fenômenos ectoplasmáticos, e que merece ser relatado aqui, foi o do norte-americano John Worth Edmonds, ex-juiz do Supremo Tribunal de Nova Iorque, sendo, à época, um dos homens mais respeitados dos Estados Unidos. Em janeiro de 1851, Edmonds começou suas investigações no campo da fenomenologia espiritualista e, em abril daquele mesmo ano, faz o seguinte relato, o qual absorvemos de Wantuil:

Fiz parte de um grupo de nove pessoas e nos assentamos em torno de uma mesa colocada no meio do quarto, sobre a qual se achava um lampião aceso. Um outro lampião permanecia em cima da lareira. Dentro em pouco a mesa foi elevada pelo menos a um pé (33 centímetros aproximadamente) do soalho, e sacudida para frente e para trás, com largo desembaraço. Alguns de nós tentamos retê-la, empregando toda a força de que dispúnhamos, mas em vão. Afastamo-nos todos para longe da mesa, e, à luz dos dois lampiões, vimos este pesado móvel de acaju suspenso no ar. Tomei a resolução de prosseguir essas investigações, decidido a esclarecer o público,

pois pensava que tudo não passasse de ilusão; minhas pesquisas, porém, me conduziram a um resultado totalmente oposto.315

É agora Wantuil quem escreve:

A divulgação dessas experiências com as mesas, e a seguir a conversão do juiz Edmonds, materialista que sempre rira da crença nos Espíritos, que sempre escarnecera de quem quer que fosse que acreditasse manter relações com um mundo espiritual, pasmaram a todos os norte-americanos, aumentando ainda mais o interesse pelas manifestações inteligentes e ultratumulares.316

O exemplo do juiz Edmonds vai ser seguido por muitos intelectuais e sábios ilustres dos séculos XIX e XX, encontrando-se entre eles William Crookes (1832–1919); César Lombroso (1835–1909); Camille Flammarion (1842–1925); Léon Denis (1846–1927); Charles Richet (1850–1935); Paul Gibier (1851–1900); Gabriel Dellane (1857–1926) Ernesto Bozzano (1862–1943); Gustave Geley (1868–1924), pedindo desculpas a tantos outros por não citá-los.

## 5.1 EUSAPIA PALLADINO

Nascida na Itália, a mediunidade de Eusapia aflorou no ano de 1868, quando tinha apenas 14 anos de idade. Dali por diante o seu trabalho no campo das pesquisas psíquicas foi de tal relevância que se pode dizer ter sido uma das maiores médiuns do mundo. Tornou-se conhecida no mundo científico a partir das experiências a que foi submetida por Cesare Lombroso, em 1891. Os fenômenos físicos produzidos por meio de Eusapia foram de vários matizes: movimento de objetos, levitação de mesas e dela própria; aparição de luzes, materializações de Espíritos, execução de trechos musicais sem contato humano e outros. Inúmeros cientistas que fizeram pesquisas por seu intermédio, em centenas de sessões, eram ferrenhos detratores do Espiritismo, objetivando tão somente demonstrar possíveis fraudes. No entanto, ela conseguiu convencer a grande maioria desses sábios, apesar de eles desconhecerem os mais elementares rudimentos sobre a dinâmica dos fenômenos mediúnicos. Diante dos fenômenos propiciados por intermédio de Eusapia Palladino, desfilaram sábios de renome, tais como Aksakof, Charles Richet, Oliver Lodge, Ochorowicz, Albert de Rochas, Camille Flammarion, Gabriel Delanne e Ernesto Bozzano, que se inclinaram diante dos fatos e se confessaram crentes na existência do Espírito após a morte do corpo físico.

Ao falar dessa extraordinária senhora que, sem dúvida, veio ao mundo com a missão de contribuir com a Ciência para comprovar que os *Espíritos sopram onde querem*, sinto-me entusiasmado para lembrar ao leitor e, em especial, à leitora, que os Espíritos femininos formaram, no exército do Senhor, um extraordinário batalhão. Observa-se, no estudo dos fenômenos de efeitos físicos ao longo da história do Espiritismo, a proeminente contribuição do sexo feminino na condição de médium a servir de instrumento de pesquisa para a comprovação científica da vida além da morte. Loureiro,<sup>317</sup> merecedor de nosso reconhecimento e gratidão, elencou quase uma centena de senhoras que se prestaram à comprovação da

realidade espiritual. Entre as notáveis médiuns de países estrangeiros, encontramos 14 brasileiras, destacando-se Hilda Negrão, Otília Diogo, Adelaide Câmara, Yvonne do Amaral Pereira, Zilda Gama, Dolores Bacelar e Anna Prado, para a qual reservamos o item seguinte, em vista do seu pioneirismo no Brasil na realização das manifestações espontâneas de efeitos físicos.

## 5.2 ANNA PRADO

Durante os anos de 1918 e 1921, uma gama de surpreendentes fenômenos espíritas de efeitos físicos despertaram o Brasil e, especialmente, a cidade de Belém do Pará. Era protagonista dos fatos a senhora Anna Prado, historicamente considerada a primeira médium no Brasil a possibilitar a realização de extraordinários fenômenos de materialização, em sessões que aconteciam em sua própria residência.

De início, deu-se o fenômeno de transporte, no qual os Espíritos fizeram aparecer, sob pequena mesa situada na sala e devidamente fechada, uma bela flor. Começava assim a saga dos fenômenos realizados por Anna Prado, aos quais o pequeno grupo familiar assistiria ao longo de três anos. Durante esse período, a médium era submetida a situações vexaminosas, pois os incrédulos insistiam, em nome da verdade, que a possibilidade de fraudes fosse eliminada. Era, aqui em nosso país, a mediunidade de efeitos físicos cumprindo com sua missão. Os assistentes foram, ao longo dos três anos, contemplados com moldagens em parafina, de mãos e pés humanos, apresentados com os dedos curvados, demonstrando, obviamente, a impossibilidade de terem sido feitos com formas de humanos. Para maior espanto e admiração, moldes de flores em parafina também eram realizados à frente de todos.

Um dos feitos mediúnicos mais expressivos e emocionantes de Anna registrou-se em 28 de abril de 1921, quando o Espírito Rachel Figner se materializou na presença de seu pai, Frederico Figner,<sup>318</sup> proprietário da conceituada Casa Edison, uma das primeiras gravadoras brasileiras, fundada em 1900 no Rio de Janeiro. Assim deu-se o episódio:

[...] Surgiu, junto à cortina, uma jovem, com todas as aparências e gestos de Raquel a tal ponto que D. Ester, sua mãe, exclamou: “É Raquel!”. Os gestos eram absolutamente os da filha dos Figner, e mesmo o corpo, a forma “o vestidinho acima do tornozelo, de mangas curtas e um pouco decotado”. Apresentou-se, assim, diante dos

assistentes na reunião de Ana [sic] Prado, e, muito especialmente, face a face com os seus pais.<sup>319</sup>

Os fenômenos de efeitos físicos que ocorreram em Belém do Pará, sob os auspícios de Anna Prado, ombreiam-se aos mais notáveis já obtidos em várias partes do mundo. A paraense integra, sem nenhum favor, a galeria dos grandes médiuns que contribuíram, com sofrimento e profundos desgostos, para o engrandecimento e consolidação da Terceira Revelação. Não se sabe com segurança o dia em que ela nasceu, mas o dia em que desencarnou, em 24 de abril de 1923, em Belém, não será esquecido por aqueles que reconhecem o valor de sua entrega em nome da verdade espiritual.<sup>320</sup> Não é em vão que o poeta do Espiritismo declara:

Encontram-se, em ambos os sexos, excelentes médiuns; é à mulher, entretanto, que parecem outorgadas as mais belas faculdades psíquicas. Daí o eminente papel que lhe está reservado na difusão do novo Espiritualismo. A grande sensibilidade da mulher a constitui o médium por excelência, capaz de exprimir, de traduzir os pensamentos, as emoções, os sofrimentos das almas, os altos ensinamentos dos Espíritos celestes. Na aplicação de suas faculdades encontra ela profundas alegrias e uma fonte viva de consolações. A feição religiosa do Espiritismo a atrai e lhe satisfaz as aspirações do coração, as necessidades de ternura, que estendem, para além do túmulo, aos entes desaparecidos. O perigo para ela, como para o homem, está no orgulho dos poderes adquiridos, na suscetibilidade exagerada. O ciúme, suscitando rivalidades entre médiuns, torna-se muitas vezes motivo de desagregação para os grupos.<sup>321</sup>

### 5.3 CARMINE MIRABELLI

Como exemplo de potencial mediúnico de efeitos físicos, evocamos aqui um cidadão brasileiro, cujo nome atravessou fronteiras pelos admiráveis fenômenos realizados por ele. Trata-se de Carmine Mirabelli. Nasceu em Botucatu (SP), em 1889, e desencarnou em 1951, atropelado. Foi o médium mais completo em todo o mundo e de todos os tempos. Nas experiências psíquicas, Mirabelli era amarrado e, às vezes, ficava com o mínimo de roupas no corpo, para que todos tivessem a certeza que suas demonstrações mediúnicas não fossem fraudes; portas e janelas do local eram lacradas, sendo assegurada a melhor iluminação possível para que todos pudessem observar os fenômenos em detalhes.

Carmine Mirabelli gerou uma imensa variedade de fenômenos; uma variedade jamais igualada por nenhum outro médium. Acredita-se que muitos de seus fenômenos resultavam de suas próprias forças psíquicas, sem o envolvimento de entidades espirituais. O paulista de Botucatu possuía virtudes mediúnicas jamais alcançadas por outro ser humano. Entre suas 11 faculdades, além da de efeitos físicos, destacamos precognição, psicografia (em 28 línguas vivas e mortas), psicofonia (em 26 idiomas), telepatia e clarividência... Mirabelli dispensava a penumbra para a realização dos fenômenos físicos por ele produzidos, que foram observados por mais de 500 pessoas de elevado nível cultural, estando entre elas 72 médicos e 105 estrangeiros.

Quanto ao futuro dos efeitos físicos, já em 1960, o Espírito André Luiz deixava claro que a intenção da Espiritualidade era a de, aproveitando o avanço da ciência e da compreensão dos encarnados sobre o uso do ectoplasma, dar uma nova direção ao fenômeno:

A nós, os Espíritos desencarnados, interessa, no plano extrafísico, mais ampla sublimação, para que façamos ajustamento de determinados princípios mentais, com respeito à execução de tarefas específicas. E aos encarnados interessa a existência em plano moral

mais alto para que definam, com exatidão e propriedade, a substância ectoplasmática, analisando-lhe os componentes e protegendo-lhe as manifestações, de modo a oferecerem às inteligências superiores mais seguros cabedais de trabalho, equacionando-se, com os homens e para os homens, a prova incontestada da imortalidade. 322

Para encerrar este capítulo, convido o leitor ou a leitora para analisarmos o registro que o médico de Nosso Lar faz no capítulo 28 do livro *Nos domínios da mediunidade* a respeito de uma reunião de efeitos físicos. O objetivo é realçar os cuidados e o conhecimento dos riscos que deverá ter aquele que pretenda realizar tal intento. Inicialmente somos informados que somente um motivo nobre faz com que possamos contar com a presença de Espíritos sérios e elevados, já que — diz o mentor Áulus — a maioria das reuniões de materialização, exceto as respeitáveis experiências com vistas a beneficiar a humanidade, não justifica a presença e o esforço da Espiritualidade maior. Observa-se que aparelhos para emissão de raios curativos são instalados, enquanto o ambiente é ionizado para combater as bactérias e os vibriões mentais deixados no ar e nas paredes pelas mentes humanas indisciplinadas. O médium recebe amparo no sistema circulatório e no aparelho digestivo para garantir sua integridade física. No ambiente em penumbra, são entoados hinos de elevada composição e harmonia musical para se manter o equilíbrio vibracional do recinto. Os Espíritos extraem energias das pessoas e de coisas da sala e da natureza em derredor e combinam com elementos espirituais, sendo levada a composição para a câmara onde o médium permanece em sono induzido e, com ajuda dos mentores, desdobra-se e se afasta, deixando seu corpo totalmente inerte a expelir uma matéria assemelhada a uma geleia viscosa e semilíquida por todos os seus orifícios naturais. É o ectoplasma, substância associada ao pensamento do médium e que, por essa razão, tem todo cuidado dispensado pelos desencarnados, pois a *intervenção do médium nos trabalhos pode acontecer* em virtude de sua *educação mediúnica não satisfatória*, considerando que a *materialização de Espíritos e objetos do plano espiritual exige a desmaterialização moral do médium e dos*

*assistentes encarnados*. O material usado para a materialização é um composto de forças superiores e sutis da esfera espiritual, de recursos oferecidos pelo médium e pelos assistentes, e de energias tomadas à natureza da Terra. Dependendo da quantidade maior ou menor de um desses elementos, a materialização varia em qualidade, pois, onde predomine aquela parcela oferecida pelos encarnados, o concurso da Espiritualidade fica reduzido, dependendo substancialmente de forças inferiores. Em qualquer trabalho mediúnico, há necessidade de *completa isenção de ânimo do médium e dos assistentes* para que as *formas materializadas não sofram a intervenção de suas vontades*. A mediunidade de efeitos físicos, como qualquer outra na Terra, não traz consigo nenhuma sublimidade, pois é neutra, e seus resultados dependem das qualidades morais de quem a possui. *O ectoplasma* é manipulado como são as outras forças da mediunidade no intercâmbio, *tendo origem no psicofísico do sensitivo*. Se ele estiver alimentando interesses inferiores ou distintos dos objetivados no momento, e os assistentes imbuídos de propósitos malsãos, *influirão nos resultados da experiência em foco*. Reconhecemos serem *fatores incipientes*, com os quais ainda necessitamos contar na falta de outros mais dignos e conscientes do mandato, e que melhor correspondam à tarefa enobrecida pelos seus propósitos. Registra-se que um dos Espíritos solicita auxílio magnético do mentor Áulus, e observa que a *câmara do médium está sufocada de toxinas*, pela *falta de pensamentos elevados dos encarnados*, deixando diminuída a capacidade de ação do médium fora do corpo, e diz que a *materialização de ordem superior não será atingida* e que o médium desdobrado apenas poderá incorporar a enfermeira para oferecer o socorro às irmãs enfermas. Áulus transfere energias do corpo físico do médium para seu perispírito (que está desdobrado), melhorando sua atuação. No momento em que seu veículo físico se prostra profundamente, seu perispírito demonstra mais vitalidade. A partir de então, ele incorpora na benfeitora espiritual, que o conduz cuidadosamente em direção à sala. É oportuno lembrar a você que o médium desdobrado está consciente de tudo o que se passa, enquanto fora do corpo; mas, ao retornar, de nada se lembrará e, embora esteja sob controle da enfermeira, não estará

anulado psiquicamente, *podendo alimentar qualquer desejo menos digno e prejudicar o resultado do esforço da equipe espiritual*. À medida que o medianeiro adentra a sala, sua luminosidade se esmaece, *sendo atingido pelas emissões mentais escuras dos presentes, que expressam petições absurdas e críticas veladas a certas particularidades do fenômeno*. A enfermeira aplica raios curativos nas enfermas e, terminada essa tarefa, um desencarnado toma diminuta porção de ectoplasma e forma seu polegar e indicador de ambas as mãos, sai e colhe flores do ambiente externo e as distribui entre os presentes. Esclarece Áulus que isso é possível porque o ectoplasma não encontra obstáculos de transposição na parede e que, sob o controle de técnicos especializados em desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los imediatamente; que, também, o próprio médium traspassaria a parede, tal como aconteceu com as flores. Vimos que, por meio de Anna Prado, os Espíritos materializaram mãos e flores com uso de parafina fervente e deixou para os encarnados os primorosos moldes como lembrança daqueles momentos.

Os itálicos têm o propósito de chamar sua atenção para a complexidade do fenômeno que, por ser tão denso e distinto de um fenômeno intelectual, pode levar o assistente à conclusão de que não é possível haver ali animismo ou fraude. Concluímos que os resultados dependerão sempre da condição moral do médium e dos assistentes. A lei é uma só: os fenômenos mediúnicos estão submetidos à capacidade mediúnica do médium.

Não podemos esquecer que o campo de oscilações mentais do médium — envoltório natural e irremovível que pulsa do espírito — é o filtro de todas as operações nos fenômenos físicos. [...] Basta leve modificação de propósito na personalidade medianeira, seja em matéria de interesse econômico ou de conduta afetiva, para que se lhe alterem os raios mentais. Verificada semelhante metamorfose, esboçam-se-lhe, na aura ou fulcro energético, formas-pensamento,

por vezes em completo desacordo com o programa traçado no plano superior [...].<sup>323</sup>

---

314 KARDEC, Allan. O livros dos médiuns. Segunda Parte, cap. 2, it. 60, 2013.

315 WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. it. 2, 1994.

316 Id. Ibid.

317 LOUREIRO, Carlos Bernardo. *As mulheres médiuns*. 1996.

318 Nota do autor: Frederico Figner (1866–1947) foi um emigrante tcheco de origem judaica que se radicou no Rio de Janeiro. Nos últimos anos do século XIX, teve o primeiro contato com o Espiritismo e passou a trabalhar incessantemente na FEB até pouco antes de morrer, atendendo a doentes que procuravam a instituição em busca de tratamento espiritual. Com o pseudônimo *Irmão Jacob*, ditou o livro *Voltei*, pelo médium Chico Xavier, editado pela FEB.

319 LOUREIRO, Carlos Bernardo. *As mulheres médiuns*. “Anna Prado”, 1996.

320 Nota do autor: Para um estudo completo sobre a médium, ver MAGALHÃES, Samuel Nunes. *Anna Prado: a mulher que falava com os mortos*, 2012.

321 DENIS, Léon. *No invisível*. Primeira parte, cap. 7, 2011.

322 XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 17, 2013.

323 XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 17, 2013.

## CAPÍTULO 6

### DA REUNIÃO MEDIÚNICA

*Toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível. Está entendido que falamos das em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis.* 324

## 6.1 NATUREZA DA REUNIÃO MEDIÚNICA

Creio que o ajuntamento de pessoas para a formação de um grupo mediúnico de caráter sério tem duas origens, pelo menos. A primeira seria o compromisso assumido por Espíritos ainda no plano espiritual, como programa necessário e fundamental ao resgate e crescimento moral de todos. O segundo se origina a partir de um entendimento, de acordo, contrato entre um ou mais encarnados com desencarnados interessados no mesmo propósito. Esse entendimento acontece durante a noite, quando nos desdobramos e buscamos o diálogo com os Espíritos bem-intencionados em atuar na Seara do Mestre Jesus. Para formação de grupo de desobsessão com a segurança e eficiência que ele exige, sugerimos ao leitor o estudo da obra de Hermínio Corrêa de Miranda: *Diálogo com as sombras*.

O acordo do qual falamos estabelece compromissos para ambas as partes. Caberá à Espiritualidade:

a) Fazer uma preparação antecipada de até quarenta horas, quando são trazidos os participantes desencarnados, ou psiquicamente se fazer a sincronia fluídica dos mesmos com os médiuns que os irão *incorporar*;

b) Preparar e proteger o equipamento fisiológico do médium para a mediunização (Mais informações, vide nesta 3ª Parte, cap. 2, subitem 2.3.1);

c) Destacar especialistas para o programa de comunicações, dias antes de sua execução;

d) Eleger os médiuns que irão incorporar tal ou qual Espírito conforme as leis das afinidades fluídicas que facultem o correto funcionamento mediúnico;

e) Conduzir Espíritos a serem amparados, com antecedência de até um dia ou mais, quando se trate de comunicações de suicidas, de homicidas, de obsessores, de criminosos cruéis, a fim de serem criados condicionamentos psíquicos que propiciem a diminuição das suas cargas de energia deletéria,

de forma que, durante a psicofonia, o médium seja poupado do desgaste excessivo e o visitante seja automaticamente beneficiado;

f) Instalar instrumentos delicados, de alta tecnologia, para serem utilizados durante as manifestações mais vigorosas, de modo que sejam realizadas cirurgias nos enfermos espirituais, vitimados por auto-obsessões ou alo-obsessões, ou que se tornaram portadores de implantes de células supersensíveis que os enlouquecem, sob comando exterior;

g) Proceder à assepsia do ambiente com aparelhagem especial, diluindo os fluidos mais pesados que aderiram às paredes e ao teto ou que permanecem na psicofera do ambiente, não somente no ar como no solo onde será realizada a reunião.<sup>325</sup>

h) Garantir a segurança da reunião, estabelecendo três faixas magnéticas: uma protegendo os trabalhadores encarnados e os Espíritos responsáveis pela tarefa; outra mantendo disciplinarmente Espíritos necessitados de serem assistidos mediunicamente; e uma terceira circundando o edifício, mantendo sentinelas eficientes, impedindo a turba de irmãos que ainda não podem partilhar da reunião;

i) Assegurar a presença de enfermeiros especializados com as respectivas macas para conduzir aos devidos aposentos aquelas entidades adormecidas magneticamente, na expectativa de despertarem calmos e melhorados interiormente;<sup>326</sup>

j) Espargir fluidos magnéticos no ambiente da reunião com a finalidade de servirem de fundo para a criação de quadros visuais durante as instruções aos pacientes, e combate às vibrações nocivas, inquietantes e desarmoniosas dos Espíritos sofredores presentes e mesmo de algum colaborador terreno que deixe de orar e vigiar naquele dia.<sup>327</sup>

Aos trabalhadores encarnados (dirigentes, médiuns, passistas e outros), compete:

a) Desenvolver esforços no sentido do seu aperfeiçoamento moral, conforme os ensinamentos evangélicos;

b) Estudar as obras básicas (em especial *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*) e outros que promovam o seu crescimento intelectual em todas as direções;

c) Superar obstáculos e ser assíduo e pontual;

d) Manter hábitos salutareos na alimentação e discrição no vestir;

e) Harmonizar-se com os membros da equipe mediúnica.

É durante a reunião mediúnica, a qual o codificador denomina *de experimentação*, que os dirigentes, esclarecedores, médiuns, passistas e demais cooperadores estarão colocando em uso os conhecimentos que adquiriram com o estudo da mediunidade e suas complexidades. Mas não somente o saber deve contar. Nesse momento se faz necessário, antes de tudo, o controle das emoções inferiores e a manifestação dos sentimentos elevados. Os valores intelectuais serão coadjuvantes da ação caridosa, favorecendo a unidade de ação entre os operários dos dois planos da vida, que se conjugam com mais força naqueles instantes. As ondas mentais dos membros da reunião, quando não devidamente sintonizadas com os propósitos dos trabalhos mediúnicos, dificultam e, às vezes, impedem a comunicação, objeto da reunião.

Os “vivos” deverão se colocar na condição de parceiros dos “mortos”, responsáveis pelo planejamento e pela execução dos trabalhos a serem realizados, pois detêm informações detalhadas dos irmãos que serão socorridos na ocasião, bem como conhecimentos técnicos dos quais estamos distantes de senhorear.

[...] os médiuns educados à luz da áurea moral cristã são iniciados modernos, e, por isso, devem saber que os postos que ocupam, no seio da escola a que pertencem, fatalmente terão de obedecer a dois princípios essenciais e sagrados da iniciação cristã heroicamente

exemplificados pelo Mestre insigne que a legou: Amor e  
Abnegação. 328

## 6.2 IMPORTÂNCIA DA REUNIÃO MEDIÚNICA

Há quem seja de opinião de que não é necessário se manter em um Centro Espírita a tradicional reunião de desobsessão por incorporação, pois os Espíritos poderão ser doutrinados e esclarecidos por meio de preces, irradiações, correntes magnéticas e, no plano espiritual, por Espíritos que têm mais força moral que a maioria dos doutrinadores encarnados. Há quem afirme que o processo de desobsessão pela incorporação já teve o seu tempo. Interrogado a respeito, o médium e orador Divaldo Franco respondeu:

Faz-se imprescindível que toda Casa Espírita mantenha um trabalho de desobsessão. [...] A sessão de desobsessão é de muita importância, não só para os que estão obsidiados, na alienação, como para aqueles que estão sob injunção de Entidades perversas e ainda não se deram conta...<sup>329</sup>

O Espírito Vianna de Carvalho afirma que

a incorporação ou psicofonia dos Espíritos sofredores tem como meta socorrê-los com misericórdia e amor, convidando-os à libertação das fixações físicas e psíquicas que permanecem após a disjunção cadavérica.<sup>330</sup>

Allan Kardec buscou saber por que se fazia necessária a cooperação do homem para moralizar os desencarnados, quando os Espíritos superiores teriam mais poder de influência do que o próprio homem... A resposta revelou que os Espíritos sofredores têm necessidade de ouvir os encarnados, pois nem sempre podem ouvir os Espíritos superiores:

[...] Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, *sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o*

ascendente que o homem pode exercer sobre *os Espíritos inferiores*, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o Céu e a Terra (grifo nosso). 331

Pode ser que, em outras esferas, métodos mais avançados já não façam uso da desobsessão pela incorporação; no entanto, nas esferas próximas à Terra, das quais temos notícias, o método ainda se faz necessário: leia-se as obras dos Espíritos André Luiz e de Manoel Philomeno de Miranda. As reuniões *lá* são geralmente um prolongamento das de *cá*.

Necessário se faz compreender que a reunião de desobsessão dá aos que ainda mourejam no plano físico a oportunidade de praticar a caridade sem saber a quem e devolver, sem dúvida, o que recebeu de outros encarnados antes de reencarnar.

Outra razão bastante significativa existe para que a instituição espírita mantenha uma reunião de desobsessão nos moldes ensinados pelo Espírito André Luiz. Quem já leu os livros *Instruções psicofônicas* e *Vozes do grande além* e refletiu sobre suas adendas compreenderá bem o que este autor está falando. As obras são uma coletânea de mensagens gravadas nas reuniões de desobsessão do Grupo Meimei, que começou funcionando no Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo (MG). A partir de 1952 até 1956, as mensagens psicofonadas pelo saudoso médium Francisco Cândido Xavier — que atuava no grupo dando passividade a Espíritos sofredores — foram gravadas e depois repassadas para o papel. São de estudos profundos sob temas da vida além da morte e muitas são revelações de experiências interessantíssimas e dramáticas, vividas por aqueles que as revelaram. Porém não foi somente essa colaboração que aquele grupo de médiuns deixou para quem trabalha nessa área da desobsessão. Foram feitas anotações, até então, inéditas, registrando os tipos de Espíritos atendidos, suas condições morais e o aproveitamento deles após receberem os cuidados dos médiuns e dos esclarecedores e, fundamentalmente, da equipe espiritual. Limitamo-nos, aqui, a apresentar alguns resultados, os quais interessam para o que temos a considerar.

Durante quatro anos de minuciosos registros, o grupo atendeu 1.452 Espíritos perturbados e sofredores. Segundo informações dos mentores espirituais do grupo, 288 daquelas entidades — quase 20% — *estavam ligadas ao pretérito próximo ou remoto de companheiros da instituição!* Essa informação nos leva a concluir o quanto é importante que a Casa Espírita mantenha uma reunião de desobsessão visando seu próprio equilíbrio, pela estabilidade emocional e espiritual de seus trabalhadores. O fato de estarmos atuando no Centro não nos isenta de sermos assediados pelos credores do passado e por entidades que não se conformam com a expansão da Luz do Evangelho. A manutenção da reunião para atendimento aos Espíritos sofredores diminui consideravelmente as dificuldades trazidas pelos trabalhadores para dentro da instituição. São beneficiados sem saberem e por isso dizem muitas vezes: *“Depois que comecei a frequentar o centro e nele fazer alguma coisa, a minha vida melhorou...”*.

O quadro abaixo retrata o resultado da minuciosa pesquisa realizada pelo referido grupo:

- a) Espíritos que ficaram perfeitamente ajustados, esclarecidos, que encontraram a paz: 79 (5,44%);
- b) Espíritos esclarecidos e melhorados razoavelmente: 308 (21,21%);
- c) Espíritos que apresentaram aproveitamento reduzido: 356 (24,52%);
- d) Espíritos que foram considerados, até então, impassíveis e indiferentes: 709 (48,82%).

Chamo a atenção do leitor para os dois extremos da tabela. Das 1.452 entidades atendidas, somente pouco mais de 5% ficaram “perfeitamente ajustadas” e quase 50% delas não melhoraram em nada, mantendo-se “impassíveis e indiferentes” ao que lhes foi dito e feito!

Esses resultados fornecidos pelo Grupo Meimei são um golpe certo à nossa possível vaidade em acreditar que em dez ou quinze minutos de diálogo com o Espírito perturbado ou equivocado sejam tempo suficiente

para transformá-lo intimamente, fazê-lo pensar e sentir diferente do que vinha pensando e sentido há anos, séculos e, talvez milênios...

O que nos deve consolar, como trabalhadores da reunião de desobsessão, é que o trabalho realizado por nós tenha sido feito com amor, sem pretensão e vaidade.

Que os doutrinadores sinceros se rejubilem, não por submeterem criaturas desencarnadas, em desespero, convictos de que em tais circunstâncias o bem é ministrado, não propriamente por eles, em sua feição humana, mas por emissários de Jesus, caridosos e solícitos, que os utilizam à maneira de canais para a Misericórdia divina; que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Mestre divino, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração. 332

## 6.3 VISÃO SISTÊMICA DA REUNIÃO DE DESOBSESSÃO

Ampliando nossa concepção a respeito da reunião de desobsessão, podemos afirmar que ela não deve ser desenvolvida como uma atividade isolada na Casa Espírita. Esse procedimento não condiz com a realidade. Ingenuamente acredita-se que ela se destina somente aos irmãos que vêm de fora com perturbações obsessivas, esquecendo-se de que todos somos influenciados constantemente pelos Espíritos inferiores por estarmos, justamente, trabalhando na direção do bem. Por isso não podemos esquecer que todos trazemos mazelas do passado que devem ser curadas.

A visão do trabalho de desobsessão deverá ser sistêmica, ou seja, ele atende não só aos *que vêm de fora*, mas também assegura relativa harmonia à Casa, como um todo, porque beneficia seus trabalhadores de imediato.

Para sustentar nossa tese, recorreremos novamente aos dados fornecidos por Arnaldo Rocha no livro *Instruções psicofônicas*. Informa-nos ele que, no primeiro ano de trabalho, os 251 companheiros menos felizes que compareceram às reuniões foram assim catalogados: 77 irmãos ligados ao pretérito próximo e remoto de componentes da instituição, ou seja, 30,7%. Já no segundo ano de atividade, dos 364 Espíritos atendidos, 66 estavam ligados, também, aos componentes da agremiação, ou seja, 18,3%.

Em função dos dados apresentados, podemos inferir que:

a) Decresceu o assédio dos obsessores aos trabalhadores da Casa, em razão da reunião de desobsessão;

b) Os médiuns que atuam nas reuniões de desobsessão não são diferenciados dos demais trabalhadores, a não ser pela carga de maior responsabilidade que assumiram perante a Espiritualidade superior;

c) As reuniões de desobsessão não se prestam apenas ao atendimento de pessoas estranhas à Instituição, já que todos estamos inadimplentes na Contabilidade divina;

d) As reuniões de desobsessão são como defesas a impedir ou diminuir o ataque das sombras à Instituição espírita.

Busquemos a oportuna advertência do Espírito André Luiz:

Cada templo espírita deve e precisa possuir a sua equipe de servidores da desobsessão, quando não seja destinada a socorrer as vítimas da desorientação espiritual que lhe rondam as portas, para defesa e conservação de si mesma. 333

## 6.4 ESSENCIALIDADE DO DIÁLOGO NA DESOBSESSÃO

No período histórico que antecede a Codificação, a desobsessão era realizada pelo exorcismo — prática autoritária adotada pela Igreja — ou por rituais cabalísticos de correntes religiosas não ortodoxas. Ainda hoje alguns segmentos da igreja evangélica tratam os Espíritos infelizes como se fossem demônios, nas chamadas sessões de “descarrego”, adotando procedimentos descaridosos e ineficazes, por desconhecerem que a obsessão é o resultado do intercâmbio psíquico, emocional ou físico entre dois seres que se amam ou que se detestam. O Espiritismo inaugurou a forma cristã de lidar com a obsessão. Atentemos para o questionamento do codificador aos Espíritos:

K.– Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

Surpreendente foi a resposta dada:

E.– Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente. *Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso.* 334

Eis a gênese e a razão da reunião de desobsessão com base no diálogo!

O diálogo é uma conversa que favorece a interação entre dois ou mais indivíduos; é entendimento entre duas partes em busca de um acordo. Em determinadas circunstâncias, o diálogo é a condição *sine qua non* para uma sobrevivência pacífica, na qual somente deve haver vencedores.

O Espiritismo revelou-se pelo majestoso diálogo entre os Espíritos superiores e os homens, tendo à frente o seu ínclito intérprete Allan Kardec. Até hoje os irmãos do mundo maior vêm mantendo o diálogo amoroso, ouvindo-nos e respeitando a condição de cada um de nós e orientando-nos sobre como conquistar a felicidade. No bojo da Doutrina Espírita, nada de

métodos autoritários e violentadores. Tudo com base na tolerância e respeito ao livre-arbítrio e ao estágio evolutivo de cada um de nós.

A desobsessão é um dos meios pelo qual o espírita poderá exercer a caridade para libertar Espíritos que se engalfinham enleados em vibrações mórbidas, sofrendo as consequências de seus equívocos. Diante do exposto, não vejo como praticar a terapia desobsessiva de forma caridosa sem o diálogo, pois a obsessão somente existe porque há conluio comprometedor entre obsessor e obsidiado. Não me arrisco a dizer que não se alcance algum resultado substituindo-se a conversa fraterna por outros métodos; mas também não ouse afirmar que o resultado seja definitivo, completo e solucionador para um processo doentio que rola na esteira da história dos envolvidos, às vezes, por séculos ou milênios.

No capítulo nove da obra *Loucura e obsessão*, deparamo-nos com oportunos esclarecimentos a respeito da técnica adotada pelo Espírito Felinto na desobsessão. Ele adota a *magia branca*, que nada mais é — esclarece ele — do que a adequada manipulação dos fluidos, das forças vivas da natureza, para dissolver efeitos magnéticos promovidos por Espíritos malfazejos que praticam a *magia negra*. Felinto faz questão de informar ao estudioso Philomeno de Miranda que, após a desobsessão pela desmagnetização, efetua a doutrinação e o esclarecimento, pois “nosso objetivo”, diz ele, “é a libertação espiritual do ser, não a mudança do Espírito de um lugar para outro, mantendo-o aprisionado”.<sup>335</sup> É oportuno lembrar ao leitor que Felinto adota, então, tais processos complementares porque atua em um terreiro de Umbanda, sem contudo ignorar a forma como os Centros Espíritas alinhados com a Doutrina codificada por Allan Kardec buscam resolver o mesmo problema.

Diz ele a Philomeno de Miranda:

Conhecemos, também, as técnicas de desobsessão de alta eficiência, que são aplicadas nas Instituições Espíritas e que constituem um

passo avançado na terapêutica de socorro aos sofredores de ambos os lados da vida [...].<sup>336</sup>

É uma avaliação oportuna a do Espírito Felinto, ressaltando a importância que tem o diálogo na ação desobsessiva, e por isso a trouxemos aqui para refletirmos juntos.

Entendemos, a partir dos ensinamentos dos Espíritos, que qualquer outra prática adotada para se desfazer o processo obsessivo sem o diálogo será, apenas, quando possível, obter uma moratória da solução do problema. Para um resultado definitivo, tudo vai depender de “negociação” entre as partes. E, nesse caso, somente o diálogo favorece o “acordo amistoso”, que inclui como dever para as duas partes a reforma íntima, a prática da paciência, da tolerância e do perdão. Gestos e palavras cabalísticos, oferendas e ameaças são procedimentos infrutíferos e servirão unicamente para produzir zombaria nos Espíritos perseguidores, tanto quanto nos galhofeiros, é o que nos ensina o mestre de Lyon.

Deve chamar a atenção de todos os estudiosos do Espiritismo o fato de, ainda hoje, no plano espiritual, o recurso do diálogo ter primazia em trabalho desobsessivo. Observamos isso no Sanatório Esperança, dirigido pelo nobre Espírito Eurípedes Barsanulfo, quando atendeu ao irmão Ambrósio, internado naquele hospital. O objetivo era libertá-lo de seu algoz. Disse Eurípedes ao estudioso da obsessão Philomeno de Miranda:

Iremos tentar deslocar algumas das mentes que prosseguem vergastando-o, atraindo os seus emissores de pensamentos destrutivos a conveniente *e breve diálogo, para, em ocasião própria, torná-lo mais prolongado*, mediante cuja terapia procuraremos liberá-lo das camadas concêntricas de amargura e de culpa, de necessidade de punição e de fuga de si mesmo, até o momento de despertamento do sono reparador, que lhe foi imposto por força das circunstâncias (grifo nosso).<sup>337</sup>

Feita a prece pelo apóstolo de Sacramento, tudo ocorreu tal como aqui na Terra: uma das senhoras presentes naquela reunião mediúnica entrou em transe psicofônico, *“dando a sagrada oportunidade a que o verdugo de Ambrósio dissesse das suas razões de obsidiá-lo. Em seguida travou o diálogo, cujo resultado foi extremamente positivo”*.<sup>338</sup>

A esta altura, convém levar em conta a natureza da obsessão revelada a nós pelos Espíritos superiores: na raiz do fenômeno turbulento encontram-se os componentes da identificação vibratória que faculta o processo perturbador; e que nem sempre os laços obsessivos são de ódio ou de vingança e que nele pode haver vinculações amorosas de qualidade inferior, nas quais ambos os protagonistas intercambiam sentimentos vulgares. Eis mais uma razão para investir no diálogo com os vitimados pela obsessão, tanto os encarnados quanto os desencarnados.

A palavra falada contém energia, imagens, música e conceitos. É um excitante condicional tão real quanto a coisa que representa. Emitida com veemência, convicção e amor, conduz ideias e quadros felizes, com a missão de expulsar ideias e quadros sombrios que mourejam no campo mental de quem as ouve, facilitando a entrada da esperança e da felicidade. Eis por que é essencial dialogar sempre com todos aqueles que sofrem por não compreenderem a dinâmica da vida e as razões de sua dor.

Concluo este item com a opinião do Espírito João Cléofas:

Dialogar, com estes companheiros que pedem espaço, através da mediunidade, em propostas iluminativas, é a arte de compreender, psicologicamente, a dor dos enfermos que ignoram a doença em que se debatem.<sup>339</sup>

## 6.5 CONDIÇÕES IDEAIS PARA A REUNIÃO MEDIÚNICA

Há uma tendência natural, resultante da rotina das reuniões de desobsessão em nosso plano, de os seus participantes não atentarem para o ingente trabalho dos Espíritos antes, durante e depois de elas acontecerem. Os mentores têm um planejamento e, para que seja ele implementado, atuam em várias frentes de ação, tal como vimos antes, para garantir resultados positivos que atendam às necessidades dos encarnados e desencarnados a serem socorridos.

Por essa razão, fazem-se recomendáveis os cuidados para que as reuniões mediúnicas de cura, de atendimento fraternal e de socorro tenham lugar em recintos reservados para esses misteres em razão de serem providenciadas defesas e assepsiadas com frequência, liberando-as dos miasmas psíquicos dos enfermos de ambos os planos que para ali ocorrem em busca de auxílio. 340

Esquecemos facilmente que, do *lado de lá*, uma reunião mediúnicamente se realiza por um processo bem mais complexo do que nos parece do *lado de cá*. Nossa percepção limitada e o esquecimento do que aprendemos nos livros fazem-nos acreditar que seja suficiente, apenas, a nossa presença no ambiente da reunião para que tudo corra bem. Nem sempre há um esforço coletivo para a criação de uma atmosfera mental livre dos vibrações criados pelos nossos pensamentos indisciplinados, moldando formas relacionadas com as nossas preocupações do cotidiano.

Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá quanto mais homogêneo for. [...] Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número de participantes e bem se concebe que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que estariam dez, se distraídas e bulhentas. 341

A seguir, alguns critérios a serem observados para que a reunião mediúnica, seja qual for o seu objetivo, alcance resultados satisfatórios, tanto para os encarnados quanto para os desencarnados:

- a) Perfeita comunhão de ideias e sentimentos;
- b) Benevolência recíproca entre todos os membros;
- c) Desejo uníssono de se instruir e de melhorar pelo ensinamento dos Espíritos bons;
- d) Exclusão da simples curiosidade no questionamento aos Espíritos;
- e) Concentração e silêncio respeitoso durante as conversações com os Espíritos;
- f) Associação mental de todos os assistentes no apelo aos evocados;
- g) Concurso de todos os médiuns, com renúncia de qualquer sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia, com o desejo único de se tornarem úteis;
- h) Discernimento sensato do que possivelmente se passa no plano espiritual, desenvolvendo esforço para acompanhar mentalmente o processo.

Verificamos, assim, a natureza, dinâmica e a importância de uma reunião mediúnica para a Casa Espírita e seus colaboradores. É ela um portal de caridade que se abre para os que ainda vagam nas sombras, para divisar a luz que necessitamos a fim de facilitar nossa caminhada em direção a Jesus.

---

324 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. it. 331, 2013.

325 Nota do autor: As informações contidas nesse trecho são encontradas nas obras *Nas fronteiras da loucura* (cap. 17) e *Nos bastidores da obsessão* (cap. 12), do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografadas pelo médium Divaldo Pereira Franco, e *Educandário de luz*, de Espíritos diversos, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

- 326 XAVIER, Francisco Cândido. *Educandário de luz*. Cap. 34, 1988.
- 327 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um suicida*. “A comunhão com o Alto”, 2013.
- 328 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um suicida*. “A comunhão com o alto”, 2013.
- 329 FRANCO, Divaldo Pereira. *Diálogo com dirigentes e trabalhadores espíritas*. It. 1.6, 1993.
- 330 Id. *Atualidade do pensamento espírita*. Cap. 9, It. 9.3, 1998.
- 331 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 254, 2013.
- 332 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Cap. 145, 2012.
- 333 XAVIER, Francisco Cândido. *Desobsessão*. “Desobsessão”, 2012.
- 334 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 254, 2013.
- 335 FRANCO, Divaldo Pereira. *Loucura e obsessão*. Cap. 9, 1990.
- 336 Id. *Ibid.*, Cap. 9.
- 337 FRANCO, Divaldo Pereira. *Tormentos da obsessão*. “Terapia especial”, 2001.
- 338 FRANCO, Divaldo Pereira. *Tormentos da obsessão*. “Terapia especial”, 2001.
- 339 Id. *Intercâmbio mediúnico*. Cap. 35, 1986.
- 340 FRANCO, Divaldo Pereira. *Amanhecer de uma nova era*. Cap. 11, 2012.
- 341 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 331 e 332, 2013.

## CAPÍTULO 7

### DA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO MEDIÚNICA

*São [os médiuns] os intérpretes dos Espíritos com os homens.*<sup>342</sup>

*Toda produção medianímica é a soma do mensageiro espiritual com o médium e as influências do meio.*<sup>343</sup>

Prezado leitor, neste capítulo estudaremos as dificuldades naturais que enfrentamos para avaliar uma produção mediúnica em razão do pouquíssimo conhecimento que possuímos do mecanismo da mediunidade, tanto no aspecto neuropsíquico-fisiológico do médium quanto nos aspectos de natureza espiritual. A respeitável médium Yvonne Pereira, responsável pela psicografia de livros de grande valia para o Movimento Espírita, estando entre eles os clássicos *Memórias de um suicida*, *Recordações da mediunidade* e *Devassando o invisível*, tem esse mesmo entendimento, conforme vimos na introdução deste livro.

Por esse motivo, são necessárias algumas considerações sobre qual deve ser a minha, a sua, a nossa postura na apreciação dos resultados oriundos do intercâmbio mediúnico. Qual o melhor método, quais as ferramentas apropriadas, qual a nossa atitude para analisar e avaliar uma produção mediúnica? É suficiente e seguro se munir de conhecimentos, informações e experiências vividas na área mediúnica? A razão — deusa da verdade dos materialistas —, se convidada a opinar, ajudará a nós sem nos seduzir a buscar sempre a concretude das coisas, desprezando o que pertence ao transcendental? A percepção extrassensorial do analista irá

contribuir para o encontro de um resultado judicioso daquilo que se aprecia do *lado de cá* sobre o que acontece, também, do *lado de lá*?

Kardec nos ensinou a usar o *bom senso*, tal como ele o fez na elaboração das obras básicas do Espiritismo. Mas o que é *bom senso*? Todos temos bom senso? Vejamos antes o que é *senso*.

*Senso* é a faculdade que o ser humano tem de apreciar, de julgar, de entender o que registra pelos seus cinco sentidos: olfato, paladar, tato, visão e audição. Quem tem *senso* tem juízo, tino, siso, discernimento, circunspeção. *Senso comum* é o conjunto de opiniões e modos de sentir que, por serem impostos pela tradição aos indivíduos de uma determinada época, local ou grupo social, são geralmente aceitos de modo acrítico como verdades e comportamentos próprios da natureza humana.

## 7.1 O QUE É BOM SENSO?

Não há outro critério senão o bom senso, para se aquilatar do valor dos Espíritos. Absurda será qualquer fórmula que eles próprios deem para esse efeito e não poderá provir de Espíritos superiores.<sup>344</sup>

René Descartes (1596–1650), filósofo, físico e matemático francês, segundo o eminente escritor espírita Herculano Pires, foi o espadachim que deu o golpe final no duelo de milênios entre a razão e a fé. Inspirado pelo “Espírito da Verdade”, segundo a sua própria expressão, o autor da expressão da *Cogito, ergo sum* (“Penso, logo sou”) libertou a Filosofia da servidão medieval e preparou o terreno para o advento do Espiritismo.<sup>345</sup>

Acompanhemos o que nos diz o filósofo sobre o bom senso:

O bom senso é a coisa mais bem dividida do mundo, pois cada qual julga estar tão bem dotado dele que mesmo os mais difíceis de contentar-se em outras coisas não costumam desejá-lo mais do que possuem. E, a esse respeito, não é verossímil que todos se enganem; isso prova, ao contrário, que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, isto é, o que se chama o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens. A diversidade das nossas opiniões não provém do fato de uns serem mais razoáveis do que os outros, mas apenas do fato de conduzirmos o nosso pensamento por diferentes caminhos e não considerarmos as mesmas coisas. Não basta ter a mente sã: o essencial é aplicá-la bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios como das maiores virtudes. Os que marcham muito devagar podem avançar muito mais se seguirem sempre o caminho direito, do que aqueles que correm e se distanciam desse caminho.<sup>346</sup>

Logo, conforme Descartes, todos temos bom senso, que é a faculdade de discernir entre o verdadeiro e o falso; de aplicar corretamente a razão

para julgar ou raciocinar a respeito de cada caso particular da vida. Segundo ele, ninguém tem maior cota de bom senso do que o outro, estando a diferença do resultado de seu uso no fato de *conduzirmos o nosso pensamento por diferentes caminhos e não considerarmos as mesmas coisas*. Eis a razão por que vários observadores diante de um fenômeno mediúnico poderão expressar opiniões distintas a seu respeito, mesmo usando o bom senso que todos possuímos. O resultado da avaliação de um fenômeno mediúnico, seja objetivo ou subjetivo, estará sempre subordinado a determinados atributos inerentes ao avaliador, tais como:

- a) o seu grau de interesse pelo fato;
- b) a sua cultura, o grau e a natureza de sua formação intelectual;
- c) a extensão de seu conhecimento sobre o fenômeno analisado;
- d) o aguçamento de sua sensibilidade extrassensorial para perceber além dos sentidos materiais;
- e) a intensidade do seu racionalismo;
- f) o tempo destinado ao exame do acontecido; e
- g) a valorização ou não dos detalhes do contexto em que o evento se realize.

Todos esses fatores influirão consideravelmente no julgamento final do evento presenciado, levando-nos à conclusão de que a produção mediúnica não pode ser examinada e avaliada apenas com os recursos limitados da razão. Indispensável é o aguçamento da sensibilidade psíquica e espiritual, a qual nos permite ir além do que apenas os cinco sentidos materiais nos permitem registrar.

O ínclito codificador, denominado *o bom senso encarnado* pelo célebre astrônomo Camille Flammarion, rejeitou muitas comunicações mediúnicas que lhe chegavam às mãos de várias partes do mundo e, até mesmo, das obtidas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos (SPEE), onde compartilhava as pesquisas com médiuns de sua confiança. Muitas

mensagens ali recebidas eram colocadas à prova com a ajuda do Espírito São Luiz, o qual administrava, no plano espiritual, as atividades daquela instituição, tida como o *primeiro centro espírita do mundo* e, podemos dizer, sem medo de errar, o primeiro laboratório na Terra que analisou cientificamente os fenômenos mediúnicos. Buscava Kardec, ao examinar o resultado do intercâmbio mediúnico, a conformidade do conteúdo oferecido com os postulados básicos do Espiritismo e sua coerência com os conhecimentos positivos até então conquistados pelo homem. Além desses critérios, levava ele em consideração o caráter pessoal do médium, o grupo mediúnico do qual ele fazia parte, o contexto em que a mensagem era oferecida e a universalidade do ensino dos Espíritos.

A *Revista Espírita* de outubro de 1859 publica o Boletim da reunião da SPEE realizada em 29 de julho de 1859 e informa que foram feitas perguntas complementares sobre o repouso dos Espíritos, mas como as respostas não pareciam à altura do Espírito invocado, cuja clareza e precisão habituais não foram reconhecidas, elas não foram aceitas. Consultado o Espírito São Luiz, ele diz

[...] que o Espírito que as respondeu não é o que foi chamado, acrescentando que tal Espírito não é mau e, sim, pouco adiantado e incapaz de resolver certas questões.”<sup>347</sup>

O bom senso foi usado.

O leitor poderá estar contendo a pergunta: mas e se errarmos em nossa apreciação? Todos corremos esse risco pelas razões acima expostas, mas nesse caso temos o amparo da regra estabelecida pelo Espírito Erasto, que muito colaborou com Allan Kardec no esclarecimento sobre as dificuldades que têm os Espíritos para transmitirem seus pensamentos pelo médium, e sobre o papel deste na comunicação mediúnica. Diz ele: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”.<sup>348</sup>

---

- 342 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 220, 2013.
- 343 XAVIER, Francisco Cândido. *Seara do médiuns*. Cap. 36, 2013.
- 344 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 267, 2013.
- 345 PIRES, José Herculano Pires. *O espírito e o tempo: introdução histórica ao espiritismo*. 1991.
- 346 DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. “Primeira parte”, 1959.
- 347 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1859. “Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos”, 2013.
- 348 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 230, 2013.

## PALAVRAS FINAIS

A comunicação mediúnica não se faz por um processo mecânico, em que o Espírito atua automaticamente, dizendo o que pensa com extrema facilidade, por meio do médium do qual ele se serve. O processo é psíquico e por isso complexo, imponderável, pois somente se realiza pela combinação de ondas mentais, fenômeno que se denomina “sintonia”. Não é um fenômeno muito fácil de ser alcançado entre duas almas que mourejam em universos mentais distintos e em razão das experiências diversificadas que vivenciaram e ainda vivenciam. Por isso, a sintonia entre o desencarnado e o encarnado fica na dependência de fatores intrínsecos, tais como graus distintos de condição moral e espiritual, conhecimento do assunto e interesse de ambos em abordá-lo no mesmo diapasão, e de outras circunstâncias. Por isso, a tarefa de escrever ou falar mediunicamente é um desafio, tanto para o Espírito quanto para o médium. Este não pode ser comparado a uma caixa de som por onde se faz repercutir o que pensa e fala um locutor ao microfone. É uma mente livre em ação, agindo e interagindo com o Espírito comunicante. Relembrando:

Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, não variam essencialmente os nossos processos de comunicação com eles. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão só pela irradiação do nosso pensamento. 349

Esse processo também se aplica aos médiuns psicofônicos, tanto os conscientes, quanto os semiconscientes e os inconscientes.

No ato da comunicação mediúnica, o médium tanto pode inserir ideias complementares às que recebe do Espírito ou suprimir outras por conveniência ou porque não concorde com elas, ou, ainda, por não entendê-las, resolvendo substituí-las pela interpretação que lhes é possível no momento. Lembremos o que o Espírito Kathleen nos disse sobre o médium que lhe servia de instrumento para escrever o que ela ditava pelo pensamento:

Vemos, algumas vezes, quando lemos as mensagens que lhe foram dadas, que não estava traduzido perfeitamente o nosso pensamento; muito do que queríamos dizer, nelas não se acha, e outras vezes se encontram menos coisas do que tínhamos em mente comunicar. [...] É a consequência natural do véu espesso que separa ambas as esferas, aquela donde falamos e aquela em que o receptor vive. 350

O momento é de uma complexidade tamanha que, muitas vezes, se dá um descompasso na velocidade entre as correntes de pensamento do comunicante e do receptor. Sobre esse fato, lembramos como o Espírito Deolindo Amorim assim se manifestou:

[...] a mente como um todo pode disparar e adiantar-se, ante nosso toque, passando a desenvolver sozinha uma série de ideias, deixando-nos à sorrelfa. Outras vezes, é a desconfiança do médium que quer fiscalizar a independência do pensamento que por ele verte, submetendo-o a controle tão rígido que ficamos a pensar sozinhos, enquanto a sua mente permanece à retaguarda. 351

Esse fato de correntes mentais intrusas dos Espíritos desejosos de se comunicarem por meio da mediunidade é universal. Nas reuniões sérias se faz necessária a intervenção dos mentores e do guia do médium, que têm a missão de servir com fidelidade aos propósitos espirituais superiores.

É oportuno lembrar o caso de dona Ambrosina, senhora que detém um mandato mediúnico do plano superior. Narra André que há mais de vinte anos, por amor ao ideal espírita, aquela médium renunciou às singelas

alegrias do mundo, inclusive o conforto mais amplo do santuário doméstico, para se dedicar totalmente aos sofredores encarnados e desencarnados. No momento em que se colocava como instrumento mediúnico, no qual centenas de criaturas dos dois mundos projetam-lhe formas-pensamento de natureza petitoria, ela se apresenta com um pequeno *funil de luz* na cabeça, assemelhando-se a um precioso adorno. O mentor Áulus esclarece:

É um aparelho magnético ultrasensível com que a médium vive em constante contato com o responsável pela obra espiritual que por ela se realiza. [...] Havendo crescido em influência, viu-se assoberbada por solicitações de múltiplos matizes. Inspirando fé e esperança a quantos se lhe aproximam do sacerdócio de fraternidade e compreensão, é, naturalmente, assediada pelos mais desconcertantes apelos.<sup>352</sup>

Ainda mais. A certa altura da reunião, André Luiz e Hilário observam que, entre dona Ambrosina e o mentor espiritual da reunião, extensa *faixa elástica de luz azul* se destacava e nela entravam, um a um, os amigos espirituais que tomavam o braço da medianeira, depois de lhe influenciarem os centros corticais, atendendo, tanto quanto possível, aos problemas ali expostos. Em seguida buscam saber a razão da existência de uma faixa, que associa intimamente a médium e o dirigente da reunião. O mentor Áulus elucida:

O desenvolvimento mais amplo das faculdades medianímicas exige essa providência. *Ouvindo e vendo, no quadro de vibrações que transcendem o campo sensorio comum, Ambrosina não pode estar à mercê de todas as solicitações da esfera espiritual, sob pena de perder o seu equilíbrio.* Quando o médium se evidencia no serviço do bem, pela boa vontade, pelo estudo e pela compreensão das responsabilidades de que se encontra investido, recebe apoio mais imediato de amigo espiritual experiente e sábio, que passa a guiar-lhe a peregrinação na Terra, governando-lhe as forças (grifo nosso).<sup>353</sup>

Ora! sem aquele equipamento de proteção, a médium, sem dúvida, não teria condições de exercer seu mandato mediúnico com a fidelidade que seu instrutor espiritual desejava, porque as múltiplas ondas mentais dificultariam sua sintonia com ele.

Mesmo quando essa proteção é dada, obstando a interferência dos Espíritos inferiores, outro fator significativo interfere no resultado dos trabalhos mediúnicos, sem nenhum desdouro para todos que atuamos nas reuniões em que o intercâmbio se dá. Trata-se da interferência mental, consciente ou inconsciente, do sensitivo no processo, já que a conjugação de ondas mentais entre os dois planos se dá em atendimento à lei de cooperação, quando as ondas mentais emitidas pelo médium se entrosam às da entidade comunicante.

É natural, dessa forma, que as dificuldades da filtragem mediúmica se façam, às vezes, extremamente preponderantes, porquanto, se não há riqueza de material interpretativo no fulcro receptor, as mais vivas fulgurações angélicas passarão despercebidas para quem as procura, com sede de luz do Além. 354

Não sendo as comunicações espirituais uma ocorrência fácil, como pode parecer ao observador ingênuo, que alimenta esperanças de ser dignificado com nobres e elevadas observações, devemos levar em consideração as dificuldades e delicadezas existentes entre os Espíritos que se comunicam e os médiuns que os recepcionam. Não basta que o ditado ou a fala seja de origem espiritual para aceitá-la como indefectível, até porque

as luminosas mensagens dos grandes mentores da humanidade são inspiradas aos seres terrenos através de processos inacessíveis ao seu entendimento atual, e a maioria das entidades comunicantes são verdadeiros homens comuns, relativos e falhos, porquanto são almas que conservam, às vezes integralmente, o seu corpo somático, e cujo habitat é o próprio orbe que lhes guarda os despojos e as vastas zonas dos espaços que o cercam, atmosferas do próprio planeta, que poderíamos classificar de colônias terrenas nos planos da

Erraticidade. Aí se congregam os seres afins e, nesse meio, vivem e operam muitas elites espirituais, constituídas por Espíritos benignos, mas não aperfeiçoados, os quais, sob ordens superiores, laboram pelo seu próprio adiantamento e a prol da evolução humana, volvendo novamente à carne ou trabalhando pelo progresso do seio das coletividades terrestres. <sup>355</sup>

Em razão disso, os nossos irmãos, vizinhos do plano invisível, nem sempre estão devidamente preparados para ditar ensinamentos novos e reveladores. Em razão desse fato,

procuram agir no plano físico unicamente para demonstração da sobrevivência além da morte, levantando os ânimos enfraquecidos, porque dilatam os horizontes da fé e da esperança no futuro; porém, jamais serão portadores da palavra suprema do progresso, não só porque a sua sabedoria é igualmente relativa, como também porque viriam anular o valor da iniciativa pessoal e a insofismável realidade do arbítrio humano. <sup>356</sup>

Essa afirmativa deve nos alertar para bem averiguarmos a procedência de revelações espetaculares, com pretensões de serem complementares ao que nos legou Kardec.

Apesar disso, não devemos desistir de buscar toda essa complexidade que apresenta o intercâmbio mediúnicos, mas sempre munidos de senso crítico e método científico, para não nos deixarmos levar pelos Espíritos mistificadores e brincalhões, sempre dispostos a nos enganar. Para se evitar que determinadas mensagens de conteúdo frívolo e não consonante com os princípios do Espiritismo chegue ao público, façamos...

[...] o exame aprofundado e detalhado de certos ditados espontâneos, ou outros, que poderiam ser analisados e comentados como se faz com as críticas literárias. Tal gênero de estudo teria a dupla vantagem de exercitar a apreciação do valor das comunicações espíritas e, em segundo lugar, como consequência dessa apreciação, desencorajar os

Espíritos enganadores que, vendo suas palavras censuradas, controladas pela razão e, finalmente, repelidas desde que tivessem um cunho suspeito, acabariam por compreender que perdem tempo. Quanto aos Espíritos sérios, poderiam ser chamados para darem explicações e desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que necessitassem de elucidações.<sup>357</sup>

Dito isso, só nos resta proclamar: Eis, aí, o codificador! Eis, aí, *O livro dos médiuns!*

Depois deles, não teremos desculpas de nos deixarmos enganar pelos Espíritos, não obstante a complexidade da prática mediúnica.

---

<sup>349</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. It. 225, 2013.

<sup>350</sup> OWEN, George Vale. *A vida além do véu*. “Notas gerais”, 2006.

<sup>351</sup> SOUZA, Elzio Ferreira. *Espiritismo em movimento*. “Prefácio”, 1999.

<sup>352</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 16, 2010.

<sup>353</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 16, 2010.

<sup>354</sup> Id. *Os mensageiros*. Cap. 28, 2013.

<sup>355</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Cap. 28, 2013.

<sup>356</sup> Id. *Ibid.*

<sup>357</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, maio 1860. “Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, 2013.

# REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e espiritismo*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

ANDRÉA, Jorge. *Visão espírita das distonias mentais*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

ARGOLLO, Djalma. *A trajetória evolutiva do ser*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

AYMARD, A. AUBOYER, J. *História geral das civilizações*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

BARCELOS, Walter. *Sexo e evolução*. Belo Horizonte: Fonte Viva, 1992.

BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou espiritismo?*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1954.

CAMILO, Pedro. *Pelos caminhos da mediunidade serena*. 2. ed. Bragança Paulista: Editora 3 de Outubro, 2010.

CAMPOS, Pedro de. *Colônia Capella: a outra face de Adão*. 5. ed. São Paulo: Lúmen, 2005.

CERVINO, Jayme. *Além do inconsciente*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

CHALLAYE, Félicien. *Pequena história das grandes religiões*. Trad. Alcântara Silveira. São Paulo: IBRASA, 1962.

CIVITA, Roberto. *Medicina e saúde: história da medicina*. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. v. 1. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

DELANNE, Gabriel. *O espiritismo perante a ciência*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

DENIS, Léon. *Depois da morte*. 28. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *No invisível*. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

\_\_\_\_\_. *O problema do ser, do destino e da dor*. 32. ed. Brasília: FEB, 2013.

DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. Trad. Paulo M. de Oliveira. 8. ed. São Paulo: Atena Editora, 1959.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. t. I, v. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FERREIRA, Inácio. *Novos rumos à medicina*. v. 1. São Paulo: FEESP, 1990.

FINDLAY, J. Arthur. *No limiar de etéreo*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Amanhecer de uma nova era*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 2. ed. Salvador: LEAL, 2012.

\_\_\_\_\_. *Antologia espiritual*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador: 1993.

\_\_\_\_\_. *Atualidade do pensamento espírita*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. Salvador: LEAL, 1998.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Autodescobrimento*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Salvador: LEAL, 1996.

\_\_\_\_\_. *Das patologias aos transtornos espirituais*. 2. ed. Belo Horizonte: INEDE, 2006.

\_\_\_\_\_. *Diálogo com dirigentes e trabalhadores espíritas*. 2. ed. São Paulo: USE, 1993.

\_\_\_\_\_. *Entre os dois mundos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador: LEAL, 2005.

\_\_\_\_\_. *Estudos espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

\_\_\_\_\_. *Grilhões partidos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 6. ed. Salvador: LEAL, 1989.

\_\_\_\_\_. *Intercâmbio mediúnico*. Pelo Espírito João Cléofas. Salvador: LEAL, 1986.

\_\_\_\_\_. *Loucura e obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 3. ed. Salvador: LEAL, 1990.

\_\_\_\_\_. *Médiuns e mediunidade*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. Niterói: Arte e Cultura, 1990.

\_\_\_\_\_. *Nos bastidores da obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 7. ed. Salvador: LEAL, 1995.

\_\_\_\_\_. *O despertar do espírito*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro: LEAL, 2000.

\_\_\_\_\_. *O fenômeno mediúnico*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. *Presença espírita*, set. 1991.

\_\_\_\_\_. *O homem integral*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Salvador: LEAL, 1991

\_\_\_\_\_. *O ser consciente*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 8. ed. Salvador: LEAL, 2000.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Plenitude*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 9. Ed. Salvador: LEAL, 1991.

\_\_\_\_\_. *Qualidade na prática mediúnica*. Salvador: LEAL, 2000.

\_\_\_\_\_. *Tormentos da obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador: LEAL, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vida: desafios e soluções*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5. ed. Salvador: LEAL, 2000.

FRANCO, Divaldo Pereira; TEIXEIRA, José Raul. *Diretrizes de segurança*. 9. ed. Rio de Janeiro: FRATER, 2002.

FULOP-MILLER, René. *Os santos que abalaram o mundo*. Trad. Oscar Mendes. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

GERBER, Richard. *Medicina vibracional*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

GIBIER, Paul. *O espiritismo: faquirismo ocidental*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

GLASER, Abel. *Conversando sobre mediunidade*. Pelo Espírito Cairbar Schutel. Matão: O Clarim, 1993.

GRANJA, Pedro. *Afinal, quem somos?*. 9. ed. São Paulo: Edicel, 1982.

HINNELLS, John R. *Dicionário das religiões*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Ago. de 1865. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Jan. de 1858. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Mar. de 1859. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Nov. de 1860. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Mai. de 1860. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Jan. de 1861. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Maio de 1869. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Jun. de 1862. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Mar. de 1860. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Nov. de 1859. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *O evangelho segundo espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tradução de Guillon Ribeiro. 71. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Obras póstumas*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

KARDEC, Allan. Obras póstumas. Tradução de Guillon Ribeiro. 1. ed especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

LACERDA FILHO, Licurgo S. de. *Os primeiros anos do espiritismo e a mediunidade no Brasil*. v. 5. Araguari: Minas Editora, 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins fontes, 2001.

LORENZ, F. V. *A voz do antigo Egito*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

LOUREIRO, Carlos Bernardo. *As mulheres médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

MAIA, João Nunes. *Horizontes da mente*. Pelo Espírito Miramez. 10. ed. Belo Horizonte: Fonte viva, 1995.

MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *As marcas do Cristo*. v. 2. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

\_\_\_\_\_. *Diálogo com as sombras*. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

\_\_\_\_\_. *Diversidade de carismas: teoria e prática da mediunidade*. v. 1, 3. ed. Niterói: Lachatre, 1993.

MOREIL, André. *Vida e obra de Allan Kardec*. São Paulo: Edicel, 1986.

MOSES, William Staiton. *Ensinos espiritualistas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

NÁUFEL, José. *Do abc ao infinito*. 2º volume, tomo I. Rio de Janeiro: Éclat, 1993.

OLIVEIRA, Hermínio B. de. *Formação histórica da religiosidade popular no Nordeste*. São Paulo: Paulinas, 1985.

OWEN, George Vale. *A vida além do véu*. 7. ed. Trad. Carlos Imbassahy. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

PALHANO JÚNIOR, Lamartine. *Transe e mediunidade*. Niterói: Lachatre, 1998.

PASTORINO, Carlos Torres. *Técnica da mediunidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1975.

PAULA, João Teixeira de. *Dicionário enciclopédico ilustrado de espiritismo, metapsíquica, parapsicologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bels, 1976.

PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Devassando o invisível*. 15. ed. Brasília: FEB, 2012.

\_\_\_\_\_. *À luz do consolador*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

\_\_\_\_\_. *Memórias de um suicida*. Pelo Espírito Camilo Cândido Botelho. 27. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Recordações da mediunidade*. 12. ed. Brasília: FEB, 2013.

PETIT, Paul. *História antiga*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

PIRES, J. Herculano. *Mediunidade*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1984.

\_\_\_\_\_. *O espírito e o tempo: introdução histórica ao espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1991.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.

SANTANA, Hernani T. *Universo e vida*. Pelo Espírito Áureo. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *As religiões ontem e hoje*. São Paulo: Paulinas, 1982.

\_\_\_\_\_. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

SCHUBERT, Suely Caldas. *Os poderes da mente*. Santo André: EBM, 2010.

SOUZA, Elzio Ferreira. *Espiritismo em movimento*. Pelo Espírito Deolindo Amorim. Salvador: Círculos, 1999.

SUETÔNIO. *As vidas dos doze césores*. 7. ed. São Paulo: Atena, 1962.

TAVARES, Clovis. *Mediunidade dos santos*. 4. ed. São Paulo: IDE, 1988.

TEIXEIRA, J. Raul. *Correnteza de luz*. 1. ed. Niterói: Frater, 1991.

\_\_\_\_\_. *Desafios da mediunidade*. Pelo Espírito Camilo. 2. ed. Niterói: Frater, 2001.

TOLEDO, Wenefledo. *Passes e curas espirituais*. 25. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

VITA, Luís Washington. *Momentos decisivos do pensamento filosófico*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

VIVER MENTE&CÉREBRO. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 2012.

\_\_\_\_\_. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Brasília: FEB, 2012.

\_\_\_\_\_. *Educandário de luz*. Espíritos diversos. 2. ed. São Paulo: IDEAL, 1988.

\_\_\_\_\_. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Brasília: FEB, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido. *Entender conversando*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: IDE, 1984.

\_\_\_\_\_. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 14. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Instruções psicofônicas*. Espíritos diversos. 10. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 33. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 45. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

\_\_\_\_\_. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 35. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 47. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. Brasília: FEB, 2012.

\_\_\_\_\_. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Brasília: FEB, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido. *Sexo e destino*. Pelo Espírito André Luiz. 34. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. *Voltei*. Pelo Espírito Irmão Jacob. 28. ed. Brasília: FEB, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido; BARBOSA, Elias. *Gabriel*. Pelo Espírito Casemiro Espejo. São Paulo: Ideal, 1982.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Brasília: FEB, 2013.

ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. 4. ed. Campinas: Allan Kardec, 2011.

\_\_\_\_\_. *Teoria da mediunidade*. Campinas: Allan Kardec, 2011.

Conselho Editorial:

*Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente*  
*Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial*  
*Edna Maria Fabro*  
*Evandro Noletto Bezerra*  
*Maria de Lourdes Pereira de Oliveira*  
*Marta Antunes de Oliveira de Moura*  
*Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi*

Produção Editorial:

*Rosiane Dias Rodrigues*

Revisão:

*Davi Miranda*

Capa:

*Thiago Pereira Campos*

Projeto Gráfico e Diagramação:

*Rones José Silvano de Lima – [www.bookebooks.com.br](http://www.bookebooks.com.br)*

Normalização Técnica:

*Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro*

E-Book:

*Diego Henrique Oliveira Santos*

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da FEB Editora, cadastrando-se no site  
[www.febeditora.com.br](http://www.febeditora.com.br).